

RESISTENCIA

N.º 246

COIMBRA — Quinta feira, 1 de julho de 1897

3.º ANNO

O COMÍCIO DE DOMINGO

Verdadeiramente imponente a manifestação popular de domingo último, na capital.

Os regimentos da guarnição estavam de prevenção, a municipal a postos, e a policia cercava a grande massa dos manifestantes, formando, por assim dizer, o cordão sanitário das instituições.

Momentos antes de aberto o comício, o major Corrêa, representante da auctoridade, chamou o sr. dr. Manuel de Arriaga, para lhe declarar que não eram permitidas allusões ao rei, ataque ou referências ás instituições vigentes e nações estrangeiras, nem consentida a discussão de pessoas.

Ficaram d'esta fórma resalvado o prestígio das instituições, a popularidade do rei e a liberdade de pensamento.

Após este aviso prévio, constituiu-se a mesa, sendo aclamados Manuel d'Arriaga, para presidente, Hygino de Sousa e Azevedo e Silva, para primeiros secretários, Basílio Telles e Affonso Costa, para segundos secretários.

Fallou, em primeiro lugar, o sr. dr. Manuel d'Arriaga, o intemerato caudilho da democracia portugueza, que foi delirantemente aclamado. Apresentando seguidamente a lista dos oradores inscriptos, ao pronunciar o nome do tenente Coelho, a immensa multidão prorompeu em aclamações d'entusiasmo e em vivas ao sympathico luctador da jornada de noventa e um, fazendo-lhe uma manifestação como raríssimas vezes se poderá ter visto.

Durou uns cinco minutos, talvez, esse extraordinário phrenesi de entusiasmo, vibrante de indignação contra o regimen que nos explora e nos rouba, pois que o tenente Coelho representava alli a Revolução. Foi, pois, a Revolução que quatorze mil pessoas saudaram em delirio.

Significativo e eloquente.

Fallou seguidamente o dr. Hygino de Sousa, que leu o protesto votado no Porto, no comício de 13 do mês passado, e que foi tambem approved em meio de aclamações ruidosas.

Concedida a palavra ao dr. Duarte Leite, lente da Academia Polytechnica do Porto, a sua apparição foi saudada com estrepitosos applausos.

Não falla só em seu nome, diz, mas no de todos os seus collegas correligionários da Academia e outros estabelecimentos d'ensino. Como até agora, continuara defendendo a causa republicana e affirmando constantemente o direito de fazê-lo. Imperturbavelmente ha de continuar a servir a República, dedicando-lhe o seu tempo, a sua energia, a sua vida, se preciso fór.

Não teme a violência nem teme a lei, dentro da qual procede. Pelo facto de pertencer ao professorado, de fórma alguma abdica dos seus direitos de cidadão.

Esta affirmativa brilhante foi coroada de phrenéticos applausos.

Assoma á frente da tribuna o dr. Affonso Costa. A multidão recebe-o com uma salva de palmas prolongadíssima.

Diz que tem de fazer declarações semelhantes ás do dr. Duarte Leite. No último comício do Porto disse o que entendeu dever dizer, aquillo que sentia, o que em sua consciencia pensava, contra o regimen que nos explora e nos rouba. Garante que, no dia em que veja incompatibilidade entre as suas funções de professor e os seus deveres de republicano, deixará de ser professor mas continuará sendo republicano.

Á ameaça do presidente do conselho, na câmara dos pares, responde mais uma vez que não a teme.

No dia em que não poder proceder assim, abandonará a sua cadeira de professor para continuar a manter integralmente as suas opiniões.

Mais uma vez, ao ouvir estas palavras, cheias de enthusiasmo e de fé, o povo de Lisboa prorompeu em vivas á Pátria, a Affonso Costa, ao tenente Coelho, a Basílio Telles, a António José d'Almeida, etc.

Fallou depois o dr. José Benevides, que terminou o seu discurso pelas seguintes palavras:

«No outro dia, o sr. presidente do conselho disse: se fór necessário saltarei por cima da lei.» — Pois bem: preparêmo-nos todos para o ajudar a saltar.»

Teve a palavra seguidamente o sr. dr. Camacho, que mandou para a mesa uma moção do Grupo Republicano de Estudos Sociaes.

Leitor e moção foram acolhidos com demoradíssimos applausos. Seguiu-se-lhe o tenente Coelho, o adorado heroe de 31 de Janeiro, cujas breves palavras, breves mas enérgicas, palavras que eram mais um brado d'alma de patriôta do que um discurso, fóram phrénética e delirantemente applaudidas.

Serenada a imponente manifestação ao martyr da primeira revolução republicana, teve a palavra o nosso collega da *Voz Publica*, dr. João de Menezes. Perante aquelles milhares de pessoas toma um solemne compromisso: Combater, por todas as fórmas, o regimen que nos vilipendia, enquanto lhe restar uma gotta de sangue. Appella para o povo, e só para o povo, porque:

«El-rei, regalado de festas, não tem olhos para ver a nossa miséria, nem ouvidos para ouvir a nossa lástima!»

Ao citar este trecho do *Correio da Noite*, a auctoridade cortou-lhe a palavra, que o nosso collega retomou, momentos depois, para frizar bem o facto de a auctoridade ter de intervir sómente no momento em que elle fallava pela bocca do presidente do conselho de ministros.

A assembléa fez-lhe, no fim, uma ovação extraordinária, delirante, prolongada.

Succede-lhe João Chagas no uso da palavra, que termina, por entre o palmar estridente da multidão, pelas seguintes palavras:

«O regimen está d'oratório, mas

o povo tambem. Vamos a ver qual dos dois caminhará para a morte».

Fallaram depois Alfredo de Magalhães e Alves Corrêa, mandando este último, para a mesa, uma moção, que é approved, seguidamente, no meio de ruidosas aclamações.

Guerra Junqueiro, o extraordinário e genial poeta, foi recebido pela multidão com uma prolongada salva de palmas e numerosos vivas.

Lê um primoroso discurso, que bem poderia chamar-se um vôo d'uma águia em demanda do azul dos céus. É tudo quanto pôde imaginar-se de mais bello, de mais correcto, de mais grandioso.

Durante a sua leitura, irrompiam d'onde a onde bravos entusiásticos, que eram arrancados do fundo d'alma para serem arremessados ao sublime cantor da *Morte de D. João*.

— Este discurso deve sair publicado, na integra, do nosso *legua O Paiz*.

Quando Guerra Junqueiro acabou a leitura, foi immensamente applaudido pela multidão, numa ovação unânime e demorada.

Alexandre Braga, que succedeu no uso da palavra ao grande poeta, terminou o seu vigoroso discurso, em nome dos académicos republicanos d'esta cidade, pelas seguintes palavras:

«Se a nossa pátria cair, ha de cair de bem alto: — depois de erguida pelas nossas mãos. E, até ao dia, nada mais».

Seguiu-se-lhe Basílio Telles, o adorado luctador do Norte, o idolo dos revolucionários do Porto.

O seu discurso, enérgico e decidido, foi coroado por uma estrondosa ovação, entremeada de repetidos vivas ao austero revolucionário.

Fecharam a série dos discursos o socialista Theodoro Ribeiro e o académico de Lisboa João Gonçalves.

Encerrado, pelo presidente, o imponentíssimo comício, todos aquelles milhares de bocças se abriram, para dar logar a uma torrente impetuosa de vivas bem significativos.

Era tal o enthusiasmo, que os chefes republicanos fóram convidados pela policia a demorem-se, para que não houvesse mais ruidosas manifestações.

Não pôde precisamente chamar-se um comício a esta grandiosa manifestação popular. E não pôde, porque foi mais do que isso. Foi uma sentença de morte lavrada por doze mil bocças; foi o começo do stertor d'uma monarchia que ha de em breve tombar fulminada pelo veneno da própria deshonra.

O regimen entrou nas últimas agonias. E o comício de domingo foi como o raiar d'uma aurora de fogo a esbater-se nas faces lívidas d'um agonisante.

PROPOSTAS DE FOMENTO

O sr. Augusto José da Cunha apresentou ante-hontem em conse-

lho de ministros a última redacção, que foi approved, dos relatórios e propostas de lei relativos ao fomento agrícola e que sam os seguintes:

1.º — Irrigação e colmatagem dos terrenos no Alemtejo.

2.º — Reorganização dos colleiros communs.

3.º — Estabelecimento de depósitos geraes agrícolas.

4.º — Modificações no regimen predial d'aquella provincia, principalmente no que respeita á emphyteuse.

5.º — Estabelecimento de colónias agrícolas.

OS BRUTAMONTES

É humilhante a frequência quasi quotidiana com que as folhas, principalmente de Lisboa, censuram os exaggeros e aggressões da policia sobre cidadãos pacientes.

Os desmandos de cima sam exemplos contagiosos, que se alastram em abusos de auctoridade, numa indisciplina pavorosa de perversão e anarquia.

Hontem, por exemplo, os jornaes da capital noticiavam façanhas de arrombamentos, uma mulher em estado de gravidez arrastada brutalmente e descalça até á esquadra, espancamentos, prisões injustas e violências, em nome da ordem, perpetrados pelas agentes da policia, numa sanha de cannibae!

Todos os dias recriminações á policia, em toda a imprensa, por todo o país. E os clamores sam inuteis!...

Chegámos a ponto de nos acharmos incondicionalmente sob o jugo policial. Não ha leis, nem garantias!

Ella arroga-se a tutela discricionária em todos os nossos actos. E, insolente pelos poderes illimitados que o médo dos governantes lhe tem concedido, leva-nos a pontapés!

Ha de vir tempo, em que parecerá tam inacreditavel que estes excessos sejam supportados, como hoje se nos afigura inverosimil a passividade com que em outras épocas as massas se sujeitavam ás iniquidades e á oppressão de classes e instituições, sobre as quaes ficou pesando a maldição da história!

A CONDENNAÇÃO DO REGIMEN

Terminando o seu artigo editorial de terça feira, consagrado ao comício de domingo, diz o nosso collega *Tempo*:

«Em todo o caso o comício foi verdadeiramente imponente, não só pela concorrência, mas pelo symptoma eloquente de que o povo portuguez não está resolvido a deixar-se expoliar dos seus haveres sem uma resistência enérgica e porfiada».

Como se vê, a monarchia portugueza está sendo condemnada pelos próprios servidores.

E assim que um jornal d'um ex-ministro d'Estado nos diz que o povo portuguez não está resolvido a deixar-se expoliar dos seus haveres sem uma resistência enérgica e porfiada.

E assim é.

A «Piolheira»

Attribue-se a el-rei D. Carlos a applicação d'este nome ao país em que nasceu e sobre o qual impéra como monarcha hereditário e constitucional. Se é verdade ou mentira o ter o actual retentado alcunhado o país de «Piolheira», vá lá agora saber-se... Inclina-mo-nos, porém, a não acreditar como verídico o facto de ter S. Magestade proferido a phrase porcalhona — elle que, depois de qualquer visita a estabelecimentos públicos, acha sempre em estado de elogiavel asseio o mais recôndito cubículo onde mette, curioso, o seu real nariz. Depois, como havia de sair dos régios lábios essa palavra feia, se não é habito de principes aprenderem a lingua portuguesa — tam variada e rica em termos realistas — como nós, simples mortaes aprendemos em indiscretos dicionários? Decerto não houve mestre que ensinasse a el-rei esse vocábulo, nem preceptor conveniente que consentisse *ad usum Delphini* um lexicon vulgar. Seria *shocking*.

Pois mais *shocking* seria proferir um rei aquelle vocábulo, que até põe arrepios e faz coçar-se a gente.

Como quer que seja que S. Magestade viesse impressionado de Paris, depois de ver maravilhas e ouvir a Ivette nos saldes do *Figaro*, o caso é, que ao estabelecer o confronto do seu país com a França, podia ter encontrado Portugal um reinosoitio somenos, nunca porém Piolheira. A não ser — já digo — que alargando o sentido d'este termo indecente, S. Magestade tivesse querido, empregando-o, significar apenas um país de parasitas — a julgar pelos que vê em volta do regimen.

Neste sentido, sim; Portugal é Piolheira.

E com «cova dos ladrões» e tudo.

Ha milhares de parasitas *ladros* lá por cima, desbastando á tripa fórra a substância vital do país.

Ha parasitas semelhantes em cada uma das variadíssimas ramificações d'esta planta indigena, condemnada, a que chamámos nós outros *Monarchia*. Parasitas no tronco e nas bastes e folhas...

Ha até quem estude para parasita! Quem leve a mocidade inteira á procura de um nicho onde se alape contente e vá comendo, comendo em todo o resto da vida. Começa, como é sabido, o *bicho* por espreitar de longe o conveniente logar — um canto de repartição, um canonicato pingue, uma commissão sem trabalho — e para lá se encaminha, ou mordendo o pescoço de quem encontra diante ou mettendose por costuras, como sóem fazer os parasitas da espécie. Na conquista do logar vae o *bicho* caminhando, caminhando sem dizer aos outros para onde vai, com medo de que os outros façam cauda com elle, como o *processionário* do pinheiro. Desnor-teia-os, caminha só. Vê a escada a subir, que é a empenhóca, e vae-lhe seguindo os degraus, até que chegue, finalmente, aos degraus. Uma vez lá chegado e b... do,

(Continúa)

toca a inchar a pelle, a anafarse.

Ora, foi decerto este viveiro de parasitas nacionaes que S. Magestade viu, ao chegar a Paris, com vista clara e limpa. Em França não viu tal: foi talvez esse o motivo que levou o nosso rei a aleubar o país de «Piolheira».

Assim é que está direito.

Braz da Serra.

UM CÚMULO DE COHERÊNCIA

Diz *A Provincia*, do Porto:

«A imprensa regeneradora reproduz, em normando, as palavras que no comício de domingo determinaram a intervenção da auctoridade. Sam uns innocentes, os regeneradores! Não ha nada que affirme melhor esse amor do que, transcrever, em normando, allusões grosseiras ao rei!! Que súcia!»

Viram bem:—allusões grosseiras ao rei!!

Pois essas gravissimas allusões sam palavras textuaes do *Correio da Noite*, órgão do sr. José Luciano de Castro, antes de lhe ser servido o chocolate do poder.

Sam as que seguem:

«El-rei regalado de festas não tem olhos para vér as nossas misérias nem ouvidos para ouvir as nossas lástimas!»

Ainda bem que os jornaes governamentaes concordam com o procedimento da auctoridade, mandando calar, no comício de domingo, o nosso collega João de Menezes, quando fallava pela bôcca do presidente do conselho de ministros.

Um estadista de Anadia intimado a calar-se por um esbirro policial!...

Um presidente de gabinete fazendo allusões grosseiras ao rei!...

A COMMENDA DE CHRISTO

O governo francês acaba de publicar uma circular lembrando a todos que usam quaesquer condecorações mais ou menos semelhantes á Legião d'Honra a conveniência de juntarem á condecoração de seu uso um distinctivo que evite equívocos com aquella.

Esta circular foi motivada pelo facto de muitos individuos, que não têm a Legião d'Honra, quererem fazer figura de tê-la, comprando algumas das condecorações estrangeiras, que mais se assemelham, com especialidade a da nossa Ordem de Christo, cuja semelhança com aquella é extraordinária.

Um jornal parisiense, apreciando este facto, diz o seguinte, que por certo não é muito honroso para nós:

«A espantosa quantidade de commendas de Christo que em França se consomem como succedâneas da Legião d'Honra quasi que deveria produzir um saldo mais que sufficiente para cobrir o deficit annual do orçamento português!»

CUBA

O vapor-correio de Havana traz noticias gravissimas.

A situação da guerra longe de melhorar parece aggravar-se.

Um passageiro chegado a Cayo-Hueso e que merece absoluta confiança, diz que é grave o estado da provincia de Havana.

As guerrilhas Aosta e Delgado tiveram um renhido combate perto de Manáguá com 200 homens do ba Para de Hespanha, ocasionando 100 mortos e onze feridos.

Outro combate se travou entre a guerrilha Arango entrincheirada nas lomas do Grillo, termo de Madruga e a columna Aguilera.

A lucta durou oito horas.

As forças leaes tiveram nove mortos e vinte e cinco feridos.

Os insurgentes conseguiram entrar na povoação.

Ante-hontem os revoltosos atacaram um pequeno comboyo machetando todos os viajantes.

O estado sanitário não pôde ser mais alarmante.

Ha mais de 20:000 enfermos.

O conflicto no Lyceu

Continúa ainda á frente do lyceu de Coimbra o sr. reitor, que tam desvairadamente provocou o deploravel conflicto que todo o país conhece. Mas se s. ex.^a teima em não seguir espontaneamente o único caminho que dignamente deveria ter seguido, a opinião pública insiste em fazer pesar sobre o sr. reitor a mais formal e plena condemnação. Na verdade, as opiniões não se subdividem; por toda a parte é seguido o mesmo critério de apreciação do condemnavel procedimento do sr. reitor, que tem tanto de illegal como de irrisório.

Em Coimbra manifestam-se todos no mesmo sentido; e, caso notavel, sobre um facto occorrido ha onze dias, mantém-se insistentemente o mesmo modo de pensar. Por toda a cidade, em todos os pontos onde se conversa e se discute, nos passeios, nas lojas, nos clubs, nos cafés, o objecto das conversações é o sr. dr. Gonçalvez Guimarães, que acaba de adquirir uma bem triste celebridade. E é pena, porque s. ex.^a teria merecimentos para muito mais.

E não é só em Coimbra; pelo país além, todos os jornaes, nomeadamente os que fazem echo na opinião, têm commentado e castigado com phrases violentas a insólita arbitrariedade commettida por um funcionario que deveria, antes de dar um passo grave, medir as responsabilidades que d'elle adviria para o seu nome. Mas o sr. dr. Gonçalvez Guimarães, desprezando conveniências e considerações, não só se esqueceu do que a si próprio deve, mas foi muito mais longe—provocou, com uma inhabilidade que o deslustra, uma corporação que tinha obrigação de respeitar, e offendeu nella o professorado de todo o país. E isto, sendo s. ex.^a tambem professor!

Porque, pense-o bem o sr. reitor do lyceu de Coimbra e os únicos cinco réis que nesta desgraçada questão o acompanham — a dignidade do professorado é em todos a mesma e sam eguaes em todos os direitos, as garantias e a independência.

O sr. dr. Gonçalvez Guimarães está absolutamente só na tristissima situação que se creou; porque de nada valem contra a impetuosa corrente da opinião que o condemna, as opiniões apaixonadas e facciosas do pequenissimo grupo que o acompanha, de cinco ou seis individualidades que, sem o conseguirem, têm pretendido formar uma opinião favoravel ao sr. reitor do lyceu. Entre os seus próprios collegas da Universidade é geral a corrente a censurá-lo; e, comtudo, o sr. reitor, em vez de procurar uma solução airosa para um conflicto em

que tam mal ficou, persiste em dar-se ares de tyranno.

Corre por ahí que o sr. dr. Gonçalvez Guimarães ameaça tudo e todos, que veiu de Lisboa prenhe de ameaças e de poderes discricionários que lhe foram dados, dizem, p' os srs. ministro do reino e director geral d'instrução pública. E a nós, ao lembrarmo-nos dos ares que se dá, affigura-se-nos vê-lo de cota de lala, saião de arame e capote de papelão, brandindo, irado, um formidavel montante de cortiça.

A fazer de papão, que talvez tremam de medo os que ameaça a sua cólera trovejante...

Mas não deve o artificio produzir o que o sr. reitor esperava. Os professores do lyceu de Coimbra, por s. ex.^a tam indignamente desfeiteados, certamente não terã receios da solução do conflicto. Fortes da justiça que lhes assiste, e apoiados na opinião pública, com certeza não se põem a tremer de medo diante dos planos tenebrosos e das machinações destruidoras do sr. reitor.

Na attitude que tomaram, serena, correctá, digna, mas intransigente e resoluta, não receiam as iras de ninguém. Basta a arrimá-los e a fortalecer-los a convicção de que estão cumprindo um dever sacratissimo — o da defesa á outrance dos seus direitos.

E ham de cumprí-lo até ao fim, estãmos certos d'isso, porque não pôde esperar-se o contrario de homens que têm a consciéncia dos seus deveres e a nítida comprehensão dos seus direitos.

Não deve, pois, o sr. reitor esperar nem submissões nem considerações na lucta que provocou.

Os professores do lyceu do Porto enviaram aos do lyceu de Coimbra, a propósito da questão a que acabãmos de nos referir, o seguinte telegramma:

Porto, 26.—Os professores Lyceu Porto felicitam calorosamente collegas Lyceu Coimbra nobre attitude questão dr. Thomé.—Professores Lyceu.

A este telegramma responderam os professores do lyceu de Coimbra com a seguinte:

RESPOSTA

Coimbra, 27.—Conselheiro Costa Almeida—Professor Lyceu Porto.

Os professores do Lyceu de Coimbra, reunidos hoje, agradecem, vivamente reconhecidos, aos seus illustres collegas do Lyceu do Porto, as calorosas felicitações que lhes dirigiram e a prova de solidariedade que acabam de lhes dar no conflicto em que se encontram com o reitor do Lyceu.—Professores do Lyceu.

A Turquia declarou já não estar resolvida a abandonar a Thessalia enquanto a Grécia não der uma garantia segura do pagamento da indemnização de guerra.

Em consequência d'este facto parece que a occupação d'aquella provincia se prolongará por muito mais tempo do que a principio se julgava.

O partido liberal grêgo vae passar por uma transformação radical, elaborando um novo programma.

O ex-ministro Delyanuis, que era o chefe d'esse partido, retirou-se da vida politica, passando a residir como simples particular em Corfú.

A situação em Creta não é boa. Entre musulmanos e christãos têm-se travado várias escaramuças, algumas das quaes de consequências importantes, pelo grande número de mortos e feridos.

DE HA 20 ANNOS

Como noticiãmos, reuniu-se em Coimbra no dia 27 grande parte dos estudantes que em 1877 se formaram em Direito.

A idéa d'esta reunião, sympathica e respeitabilissima pela delicadeza de sentimento que revela, surgiu a alguns d'esses generosos espiritos em Lisboa, numa conversa das muitas em que, passados longos annos, nos comprazemos todos em recordar o passado.

E dedicaram logo todo o esforço á realização d'essa idéa, convocando todos os antigos condiscipulos, que ainda existiam disseminados pelo país além.

De cincoenta e cinco que ainda restam, reuniram-se trinta e nove; que os outros dezaseis, uns pela Índia, outros pelas ilhas, não puderam dar ao seu espirito a mais radiante alegria, que porventura ham de contar na sua velhice os que aqui se reuniram agora.

E vieram a esta romaria gratissima, de pontos bem distantes alguns, e d'um d'elles sabemos nós, que andou setenta kilometros em diligéncia — péssima diligéncia e peores caminhos, — até encontrar comboio que o trouxesse. E chegou no domingo, cançado da viagem e doente de antigas doéncias.

Reunidos todos, consagraram á memória dos condiscipulos mortos, dos companheiros da mocidade alegre que já não vivem, a primeira homenagem de saudade. E no Pio celebraram um singelo mas eloquente officio fúnebre, em que alguns proferiram discursos emocionantes de tristêza. Percorreram tambem os logares de Coimbra a que se ligam tantas recordações da sua vida de rapazes, os logares em que, pôde dizer-se, se passa a vida académica — o Choupal, as Lágrimas, a Quinta das Cannas, o Penedo da Saudade, e tantos outros de que as gerações académicas conservam sempre recordações impereciveis.

E num grande jantar, que teve lugar dum restaurante á Sé Velha, celebraram no domingo o encontro, que para a maior parte d'elles será, sem dúvida, o último.

Entrevista de cumprimentos e de despedida, algumas horas fugazes da alegria rápida de amigos velhos que se encontram um dia e se afastam logo, para nunca mais se encontrarem talvez...

É por isso que nos deu este encontro a impressão d'uma grande sympathia e d'um grande respeito, e saudãmos a todos esses rapazes d'hontem, que vieram por momentos banhar-se numa alegria cheia de saudades — a das recordações inolvidaveis da sua vida de estudantes.

Tiveram a gentileza de nos vir cumprimentar, para o que fomos procurados pelos srs. drs. José Paulo de Mesquita Gomes, Francisco d'Assis Clemente, Manuel Paes de Sande e Castro e Emílio A. Ribeiro de Castro, nas pessoas de quem saudãmos o curso do 5.^o anno juridico de 1877.

Carta da Figueira

26 de junho de 97.

Passaram as festas que attrahiram a esta cidade uma concorrência como não ha memória. Os comboios da Beira, Torres e Alfarellos vinham repletos.

No dia 23 transportaram mais de dez mil pessoas. Só Coimbra, que con-

tingente! Nas ruas, na noite de 23, andavam mais de vinte mil pessoas; mal se rompia por entre tanto povo. O banho *santo* foi concorridissimo. Logo depois da meia noite, havia milhares de pessoas a banhar-se. As barracas armadas desde o forte de Santa Catharina até defronte da fonte dos Soldados, appareciam ao clarão de uma ou outra fogueira na escuridão cerrada da noite, dando um tom phantástico á praia que era invadida por um formigueiro humano, que até de manhã se conservou naquelle vae-ven.

As festas no geral agradaram.

Se houve faltas e o conjuncto não correspondeu á expectativa geral, não foi a culpa das commissões e sim de muitas circumstancias que ellas não puderam vencer — a falta de *massas*, que não permittiu que as illuminações fossem a gaz, e o vento que no primeiro dia não deixou que ellas produzissem o bom effeito que era de esperar.

Se o vento teve este capricho no dia 23, em 24 deu lugar a que as illuminações tivessem o seu melhor éxito, sendo muito apreciadas as da Praça Nova e do Commercio.

Foi alvo de muitas censuras a commissão que teve a seu cargo a festa da igreja, pela maneira como deixou vir para a rua a bandeira.

Causou indignação mesmo o acompanhamento que era de um ridiculo pasmoso.

Como lembram, com saúdade, aquellos tempos em que as pessoas gradas da terra formavam cavalladas com vistosas fardas a caracter e vinham fazer a guarda d'honra á bandeira por quem tinham um religioso respeito. Hoje, não ha respeito nenhum, e por isso uma pelintrace réles que provocou o riso de todos que a presenciaram.

Os ranchos tambem vam perdendo aquelle caracter popular que muito tempo aqui conservaram e que tinham um sabor local que encantava. O *Malhão*, *Farrapeira* e outras modas populares, eram aqui cantadas e dançadas como em parte alguma do país.

Hoje estes cantos e estas danças foram substituidos por modas importadas não se sabe de onde, que, desnationalizando os divertimentos públicos, torna as raparigas, estas formosas raparigas, fortes, de olhos pretos e expressivos, tam admiradas por todos os forasteiros que aqui vêm, em umas donzellas infatuadas com uns requebros e uns candenciados que lhe ficam muito mal.

Uma decadência completa.

A tourada foi um fiasco, mas por que o pessoal não prestava; e assim vimos bois bons, capazes de se prestarem a boas sortes não serem aproveitados pela ignorância e medo de uns, indolência de outros e até deslealdade d'alguns, que para com o cavalleiro mostraram bem essa deslealdade.

Mário Duarte, que assistia á corrida, foi pelo público pedido para ir á praça; e annuindo ao pedido e obtida a licença da auctoridade foi, e com galhardia, sem o pavor que dominava todos os outros, mettu dois pares de ferros bem em um touro de pancada alta, de que todos os profissionais fugiram. Teve uma ovação delirante que fez ficar a morder-se de inveja o próprio Orozco.

A concorrência era enorme e Coimbra estava bem representada.

A regata correu animada e tanto o Club-Gymnásio como a Associação Naval se representaram muito bem, havendo corridas que despertaram verdadeiro interesse.

As corridas de velocipedes tambem despertaram curiosidade, mas é um género de aposta que vae perdendo de moda, de maneira que nos festejos futuros parece desaparecerá por completo.

Aqui tem, pois, ao correr da penna a descripção das festas realizadas nesta formosa cidade no dia de S. João, Até breve.

UNIVERSIDADE DE COÍMBRA

Fizeram acto nos dias 28 e 30 e ficaram approvados os seguintes alumnos:

Faculdade de Direito

1.º anno—João Elyzio Ferreira Luena, João de Mello Sampaio, João de Penha Salema Coutinho, João Augusto Ayres de Azevedo e Joaquim Augusto Maduro.

Neste anno houve 3 reprovações.
2.º anno—Francisco Fernandes Rosa Falcão, Francisco Maria Guerra dos Santos Pereira de Vasconcellos, Gil Ayres Alcoforado, Guilhermino Martins Saraiva, Humberto de Bettencourt Medeiros e Câmara e Jacintho Ignácio Filho.

Neste anno houve 1 reprovação.
3.º anno—Domingos Augusto de Sousa Ribeiro, Eduardo Alberto Barbosa e Francisco de Sousa Franco.

Neste anno houve 3 reprovações.
4.º anno—Não houve actos.
5.º anno—Frederico Guilherme da Fonsêca, Gervasio Domingues de Andrade e Henrique Vieira de Vasconcellos.

Neste anno houve 1 reprovação.

Faculdade de Medicina

Não houve actos nesta faculdade nos dias 28 e 30 por ter havido exames de prática.

Faculdade de Theologia

1.º anno—Nicolau Rijo Micallef Pace.

2.º anno—João António de Aguiar.
3.º anno—João Martins de Freitas e José Joaquim de Oliveira Guimarães Junior.

5.º anno—João da Resurreição de Paiva.

Faculdade de Philosophia

1.ª cadeira—(Chimica inorg.) Vol.: D. Luis de Castro e Abilio Maria Mendes Pinheiro de Magalhães Mexia. — Obrg.: João de Sousa Pinto de Barros Cachapuz, Manuel de Almeida, Adriano Pereira da Cunha e Alvaro Alfonso Sardinha Caldeira.

Nesta cadeira houve 1 reprovação e faltou um alumno ao ponto.

2.ª cadeira—(Chimica org.) Vol.: —Alexandre Alberto de Sousa Pinto, Alvaro Pereira Soares.

3.ª cadeira—(Physica, 1.ª parte). —Vols.: Sebastião Estácio Tello e António Roxanes de Carvalho Junior. —

Obrg.: Apparicio Rebello dos Santos.

Nesta cadeira houve 3 reprovações.
4.ª cadeira—(Botânica). — Ords.: António Pereira de Sousa Neves. — Obrg.: Luis Flaminio Teixeira de Azevedo e João de Andrade da Motta Veiga.

Faculdade de Mathematia

1.º anno—Obrg.: Albano de Barbosa Mendonça, Alberto Cardoso Constancio, José Alfonso Fernandes. João Marques dos Santos e Miguel de Moura Maldonado.

Neste anno houve 3 reprovações.
3.º anno—Ord.: Raul da Cunha Paredes, João Ribeiro Braga, Eugenio Trajano de Bastos Guedes e Gregório de Mello Nunes Giraldes.

4.º anno—Ord.: Jayme Pinto, José Cardoso de Menezes Martins, José Tavares Lebre e José Luis de Andrade Mendes Pinheiro.

DESENHO (curso mathemático)

1.º anno—António Taveira de Carvalho, Anselmo Ferraz de Carvalho, Augusto de Paiva Bobella Motta, Ayres de Gouvêa Alcoforado, Alexandre Proença de Almeida Garrett, António de Barros Rodrigues, António Ferreira de Sousa Junior, António Gomes da Silva Ramos e António Soriano Mendes Lages.

Neste anno houve 1 reprovação.

2.º anno—Bernardo Augusto Loureiro Polónio, D. Carlos de Sousa Coutinho, José da Costa Pereira e Silva e Pompeu de Meirelles Garrido.

Neste anno houve 2 reprovações.

3.º anno—Carlos de Carvalho Braga, Domitilla Hormizinda M. de Carvalho, Alvaro Colen Godinho, António Roxanes de Carvalho Junior, Pedro Paulo Bon de Sousa, Adalberto Novaes de Carvalho Soares Medeiros, José Collaço Alves Sobral.

Neste anno houve 1 reprovação.

Noticias diversas

Consta que no dia 30 do corrente viram reunir-se nesta cidade os membros do curso do quinto anno medico de 1877, a commemorarem o vigésimo anno da sua formatura.

Era de 22 medicos este curso; apenas falta um, ha tempos assassinado no Cadaval, quando alli exercia o lugar de administrador do concelho.

Concluiu na segunda feira a defesa das suas theses o licenciado sr. dr.

porta onde se lia; Fontaine, obras de cartão. Foi Carolina Fontaine quem abriu a porta. Perguntou:

—O que quer o senhor?

—Faltar ao sr. Fontaine num negocio grave...

—Pode entrar... O senhor é nosso vizinho... Alli está Fontaine.

—Que ha de novo?, perguntou este, tirando as lunetas.

—Sr. Fontaine, disse Bérard arrojando de cançado, sou o vizinho do quarto defronte; ha dois annos que móro nesta casa; sou empregado na casa Nither & C.ª; chamo-me Jacques Bérard, e venho pedir-lhe a mão de sua filha...

—Hein?! disse o tio Fontaine aturdido... Queira sentar-se...

—Não senhor... Se me dá licença, vou-me embora... E o pobre rapaz suffocava... Reflecta... voltarei amanhã... Senhor, minha senhora, os meus respetos...

E Jacques saiu tam depressa como tinha entrado.

—Quem é este homem? perguntou Fontaine.

—É o vizinho de que te falei.

—É doido!

—É possível, mas tem dinheiro.

—Então conversaremos, disse Fontaine.

Jacques entrara em casa vermelho desde a ponta do nariz a ponta dos cabellos, e dizia:

—Que atrevimento o meu!

E, Aimée que tinha comprehendido

Vellado da Fonseca, ficando approvado nemine discrepante.

A cerimonia do doutoramento devera realizar-se no domingo, pelas 11 horas da manhã.

No lyceu d'esta cidade começam hoje os exames para os alumnos do periodo transitório.

Do quartanista de Direito, sr. Manuel Augusto Granjo, recebemos a primeira parte dos seus *Ensaio juridico-sociaes*.

Trata da emphyteuse e o presente volume, e da constituição da familia o segundo, que o auctor annuncia em preparação.

Agradecemos a offerta do exemplar recebido.

Fôram adjudicados a Francisco Rodrigues d'Oliveira, pelo laço de réis 2:025\$000, os direitos de portagem na ponte da Portella, sobre o Mondego.

O n.º 80 da *Mala da Europa*, que acaba de ser publicado, insere duas bellas gravuras do cruzador de guerra *Adamaster*, mandado contruir na Itália pela commissão da subscrição nacional para ser entregue ao governo portuguez.

Começam hoje os exames na Escola Industrial Brotero.

Deve realizar-se amanhã a eleição da mesa da Santa Casa da Misericórdia, d'esta cidade.

Estão indigitados o sr. dr. Luis da Costa e Almeida, para provedor, e o sr. dr. Porphyrio da Silva, para secretário.

Pedimos providências a quem competir para que se não repitam no proximo sabbado e no domingo as scenas vergonhosas que se tem presenciado na fogueira que se fez pelo S. João e S. Pedro no largo da Feira.

As pessoas honestas que tinham a infelicidade de se acercar da dança viam-se logo obrigadas a retirar-se envergonhadas pelas palavras obscenas que alli se diziam.

Divertimentos d'este quilate não se devem consentir em Coímbra.

Casou ha dias, em Paris, o gigante aragonés, que em Lisboa se exhibiu ha cerca de três annos.

a phrase, vendo-o entrar em casa do pae, dizia feliz:

—Fingia-se medroso!

Não iremos mais longe: as duas creanças adoravam se, casavam-se dois meses depois. Este amor, que nascera tam depressa, não diminuiu em cinco annos. A primeira nuvem tinha apparecido ao partirem de Paris. Uma creada tinha dito a Aimée:

—A carruagem que está lá em baixo é d'uma senhora que veio três vezes para fallar ao senhor.

Aimée tinha deixado Paris com esta duvida.

Ao receber a carta de Rémond, dissera:

—Será isto, meu Deus, o que eu receio...

Por isso tinha dito a Pornéon:

—Estarei na capella á hora marcada.

Queimou a carta... custou-lhe, porque era a primeira vez que occultava uma coisa ao marido...

IV

Os rochedos de Sainte-Barbe

A capella de Sainte-Barbe foi edificada pela piedade d'alguns desgraçados a quem o mar perdoara; quando sacudidos pelo oceano, mastros e leme partidos, velas rotas, se viram perdidos, ajoelharam e fizeram o voto de construir, em honra de Sainte-Barbe, uma capella em que arderia sempre um cirio bento...

O célebre gigante tem quasi dois metros e meio d'altura e pesa 178 chilogrammas; as botas que elle calça têm 41 centímetros de comprido por 16 de largo.

A noiva, rapariga de 17 annos, faz com elle um perfeito contraste: é baixa e muito franzina.

Revistas e jornaes

O *Jornal dos Romances* — Recebemos o n.º 10 d'este excellent e mó dico semanário illustrado, o unico neste genero em Portugal; com este numero termina a primeira serie que com toda a regularidade é semanalmente distribuido aos seus leitores. Eis o sumário d'este numero:

Texto—Os combates da vida: Joanninha, a Costureira, por Ch. Menouvel. — As grandes tragédias: O romance d'um soldado, por Alaycar. — Entre o céu e a terra: — A cidade aérea, por A. Brouw. — Contos para creanças: — João ri e Joanna chora. — Palestra scientifica: — A pressão atmosférica. — Secção recreativa. — Expediente. — **VALIOSO BRINDE do Jornal dos Romances.** Gravuras — Joanninha, a Costureira. — O n.º 207 estava de pé no meio do quarto e gesticulava... — A cidade aérea. — Os apaches, subitamente assombrados, largaram a fugir... — Brinde: Especimen das gravuras.

Educação Nacional — Recebemos o n.º 39 d'esta interessante publicação semanal, dirigida pelo sr. António Figueirinhas.

A extracção dos callos por meio do *CALLICIDA* Franco é infallivel depois de 6 ou 8 dias de applicação. Felicito o inventor por esta util descoberta.

Covilhã—Ayres Cesar d'Almeida Penna.

Alvízaras

Dam-se a quem entregar na Quinta da Nazareth, a Arregaça, ao ex.º sr Ruy da Câmara, um relógio e corrente d'ouro, tendo numa das tampas gravadas as iniciaes M. B. encimadas por uma corôa de visconde. Foi perdido na noite de domingo 20 do corrente, desde o Hotel Mondego até á rua Sa da Bandeira.

Grande Utilidade Commercial

Novas tabelas de câmbio directo entre Inglaterra, Portugal e Brazil

POR

A. DE SOUSA PAUPERIO

Desde 6 a 55 31/32 d. por 1\$000 réis

Preço, 200 réis

A venda em todas as livrarias

Os marinheiros, sobretudo os marinheiros Bretoes, tem ainda a doce creença de que uma oração pôde tirar a gente d'um perigo... Acalmou-se o mar; os marinheiros poderam chegar ao porto. Logo que poseram pé em terra, dirigiram-se descalços ao cimo dos rochedos, e lá agradeceram á padroeira do barco que os tinha salvo.

Em menos d'um anno fazia-se a capella, os *ex-voto* eram a sua principal decoração, e, quando morria uma notabilidade do porto, iam enterrá-la á volta da pequena egreja. Hoje, quinze metros á volta da capella, vê-se o chão coberto de sepulturas.

Naquelle dia, como tinha adivinhado na véspera o dono da *Ancora d'Ouro*, o tempo era soberbo. Uma dama velada seguida por uma creada com duas creanças salu ás duas horas da capella... Rémond esperava-a á porta; vendo-a cumprimentou-a.

Ella disse-lhe:

—Foi o senhor que me escreveu hontem?

—Fui, senhora...

Dirigindo-se então á creada, Aimée disse-lhe:

—Maria desça até Point-de-Vue com os meninos e tome cuidado com elles.

Point-de-Vue é uma colina coberta de relva que se encontra a dez passos abaixo da capella; avista-se de lá o mar na sua maior extensão. A esposa de Bérard olhou o homem que lhe tinha fallado e ficou desfavoravelmente impressionada com o exame; porque diase:

BICYCLETAS PARA VENDA

Na Casa Penhorista da rua do Visconde da Luz, 60.

Ha para vender duas bicycletas em bom uso, sendo uma pneumática e outra borrachas ócas.

VENDA

Vende-se em Coselhas uma linda vivenda, que se compõe de casas de habitação, recentemente construides, que accomodam familia numerosa; casas para caseiro e arrecadações, grande quintal de excellente terreno com muita água, arvores de fructo, videiras, etc. E' um sitio muito pittoresco e aprazivel, tendo estrada de macadam até ao local.

Facilita-se a aquisição

Está encarregado da venda, o sollicitador João Marques Mósca, residente no Pateo da Inquisição.

As familias, collégios, bordadeiras e modistas

Nenhuma publicação, nacional ou estrangeira, satisfaz tam cabalmente, para o fim a que se destina, como a excellente revista de bordados e modas. *A Bordadeira e moda portuguesa*, publicação que sae duas vezes por mês no Porto, é editada na rua do Calvário, 17.

Cada numero insere variadissima colleção de modelos para toda a especie de toilettes para senhora e creanças; profusão de desenhos para executar bordados a branco e a cores; moldes cortados em tamanho natural, músicas originaes para piano, secção recreativa e um retrato e biographia de uma dama portuguesa, notavel pela sua posição social, conhecimentos litterários, scientificos ou artisticos, etc., etc.

Vê-se, pois, por esta breve resenha, que nenhuma publicação compete com a *Bordadeira*, que, não obstante a sua superioridade e insignificância do preço da assignatura, ainda offerece a todos os assignantes de anno, que paguem adiantadamente, um magnifico retrato a oleo, gratis.

Preço das assignaturas. — Anno, com direito ao brinde, 1\$300 réis; semestre, sem direito a brinde, 700 réis.

Os srs. assignantes que desejem o brinde devem acompanhar os seus pedidos de assignaturas de 1\$300 réis, uma photographia do maior formato possível, e mais 100 réis para despêsas do correio.

A *Bordadeira e moda portuguesa* está já no fim do 3.º anno da sua publicação.

Pedidos—Empresa da *Bordadeira*—rua do Calvário, 17—Porto.

—Este homem mette-me medo...

Continuou, quando a creada se afastou com as creanças;

—Que tem a dizer-me?

—Tenho a revelar-lhe um segredo da mais alta importância.

—Um segredo que não interessa senão a mim?

—Sim, minha senhora.

—Relativo a quem?

—A seu marido!

Madame Bérard impallideceu. Conteve-se e disse:

—Estou prompta a ouvi-lo.

Foi a vez de Rémond ficar embaraçado...

—Minha senhora, a vida tem exigências; se eu vim encontrá-la aqui, é porque julguei que a revelação que tinha a fazer-lhe valia o sacrificio...

Eu não tenho nenhum interesse em que saiba ou ignore o que tenho a dizer-lhe... Preciso viver.

—Não entendo!

—É muito simples: venho vender-lhe uma coisa útil.

—Ah! Está bem, disse desdenhosamente Aimée.

E gostou da explicação. Estava mais á vontade; tivera medo de tratar ou com um grande amigo ou com um inimigo; ficou socegada quando viu que tinha pela frente um intrigante vulgar. Não era o seu coração, a sua pessoa que elle queria, era a sua bolsa.

—Mas para pagar uma coisa tam singular, é necessário pelo menos que eu saiba o seu valor.

(Continúa)

Folhetim da RESISTENCIA

ALEXIS BOUVIER

O casamento d'um forçado

TERCEIRA PARTE

O passado

III

Como a filha de Fontaine desposou Bérard

Quiz recuar, mas não o fez tam depressa que não recebesse um beijo que elle lhe enviava com a ponta dos dedos.

Sorriu, córou e escondeu o rosto nas suas mãos delicadas.

—Lá vou!, gritou Jacques, fechando a janella.

—Oh! disse ella zangada, está doido...

Jacques punha bruscamente o chapéu, e dizia consigo mesmo:

—É necessário ser estúpido, como o que ha de mais estúpido, para demorar mais tempo. Has de ir... has de ir... É necessário acabar com isto por uma vez.

E, sem reflectir mais, desceu a escada do quarto, galgou a outra escada da mesma casa, e bateu a uma

PROBIDADE

Companhia geral de seguros
Sociedade anonyma de responsabilidade limitada
 CAPITAL 2.000.000\$000
 Rua Nova d'El-Rei, n.º 99, 1.º
Lisboa
 Effectua seguros contra incêndios.
 Correspondente em Coimbra,
 Cassiano A. Martins Ribeiro.—
 Rua Ferreira Borges, 165, 1.º.

Vende-se

2 **Uma** bomba de grande pressão, com os tubos de cobre, própria para tirar água, e vendem-se também dois pares de rodas para carro alemteiano ou de bois.
 Trata-se com Francisco Nogueira Secco, Terreiro da Erva, Coimbra.

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfeitos do país
 Excellentes águas mineraes para doenças de pelle, rheumatismo, estômago, garganta, etc.

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM

(BEIRA ALTA)

Abertura do estabelecimento thermal em 1 de maio e fecha em 30 de novembro

Abertura do Grande Hotel Club em 15 de maio

Grande Hotel Club

Com estação de correio e telégrapho, médico e pharmácia e casa de barbear.
 Magnificas accommodações desde 1\$200 réis, comprehendendo serviço, club, etc. Bonus para os médicos

Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentária

Caldeira da Silva
Cirurgião dentista
 Herculano Carvalho
Medico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174
 11 **Consultas** todos os dias das nove da manhã ás 3 horas da tarde.

Loja da China

12 **Chegou** a este estabelecimento uma variadissima collecção de leques.

Casas para arrendar

13 **Na** quinta de Santa Cruz, praça de D. Luiz, dois andares em separado, um para entrar já e outro para o S. Miguel. Tem quintal e água.
 Para tractar, com Alberto Carlos de Moura, rua de Ferreira Borges, n.º 12.

Alberto Carlos de Moura

14 **Participa** que mudou o seu estabelecimento de fazendas brancas da casa onde esteve na rua de Ferreira Borges, n.º 4 a 6, para a que lhe fica defronte, n.º 9, 11, 13 a 15.

Vende-se

15 **A** morada de casas sita na rua da Galla, n.º 33, 35 e 37. Compõe-se de loja, 2 andares e um pátio com uma pequena casa em condições de ser habitada.
 Para tratar—José da Cunha, rua dos Sapateiros (mercearia).

Arrendamento

João Mathews dos Santos arrenda a grande loja do Carmo que serviu de celeiro ao sr. Arioza.

CASA PARA ARRENDAR

Leonarda Forjaz, arrenda a parte sul da sua casa da rua da Ilha.
 Recebem-se propostas, na quinta dos Platanos á Bemcanta, onde se encontram as chaves, para ser vista.

Sulfato de cobre

18 **Qualidade garantida** para tratamento de vinhas vende-se por preços limitados nos estabelecimentos de ferragens de João Gomes Moreira na rua de Ferreira Borges, n.º 50 e 52 (em frente ao Arco d'Almedina) e no de Moreira & Simões na mesma rua n.º 171 e 173.

“RESISTENCIA,”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração
 ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR — Joaquim Teixeira de Sá

Condições de assignatura
 (PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

| | |
|----------------|--------|
| Anno..... | 2\$700 |
| Semestre..... | 1\$350 |
| Trimestre..... | 680 |

Sem estampilha:

| | |
|----------------|--------|
| Anno..... | 2\$400 |
| Semestre..... | 1\$200 |
| Trimestre..... | 600 |

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os hrs. assignantes, desconto de 50 p. c.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal s'for honrado.

Typ. V França Amado — COIMBRA

ESTABELECIMENTO

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

João Gomes Moreira

50, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal Hydraulica: Grande depósito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e óptica Agência da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas eléctricas, oculos e lunetas e todos os maisapparehos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, óleos, agua-raz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinos e torradores para café, máchinas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Redes de arame, zinco e chubo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietários e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystófle, metal branco, cabo d'ébano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglesas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa, lavatório e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

ÁGUA DAS LOMBADAS

ILHA DE S. MIGUEL—AÇORES

Água gazosa natural a mais pura para mesa. Não contém micro-organismos.

Coimbra—Pharmácia e Drogeria Rodrigues da Silva & C.ª

CALDAS DA AMIEIRA

Abertura do estabelecimento thermal no dia 15 de maio

As **ÁGUAS CHLORETADAS DA AMIEIRA** usam-se com grande resultado no tratamento da escrophulose, rheumatismo, moléstias de pelle ainda as mais rebeldes, syphilis, padecimentos de estomago, figado e baço, inflamações de quaesquer orgãos, útero, ovário, intestinos, leucorrhæas, anémia e chlorose.

A administração do hotel estará a cargo do sr. José Maria Rodrigues, de Coimbra, havendo nelle, entre outros muitos divertimentos communs a todos os hospedes, uma boa sala de recreio com piano, salão de bilhar, bonitos passeios, lagos com botes, etc. etc.

Preços, incluindo todo o serviço de quarto e mesa, de 1\$000 a 1\$200 réis diários.

Para quaesquer esclarecimentos dirigir-se á séde balnear; depósito em Lisboa—rua de S. Julião, 142, 1.º.

CALLICIDA

Privilégio Exclusivo



Extracção dos callos sem dor em 5 dias

Desconto convidativo para revender

Depositos—Lisboa: Leandro de Freitas, rua da Prata, 231; Porto, José Maria Lopes, rua do Bom Jardim, 12; Coimbra, Rodrigues da Silva & C.ª; e em todas as cidades e principaes villas do continente.
 Africa—Loanda, José Marques Diogo.

Brasil—Rio de Janeiro: Silva Gomes & C.ª; Pernambuco: Guerra Fernandes & C.ª, rua do Duque de Caxias, 47; Bahia: Francisco de Assis e Souza; Maranhão: Jorge & Santos.
 Exija-se nos depósitos um prospecto que ensina o modo de usá-lo e previne as falsificações. Ha um só depósito em cada terra.
 Pedidos ao auctor: António Franco, Covilhã.

REMEDIOS DE AYER

O Remedio de AYER contra sezões.—Febres intermitentes e blisias

Pectoral de Cereja de Ayer. O remédio mais seguro que ha para curar a Tosse Bronchite, Asthema e Tuberculos pulmonares.
 Frasco, 1\$000 réis meio frasco, 600 réis.

Todos os remédios que ficam indicados sam altamente concentrados de maneira que sabem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

Pillulas Catharticas de Ayer.—O melhor purgalivo, suave, inteiramente vegetal.

Frasco, 1\$000 réis



Para a cura effica e prompta das Molestias provenientes da impureza do Sangue.

TONICO ORIENTAL

Marca Cassels

Exquisita preparação para aformosear o cabelo—Extirpa todas as affecções do cráneo, limpa e perfuma a cabeça.

Agua Florida (marca Cassels).—Perfume delicioso para o lenço, o toucador e o banho.

Sabonetes de glicerina (marca Cassels).—Muito grandes, qualidade superior.

Á venda em todas as drogerias e lojas de perfumarias. Preços baratos.

Vermífugo de B. L. Fahnestock.—É o melhor remedio contra lombrigas. O proprietário está prompto a devolver o dinheiro a qualquer pessoa a quem o remédio não faça o effeito quando o doente tenha lombrigas e seguir exactamente as instrucções.



O Vigor do Cabello DO DR. AYER,

Impede que o cabelo se torne branco e restaura ao cabelo grisalho a sua vitalidade e formosura.

Perfeito desinfectante e purificante de Jeyes para desinfectar casas e latrinas, também é excellente para tirar gordura ou nodos de roupa, limpar metaes, e curar feridas.—Preço, 240 réis.

Depósito—James Cassels & C.ª, rua do Mousinho da Silveira, n.º 85, 1.º.—Porto.

RESISTENCIA

N.º 247

COIMBRA — Domingo, 4 de julho de 1897

3.º ANNO

O PAVOR

Tocam a rebate os campanários da igreja governamental, a propósito da marcha ultimamente adoptada pelo partido republicano.

De toda essa guisalhada infernal com que assustadiços sineiros fazem constantemente atordoar os órgãos auditivos d'um povo inteiro, batendo, descompassada e brutalmente, no bronze dos carrilhões, resalta uma nota uniforme, indistincta, inconfundível: o medo.

É esse o único sentimento que ora domina as hostes da realza. Só elle impera, produzindo, nos grandes delapidadores da fazenda pública, um mal estar intraduzível, único, que se manifesta de modos mui diversos e variados.

Uns, fingem rir doidamente, querendo ridicularizar o que tanto temem. Outros, e esses sam os mais francos, pedem ao governo que entre, por uma vez, no caminho das violências e das repressões, como se fossem possíveis mais repressões e mais violências.

Em conclusão: O pavor assenhoreou-se dos arraiaes monárchicos, e mais uma vez ficou demonstrado, até á evidencia, quanto póde e quanto vale uma intervenção enérgica e decisiva das grandes massas populares na administração d'aquillo que de direito lhes pertence.

O partido republicano português não é uma camarilha de conspiradores. Ao contrário, é antes uma legião de batalhadores por uma causa santa. Batalhadores, que pelejam constantemente, á luz do dia, pela conquista d'um ideal, e não aves de rapina buscando na escuridão da noite propicio ensejo para a consummação de aventuras criminosas.

Em nação alguma póde a História apresentar-nos um exemplo de tanta lealdade na conducta d'um partido, que não forja no escuro dos subterrâneos o seu plano de guerra, mas antes vae expô-lo, na praça pública, ás multidões, na presença dos próprios inimigos.

Não póde requerer-se mais cavalheirismo nos dirigentes d'um partido revolucionário, que convidam os representantes d'uma monarchia odiada a virem, em seu nome, ouvir lèr a sentença de morte.

É o cúmulo da lealdade e da franqueza.

Não tem, pois, de que se queixar os súbditos d'uma majestade

para quem está prestes o soar da última hora d'um reinado, que marcou o apogeu do despotismo e da desvergonha no curto prazo de oito annos.

Para quê, pois, todo o badalar de sinos a chamar ás armas em prol d'um regimen condemnado pela História, combatido pela Razão, e abominado pela consciéncia d'um povo inteiro?

As declarações feitas nos comícios, pelo partido revolucionário, foram claras e terminantes.

Não dam lugar a intrigas de espécie alguma.

Declarou-se a guerra, unicamente. E fez-se o aviso prévio.

Não ha, pois, lugar para discussões.

A monarchia nada mais tem a fazer senão os últimos preparativos para o último combate.

E, após elle, retirar em boa ordem.

Nada mais.

REGISTANDO

O ex-ministro d'Estado, sr. Dias Ferreira, termina assim o seu artigo editorial no *Tempo* de hontem:

«O orçamento não passa, pois, de ser uma ficção com que, mais uma vez, se pretende illudir o país.

«E neste regimen de burla continuaremos a viver, até que um ESTOIRO final se encarregará de pôr termo a esta interminavel bambochata.»

O MEDO

Em Lisboa, o governador civil tem andado de Herodes para Pilatos, conferenciando com os commandantes das guardas municipaes e da policia.

Em Braga, estão promptas a marchar para Lisboa cento e cincoenta praças d'infanteria 8.

Nos regimentos de Lisboa e Porto vam ser chamadas ao serviço activo, as praças licenciadadas.

Começou, pois, a crise do pavor. O thrôno, prestes a cair, roldo pela podridão, implora o auxilio das bayonetas.

LIBERAES NO PODER

Realizou-se na quinta feira, em Lisboa, o julgamento dos cinco redactores do pamphleto *A Rua*, accusados de terem escripto um artigo violento intitulado *Ao Rei*. Foi julgado conjunctamente o editor do mesmo pamphleto, sr. Illydio Analide da Costa.

Encarregaram-se da defesa dos réus os srs. drs. Manuel d'Arriaga e João de Menezes.

Mer formalidade admittida numa lei forjada sómente para condemnar aquelles que tem brios e dignidade sufficientes para assumirem as

responsabilidades do que pensam e sentem e escrevem.

O nosso collega, dr. João de Menezes apresentou a seguinte contestação:

«Equivalento a lei de imprensa, actualmente em vigor, a um simples mandado de prisão, os réus julgam inutil adduzir, em sua defesa, qualquer argumento. Se fosse possível, comprovariam a razão dos seus escriptos com os depoimentos da imprensa monárchica sobre todos os poderes do Estado.

Não consentindo, todavia, o tribunal a reprodução de palavras injuriosas contra as instituições, os réus prescindem de qualquer defesa.»

Os auctores do artigo foram condemnados em 20 dias de prisão e 100\$000 réis de multa, e o editor em 40 dias de cadeia e multa igual á dos auctores.

Para glória e lustre do reinado sr. D. Carlos de Bragança e Bourbon, e do lealíssimo vassallo Luciano de Castro, arvorado em laçao d'el-rei.

LIBERDADE DE SUFRÁGIO

Para Semide, onde hoje se repete o acto eleitoral, partiram hontem uma força de policia civil d'esta cidade e um destacamento de quarenta praças da guarnição, sob o commando d'um tenente.

Claro está que toda esta tropa vae para alli com o fim único de manter e fazer respeitar a liberdade do voto...

Utilidade da policia

O nosso collega *Nove de Julho*, de Beja, diz que alguns policiaes d'aquella cidade estiveram em Évora, vendendo na feira de S. João uns cavallos do sr. Visconde da Ribeira Brava, governador civil d'aquelle districto.

O nosso collega *O Paiz* commenta:

«Ora ahí está uma occupação que não tinha sido ainda distribuída á policia de Lisboa.

Tem-a encarregado de levar meninos ao colégio, de servir cocottes e de distribuir publicações editadas por funcionarios da Parreirinha. Em vender cavallos é que ainda os não occuparam.

Talvez porque ninguém no governo civil é lavrador...»

Na Falperra

O projecto de lei das receitas e despêsas para a geréncia de 1897-98, que o governo progressista acaba de apresentar ao pseudo-parlamento, liquida com as seguintes conclusões:

| | |
|--------------------|-----------------|
| Receitas | 32.865:478\$450 |
| Despêsas | 35.565:504\$953 |
| Deficit | 2.697:826\$503 |

Accrescentem-se a este deficit os juros dos novos empréstimos, que o governo procura levantar, e ver-se-ha depois a quantos milhares de contos accende o assombroso deficit.

É assombroso e simplesmente infame!

A administração regeneradora de 1895-96, a mais corrupta e a mais

immoral d'entre as mais immoraeas e corruptas geréncias que temos tido, liquidou as suas contas apresentando uma despêsa de 55.383 contos de réis.

Protestaram entám, violentamente, os progressistas contra a infâmia e o impudôr d'um governo que não punha dúvida em augmentar, até áquelle ponto, os encargos da nação.

E agora, após esses protestos, meses decorridos sobre a campanha violenta em que se envolveram os jornaes progressistas, dirigindo as maiores injúrias e arremessando os maiores vitupérios aos ministros regeneradores, têm, os mesmos progressistas, o descaramento inaudito de apresentar um orçamento de despêsas no importe de 55.565 contos de réis!

Isto é, mais 180 contos de réis do que os ladrões da regeneração!

Estámos na Falperra ou na Calábria?

BALDADOS CONSELHOS

O *Primeiro de Janeiro*, jornal affecto á situação, inseria hontem um artigo editorial todo cheio de paternaes conselhos á maioria parlamentar e ao gabinete José Luciano.

Entre outros, avulta o seguinte:

«Trate-se de reduzir o mais possível nas despêsas publicas, tomando-se para isso providéncias.»

A estas horas deve o articulista estar convencido do contrario, como noutro lugar bem evidentemente o mostramos.

Cogando detraz da orelha talvez que descubra um meio para descalçar a bota...

A LADROEIRA

Pelo último balancete semanal do Banco de Portugal vê-se o seguinte:

A conta com o thesouro público, que, em 16 de junho, era de réis 49.864:144\$800, era, em 23 do mesmo mês, de 20.537:458\$669 réis; soffreu, pois, em sete dias, o augmento de 493:315\$869 réis!

A circulação de notas, que, em 16 de junho, era de 59.917:475\$250 réis, era, a 23 do mesmo mês, de 60.362:190\$250 réis; soffreu, pois, em sete dias, o augmento de réis 644:715\$000!

A garantia metálica das notas em circulação, que, em 16 de junho, era de 45.410:248\$258 réis, era, em 23 do mesmo mês, de 45.412:207\$025 réis; soffreu, pois, em sete dias, o augmento insignificante de 4:938\$797 réis.

Isto é: ao passo que a circulação fiduciária augmentou em 645 contos de réis, no prazo de sete dias, a garantia metálica d'essas notas, augmentou, no mesmo prazo, em 2 contos de réis, sómente!

Esta arithmética é verdadeiramente irrespondível. Mais logicamente do que a própria lógica, ella envolve, de per si só, a condemnación d'um regimen, que tam descaramadamente nos está entrando pelas algibeiras.

Carta de Lisboa

2 de julho

A apresentação do orçamento feita ante-hontem no *Solar dos Merdelins* pelo sr. Ressano Garcia, entre os interminaveis bocejos dos mesmos Merdelins, tem naturalmente que chamar as atenções de todos os portugueses.

Um dos nossos males é o decidido horror pelas cifras.

O povo lê phrases. Em geral tem, porém, uma repugnância extraordinária pelos algarismos.

Tal repugnância tem valido efficaçamente á monarchia.

Ainda, por exemplo, todos os cidadãos portugueses não se convenceram que cada um d'elles paga 9\$581 réis, ao passo que na arruinada Hespanha essa quota é de 8\$660 réis, na pobre Itália é de 8\$300 réis e na Suissa atinge apenas 1\$800 réis.

Se se tivessem convencido, por certo que já teriam feito rebentar solememente o regimen existente, chamando os seus homens á tremenda responsabilidade que lhes cabe.

No orçamento de 1897 a 1898, o sr. Ressano Garcia fixou as despêsas em 55.565:504\$953 réis.

Mostram-nos esses algarismos que, quando a bancarôta está imminente, quando se põem em leilão todos os bens nacionaes, quando o nosso descrédito chegou ao ponto de os estrangeiros não quererem concorrer a esse leilão, o governo progressista está disposto a gastar mais do que nunca.

Mostram-nos ainda que, d'anno para anno, os governos da monarchia teem dispendido mais.

Ha 19 annos, por exemplo, na geréncia de 1879-80, Portugal gastou apenas 30:444 contos.

Em 1886, subidos ao poder os progressistas, encontraram as despêsas publicas em 41:609 contos. Isto é: só em 6 annos passaram a gastar-se mais 11:165 contos.

Abandonando o poder em 1890, os filhos de Passos deixaram as despêsas publicas em 52:741 contos. Quer dizer: o partido que hoje está no poder augmentou as despêsas, apenas dentro de 4 annos, em 11:432 contos.

Em 1893, os regeneradores encontraram-as reduzidas a 47:027 contos, mercê dos expedientes do gabinete Dias Ferreira.

Apesar de ser tam perigosa a situação, o gabinete Hintze augmentou as despêsas durante três annos em 9:117 contos.

Para 1896-1897, tinha o mesmo gabinete, que o Diabo não torne a chamar para a frente da nação, arbitrado as despêsas em réis 53.027:139\$715.

Apparecem, porém, os honrados progressistas e elevam-nas a réis 55.563:304\$953 — isto é, augmentam-nas em 2.536:163\$258 réis.

Bem sei que o orçamentólogo de Caneças se destinava a gastar muito mais que os 53.027:139\$715 réis.

Mas ha os mesmos motivos para

suppôr que o *mac-murdista* gastará mais dos 55.563:304\$953 réis.

Para que se veja que as contas d'um merecem a mesma confiança que as do outro, basta notar que o ministro Ressano conta, para cobrir em parte o deficit, que é de 2:697 contos, com uma redução de 735 contos nas despesas públicas.

Como pôde essa redução ser um facto, se a verba destinada em todos os últimos orçamentos para edificios públicos nunca tem chegado, mercê das insignes tramoiias que tem coberto, e se o governo prometeu debellar a crise operária e tem tantas obras em projecto, tantas outras em começo?!

Próvado que os dois orçamentólogos mentem, deve suppôr-se ainda que o que mais promete gastar gastará mais realmente.

Assim o ministério progressista, apesar da situação cada vez mais grave em que se encontra o país, gastará ainda mais que o gabinete transacto.

É a conclusão que se tira do orçamento Ressano e que toda a nação deve comprehender.

Desde segunda feira que vários jornaes tem apparecido cheios de cartas dos srs. conde de Burnay e Ressano Garcia.

Sam documentos interessantes para a história do lamamento Portugal do fim do século XIX.

D'elles se conclue que o sr. Burnay, que não se farta d'affirmar o seu amor a Portugal, quer as linhas férreas. Nesse desejo, insinua claramente que o contracto Guadalmina era ruinossissimo para nós.

O sr. Ressano, que ainda não perdeu de toda a esperança em Guadalmina ou que tem alguém para substituí-lo, accusa-o de mentir.

Eis o que se apura, em resumo, para edificação das gentes.

O mais curioso, porém, é que num jornal inspirado pelo mesmo sr. Burnay, noticia-se, sem ainda ser desmentido, que elle tem emprestado ao governo progressista um milhão e quinhentas mil libras — sejam 1.500:000 réis.

Segundo um jornal regenerador, o mesmo sr. Burnay jantou no domingo com o sr. José Luciano, e é sabido que hontem conferenciou.

Pasma a gente de tanto descaramento!

Como é que um ministro faz mysteriosos negócios com um homem que publicamente accusa de mentiroso?

Como é que, ao mesmo tempo que o ministro da fazenda accusa esse homem, o presidente do conselho o recebe em mais íntima amizade?

E em que condições foram emprestados os seis mil e tantos contos?

Como se fizeram tam importantes operações, sem que a nação soubesse nada até ao dia em que o sr. Ressano rompeu com o sr. Burnay, pelo menos para a galeria?!

Não sam casos para apitar, porque os apitos só valem perante gatinhos de carteiras.

Mas sam motivos a mais para que se prepare essa obra de limpêsa que, dia a dia, cada vez com mais urgência vem sendo reclamada.

Pelo que revelou uma gazeta monarchica, parece que foi emfim em dia de S. Pedro que se fez a reconciliação entre o sr. de Restello e o sr. José Luciano.

O sr. de Restello é, como se sabe, aquelle illustre varão que o *Correio da Noite*, de antes do chocolate,

abandalhou tanto quanto se pôde abandalhar um homem.

O sr. José Luciano é o informador do *Correio da Noite*, e como que fallô do sr. Alpoim.

Baldões da sorte apartaram — os dois antigos amigos.

Sentenciados, porém, a serem um do outro, ahí os temos juntos.

E depois, como vêem.

O sr. D. Carlos de Bragança foi no sabbado passado fazer explorações oceanográficas.

Tendo desembarcado em Setubal, veio d'alli na terça feira em comboio especial.

Na mesma terça feira foi para Cintra, em comboio especial.

Na quarta feira veio de Cintra em comboio especial.

Hoje voltou para Cintra tambem em comboio especial.

Está calculado que cada comboio especial custa pelo menos 50\$000 réis.

Sommem, pois, e vejam quantos esfoçados podiam ter pão com o producto d'esta regalada pândega.

Não tenho que lhes fallar do comício de domingo, porque tudo está dito nas columnas d'este jornal.

D'esta vez a própria imprensa ministerial, a despeito do seu incommensuravel cynismo, entupiu e desistiu de amesquinhar a imponentissima manifestação. Nem appareceram os 1:500 da praxe, com as mulheres e creanças a avultarem.

É que realmente o comício foi quanto podia ser magestoso, eloquente e grande.

Aquella enorme multidão provou que não só ouvia, mas que sentia.

Demonstrou que não estava alli, como que a assistir a um espectáculo, mas a affirmar as suas aspirações políticas — a derrocada da monarchia, a implantação da República.

Uma palavra, uma reticência sequer que significasse Revolução repercutia-se em todas as almas, fazendo-as vibrar d'enthusiasmo.

De sobra se affirmou assim que todos estão ansiosos por factos e preparados para elles.

Venham, pois, factos a pôr termo á decadência miseravel d'uma nação, a torná-la grande, nobre e honrada.

F. B.

Parece que já se chegou a accôrdo a respeito do tratado de paz entre a Grécia e a Turquia.

A indemnização de guerra será fixada em cinco milhões de libras e rectificar-se-ha a fronteira da Thessalia, sendo incorporados á Turquia alguns districtos dos quaes a maioria dos habitantes é musulmana.

Parece serem estas, em resumo, as condições da paz.

Mas, em face das precárias circunstancias em que se encontra o thesouro grêgo, a braços com difficuldades quasi insuperaveis, não sabemos como possa effectuar-se o pagamento da indemnização. Ham de vêr-se grêgos os próprios grêgos.

A nomeação de Numa Droz para o governo de Creta parece já ser um facto. As potências não apresentaram outro programma além do restabelecimento da ordem e da tranquillidade no território cretense.

O conflicto no Lyceu

Está annunciada pelas gazetas officiaes uma syndicância aos actos do sr. reitor do lyceu de Coimbra, em que se investigue das causas próximas ou remotas d'esse conflicto vergonhoso que o mesmo reitor levantou no lyceu com os professores do mesmo estabelecimento.

Essa célebre syndicância foi requerida pelo funcionário delinquente que, abusando indignamente da sua posição e da sua auctoridade, se serviu d'uma e d'outra para praticar a mais revoltante illegalidade. Não ha motivo nenhum sério para para que o sr. reitor seguisse tal caminho, pois muito outro deveria ser o que o seu brio lhe indicasse.

Mas, emfim, desde que o sr. reitor entendeu ser este o seu modo mais brioso de proceder, venha a syndicância, para se fazer a demonstração mais formal e mais completa, que não deixe dúvidas nem no espirito da sua *côterie*, das arbitrariedades do sr. dr. Gonçalvez Guimarães.

Mas que venha breve; porque a permanência indefinida do sr. dr. Guimarães á frente do estabelecimento cujo professorado tam violentamente injuriou, é uma provocação e uma afronta, de cujas consequências, que podem vir a ser graves, o governo não deve tomar a responsabilidade.

O resultado d'essa syndicância é visto por toda a gente e nem, provavelmente, o sr. reitor se illude a esse respeito: — não pôde ser outro senão a exoneração do funcionário que tam levanamente procede em assumptos de gravidade, que tam ineptamente provocon um conflicto absurdo, que tam illegalmente comprehende as suas attribuições, que tam violenta como offensivamente abusa da sua auctoridade.

Não pôde ser outro o resultado. Não ha de ser outro.

O sr. dr. Gonçalvez Guimarães não pôde continuar á frente d'um estabelecimento onde já não tem prestígio nenhum nem auctoridade moral, desde que perdeu por completo o direito á consideração e ao respeito dos professores. A sua conservação, a dar-se, seria um elemento pernicioso de indisciplina e de desordem.

É por isso que s. ex.^a tem de sair, por muito aferrado que esteja ás considerações inherentes ao lugar que não sabe desempenhar.

E se o sr. dr. Gonçalvez Guimarães não soube, ou não quis, espontaneamente ou por suggestões alheias, dar ao conflicto que suscitou a única solução que lhe ficaria bem, é ao governo que cumpre ensinar-lhe o caminho que s. ex.^a não quis vêr.

Além da condemnação que o sr. reitor está soffrendo da opinião pública, no professorado do país vae-se manifestando em adhesões calorosas a sua attitude de protesto.

A hora a que escrevemos, já os professores do lyceu de Coimbra tinham recebido mais as adhesões que em seguida publicamos:

«Ill.^{mas} e ex.^{mas} srs. Professores do lyceu central de Coimbra. — Os abaixo assignados, professores do lyceu nacional da Guarda, lamentando a desconsideração feita ao nosso collega o ex.^{mo} sr. dr. António Thomé, acompanhando a v. ex.^{ta} no seu protesto contra o procedimento da auctoridade superior d'esse lyceu, illegal e altamente offensivo da dignidade e da independência profissional, e adherem plenamente á representação que dirigiram ao chefe da nação.

Guarda, 29 de junho de 1897.

João Monteiro de Sacadura
Lopo José de Figueiredo Carvalho
Francisco dos Prazeres
Alexandre Ferreira da Cunha e Sousa
António Osório da Fonseca
António Pires Patrio
Joaquim José Gomes.»

Telegramma

Portalegre, 2. — Professores lyceu Portalegre felicitam collegas lyceu Coimbra pela alevantada attitude questão professor dr. Thomé. — Secretário, Visconde dos Cidraes.

Sr. dr. Gonçalvez Guimarães, o país está-lhe indicando o seu dever.

Reforma eleitoral

Do Diario de Noticias:

«Posta de parte a idéa de apresentar ao parlamento uma proposta no sentido de inutilizar ou modificar os effeitos do sorteo, o sr. ministro do reino vae apresentar na presente sessão a sua reforma á lei eleitoral.

Neste sentido, tem conferenciado nestes últimos dias com o sr. dr. Pereira e Cunha, chefe da 1.^a repartição da administração politica e civil da sua secretaria.»

Carta da Figueira

2 de julho de 97.

Depois do bulicio a quietação, depois das festas o descanso, assim é em tudo. A Figueira que nos appareceu nos dias de S. João com o movimento d'uma grande cidade, desilludiu-nos nos dias seguintes com um socêgo que nos impressionava. As ruas desertas, as praças sem ninguem, produziam em nós uma tristeza melancólica, uma saudade d'essa cidade, que a alegria dosromeiros d'ahi, que aqui estiveram, com sua expansão e bom humor, fazia lembrar mais.

Aqui, até hoje, nenhuma distracção; hoje, porém, disseram me que abre o Casino Mondego com uma batotinha para amigos, por enquanto, e dizem-me que assim irá até ao dia 15 em que tenciona inaugurar. O Casino Peninsular continua na faina da sua instalação; a sala de baile já tem parte da mobília e pela amostra parece ficar coisa de primeira ordem.

O Casino Hespanhol está quasi concluido e deve abrir tambem no dia 15, onde o amigo Zacharias nos deleitará com a bêa e fresca cerveja, que elle promete ser este anno de primo cartelo.

O calor tem sido muito intenso esta semana, sendo hontem e hoje acompanhado de um vento quente e violentissimo que abraza tudo.

As vinhas, as fructas e os milhos seram destruidos se assim continua mais algum tempo.

E a fome para o lavrador, é a falta de pão para milhares de bocas que o desespero arrastará aos últimos extremos.

Ha um mês ainda tudo era alegria e esperanças, os campos verdejantes deixavam antevêr uma colheita regular, e todos num sorriso intimo mostravam o seu contentamento. Hoje tudo mudou; os campos secos, os fructos amarellecidos pelo calor e vento destruidores, fizeram desaparecer completamente todas as esperanças, emudecer todas as alegrias, tornando os rostos sombrios e ameaçadores.

Se a fome é negra!

Por aqui fallou se muito no comício de domingo em Lisboa.

Os trechos dos discursos dos oradores, publicados no *Paiz*, eram lidos com sofreguidão e enthusiasmo. Discutia-se acaloradamente, e de todos os discursos resultava a esperança de que o país, acordado do seu longo lethargo, por estes novos apostolos, se resolveria a pôr cobro a tantos desmandos, e numa convulsão formida-

vel, a atirar para longe em astilhas esse throno tão odiado, causador de todas as suas desgraças e desventuras.

E o exército?!... como se o exército não fosse constituído pelos nossos irmãos e pelos nossos filhos, possuidores d'um coração tam português como o nosso.

Eu creio que o exército, no grandê dia, hade saber corresponder ás esperanças que nelle deposita a nação e não haverá pret que o fascine nem disciplina que o obrigue a ser um assassino.

Tem chegado muitas familias e aguardam-se outras todos os dias. Da Beira Alta e Estremadura já se encontram algumas, e os hespanhoes principiam a vir tambem.

A *Gazeta da Figueira* já noticiou a vinda d'umas familias que se esperam esta semana.

De Coimbra estão os srs. Luis Theotónio de Figueiredo, José Fernandes Ferreira esposa e filha, e a esposa e filhas do sr. dr. Teixeira d'Abreu.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Fizeram acto nos dias 1, 2 e 3 e ficaram approvados os seguintes alumnos:

Faculdade de Direito

1.^o anno—Joaquim Kopke, Joaquim Pereira Gil de Mattos, Joaquim Pereira Teixeira de Vasconcellos, José de Campos Paes do Amaral, António dos Santos Costa, José Maria Pinto de Sousa Magalhães, José Osório de Sousa Mello e José Paulo Menano.

Neste anno houve 4 reprovações.

2.^o anno—Jayme Guilherme Pimentel de Faro, Jerónimo do Couto Rosado, João Damasceno Ramalho, João Eloy Pereira Nunez Cardoso, José Dias, João da Nobrega Araújo, Joaquim Gonçalvez de Miranda Araújo e Joaquim Lopez Portelheiro Junior.

Neste anno houve 6 reprovações.

3.^o anno—Eduardo da Silva Machado Junior, Fernando José Limpo Toscano, Francisco Antunes de Mendonça Junior, Francisco Eugénio de Mello e Mattos, Francisco Fernandez Duarte, Gaspar d'Abreu e Lima e Heitor da Cunha Oliveira Martins.

Neste anno houve 3 reprovações.

4.^o anno—Augusto Pereira de Figueiredo Falcão, Augusto Pires do Valle, António Fortunato de Pinho, Avelino Augusto de Oliveira Leite, Azi Ferreira de Moura Cruz e Cândido de Valle.

5.^o anno—Jayme Duarte de Moraes e Silva, João Maria Tudella de Amorim Pessoa, João Pimenta, Joaquim Festas Picanço, Joaquim Martins de Araújo, Joaquim de Moraes Sarmiento e Joaquim Simões Peixinho.

Faculdade de Medicina

1.^o anno—José Baptista Monteiro, José Bernardo de Carvalho, Júlio da Silveira Brandão Freire Themudo, Luís Maria Rosette, Manuel Duarte Videira e Manuel Ferreira de Mattos Rosa.

2.^o anno—Joaquim José de Abreu, José António Simões de Oliveira, José Augusto Duarte, José Novaes de Carvalho Soares de Medeiros, José Tiburcio Monteiro e Manuel José Vaz Leitão Saraiva.

3.^o anno—Francisco Pinto de Miranda Junior, dr. Sigmundo Rosemblat, Henrique Simões d'Oliveira, João de Barros Rodrigues, João Evangelista Soares da Cunha e Costa e João Francisco d'Almada.

4.^o anno—José Aureliano de Paiva Pinheiro, José Bento Marim Junior, José Gomez da Silva Ramos, José Joaquim Fernandez, dr. Luis dos Santos Viégas e Manuel Vicente d'Abreu.

Faculdade de Philosophia

1.^a cadeira—(Chimica inorg.) Obg.: Alberto Guerreiro Peixoto e Cunha, Afonso de Mello e Silva Amorim, José

d'Almeida, Alfredo Lopez de Sequeira e António de Mello P. Gusmão Calheiros.

Nesta cadeira houve 2 reprovações.

2.ª cadeira — (Chimica org.) Vol.: Anselmo Ferraz de Carvalho, Augusto de Paiva Bobella Motta, Eduardo Nogueira Lemos, Tito Augusto de Moraes, José Sebastião Egas d'Azevedo e Silva, Pompeu de Meirelles Garrido.

Obrgs.: Adriano Vieira Martins, Afonso Henriques, Afonso da Silveira Brandão Freire Themudo de Vera, Alfredo Augusto da Silva Pires, Annibal Dias, Alberto dos Santos Monteiro, Alberto dos Santos Nogueira Lobo, Annibal Paes de Brito, António Guedes Pereira e António José da Silva Braga Junior.

Nesta cadeira houve 4 reprovações.

3.ª cadeira — (Physica, 1.ª parte). Vol.: José Collaço Alves Sobral.

Obrgs.: Delphim Miranda, Manuel Monteiro Arruda.

Nesta cadeira houve 4 reprovações.

4.ª cadeira — (Botânica). — Ords.: Jayme Corrêa de Sousa, Rodrigo Afonso Alvez de Sousa.

Obrgs.: António de Gouveia Osório, Camillo Corrêa Guimarães, José Gomez Cruz.

5.ª cadeira — (Physica 2.ª parte). Ord.: António Francisco de Sousa.

Vol.: Raul da Cunha Paredes, Alberto Rodriguez Pinto, Amílcar Augusto Queiroz de Sousa, António Cardoso Pinto e António Francisco de Sousa.

6.ª cadeira — (Zoologia) Obr. Amílcar Augusto Queiroz de Sousa, António Lopez de Moraes, Fernando Afonso Leal Gonçalves e Francisco Manuel Dias Pereira.

Obrg.: Alberto da Costa Ferreira, Alberto Rodriguez Pinto.

DESENHO (curso philosophico)

1.º anno — Abilio Mathias Ferreira, Adriano Augusto Barros e Rego, Alberto Cardoso Constância, Alvaro Pereira Soares, Annibal Babo Telles, António Cardoso Pinto, Abel Augusto Vieira Galião, Agostinho Viégas da Cunha Lucas, Alexandre Proença de Almeida Garrett, António Soriano Mendez Lage, Augusto Rodriguez Almiro, Avellino Augusto Vieira Pinto, Callisto de Sousa Brandão, Eduardo Corsino Caldeira d'Albuquerque Vilhena, Eduardo Nogueira Lemos e Eurico Fernando Lisboa.

Neste anno houve 4 reprovações.

Faculdade de Mathematica

4.º anno — Ords.: Sebastião José Marques de Almeida, Abel Augusto

Vieira Galião, Alexandre Proença de Almeida Garrett, Manuel d'Almeida, Pedro Norberto C. Pinto de Almeida e Desiderio José de Oliveira Pina.

Obrgs.: Alberto Sabino Ferreira, João António Pinto Bagulho, António Ruival Saavedra, Augusto Rodrigues Almiro, Libânio António Netto Afonso, Jorge Rodolpho Teixeira Campos, António Gomez da Silva Ramos, Ralph Lusitano Delgado de Carvalho, Afonso de Mello e Silva Amorim, Filipe Cesar Augusto Baião e António Augusto de Moraes Machado.

Neste anno houve 1 reprovação.

2.º anno — Ord. Alexandre Alberto de Sousa Pinto, António Taveira de Carvalho e Carlos de Carvalho Braga.

Neste anno houve 1 reprovação.

3.º anno — Ord.: Pedro Paulo Bon de Sousa.

Neste anno houve 1 reprovação.

4.º anno — Ord.: D. Domitilla Hormizinda Miranda de Carvalho.

DESENHO (curso mathemático)

1.º anno — Francisco Perdigo, Jacintho Humberto da Silva Torres, Mário Nogueira Gonçalves, Vasco Nogueira de Oliveira, Pedro Norberto Corrêa Pinto de Almeida, António de Mattos Cid, José de Oliveira Xavier, António da Silva Paes, António de Mello G. Calheiros, Abel Augusto Vieira Galião, Agostinho Viégas da Cunha Lucas e D. José Ignacio Castello Branco.

Neste anno houve 4 reprovações.

Faculdade de Theologia

2.º anno — Joaquim Alves de Moura Teixeira, Manuel António Pereira e Appolinio Augusto Marques.

3.º anno — Manuel Augusto de Andrade, Manuel de Brito e Rodrigo Augusto da Silva Guimarães.

4.º anno — Augusto Joaquim Alves dos Santos e Luis da Cunha Brandão.

5.º anno — José Norberto Araujo Esmeriz.

Folhetim da RESISTENCIA

ALEXIS BOUVIER

O casamento d'um forçado

TERCEIRA PARTE

O passado

IV

Os rochedos de Sainte-Barbe

— É impossível, minha senhora. — Mas eu não o conheço: os seus modos mysteriosos, singulares, podiam até despertar a minha desconfiança. — Meu Deus! Se quizer experimentar-me, interrogue-me. Posso informá-la do que mais lhe interessar. — Para isso era necessário conhecer as minhas desconfianças... — Conheço-as. — O senhor sabe o que se passa em mim?... — Sei, minha senhora! M.ª Bérard inquieta, examinou com mais attenção a pessoa com quem fallava. Os seus olhares encontraram-se; teve medo... tanto medo que olhou em volta. Fazia bom tempo e havia alguns visitantes em Point-de-Vue; mais sosegada disse:

Noticias diversas

A comissão dos livros apresentados a concurso para o ensino primário tenciona representar ao governo sobre a conveniência de serem publicados no Diario os 202 pareceres que elaborou, constando que o sr. ministro do reino se conformará com esta idea. Os livros que obtiveram aprovação foram: para leitura, 4; para geographia, 1; para historia 2 (em cada uma das secções); para arithmética, 1; para

— Falle, senhor, para eu poder vencer-me do que diz. — Só fallarei da coisa que mais a atormenta. Partiu de Paris com uma dúvida no coração; sabe que uma mulher procurou mais d'uma vez seu marido, e receia que haja relações entre essa mulher e o sr. Bérard. — É verdade! Como sabe isso? — O meu officio é saber. — Era a esse respeito que tinha um segredo para me vender? — Não, minha senhora, a esse respeito vou contar-lhe tudo. — Falle, disse M.ª Bérard inquieta. — A mulher, que se apresentou muitas vezes na rua de Enghien, tinha sido amante do seu marido... — Ah! — E M.ª Bérard, muito pallida, encostou-se a um rochedo. — Fallo de tempos muito antigos, disse sorrindo o que dava pelo nome de Rémond. — Explique-se, senhor... porque eu soffro muito... — Por esse lado não tem nada a censurar a Bérard. — Ah! Então falle mais depressa... — E sa mulher teve relações com Jacques Bérard, ha dezaseis annos. — Porque o não disse logo?, murmurou Aimée, respirando com mais força. Depois entristecendo, perguntou: — Mas porque o procurou ella? — Porque é desgraçada, e queria algum dinheiro. — Desgraçada!, disse M.ª Bérard,

physica, 1; para botânica, 1; para desenho, 1; para direitos e deveres do cidadão, 1; para economia, 1; e para música, 1.

No dia 2 do corrente, effectuou-se a eleição da nova mesa administrativa da Santa Casa da Misericórdia, que ha de funcionar no biénio de 1897 a 1899, ficando eleitos os seguintes cavalheiros:

Dr. Luis da Costa e Almeida, provedor Dr. Porphyrio António da Silva, escrivão José Dória, António José da Costa, Cypriano Dias da Conceição, Thiago Ferreira d'Albuquerque e José Augusto Borges d'Oliveira, mestriros.

Na madrugada de hoje realizou-se o casamento do sr. Daniel Pedroso Baptista, contador em Soure, com uma filha do sr. dr. Aloysio de Pinho.

Deve effectuar-se hoje, nesta cidade, o casamento da sr.ª D. Clara Gonçalves, filha do sr. José Augusto Pereira Gonçalves, delegado do thesouro neste districto, com o sr. Raul da Cunha Paredes, aspirante de capadores 8 e alumno do 3.º anno mathemático.

Os typógraphos, machinistas e distribuidores da Vanguarda, que de ha tempo, por prévia combinação, se vinham habilitando para a sorte grande, comprando um bilhete em cada loteria, acabam de apanhar um alegrão. Na passada sexta-feira, sahio premiado com a sorte grande, o n.º 1:971, que elles haviam dividido entre si.

O Diario do Governo publicou hontem o annuncio abrindo concurso para o provimento do logar de bedel da Faculdade de Direito, com o ordenado de 240\$000 réis annuaes.

Na madrugada de sabbado consorcicou-se, na igreja de Santa Cruz, a sr.ª D. Maria da Conceição Cunha, filha do habilit industrial e proprietário, sr. João António da Cunha, com o sr. João Machado Feliciano, irmão do acreditado negociante d'esta cidade, sr. Julio Machado Feliciano.

Noticias da Havas dizem-nos ter naufragado no estreito de Lund, devido a um violento temporal, o couraçado de torres, de 1.ª classe, Gangout, que havia sido lançado á agua em 1890. O Gangout tinha 91 metros de comprimento por 18 de largo, deslocava

marido, mulher e fillos ficariam perdidos para sempre. — O senhor atterra-me... — Se m'o quizer comprar, vendo-lho e desappareço. A senhora pôde salvar tudo... Senão, parece-me que arranjarei um comprador. — Quanto pede? — A seu marido pediria a metade do que elle tem... — A metade?... — Á senhora, vinte mil francos. — Vinte mil francos! Mas eu não tenho esse dinheiro! — Por isso eu não peço senão algum por conta, o que puder... — Tenho talvez, porque sou eu que pago tudo, uns dez mil francos... — Aqui está o que eu proponho: a senhora dá-me dez mil francos, e assigna-me um cheque d'uma somma equal para eu receber do seu correspondente em Londres. E a senhora, eu bem o sei, que tem a assignatura da sociedade... — Aceito, mas não tenho aqui esse dinheiro. — Sam duas horas e meia. D'aqui a uma hora ao fundo dos rochedos de Sainte-Barbe, em passeio com os meninos. Aqui, tenho eu o segredo com todos os seus detalhes... E, dizendo estas palavras, tirou do bolso uma carta lacrada que mostrou a M.ª Bérard... — Está combinado. Em uma hora estarei aqui de novo. (Continúa).

6:592 toneladas, tinha a força de 9:000 cavallos nominaes, e 17 milhas de velocidade por hora.

Era armado com uma peça de 12 pollegadas de calibre, 4 de 9 pollegadas; tinha mais 4 peças de 27 milímetros de calibre a 14 de vinte e sete.

A cintura couraçada era de 400 milímetros de espessura, e de 230 milímetros a couraça das torres.

A construção era em aço e a tripulação compunha-se de 528 homens.

Câmara Municipal de Coimbra

Resumo das deliberações tomadas na sessão ordinária de 18 de junho de 1897.

Presidência do vice-presidente, arcediágo José Simões Dias.

Veredores presentes: — José António dos Santos, José António Lucas, António José de Moura Basto, José Marques Pinto e Albano Gomes Paes, effectivos.

Foi lida e approvada a acta da sessão ordinária de 10 do corrente.

Resolveu, em additamento á deliberação de 20 de maio, sobre que se receberam instruções superiores, esclarecer que a cedência de terrenos no planallo da quinta de Santa Cruz (5:200, m²) para a construção d'um bairro operário, iniciado aquelle terreno e as construcções ali feitas, ficando a fiscalização sobre as mesmas construcções e sua conservação a cargo do Rev.º Prelado, a quem ficará tambem pertencendo a escolha dos operários a occupar cada uma d'ellas.

Tomou conhecimento de ter sido approvada pelas estações competentes a deliberação tomada em 28 de maio, acerca d'um alinhamento de terrenos na rua de Castro Mattoso.

Mandou registrar a nota das canalizações d'agua executadas de 10 a 18 do corrente.

Autorizou duas avengas para consummo d'agua, e trabalhos de canalizações em vista d'informações havidas sobre as respectivas petições.

Nomeou, em cumprimento das posturas, louvados reparadores d'agua para a freguezia de Sernache.

Attestou acerca de quatro petições para subsidios de lactação a menores.

Approvou o segundo orçamento supplementar ao ordinário do corrente anno.

Autorizou diversos pagamentos, a saber: — pessoal e material para os serviços da limpêsa da cidade; vencimentos do thesoureiro em maio; transporte de carvão para o serviço das

aguas; execução de canalizações; reparos e limpêsa dos reservatórios das aguas; custeamento da officina; calçadas das ruas; reparos na alameda junto do Jardim Botânico; limpêsa do jardim de Santa Cruz; reparos na casa da administração do cemitério, no caminho da Cloga do Monte e nas barracas do mercado d'esta cidade.

Despachou requerimentos, auctorizando a collocação de letreiros em estabelecimentos particulares; a construção de pavilhões para festejos populares em vários pontos da cidade; a ligação de aguas de exgôto com os canos geraes; a reconstrução pelos alicerces primitivos d'um muro de vedação em Taveiro e a reparação da parede de uma casa na Ribeira de Frades, determinando-se o alinhamento, sem occupação de terreno publico.

Enviou ao commissário de policia, para providenciar, um requerimento de queixa contra abusos praticados por um proprietário possuidor d'um rebanho de cabras em Taveiro.

Mandou intimar um proprietário de Castello Viegas, para remover um foco d'infeccão, que está causando damno na rua do logar.

Auctorizou o corte de duas arvores na estrada municipal d'Eiras, no logar dos Casaes, pelos prejuizos que causam a um prédio ali situado.

Revistas e jornaes

Jornal de Viagens e aventuras de terra e mar. Esta publicado o n.º 64 d'esta publicação, que sae á luz da publicidade no Porto, sob a direcção do sr. Deolindo de Castro. A empresa d'esta interessantissima publicação avisa-nos de que o proximo numero será todo consagrado, quer na parte artistica quer na litteraria, á commemoração do 4.º centenario da descoberta da India.

Recebemos o n.º 21 de A bordadeira e moda portugueza, jornal para damas.

Revue Universelle Internationale Illustrée. — Recebemos, pela primeira vez, esta importante revista, que se publica em Genebra (Suissa). O numero que temos presente abre por um artigo sobre as aguas thérmaes chloratadas de S. João do Estoril, cujo estabelecimento foi visitado por um dos redactores da Revue Internationale. Agradecemos a delicadeza da remessa.

O Jornal dos Romanços. — Recebemos o n.º 10 d'este excellent e móbil semanario illustrado, o unico neste genero no nosso pais.

Revista Republicana. — Publicou-se o n.º 6 d'esta magnifica revista de propaganda republicana, dirigida pelo sr. Carlos Callisto, sendo o presente numero illustrado com o retrato de Alves Corrêa, acompanhado de um artigo biographico de Gomes Leal. O sumario é o seguinte:

Alves Corrêa, por Gomes Leal. — Protestos; Comícios; Situação clara, por França Borges. — O que é um tyranno, e que é a tyrannia, por Alfieri. — Livre exame, por J. W. Drapeau. — Registo civil. — Aos nossos correligionários e amigos. — Pelo estrangeiro: Ilhas de Sandwich; O jubileu da rainha Victória; O ministério francez, por Augusto José Vieira. — Livros e jornaes. — Plantações definitivas e cultura da vinha, O communismo e a Evolução económica, por Carlos Callisto. — Assignantes de Lisboa. — Aviso. — Aos nossos agentes.

VENDA

Vende-se em Coselhas uma linda vivenda, que se compõe de casa de habitação, recentemente construidas, que accommodam familia numerosa; casas para caseiro e arrecadações, grande quintal de excellente terreno com muita agua, arvores de fructo, videiras, etc. E' um sitio muito pittoresco e aprazivel, tendo estrada de macadam até ao local.

Facilita-se a aquisição. Está encarregado da venda, o solicitador João Marques Mosca, residente no Pateo da Inquisição.

BICYCLETAS PARA VENDA

Na Casa Penhorista da rua do Visconde da Luz, 60. Ha para vender duas bicycletas em bom uso, sendo uma pneumática e outra borrachas ócas.

(1.^a publicação)

PROBIDADE

Companhia geral de seguros
Sociedade anonyma de responsabilidade limitada
 CAPITAL 2.000:000\$000
 Rua Nova d'El-Rei, n.º 99, 1.^o
Lisboa
 Effectua seguros contra incêndios.
 Correspondente em Coimbra,
 Cassiano A. Martins Ribeiro.—
 Rua Ferreira Borges, 165, 1.^o

Vende-se

Uma bomba de grande pressão, com os tubos de cobre, própria para tirar água, e vendem-se também dois pares de rodas para carro alemtejuano ou de bois.

Trata-se com Francisco Nogueira Secco, Terreiro da Erva, Coimbra.

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfeitos do país
 Excellentes águas mineraes para doenças de pelle, rheumatismo, estômago, garganta, etc.

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM

(BEIRA ALTA)

Abertura do estabelecimento thermal em 1 de maio e fecha em 30 de novembro

Abertura do Grande Hotel Club em 15 de maio

Grande Hotel Club

Com estação de correio e telégrapho, médico e pharmácia e casa de barbear.
 Magnificas accommodações desde 1\$200 réis, comprehendendo serviço, club, etc. Bonus para os médicos

O Estabelecimento Thermal comprehende 64 banheiras de 1.^a a 5.^a classe; duas salas para duches, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverização e aspiração, com gabinetes anexos e independentes para toilette. É sem dúvida o melhor do reino, e mais barato. — Viagem — Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas (BEIRA ALTA) e d'ahi 5 kilometros em bons carros. A estação de Cannas na linha férrea da Beira Alta está directamente ligada com todas as linhas férreas hespanholas que entram em Portugal por Badajoz, Cáceres, Villar Formoso, Barca d'Alva e Tuy. — Para esclarecimentos: — Em **Lisboa**: rua do Alecrim, n.º 125, referente ao estabelecimento balnear, e rua de S. Julião, 80, 1.^o, referente ao Grande Hotel. — Correspondência para as **Caldas da Felgueira**, ao gerente da companhia do Grande Hotel. — As águas engarrafadas vendem-se nas pharmácias e drogarias e no depósito geral, **PHARMÁCIA ANDRADE**, rua do Alecrim, 125. — A exploração do Hotel fica este anno a cargo da Companhia do Grande Hotel Club.

ESTABELECEMENTO

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

João Gomes Moreira

50, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal Hydraulic: Grande depósito da Companhia Cabo Mondego. — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agência da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de pára-raios, campainhas eléctricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, óleos, agua-raz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinos e torradores para café, máchinas para moer carne, balanças de todos os sistemas. — Redes de arame, zinco e chubo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietários e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystófle, metal branco, cabo d'ébano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglesas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro mesa, lavatório e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revólvers, espingardas para caça, os melhores sistemas

ÁGUA DAS LOMBADAS

ILHA DE S. MIGUEL — AÇORES

Água gazosa natural a mais pura para mesa. Não contém micro-organismos.

Coimbra — Pharmácia e Drogaria Rodrigues da Silva & C.^a

CALDAS DA AMIEIRA

Abertura do estabelecimento thermal no dia 15 de maio

As **ÁGUAS CHLORETADAS DA AMIEIRA** usam-se com grande resultado no tratamento da escrophulose, rheumatismo, moléstias de pelle ainda as mais rebeldes, syphillis, padecimentos de estomago, figado e baço, inflamações de quaesquer órgãos, útero, ovário, intestinos, leucorrhœas, anémia e chlorose.

A administração do hotel estará a cargo do sr. José Maria Rodrigues, de Coimbra, havendo nelle, entre outros muitos divertimentos communs a todos os hospedes, uma boa sala de recreio com piano, salão de bilhar, bonitos passeios, lagos com botes, etc. etc.

Preços, incluindo todo o serviço de quarto e mesa, de 1\$000 a 1\$200 réis diários.

Para quaesquer esclarecimentos dirigir-se á séde balnear; depósito em Lisboa — rua de S. Julião, 142, 1.^o

CALLICIDA

Privilégio Exclusivo

Extracção dos callos sem dor em 5 dias

Desconto convidativo para revender

Depósitos — Lisboa: Leandro de Freitas, rua da Prata, 231; Porto, José Maria Lopes, rua do Bomjardim, 12; Coimbra, Rodrigues da Silva & C.^a; e em todas as cidades e principaes villas do continente.
 Africa — Loanda, José Marques Diogo.
 Brasil — Rio de Janeiro: Silva Gomes & C.^a; Pernambuco: Guerra Fernandes & C.^a, rua do Duque de Caxias, 47; Bahia: Francisco de Assis e Souza; Maranhão: Jorge & Santos.
 Exija-se nos depósitos um prospecto que ensina o modo de usá-lo e previne as falsificações. Ha um só depósito em cada terra.

Pedidos ao auctor: António Franco, Covilhã.

COIMBRA
Bairro Novo de Santa Cruz

Rua Raymundo Venâncio Rodrigues

VENDE-SE

A grande propriedade, por seu dono se retirar para fóra, constando de casa solidamente construida e a mais bem localizada, com grandes e espaçosas salas e quartos, banheiro e chuveiro, latrinas de patente, despensas, celleiro, cavallariça, galinheiros e pombal, água e gaz encanados, tanques, lampiões e candelieiros, jardim, terreno para hortas e bacello, e já com muitas árvores de fructos, poço com muita água nativa e bomba de pressão.
 Vende-se também, e juntamente com a propriedade, todos os moveis e utensilios, que na mesma contém.
 Trata-se na mesma das 9 horas ao meio dia, e das 3 ás 5 da tarde nos dias úteis.

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fábrica de Corôas e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251 — Porto

CASA filial em Lisboa — Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).
 Único representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17 — ADRO DE CIMA — 20

REMEDIOS DE AYER

O Remedio de AYER contra sezões. — Febres intermitentes e blosias

Peltoral de Cereja de Ayer. O remédio mais seguro que ha para curar a Tosse Bronchite, Asthema e Tuberculos pulmonares.
 Frasco, 1\$000 réis meio frasco, 600 réis.

Todos os remédios que ficam indicados sam altamente concentrados de maneira que sabem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas Catharticas de Ayer. — O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.

Frasco, 1\$000 réis



Para a cura efficaz e prompta das Molestias provenientes da impureza do Sangue.

TONICO ORIENTAL

Marca Cassels

Exquisita preparação para aformosear o cabelo — Extirpa todas as affecções do crâneo, limpa e perfuma a cabeça.

Agua Florida (marca Cassels). — Perfume delicioso para o lenço, o toucador e o banho.

Sabonetes de glicerina (marca Cassels). — Muito grandes, qualidade superior.
 Á venda em todas as drogarias e lojas de perfumarias. Preços baratos.

Vermífugo de B. L. Fahnestock. — É o melhor remedio contra lombrigas. O proprietário está prompto a devolver o dinheiro a qualquer pessoa a quem o remédio não faça o effeito quando o doente tenha lombrigas e seguir exactamente as lustrucções.



O Vigor do Cabello DO DR. AYER,

impede que o cabelo se torne branco e restaura ao cabelo grisalho a sua vitalidade e formosura.

Perfeito desinfectante e purificante de Jeyes para desinfectar casas e latrinas, também e excellent para tirar gordura ou nodos de roupa, limpar metaes, e curar feridas. — Preço. 240 réis.

Depósito — James Cassels & C.^a, rua do Mousinho da Silveira, n.º 85, 1.^o — Porto.

No dia 18 do próximo mês de julho, por 11 horas da manhã, á porta do tribunal judicial d'esta comarca, sito na Praça 8 de Maio, pelo inventário de menôres a que, pelo cartório do escrivão do 1.^o officio, Camillo, se procede por óbito de Joaquim Gomes, morador que foi em Alcarraques, freguezia de Tróuxemil e em que é inventariante a sua viuva Maria Costa moradora no dito lugar, vam praça para serem vendidos a quem maior lanço offerecer sobre o seu preço, os prédios abaixo descriptos, pertencentes ao casal inventariado, com a condição de os arrematantes pagarem á sua custa toda a contribuição de registro, a saber:

- 1.^o Uma casa de habitação em mau estado, sita no lugar de Alcarraques, freguezia de Tróuxemil; vae á praça em desoito mil réis.
- 2.^o Uma leira de terra de semeadura no sitio da Barroca, limite d'Alcarraques, freguezia dita; vae á praça em desesseis mil réis.
- 3.^o Uma leira de pinhal no sitio da Serra, limite de Rios Frios, freguezia de Vil de Mattos; vae á praça em desesseis mil réis.

Esam citados quaesquer créditos incertos.
 Verifiquei a exactidão.
 O juiz de Direito,
 Neves e Castro.

Casas para arrendar

Na quinta de Santa Cruz, praça de D. Luiz, dois andares em separado, um para entrar já e outro para o S. Miguel. Tem quintal e água.
 Para tractar, com Alberto Carlos de Moura, rua de Ferreira Borges, n.º 12.

Vende-se

Amorada de casas sita na rua da Galla, n.º 33, 35 e 37. Compõe-se de loja, 2 andares e um pátio com uma pequena casa em condições de ser habitada.
 Para tratar — José da Cunha, rua dos Sapateiros (mercearia).

Arrendamento

João Mathews dos Santos arrenda a grande loja do Carmo que serviu de celeiro ao sr. Arloza.

CASA PARA ARRENDAR

Leonarda Forjaz, arrenda a parte sul da sua casa da rua da Ilha.
 Recebem-se propostas, na quinta dos Platanos á Bemcanta, onde se encontram as chaves, para ser vista.

"RESISTENCIA"

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR — Joaquim Teixeira de Sá

Condições de assignatura
 (PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:
 Anno..... 2\$700
 Semestre..... 1\$350
 Trimestre..... 680
 Sem estampilha:
 Anno..... 2\$400
 Semestre..... 1\$200
 Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis — Repetições, 20 réis. — Para os srs. assignantes, desconto de 50 p. c.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal fór honrado.

RESISTENCIA

N.º 248

COIMBRÁ — Quinta feira, 8 de julho de 1897

3.º ANNO

A burla dos orçamentos

I

O projecto d'orçamento que o sr. ministro da fazenda acaba de apresentar á sanção parlamentar revela-nos bem claramente as mystificações do orçamento feito pelo ministério transacto, ao mesmo tempo que põe em relevo a inépcia e o abandalhamento dos homens da actual situação.

No relatório do projecto do orçamento apresentado pelo sr. Ressano Garcia, refere-se este ás incorrecções do projecto orçamental elaborado pelo sr. Hintze Ribeiro, dizendo-se invadido pela profunda mágua de não poder conformar-se com as previsões do homem fúnebre, pelo que se sente obrigado a apresentar previsões suas mais em harmonia com a verdade dos factos.

No orçamento elaborado pelo sr. Hintze Ribeiro as receitas eram computadas em 53.138:016\$250 réis e avaliadas as despêsas em 53.027:139\$715 réis.

Restava pois um saldo de réis 110:876\$535, representando o excedente da receita sobre a despêsa.

Foi a este projecto de orçamento que o actual ministro da fazenda se referiu no seu relatório, desmentindo cathegóricamente os esperançosos cálculos do heroe de 20 d'agosto.

Assim, segundo o syndicato Ressano, a totalidade das receitas é de 52.865:478\$450 réis, ou sejam menos 272:537\$800 réis do que as calculadas pelo sr. Hintze Ribeiro.

Segundo ainda as previsões do sr. Ressano Garcia, a totalidade das despêsas é de 55.563:304\$953 réis; isto é, mais 2.536:165\$238 réis do que as apresentadas no orçamento do ministério transacto.

Por aqui se vê que, ao passo que o sr. Hintze Ribeiro apresentava á nação um saldo de 110:876\$535 réis, o sr. Ressano Garcia apresenta-lhe um deficit de 2.697:836\$503 réis.

D'onde se conclúe que ou o sr. Hintze Ribeiro mentiu descaradamente á nação, ou o sr. Ressano Garcia faltou impudentemente á verdade, ou um e outro não podem ser dignos de crédito, o que para nós é, de ha muito, uma verdade indiscutível.

Mentem, pois, os ministros do rei quando apresentam as contas da sua gerência. A nação não pôde tomar a sério os seus compromissos, porque representam uma burla in-

decentíssima, porque representam sómente a perfidia e a má fé d'esses ministros.

A prova está ahí, nessas linhas, clara e indiscutível, mostrando bem nitidamente o que sam e o que valem os homens que el-rei alugou para o serviço dos gabinetes.

A diferença entre os dois orçamentos é d'uma realidade tam crúa que o país não pôde duvidar por mais tempo de que está sendo tórpedamente ludibriado e ignóbilmente explorado por nma verdadeira quadrilha de salteadores.

Não sómos nós que o affirmámos; sam os próprios ministros que no-lo dizem.

Mais querellas

Foi querellado, pela terceira vez, o sr. dr. Joaquim Madureira.

Como se sabe, as duas primeiras querellas foram movidas pelo agente do ministério publico em virtude da publicação do artigo — *Dois reis* — no nosso collega *O Paiz*, e por uma petição de agravo, publicada em *A Marselheza*.

A última foi-lhe requerida por causa d'um folheto, em distribuição, contendo o artigo querellado — *Dois reis*, — a petição de agravo e um requerimento em tempos apresentado no tribunal pelo editor d'*O Paiz*.

Estám vendo o cynismo dos homens, que hontem apregoavam um programma de liberdade e hoje faltam miseravelmente aos compromissos tomados.

Estám vendo mais uma vez, porque ha muito que toda a gente sabia com que qualidade de bandidos estava lidando.

Lei d'imprensa

Em telegramma de Lisboa, dizia, num dos últimos dias, o nosso prezado collega *A Voz Publica*, o seguinte:

«O governo voltou a traz com a apresentação da lei de imprensa, por enquanto. Para fazer perrice aos jornaes a que as querellas successivas não conseguem fazer callar o que sentem, o sr. Luciano de Castro resolveu apresentar tarde e a más horas a proposta da lei de imprensa, com berbicachos novos, ou não a apresentar. D'esta última opinião é o sr. Alpoim, espirito santo d'orelha do sr. presidente do conselho, apesar do mesmo sr. Alpoim ter apresentado ha tempos, lido e patrocinado, na câmara, a enérgica e digna representação da Associação dos Jornalistas d'essa cidade contra a lei das rolhas, repellida pelos progressistas na opposição e apoiada e acceteite pelos mesmos no governo.»

Anniversários

Entrou no segundo anno de publicação o nosso prezado collega *A Integridade*, de Leiria.

Do artigo editorial transcrevêmos o seguinte período:

«Servimos com todo o entusiasmo das nossas almas não poltuidas com os exemplos de cima, o credo republicano, e cada vez mais se enraíza em nós essa sublime idéa, a única que

ainda poderá salvar a nossa querida Pátria.»

x

Entrou tambem no seu sétimo anno de publicação o nosso collega *O Futuro*, semanário republicano de Olhão.

Do seu artigo principal extractámos o seguinte, que diz tudo quanto não saberíamos dizer, em louvor da sua nobre e alevantada conducta:

«Soldados rasos e obscuros da grande phalange republicana, mas não menos convictos, nem menos resolutos do que os que occupam logar distincto na vanguarda da legião, em nada têm sido modificado a nossa forma de pensar e de sentir.

Firmes no nosso posto, aguardâmos os acontecimentos que os desvarios da monarchia não tardam em precipitar.»

Aos dois campeões d'esta lucta que, diariamente, ininterruptamente, vimos sustentando contra um regimen que vilmente nos explora e indignamente nos mette a mão nas algibeiras, a esses, as nossas mais calorosas saudações.

EXAMES DE CLASSE NO LYCEU

Deviam ter começado hontem no lyceu as provas escriptas dos exames de passagem da 2.ª classe.

Não se realizaram, porém, porque, procedendo-se á verificação dos pontos para as provas escriptas que deviam hontem ter logar, verificou-se que faltavam os pontos de latim, não podendo, por isso, realizar-se aquellas provas.

Esta falta dos pontos de latim é ainda uma consequência da arbitrariedade do sr. reitor, que officiou ao respectivo professor de latim, no dia em que tam abusivamente o exauctorou perante o curso — *dispensando-o até nova ordem da regência d'aquella cadeira*.

Portanto, o sr. António Thomé, que desde entám não está no exercicio das suas funções por ordem do reitor, não podia fazer aquelles pontos, porque a lei diz — que elles serám feitos pelos professores das respectivas disciplinas. E o sr. António Thomé não é actualmente professor d'aquella disciplina.

O presidente do jury d'aquelles exames deu do facto conhecimento ao reitor para que este providencie.

Este facto anómalo é uma das difficuldades legaes que nascem das illegalidades do reitor do lyceu.

A difficuldade que se suscitou foi já sanada, devendo amanhã começar as provas escriptas d'estes exames.

MAUI...

José Luciano reconciliou-se com o Restello dos Xaropes.

Ressano Garcia com o Barnay.

Falta o Alpoim com os dois, o que não tardará, para completar a semana santa dos irreconciliáveis.

Á cautella, sempre é bom não perder de vista a quadrilha...

CENTENÁRIO DE ANTÓNIO VIEIRA

A *Marselheza*, que não é jornal para imposturas nem para transigências com explorações grosseiras, fallando o outro dia a respeito da «organização de uma *Selecta*, composta de trechos escolhidos do grande mestre da prosa portugúesa», que foi António Vieira, acaba por applaudir a idéa dizendo assim: — «Ahí está uma commemoração digna do famoso jesuita e que não levantará protestos de qualidade alguma». Ora eu eston em dizer — que ainda assim, organizada a *Selecta* sob um ponto de vista exclusivamente jesuitico (não sei se veem bem) talvez haja motivo para alguém protestar...

Não quero dizer com isto que seja intuito dos compiladores da *Selecta* (que ainda não sei quem sam) escolher apenas trechos ad majorem Dei Gloriam, ou para crédito exclusivo da *Companhia*; mas temo que o façam. E por isso é que eu vou já annunciando o meu protesto, caso o livro não fór como deve ser feito.

Eu quero p'r'aqui o meu padre António Vieira como verdadeiramente elle era e se revela em esses escriptos, e não como o ham de porventura querer apresentar os que só veem nelle um ornamento da Ordem. Eu quero p'r'aqui o meu António Vieira, litterato e orador, homem de coração e artista, educador de príncipes e socialista politico ao mesmo tempo; espirito alevantado e insubmisso contra o fanatismo e a tyrannia; cultor da sciência e propagandista da razão vencendo o preconceito. Quero o meu Vieira escrevendo e fallando como philosopho independente e original, com aquella vista larga e poderosas faculdades que Deus lhe deu, e não como apenas jesuita e homem de obediência inteira, conveniente á Ordem.

Desconfio que m'o estragam quando me dou a pensar que talvez a *Selecta* queira entrar para as escholhas como *leitura edificante e religiosa, thesouro áureo de christãs virtudes ou ramillete fragrante de eucharísticas flores*. . . nomes com que sóe espalharem-se pelas casas d'ensino obrinhas ecclesiásticas com approvação de bispos e mosenhores.

Não é isso o que merece António Vieira, que nem foi um lamecha religioso nem um crente d'olhos cegos levado pela mão da igreja atravez do Dogma.

Ao lêr António Vieira sente a gente a influencia de uma grande alma servida por eminentes faculdades intellectuaes e por qualidades affectivas altamente sympathicas. Isto não está na regra do jesuita, certamente, o que respeita a qualidades de coração. O jesuita vive para Deus (?) e para a sua *Companhia*. . . e só para o mundo vive para tirar d'elle proveito em beneficio da Ordem. Não impede, porém, que um jesuita — e não só um, como muitos — individualmente, possua um coração excellente, uma alma bem formada, e porventura um espirito tolerante e progressivo. Possua tudo isto o padre António

Vieira, ao que elle nos deixa vêr nas suas obras. E tanto, que pela sua tolerância ia ganhando os martyrios da Inquisição e pelo espirito avançado e insubmisso conspiraram por vezes contra elle os seus irmãos em Christo.

Ousado quanto a espirito, tem aquelle bello sermão em que elle conta a parábola do avarento por fórma a revelar-se-nos um socialista christão como hoje se encontram muitos. . . apesar da Ordem. «Muitas vezes — diz elle — tendes ouvido a história d'aquelle rico *sem nome*, e do pobre *chamado Lazaro*».

Conta a história ao seu publico e acaba por esta fórma:

«Digam-me os ricos quem foi este rico? E os pobres quem foi este pobre? O rico, continúa, foi o que sam hoje os que se chamam *senhores*; e Lazaro foi o que sam hoje os *pobres escravos*».

Artista, vê-mo-lo na plasticidade e harmonia do seu estylo, na graça e conveniente adorno da sua phrase expedita, natural e correntia, na elegância do seu dizer original, *folhetinistico* por vezes, de fórma a entreter, a encantar, a seduzir o leitor ainda hoje!

Um homem assim, de coração contente, como elle tanto se revela em algumas partes, humorista noutras, não podia, certamente, deixar de ser um rebelde á disciplina da Ordem. Não no-lo apresentem, portanto, os que houverem de compilar a sua *Selecta*, como irmão da *Companhia* simplesmente. Aliás protesta-rei; embora — como é natural — o meu protesto se não faça ouvir, attenta a debilidade da voz do mais infimo admirador de Vieira.

Braz da Serra.

Conflicto no Lyceu. — Novas arbitrariedades do Reitor

A opinião corrente, e admittida como a única que explica o extraordinário procedimento do sr. reitor deste lyceu, de que s. ex.ª está soffrendo dum desvairamento estranho, que o impulsiona por um caminho singular de doidas prepotências, está sendo confirmada eloquentemente pelos factos.

Ainda ha pouco commetteu a arbitrariedade de todos conhecida, e já hoje temos que noticiar outra, grave pelas suas consequências e altamente significativa como symptoma.

Bastará contar: O sr. ministro do reino, depois de múltiplas cogitações, resolveu-se a proceder de qualquer modo a propósito do conflicto levantado pelo reitor do lyceu de Coimbra, e ordenou a syndicância que o reitor d'este lyceu teve a velleidade de pedir, e de que já demos noticia.

E nomeou para syndicante o sr. conselheiro Amorim, antigo director geral de Instrução Pública, e um dos homens mais considerados no functionalismo publico pela seriedade e honradez com que tem exercido as funções do seu cargo. Em

consequência d'este facto, que importa a suspensão do reitor, enquanto se procede áquella syndicação, o ministro do reino, pela Direcção Geral d'Instrução Pública, ordenou por officio ao reitor em questão que entregasse a reitoria ao *director de classe mais antigo*.

Assim lhe foi ordenado superiormente e assim o determina a lei, que diz:— «No impedimento do reitor fará as suas vezes o *director de classe que contar mais tempo de serviço no magistério*.» (Regul. de 14 d'agosto de 1895, art. 129.º, n.º 21, § 3.º).

Suppõem, porém, que o sr. reitor cumpriu a lei? Não é s. ex.ª para coisas de tam pequena monta... Acima da lei o seu capricho!

E entregou a reitoria, que devia competir ao *director de classe mais antigo*... ao sr. Manuel Joaquim Teixeira, áquelle professor que, afastando-se do caminho nobilissimo seguido pelos seus collegas nesta questão, se foi collocar agora ao lado d'aquelle que injuriou tam indignamente a corporação de que o sr. Teixeira faz parte.

E o sr. Teixeira aceitou o papel ignobil que naquella farça lhe distribuiu o sr. Gonçalves Guimarães! E o sr. Teixeira sabe bem, que nem é director de classe, nem professor de classe, nem mesmo o professor de mais tempo de serviço no magistério.

E aceitou, pela mesma razão por que o sr. Gonçalves Guimarães o procurou—por que o sr. Teixeira é... o sr. Manuel Joaquim Teixeira!

Em limpêza de processos e em senso moral, *arcades ambo*. Que os lobos conhecem-se bem uns aos outros...

E aqui temos uma nova arbitrariedade do sr. Gonçalves Guimarães a expôr a toda a luz o que é o caracter d'um homem como o sr. Manuel Joaquim Teixeira, e a revelar como é feita de propósitos mesquinhos a alma pequenina do sr. Gonçalves Guimarães.

Ha casos em que a pequenos corpos correspondem grandes almas; mas ha-os tambem, como agora, de certos homens serem tam pequenos de alma como de corpo. Porque o sr. Gonçalves Guimarães, tripudiando mais uma vez sobre a lei e sobre as ordens que recebeu do ministério do reino, teve em vista sómente *fazer uma partida*,—esta coisa reles e pequena que se chama *uma partida*—aos professores que responderam á sua provocação e á sua injúria com o mais profundo e completo desprezo.

Sim, porque nos consta que os professores do lyceu de Coimbra desprezam profundamente o sr. Gonçalves Guimarães... e o sr. Manuel Joaquim Teixeira!

Esta última prepotência do sr. Gonçalves Guimarães ha de, provavelmente, dar que fallar. E ao sr. ministro do reino cumpre fazer observar a lei.

✕

Continuam as adhesões mais formaes ao procedimento dos professores do lyceu de Coimbra por parte dos corpos docentes dos outros lycéus do país. Até á hora a que escrevemos receberam aquelles, além das adhesões já publicadas, as seguintes:

Do lyceu de Lisboa, dirigida ao sr. António Thomé:

«*Ill.º e Ex.º Sr.*—Os professores effectivos do lyceu de Lisboa, considerando-se solidários com os seus collegas na defesa dos direitos e garantias

do professorado, teem a honra de significar a v. ex.ª que adherem plenamente á representação, que é ao mesmo tempo um protesto, dos professores do lyceu de Coimbra, contra a inqualificavel violência exercida na pessoa de v. ex.ª pelo reitor d'esse lyceu.

Deus guarde a v. ex.ª—Lisboa, 1 de julho de 1897.—*Ill.º e Ex.º Sr. António Thomé*, dignissimo professor do Lyceu de Coimbra.

Ventura Faria de Azevedo, Pedro António Monteiro, José Simões Dias, Francisco Simões d'Almeida, Jerónimo Norway do Valle, Theodoro Gil de Figueiredo Carmona, Porphírio Henriques da Fonseca, Carlos Augusto Moraes d'Almeida.»

Do lyceu de Amarante:

«*Ill.º e Ex.º sr.*—A v. ex.ª, como primeiro signatário do nobre e alemtado protesto contra as prepotências e illegalidades perpetradas pelo reitor do lyceu central de Coimbra, pedimos o favor de, perante os collegas d'esse estabelecimento, se tornar intérprete dos nossos sentimentos de profunda sympathia e cabal adhesão ao referido desforço.

E, porque o attentado do reitor do lyceu de Coimbra não só offendeu os direitos e garantias do professorado português, mas além d'isso violou expressas e terminantes disposições legais, todos nós anciosamente aguardamos que o governo de sua majestade dê as providências que exige um caso de tal gravidade.

Deus guarde a v. ex.ª.

Amarante, 2 de julho de 1897.

Ill.º e ex.º sr. Clemente Pereira Gomez de Carvalho.

Os professores do lyceu d'Amarante:

Carlos José de Lima, João Leite de Moura, Bartholomeu Lopez Pereira, Alberto Vicente da Cunha Brochado, Domingos Teixeira Barbosa, Miguel Albano Cerqueira Coimbra, Augusto Cândido Esteves.»

Do lyceu de Bragança:

«*Ill.º e Ex.º sr.*—Foi necessário que os nomes respeitáveis de v. ex.ª e dos outros illustres collegas d'esse lyceu central, firmando um documento público e solemne, fôrçassem a crêr em toda a sua plenitude, tal era a impossibilidade moral, na desatinada prepotência do reitor d'esse lyceu.

Os abaixo assignados, professores do lyceu de Bragança, reconhecem que o desacato e ultrage de que foi victima o nosso estimavel collega António Thomé offendeu a dignidade, os direitos e garantias de todo o professorado; e que por tal motivo se impunha inexoravel a obrigação de reagir energeticamente contra um procedimento absolutamente intoleravel.

A fórma levantada e nobre que para esse effeito adoptaram os nossos illustres collegas de Coimbra tem merecido o geral applauso público e a nossa plena adhesão.

Conflamos em que o desagravo será completo; mas, em todo o caso, estamos firmemente resoltivos a prestar a nossa cooperação para qualquer procedimento ulterior que os nossos illustres collegas julgarem necessário.

Bragança, 2 de julho de 1897.

Ill.º e ex.º sr. Clemente Pereira Gomez de Carvalho.

Os professores do lyceu de Bragança:

João António Pires Villar, José Augusto Dias Poças, António Jose da Rocha, António de Sousa Pinto, Abílio Augusto de Madureira Peça, António Augusto Gonçalves Braga, Francisco Manuel Vaz, Abel Annibal de Azevedo, João Manuel d'Almeida Pessanha.»

Do lyceu de Leiria, enviaram o seguinte telegramma:

«Os professores do lyceu de Leiria approvam e louvam procedimento correcto e nobre dos seus collegas lyceu Coimbra no lamentavel conflicto com reitor.

Os professores Lyceu Leiria.»

LUCTUOSA

Está de lucto, pelo fallecimento d'uma sua irmã, o nosso amigo e correligionario sr. João Gomez Moreira, conceituado negociante d'esta cidade.

Conflicto de lentes da Universidade

Sr. redactor da *Resistencia*.—Peço a v. afineza de publicar no próximo número do seu jornal a carta juncta, que hontem remetti ao *Popular* e a outros jornaes de Lisboa e Porto.

Com toda a consideração, subscrevo-me
De V.,
Correl.º, e am.º, att.º, obg.º,
C. de V., 7—7—97.

Affonso Costa.

Sr. redactor:

Foi só hontem, pelas 9 horas da noite, que li, transcriptas no *Popular*, as phrases calunniosas que a meu respeito publicou a *Nação* com o evidente propósito de ferir a minha dignidade de homem e de professor. Apressei-me a desmentir-las telegraphicamente. Isso, porém, não basta. Agora, sobretudo, que a questão não é com um simples articulista, cujo nome, aliás, desejo conhecer para os devidos effectos, mas com a própria Câmara dos Pares, em que parece se levantaram dúbidas ácerca da correccão do meu procedimento como funcionário do Estado, o meu silencio já não é possível; e, embora com profundo desgosto, eu tenho de revelar ao público alguns dos factos que desejaria ficssem para sempre encerrados no seio da corporação a que me honro de pertencer.

A accusação que se me faz consiste no seguinte: que alterei ou falsifiquei as notas das cadernetas de collegas meus, e que ouvi as censuras e até as injurias que dois professores me dirigiram, por esse motivo, no dia 28 de junho.

O caso, porém, passou-se quasi ao inverso, como vou mostrar, expondo, não só a sùmmula dos acontecimentos d'esse dia, mas ainda alguns factos anteriores ao tal pretendido conflicto.

Em 9 de junho o sr. dr. Chaves e Castro, que pediu a sua aposentação, foi inspecionado por uma junta médica, que o declarou incapaz do serviço. Deixou, pois, de ir aos actos, coincidindo a sua falta com a do sr. dr. Fernandes Vaz, que, como digno Par do Reino, teve de ausentar-se para Lisboa.

De harmonia com o resoltivo na congregação de maio, eu fui substituir este ultimo professor,—sendo o sr. dr. Chaves, que tinha remittido para a mesa a sua caderneta, substituído, successivamente, pelos srs. drs. Dias da Silva e Teixeira d'Abreu e, agora, pelo sr. dr. Guilherme Moreira.

A caderneta estava numa das gavetas á disposição do professor que argumentava na respectiva cadeira, e era, depois de cada série de actos, examinada, como as demais, pelo jury, que assim procurava reunir todos os elementos necessários para uma justa decisão.

Ora foi numa d'essas consultas que eu e o sr. dr. Teixeira d'Abreu notamos o facto anormal de terem quasi todos os alumnos lições eguaes e haverem sido alteradas notas conhecidas de certos estudantes.

Depois de demorado exame foi para nós evidente que o sr. dr. Chaves *tinha transformado todas as notas más ou fracas dos alumnos que ainda não tinham feito acto em notas regulares*; e a verdade é que o facto não nos surprehendeu, como não vimos que surprehendessemos, durante vários dias, qualquer dos muitos collegas a quem o referimos. É que ao nosso conhecimento, pelo menos, tinha chegado, dias antes, um boato que explicava todas aquellas alterações.

Esse boato consiste em ter o sr. dr. Chaves declarado que *não deixava ao jury nenhuma nota má de qualquer dos seus discipulos*,—declaração que se tornava crível pela aproximação dos seguintes factos:

O sr. dr. Chaves, que ha mais d'um anno requereu a sua aposentação, fez sustar, em junho ou julho de 1896, o respectivo processo por motivos que não vêem agora para o caso. Correu desde entám que se aposentaria em dezembro. Fô-se ou não esse o intuito do professor, em todo o caso os alumnos, acreditudo na versão, dirigiram-lhe uma elogiosa mensagem (publicada e commentada em alguns periódicos), na qual pediram ao sr. dr. Chaves que acompanhasse o curso at-

ao encerramento das aulas e no periodo dos actos.

Parece que s. ex.ª não accedeu inteiramente ao pedido dos discipulos porque, mal começaram os actos, exigiu que o inspecionassem e deixou logo depois todo o serviço.

Ora é, pelo menos, provavel que o dr. Chaves fizesse a declaração que o insistente boato lhe attribuia a fim de minorar o descontentamento de alguns dos seus discipulos, que o viam afastar-se do 4.º anno antes de terminado o periodo pelo qual tinha sido pedida a sua permanência.

Fôse como fôsse, o facto não nos surprehendeu e, no meu pleno direito, apreciei-o, *entre collegas*, declarando-o, sem protesto de ninguem, irregular e perigoso, já porque, destinando-se a favorecer os maus estudantes, prejudicava afinal os bons, visto deixá-los privados da garantia que na sua frequência teriam contra as contingências do acto,—já porque tornava mais difficil a de si melindrosa função de julgar,—sendo até este um dos fundamentos allegados officialmente pelo meu collega dr. Teixeira d'Abreu para, no dia 23 de junho, se despedir dos actos do 4.º anno.

Devo acrescentar que, sabendo da saída do meu collega, me despedi tambem, sob fundamento de que só faria serviço naquelle anno quando o jury estivesse completo.

Era, porém, difficilissimo completá-lo, e por esse motivo foram os actos interrompidos. Afinal, sabendo-se que a Câmara dos Pares ia dar licença ao sr. dr. Fernandes Vaz para assistir, querendo, aos actos do seu curso, resolveu-se que os trabalhos recomencessem no dia 1 de julho com uma mesa composta dos srs. drs. Garcia e Vaz, professores do anno, e de mim, substituto nomeado para esse serviço pela congregação.

Sucedeu, porém, no dia 28 de junho, que,—estando eu na sala de espera a descansar das fadigas dos actos do meu curso e a conversar amigavelmente com vários collegas ácerca do comicio de Lisboa, realizado na vespera e em que eu tomara parte,—os srs. drs. Vaz e Assis Teixeira interpellaram-me ácerca da caderneta do sr. dr. Chaves e declararam, muito expressamente, que, segundo as afirmações d'esse professor, *a caderneta não tinha soffrido emenda alguma; e que, se as notas pareciam na quasi totalidade eguaes, não o eram todavia realmente, pois se distinguam umas das outras pela fórma como estavam escriptas*.

Era improcedente a defesa, e, sobretudo, nem sequer abalava a firme convicção do meu espirito. Propuz-me, por isso, dar aos collegas as razões do meu convencimento. E entám o debate animou-se bastante. Durante elle, proferi, em relação ao procedimento do sr. dr. Chaves, algumas phrases porventura desagradáveis e que liveram o condão de irritar os srs. drs. Assis Teixeira e Fernandes Vaz.

Eu estava rouquissimo. *SS. ex.ªs*, nomeadamente o sr. dr. Assis, repetiam, em voz alta e clamorosa, as minhas phrases, como que pedindo para ellas a maldição do próprio ceu.

Seria por essa razão que alguém suppôs ou quis suppor que o sr. dr. Assis me insultou? Não sei.

O que, porém, é incontestavel, é que nem s. ex.ª nem o sr. dr. Vaz me disseram palavra alguma offensiva. De resto, é o que toda a gente de são juízo vê logo: os meus collegas não seriam capazes de me insultar, nem eu seria capaz de o consentir.

Em resumo: os srs. drs. Assis e Vaz, e especialmente o primeiro, repetiram, em grandes brados, as palavras que eu disse em relação ao sr. dr. Chaves; e fizeram-m'o por tal fórma que alguns curiosos, agglomerados junto das janellas da sala, *quiseram acreditar* que essas palavras eram do sr. dr. Assis para commigo e não minhas para com o sr. dr. Chaves.

É, todavia, justo acrescentar que taes palavras differem bastante das que se lêem na *Nação*.

✕

Tal é, sr. redactor, a verdadeira exposição dos factos, que san do conhecimento de toda a gente sensata e digna de Coimbra, e que foram apresentados, no que respeita á altercação, or alguns professores da minha Faculdade.

Eu podia ficar por aqui. Mas não

quero terminar sem dizer a v., sr. redactor, que, logo depois da altercação, officiei, voluntariamente, ao sr. Decano e Director da minha Faculdade para lhe participar que, por *motivos supervenientes*, não podia voltar aos actos do 4.º anno.

Desde entám, pois, tebo feito serviço só nos actos do 2.º anno, á excepção dos dois ultimos dias, em que fiz tambem serviço no 5.º, em substituição d'um collega doente.

Por fim, sr. redactor, peço a publicação das 4 cartas que remetto por cópia, e cujos originaes ficam á disposição de quem desejar examiná-los.

Coimbra, C. de v.,
R. dos Militares, 38.—6
de julho de 1897.

(a) Dr. Affonso Costa.

I

CARTA DO DR. AFFONSO COSTA
AO SR. DR. FERNANDES VAZ

Ill.º e Ex.º Sr.—Tendo alguns jornaes noticiado falsamente que eu alterei as notas da caderneta de V. Ex.ª durante o tempo em que tive a honra de o substituir nos actos do 4.º anno juridico, peço a V. Ex.ª se digne declarar o que a este respeito é verdadeiro, auctorizando-me a fazer da sua resposta o uso que me fôr conveniente.—Com toda a consideração, subscrevo-me.—De V. Ex.ª,—cr.º, att.º, v.º, obg.º.—(a) Dr. Affonso Costa. (C. de V. Ex.ª 6—7—97).

II

RESPOSTA DO SR. DR. FERNANDES VAZ
AO DR. AFFONSO COSTA

Ill.º e Ex.º Sr.—Em resposta á carta de V. Ex.ª, agora recebida, declaro que, tendo entregado a V. Ex.ª a minha caderneta de apontamentos relativos á frequência dos alumnos do 4.º anno na minha aula de direito commercial, a mesma caderneta me foi restituída sem a menor alteração.

Pôde V. Ex.ª fazer d'esta o uso que julgar conveniente.—Com a devida consideração sou—De V. Ex.ª,—cr.º, att.º e v.º.—(a) Dr. Fernandes Vaz.—(C. de V. Ex.ª 6—7—97).

III

CARTA DO DR. AFFONSO COSTA
AO SR. DR. AVELINO CALLISTO

Ill.º e Ex.º Sr.—Tendo alguns jornaes noticiado falsamente que eu alterei as notas da caderneta do sr. dr. Laranjo e estando V. Ex.ª a substituir este nosso collega nos actos do 2.º anno, peço a V. Ex.ª se digne declarar o que a tal respeito é verdadeiro e que me auctorisar a fazer da sua resposta o uso que me fôr conveniente.—Com toda a consideração, subscrevo-me.—De V. Ex.ª,—cr.º, att.º, v.º e obg.º.—(a) Dr. Affonso Costa.—(C. de V. Ex.ª 6—7—97).

IV

RESPOSTA DO SR. DR. AVELINO CALLISTO
AO DR. AFFONSO COSTA

Ex.º Am.º e Coll.º—Em resposta á carta de V. Ex.ª com data de hoje, cumpre-me attestar que a pauta de frequência pertencente ao meu collega dr. Laranjo, e que tenho em meu poder, contém as notas authenticas do respectivo professor, sem a mais leve alteração; pelo que taes noticias devem ser consideradas, como são, calumnias impertinentes e malévolas.—Pôde V. Ex.ª fazer d'esta carta o uso que quiser.—Sou com a maior consideração—De V. Ex.ª—Coll.º, am.º e m.º att.—(a) Dr. Avelino Augusto Callisto.—(C. de V. Ex.ª 6—7—97).

OUTRA VEZ!

Ora vejam a austeridade e lisura, com que a veneravel *Revista Catholica* fulmina os erros dos *jacobinos*, que ella tem a caridade de ir inculcando ás ucharias de Satanaz!

É claro que nenhum interesse nos desperta o motivo d'este dize-tu, direi eu. Uma bugiaria que reconhecemos sómente apreciavel á má vontade dos guarda-barreiras da fé, propositadamente dispostos aos encontros e á rixa velha.

Visto, porém, que ha vagar, entre fazer colheres e apanhar mós-cas, optamos ainda por uma ligeira objecção ao paternal rigor do santo órgão.

Ninguém aqui affirmou que humildade christã era *synónimo* de porcaria!

E tudo o que sobre este pé architectou é pura *blague!*

A cathólica *Revista*, armando esta pia trapaça, para arranjar pretexto ao arremesso dos coriscos do seu anáthema, pratica um acto que no mundo profano e entre as orelhas mazellentas e gafas, d'antemão votadas ás labarêdas do alcatrão infernal, se chama muito singelamente — uma velhacada!

O que substancialmente se disse é que os hábitos da porcaria radicaram na educação das populações, visto que, durante séculos, o desprezo do aceio era manifestação de humildade christã e penitência religiosa.

É muito diverso!

A esta insignificante bisca, que decreto não vinha perturbar a tranquillidade dos crentes, retrucou a *Revista*, com sobrelenho de guarda-fiscal, e chamou-lhe — *brutalidade!*

Obtemperamos. E, como depois d'isso não achasse base a maior libello, falsificou o texto e torceu a interpretação, no vanglorioso intento de ministrar nova reprimenda, a fim de — *noutras occasiões sermos mais cautelosos no fallar!*

E condimenta: que nos *enfurecemos*; que *insistimos na calúmnia*, com que *pretendemos infamar esta virtude fundamental do christianismo tam amada do Divino Mestre!*

Que petisco!...

Todavia fica apurado que a *Revista* exorbitou. Por isso mesmo se viu forçada a carregar a parte com depoimento falso.

Isso basta. Percebe-se o intento; sempre a hostilidade ao *jacobino!*

A *jacobinagem*, com os seus respectivos pactos diabólicos, etc., é uma imagem de significação abstracta e vaga, inventada para servir de pretexto ás investidas da intolerância reaccionária.

É um espantallo, que se agita, para animar a milícia cathólica e dar pasto á retórica dos Pedros Eremitas, a bem dos seus cruzados novos!...

Gritando por tal fórma contra uma entidade, que infelizmente os deixa á vontade, parece que suas senhorias uma única coisa ambicionam: que os herejes iniciem contra elles uma nova era de Diocleciano, impingindo-lhes a palma triumphal do martyrio; e remettendo-os á bemaventurança celeste, assados em grelhas com molho de villão, ou crivados de settas com ginjas, como as lampreias doces!...

Havemos de pensar nisso!

Carta da Figueira

5 de julho de 97.

Escrevo dominado ainda pela impressão desagradavel de uma scena edificante praticada por um grupo de artistas ligueienses, hontem, na Praça Nova, depois da meia noite. O caso que indignou toda a gente que o presenciou passou-se assim: Uma fanfarra composta de varios músicos da philarmónica 10 d'Agosto acompanhada de muitos artistas veiu felicitar o sr. Silva, proprietario de uma casa de tabacos e bebidas, installada nos baixos do *Hotel Alliança*, na Praça Nova, pelo anniversario da fundação da mesma casa.

A fanfarra tocou, os músicos e mais acompanhamento foram bebendo, e

aquecidos, talvez, pelo vinho, dirigiram-se logo depois da meia noite, inconvenientemente, a um sujeito que passava com uma mulher.

Tres policiaes, que se encontravam alli, dirigiram-se ao grupo, que já era muito numeroso, pedindo-lhe que se retirassem e não insultassem quem passasse ou com palavras obscenas não offendessem que estava em suas casas.

A este pedido Côrtes e Justo responderam do grupo com chufas, e numa algazarra medonha quiseram agredir os policiaes, que com prudencia se foram retirando para a rua das Flores ao toque de corneta que nas praças de touros se usa para annunciar as pégas, e com ditos como este *d'unha, péga-o, péga-o*. O desbragamento de linguagem a todos escandalizava produzindo irritação profunda em todos os que assistiam áquelle *batuque*.

Não temos pela policia as sympathias que os seus exaggeros muitas vezes fazem alienar, mas não podemos deixar sem verberar, com toda a nossa energia, um procedimento inqualificavel, impróprio de uma classe tam numerosa e que conta no seio homens dignissimos e respeitaveis, que decreto se devem sentir vexados com um procedimento tão indigno.

A Figueira é uma estância balnear de primeira ordem, sendo todos os annos visitada por milhares de nacionaes e estrangeiros que concorrem para o seu engrandecimento e prosperidade. Se os artistas da Figueira continuarem a praticar scenas como as de hontem, que garantias d'ordem offerecem a quem aqui vem e que até hoje tem confiado na sua boa educação?

Na auctoridade não ha que confiar porque não é acatada nem ella faz por isso; em que confiar então?

É triste ter de narrar estes factos, porém é util fazê-lo para vergonha de quem os praticou e para que se não repitam.

Continua a affluir grande numero de banhistas. De manhã, na praia, já se encontra bastante concorrência e de tarde, pelo areal, andam grupos, num descuido lédo, gosando a brisa fresca do mar e o panorama admiravel que d'alli se observa.

Chegaram a esta cidade o sr. João Machado Feliciano e sua esposa, filha do conceituado industrial d'essa cidade, o sr. João António da Cunha, e que veem passar aqui a lua de mel; que ella dure sempre é o que lhe desejamos.

Tambem aqui está a fazer uso de banhos o sr. Manuel Augusto da Silva, nosso dedicado correlligionario, e D. Jayme Planas, sua esposa e filhos.

R.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Fizeram acto nos dias 5, 6 e 7 e ficaram approvados os seguintes alumnos:

Faculdade de Direito

1.º anno — José Pedro Dias Junior, José Ribeiro Castanho, Luis Augusto de Lima, Manuel José Gomes Braga, Manuel José de Paiva, Manuel Luis Ferreira Tavares, Manuel Moreira da Fonseca Junior, Manuel de Paiva Pessoa e Manuel Simões da Costa.

Neste anno houve 3 reprovacoes.

2.º anno — Joaquim do Nascimento e Sousa, Joaquim Pereira de Carvalho, José Alberto de Bianchi, José de Assis Coelho, José Augusto de Paula Nogueira, José Cesar de Carvalho e Vasconcellos, José Corrêa Nunez Junior, José Cosmelli Cancelli, José Emygdio S. Costa Cabral e José Ferreira da Silva e Sá.

Neste anno houve 3 reprovacoes e faltou 1 alumno a acto.

3.º anno — Jacintho Machado de Faria, João Augusto Vieira de Araujo, João Ferreira Gomez, João Marques Pereira Ribeiro, João Ramos da Cruz, João Rodriguez de Brito Junior, Joaquim Herculano de Freitas e Silva, Joaquim dos Reis Torgal, José de Albuquerque Pimentel e Vasconcellos e José de Almeida Botas Cardoso.

Neste anno houve 2 reprovacoes.

4.º anno — Gaspar Ferreira Baltar Junior, Cláudio Olympio Dias Antunes, Cosme de Campos Callado, Diogo de Ayt Leote, Eduardo Julio Corrêa de Barros, Eduardo de Sequeira Oliva, Eugênio de Carvalho e Silva, Francisco da Costa Borges da Gama.

Neste anno houve 1 reprovacao.

5.º anno — José Alberto dos Reis, José de Azevedo Fonseca e Moura, José Carlos Lopez, José Joaquim Cardoso, José Julio Cesar, José Leite Nogueira Pinto, José Maria Joaquim Tavares, José Nunez do Nascimento e José Sebastião Cardoso de Menezes.

Faculdade de Medicina

1.º anno — Neste anno houve 2 reprovacoes.

2.º anno — Manuel de Lucena, Manuel Xavier Ribeiro Vaz de Carvalho.

3.º anno — João da Silveira Malheiro, Joaquim Mathias Silvério.

4.º anno — Pedro Dória Nazareth, Francisco de Ascenção Ramos.

Faculdade de Mathematica

1.º anno — Ord.: António da Silva Paes, António dos Santos Cidraes, Agostinho Viegas da Cunha Lucas e Annibal Babo Telles. Vol.: António Ferreira de Sousa Junior e António Soriano Méndez Lages.

Obrg.: António de Barros Rodriguez, Francisco Perdigão, D. José Ignácio Castello Branco, Fernão de Moura Coutinho Fernández Thomaz, António Cesar de Almeida Rainha, Alfredo Lopez de Sequeira, Albano de Mello Pinto Veloso e António Nogueira Menezes de Almeida.

Neste anno houve 4 reprovacoes.

2.º anno — Ord.: António Roxanes de Carvalho, Eduardo Nogueira Lemos e José Collaço Alvez Sobral. Obr.: Álvaro Pereira Soares.

Neste anno houve 2 reprovacoes e faltou 1 alumno a acto.

Faculdade de Philosophia

2.ª cadeira (Chimica organica) Obrg.: António Lopez Malheiro, António de Oliveira, Arthur Annibal Fernández, Augusto Jorge Rodriguez Freire, Eduardo da Silva Pereira, Francisco de Paula de Carvalho e Vasconcellos, João de Mattos Cid, João Alvez Barreto, João Augusto de Couto Jardim, João Baptista Theotónio Varella, João Duarte de Oliveira, José Tavares Lebre, António da Rocha Manso, Luis Cândido Lopez, Luis de Oliveira, Manuel Joaquim Pires.

Nesta cadeira houve 7 reprovacoes e faltou 1 alumno ao acto.

CURSO DE ANÁLISE CHÍMICA

Vol.: D. Carlos de Sousa Coutinho, D. Manuel de Assis Mascarenhas e Pedro Paulo Bon de Sousa.

Neste curso houve 3 reprovacoes.

5.ª cadeira (Physica 2.ª parte) Ord.: João Ernesto Mascarenhas de Mello, António Pereira de Sousa Neves e Jayme Corrêa de Sousa.

Obrg.: Amílcar Augusto Queiroz de Sousa, António Cardoso Pinto, António Lopez de Moraes, Arthur Cândido Teixeira Guedes, Avelino Thomaz Cardoso, Eduardo Ferreira de Oliveira, Francisco António Honorato de S. Vaz, Francisco Manuel Dias Pereira, José de Almeida Rebello, José Augusto Pinto da Silva, José dos Santos Alvez, João Antunes Guimarães, João dos Santos Donato, José Xavier de Azevedo, Manuel Rodriguez Cruz, Raúl Lucas e Vicente Pedro Dias Junior.

6.ª cadeira (Zoologia) Obrg.: Alberto da Costa Teixeira, Alberto Rodriguez Pinto, João Antunes Guimarães, João dos Santos Donato, José Cypriano Rodriguez Dinis, Luis Flaminio Teixeira de Azevedo, Manuel Firmino da Costa, Manuel José da Costa Junior, Delphim Augusto da Silva Pinheiro, Carlos Henriques Lebre, Julio Peixoto Corrêa e Henrique Beato Dinis Miguens.

DESENHO (curso philosophico)

1.º anno — Alberto dos Santos Nogueira Lobo, Jacintho Humberto da Silva Torres, João Pessoa Junior, João Salema de Sousa Abreu Gouvêa, José Xavier de Azevedo, Libânio António Netto Afonso, Manuel Joaquim Pires, Mario Nogueira Gonçalvez, Salviano Pereira da Cunha, D. Sophia Júlia Dias Afonso de Mello e Silva Amorim, Filipe Cesar Augusto Baião, Vasco Nogueira de Oliveira, Vicente de Paula da Cá-

mara, Luis da Veiga Ottolini, Accácio Augusto Pereira da Costa, Alberto Guerreiro Peixoto da Cunha, José de Oliveira Xavier, Francisco António Coelho e António da Silva Paes

Neste anno houve 4 reprovacoes.

DESENHO (curso mathematico)

1.º anno — Carlos Faria Milanos, Manuel de Almeida, Tito Augusto de Moraes e Alberto Guerreiro Peixoto da Cunha.

2.º anno — Alexandre Alberto de Sousa Pinto, Eduardo Nogueira Lemos, Sebastião José Marques de Almeida e Sebastião Estácio Tello.

Neste anno houve 1 reprovacao.

3.º anno — Raul da Cunha Paredes, João Ribeiro Braga, Eugênio Trajano de Bastos Guedes.

CADEIRA DE GRÊGO

João Martins de Freitas, Manuel de Brito, Manuel Borges Pereira.

Nesta cadeira houve 3 reprovacoes.

CADEIRA DE HEBREU

António Manuel Pereira Ribeiro, João António de Aguiar, José Joaquim de Oliveira Guimarães Junior e Augusto Joaquim Alves dos Santos.

Nesta cadeira houve 2 reprovacoes.

Faculdade de Theologia

2.º anno — António de Almeida e Sousa.

3.º anno — Manuel Borges Pereira, Manuel António Barroso Coelho e Florindo Nunes da Silva.

5.º anno — Luis de Oliveira Alves Couto.

Noticias diversas

Por extincção da antiga filial que a casa Alçada & Mousaco da Covilhã tinha em Coimbra ha muitos annos, deixou de ser gerente d'aquella filial o nosso presado amigo sr. Cassiano Augusto Martins Ribeiro, que, por este facto, se vae estabelecer nesta cidade como mercador.

Mas, apesar do nosso amigo não ser já empregado dos srs. Alçada & Mousaco, continua a prestar-lhes o serviço de cobrança de débitos, auxiliando-os, assim, na liquidação da extincta filial, como aquella firma acaba de participar, por circular de 1 de julho.

Está provocando censuras o estado em que se encontram os taboleiros da ponte de Santa Clara.

As taboas desligadas e carcomidas offerecem em alguns pontos um sério perigo aos transeuntes incautos.

Na terça feira á noite a estupidez avinhada d'alguns graciosos arrancou uma taboa das muitas que estão soltas e decreto naquella occasião de grande concorrência ter-se-lhe dado desastre, a não ser a louvavel providencia de amigos nossos.

Acha-se nesta cidade o illustre escriptor, sr. Rocha Peixoto, da escola Infante D. Henrique, do Porto, em serviço de exames na escola Brotero.

Ao nosso prezado amigo sr. José Gomez Freire Duque endereçamos as nossas mais cordiaes felicitações pelo bom resultado obtido por seu filho Mário, nos últimos exames do curso preparatório dos lyceus.

Felicitemos conjunctamente o intelligente novato.

Encontra-se nesta cidade o distincto homem de sciência e antigo professor da Escola Médica do Porto, sr. dr. José Carlos Lopez.

Veio assistir á formatura de seu filho na Faculdade de Direito.

Um barbeiro da Hungria apostou que era capaz de fazer a barba a 28 pessoas em meia hora.

Ganhou a aposta, que era de 25000 réis, sendo todos os freguezes perfeitamente escanhoodos, sem que a

navalha do endiabrado barbeiro lhes offendesse a immundade da pelle.

O nosso estimavel amigo sr. Arthur de Sousa Moreira, acompanhado de sua gentilissima filha, tem estado em Coimbra, d'onde seguirá na próxima segunda feira para Mondariz.

Esteve nesta cidade o nosso prezado amigo e valioso correlligionario, sr. dr. António de Sousa Saraiva, distincto médico de Goes.

Revistas e jornaes

O *Jornal dos Romances* — Continua a sair com a maxima regularidade esta excellente publicação illustrada, unica neste genero em Portugal, e de que temos presente o n.º 12.

Para o próximo numero annuncia a Empresa a publicação de um interessante artigo sobre o *Espiritismo*.

O *Domingo Illustrado* — *Historia e litteratura*.

Recebemos os n.ºs 3, 4 e 5 d'este hebdomadario de Lisboa.

Destina-se, principalmente, á publicação da historia de todas as cidades e villas do reino e das freguezias que offereçam quaesquer circumstancias de importancia ou curiosidade.

Todos os numeros sam illustrados com os brazões d'armas dos respectivos concelhos, quando os possuam, ou vistas de monumentos, etc.

Os pedidos para assignaturas d'esta interessante publicação devem ser dirigidos a A. José Rodriguez, rua da Atalaya, 183, 1.ª Lisboa.

Risos Lisos. — *Revista litteraria quenzenal*.

Acha-se publicado o n.º 4 d'esta interessante revista.

Abre o presente numero por uma charge endiabrada á praga dos litteratos que por ahí abundam (a trinta e cinco a duzia), roidos pelo *morbus da litteromania*, ora empunhando na dextra a *durindana da Roland* e na sinistra a capa do Trovador, ora substituindo aquella pelos cirios dos enterros e a *centana* da hemisphada pelas gelosias dos mausoleus.

Com os nossos agradecimentos vam tambem os nossos maiores desejos de que o *litégo* com que está turzindo essa tropa de malfeteiros nunca chegue a produzir callos em tam abençoadas mãos.

Noticiário de Publicações. — Recebemos o n.º 3-bis d'este boletim trimensal, distribuido pela livraria de José Joaquim de Mesquita Pimentel, á rua de D. Pedro, Porto

Este boletim é distribuido gratuitamente a quem o requisitar.

Gazeta das Aldeas. — Temos presente o n.º 79 d'este interessante semanario, illustrado, de propaganda agricola e vulgarização de conhecimentos uteis.

Os bons resultados que colhi com a applicação do *CALLICIDA Franco*, auctorisam-me a considerá-lo o primeiro especifico contra os csillos, assim o tenho recommendado aos meus amigos. Figueira da Foz. — José Lucas da Costa.

Alviçaras

Dam-se a quem entregar na Quinta da Nazareth, á Arregaça, ao ex.º sr. Ruy da Cámara, um relógio e corrente d'ouro, tendo numa das lampas gravadas as iniciaes M. B., encimadas por uma corôa de visconde. Foi perdido na noite de domingo 20 do corrente, desde o Hotel Mondego até á rua Sá da Bandeira.

VENDA

Vende-se em Coselhas uma linda vivenda, que se compõe de casas de habitação, recentemente construidas, que accomodam familia numerosa; casas para caseiro e arrecadações, grande quintal de excellente terreno com muita água, arvôres de fructo, videiras, etc. É um sitio muito pittoresco e aprazivel, tendo estrada de macadam até ao local.

Facilita-se a acquisição

Está encarregado da venda, o sollicitador João Marques Mósca, residente no Pateo da Inquisição,

PROBIDADE

Companhia geral de seguros

Sociedade anónima
de responsabilidade limitada

CAPITAL 2.000.000\$000

Rua Nova d'El-Rei, n.º 99, 1.º

Lisboa

Effectua seguros contra incêndios.

Correspondente em Coimbra,
Cassião A. Martins Ribeiro.—
Rua Ferreira Borges, 165, 1.º.

Vende-se

Uma bomba de grande pressão, com os tubos de cobre, própria para tirar água, e vendem-se também dois pares de rodas para carro alemtejoano ou de bois.

Trata-se com Francisco Nogueira Sacco, Terreiro da Erva, Coimbra.

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfeitos do país

Excellentes águas minerais para doenças de pelle, rheumatismo, estômago, garganta, etc.

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM

(BEIRA ALTA)

Abertura do estabelecimento thermal em 1 de maio
e fecha em 30 de novembro

Abertura do Grande Hotel Club em 15 de maio

Grande Hotel Club

Com estação de correio e telegrapho, médico e pharmácia e casa de barbear.
Magníficas accomodações desde 1\$200 réis, compreendendo serviço, club etc. Bonus para os médicos

O Estabelecimento Thermal comprehende 64 banheiras de 1.ª a 5.ª classe; duas salas para duchas, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverização e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette. É sem dúvida o melhor do reino, e mais barato. — Viagem — Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas (BEIRA ALTA) e d'ahi 5 kilómetros em bons carros. A estação de Cannas na linha férrea da Beira Alta está directamente ligada com todas as linhas férreas hespanholas que entram em Portugal por Badajoz, Cáceres, Villar Formoso, Barca d'Alva e Tuy. — Para esclarecimentos: — Em Lisboa: rua do Alecrim, n.º 125, referente ao estabelecimento balnear, e rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel. — Correspondência para as Caldas da Felgueira, ao gerente da companhia do Grande Hotel. — As águas engarrafadas vendem-se nas pharmácias e drogarias e no depósito geral, PHARMACIA ANDRADE, rua do Alecrim, 125. — A exploração do Hotel fica este anno a cargo da Companhia do Grande Hotel Club.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

50, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal Hydraulica: Grande depósito da Companhia Cabo Mondego. — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e óptica: Agência da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas eléctricas, olhos e lunetas e todos os maisapparehos concernentes.

Tintas para pinturas: Alviades, óleos, agua-raz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casás, moinos e torradores para café, máchinas para moer carne, balanças de todos os systemas. — Redes de arame, zinco e chubo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietários e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystófle, metal branco, cabo d'ébano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglesas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro mesa, lavatório e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

ÁGUA DAS LOMBADAS

ILHA DE S. MIGUEL — AÇORES

Água gazosa natural a mais pura para mesa. Não contém micro-organismos.

Coimbra — Pharmácia e Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª.

CALDAS DA AMIEIRA

Abertura do estabelecimento thermal no dia 15 de maio

As ÁGUAS CHLORETADAS DA AMIEIRA usam-se com grande resultado no tratamento da escrophulose, rheumatismo, moléstias de pelle ainda as mais rebeldes, syphilis, padecimentos de estômago, figado e baço, inflammações de quaesquer órgãos, útero, ovário, intestinos, leucorrhœas, anémia e chlorose.

A administração do hotel estará a cargo do sr. José Maria Rodrigues, de Coimbra, havendo nelle, entre outros muitos divertimentos communs a todos os hospedes, uma boa sala de recreio com piano, salão de bilhar, bonitos passeios, lagos com botes, etc. etc.

Preços, incluindo todo o serviço de quarto e mesa, de 1\$000 a 1\$200 réis diários.

Para quaesquer esclarecimentos dirigir-se á séde balnear; depósito em Lisboa — rua de S. Julião, 142, 1.º.

CALLICIDA

Privilégio Exclusivo



Extracção dos callos sem dor em 5 dias

Desconto convidativo para revender

Depósitos — Lisboa: Leandro de Freitas, rua da Prata, 231; Porto, José Maria Lopes, rua do Bom Jardim, 12; Coimbra, Rodrigues da Silva & C.ª; e em todas as cidades e principaes villas do continente.
Africa — Loanda, José Marques Diogo.
Brasil — Rio de Janeiro: Silva Gomes & C.ª; Pernambuco: Guerra Fernandes & C.ª, rua do Duque de Caxias, 47; Bahia: Francisco de Assis e Souza; Maranhão: Jorge & Santos.

Exija-se nos depósitos um prospecto que ensina o modo de usá-lo e previne as falsificações. Ha um só depósito em cada terra.
Pedidos ao auctor: António Franco, Covilhã.

REMEDIOS DE AYER

O Remedio de AYER contra sezões. — Febres intermitentes e blisas

Peltoral de Cereja de Ayer. O remédio mais seguro que ha para curar a Tosse Bronchite, Asthema e Tuberculos pulmonares.
Frasco, 1\$000 réis meio frasco, 600 réis.

Todos os remédios que ficam indicados sam altamente concentrados de maneira que sabem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas Catharticas de Ayer. — O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.

Frasco, 1\$000 réis



O Vigor do Cabello DO DR. AYER,

Impede que o cabelo se torne branco e restaura ao cabelo grisalho a sua vitalidade e formosura.

Perfeito desinfectante e purificante de Jeyes para desinfeciar casas e latrinas, tambem e excellent para tirar gordura ou nodos de roupa, limpar metaes, e curar feridas. — Preço 240 réis

Depósito — James Cassels & C.ª, rua do Mousinho da Silveira, n.º 85, 1.º. — Porto.

COIMBRA

Bairro Novo de Santa Cruz

Rua Raymundo Venâncio Rodrigues

VENDE-SE

A grande propriedade, por seu dono se retirar para fóra, constando de casa solidamente construída e a mais bem localisada, com grandes e espaçosas salas e quartos, banheiro e chuveiro, latrinas de patente, despensas, celeiro, cavallaria, gallinheiros e pombal, água e gaz encanados, tanques, lampiões e candieiros, jardim, terreno para horta e bacello, e já com muitas árvores de fructos, poço com muita água nativa e bomba de pressão.

Vende-se tambem, e juntamente com a propriedade, todos os moveis e utensilios, que na mesma contém.

Trata-se na mesma das 9 horas ao meio dia, e das 3 ás 5 da tarde nos dias úteis.

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fábrica de Corôas e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sã da Bandeira, 251 — Porto

10 CASA filial em Lisboa — Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Único representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17 — ADRO DE CIMA — 20



EXTRACTO COMPOSTO DE Salsaparrilha de Ayer.

Para a cura effizaz e prompta das Molestias provenientes da impureza do Sangue.

TONICO ORIENTAL

Marca «Cassels»

Exquisita preparação para aformosear o cabelo — Extirpa todas as affecções do craneo, limpa e perfuma a cabeça.

Agua Florida (marca Cassels). — Perfume delicioso para o lenço, o toucador e o banho.

Sabonetes de glicerina (marca Cassels). — Muito grandes, qualidade superior.

Á venda em todas as drogarias e lojas de perfumarias. Preços baratos.

Vermífugo de B. L. Fahnestock. — É o melhor remedio contra lombrigas. O proprietário está prompto a devolver o dinheiro a qualquer pessoa a quem o remédio não faça o effeito quando o doente tenha lombrigas e seguir exactamente as instrucções.

(2.ª publicação)

11 No dia 18 do próximo mês de julho, por 11 horas da manhã, á porta do tribunal judicial d'esta comarca, sito na Praça 8 de Maio, pelo inventário de menôres a que, pelo cartório do escrivão do 1.º officio, Camillo, se procede por óbito de Joaquim Gomes, morador que foi em Alcarraques, freguezia de Trouxemil e em que é inventariante a sua viuva Maria Costa, moradora no dito lugar, vam á praça para serem vendidos a quem maior lance offerecer sobre o seu preço, os prédios abaixo descriptos, pertencentes ao casal inventariado, com a condição de os arrematantes pagarem á sua custa toda a contribuição de registro, a saber:

1.º Uma casa de habitação em mau estado, sito no lugar de Alcarraques, freguezia de Trouxemil; vae á praça em de-soito mil réis.

2.º Uma leira de terra de sementeira no sitio da Barroca, limite d'Alcarraques, freguezia dita; vae á praça em dezaseis mil réis.

3.º Uma leira de pinhal no sitio da Serra, limite de Rios Frios, freguezia de Vil de Mattos; vae á praça em dezaseis mil réis.

E sam citados quaesquer crédores incertos.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de Direito,
Neves e Castro.

BANCO COMMERCIAL DO PORTO

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

Dividendo do 1.º semestre de 1897 — 1\$500 réis por acção. Paga-o Basilio Augusto Xavier d'Andrade, rua do Visconde da Luz, n.º 15, 1.º

Banco Alliança

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

Dividendo do 1.º semestre de 1897 — 1\$500 réis por acção. Paga-o Basilio Augusto Xavier d'Andrade, rua do Visconde da Luz, n.º 15, 1.º

Arrendamento

João Mathews dos Santos arrenda a grande loja do Carmo que serviu de celeiro ao sr. Arioza.

CASA PARA ARRENDAR

Leonarda Forjaz, arrenda a parte sul da sua casa da rua da Ilha.

Recebem-se propostas, na quinta dos Platanos á Bemcanta, onde se encontram as chaves, para ser vista.

"RESISTENCIA,"

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR — Joaquim Teixeira de Sá

Condições de assignatura

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno..... 2\$700

Semestre..... 1\$350

Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 2\$400

Semestre..... 1\$200

Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis — Repetições, 20 réis. — Para os srs. assignantes, desconto de 50 p. c.

LIVROS

Annunciom-se gratuitamente indus aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. J. França Amado — COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 249

COIMBRA — Domingo, 11 de julho de 1897

3.º ANNO

Ha quatro séculos

Estuava entám na alma portuguesa o entusiasmo ardente dos grandes commettimentos, o épico ardór de emprézas grandiosas. Alma de português era alma de heroe, e Portugal um ninho d'águas alcançadas sobre o mar, para onde desferiam o vôo audacioso que nos deu a Índia maravilhosa das riquezas orientaes.

Uma a uma tínhamos ido descobrindo as ilhas preciosas escondidas no seio do mar immenso e desconhecido, envoltas na neblina perlada das ondas alterosas, defendidas pelas phantasiosas lendas do tenebroso mar. Aos olhos deslumbrados do mundo todo fomos descobrindo paragens ignotas de mysteriosas terras, fomos arrancando ao seio das águas a curvatura ainda não vista de continentes mal sonhados.

De vez em quando largavam da costa, a engolhar-se nas ondas tenebrosas, barcas á ventura, de pesados mastros e construcção ingénua. Não arfavam dentro d'ellas caldeiras formidaveis de vapor potente, nem revolviam a água em ondas as rodas movidas por machinismos complicados. Apoderavam-se dellas os ventos, e, de velas pandas, lá iam voando pela crista das ondas, como grandes aves do mar, de azas brancas muito abertas. E dentro d'esses navios toscos, que a náutica não aperfeiçoara ainda, meia duzia de homens, de almas de heroes e músculos de bronze, iam perder-se no largo mar.

Brilhava-lhes nos olhos a luz da audácia, soltavam-se-lhes dos lábios canções heróicas, e deixavam-se levar na descoberta do desconhecido, a devassar segredos do Mystério...

De tantos que saíam, ora um ora outro vinha voltando a noticiar aos que cá ficavam na áncia desesperada de tambem partir, o descobrimento de novas terras, d'outras gentes e de costumes novos.

Almas inquebrantaveis, que as trabalhosas canceiras do mar não logravam enfraquecer, communicavam o ardór da sua esperanza, o resultado das suas fadigas, insuflavam em cada homem o entusiasmo da sua alma, e lá partiam novamente á descoberta de novos mundos.

Tempos que não voltam mais, em que cada peito lusitano era um roseiral de heroismos, em que cada alma de português era um centro de energias formidaveis,

E arrancámos entám ao Oceano insondado ilhas perdidas no meio do mar, que surgiam do seio das águas como jardins maravilhosos, luxuriantes de vegetação e de verdura; rasgámos o mysterioso véo, feito de nevoeiros e entretecido de lendas tenebrosas, que escondia aos olhos do mundo praias extensas de vastos areas ardentes, onde iam quebrar-se, bramindo iradas, as vagas do mar ainda não vencidas. E a pouco e pouco fomos dando ao mundo, abrindo á civilização, largos caminhos antes de nós não percorridos nunca.

Cyclo épico de heroismos inominados esse glorioso tempo em que Portugal era para o mundo um berço de gigantes; época fulgurante de immorredouros nomes, que deram ao velho mundo mundos novos, e a Portugal uma epopéa grandiosa de inenarraveis feitos.

Hoje, raça de heroes degenerada em *lazzaroni*, sentimos na alma desfallecida a nostalgia saudosa d'essa glória antiga, e vamos entretecendo as lúgubres agruras do presente com os raios luminosos dos tempos idos. Anões a admirar gigantes, deixámos afundar miseravelmente uma nacionalidade nobre, entretendo-nos a levantar os olhos myopes para rostos d'águas que não enxergámos sequer.

E longe de buscar alentos nas strénuas dedicações dos nossos heroes lendários; em vez de bebermos, nessas fontes caudales de virtudes e de civismo, a força que nos arranque da vergonhosa decadência d'hoje para um futuro de resurgimento e de honra, permanecemos, — miseraveis que nós somos! — de braços caídos e olhares de saudade, na contemplação lugente do que outr'ora fomos...

E para isto celebrámos, em manifestações festivas de pomposos centenários, os nomes grandiosos e immortaes de Vasco da Gama, do Infante D. Henrique, de Camões, e ámanhá de tantos outros, — porque em cada anno poderemos celebrar o nome d'algun heroe...

E do passado luminoso não arrancaríamos luz para o nosso futuro de trevas.

Assim como do nosso passado d'honra não tirámos honra para as vergonhas d'hoje.

Raça abastardada, sem estímulo, sem consciência e sem caracter...

Foi mandado superiormente que se procedesse á avaliação dos conventos de Santa-Anna e Celas e ao inventário das suas riquezas artisticas.

A burla dos orçamentos

II

Promette mais, no seu relatório, o ministro da fazenda converter em saldo positivo de 132.174.8497 réis o deficit apresentado na importância de 2.697.826.503 réis.

Como? Pondo em prática o velho processo da burla e da mentira.

E, se não, vejamos.

Pelo contracto de 9 de fevereiro de 1895 foi fixado em 21.000 contos o limite máximo da dívida do Estado ao Banco de Portugal e em 63.000 contos o da circulação fiduciária.

Foi com successivos empréstimos do mesmo Banco e com successivos augmentos da circulação de notas que o gabinete transacto conseguiu fazer face ás despêsas avultadissimas que exigiam todos os seus esbanjamentos e todas as suas imprevidências.

Afóra os calotes aos empreiteiros e fornecedores do Estado, afóra a redução a dinheiro dos bens pertencentes á fazenda nacional, afóra ainda outros expedientes mais engenhosos, e por isso mesmo mais infames do que os do célebre Marianno.

E d'esses mesmos processos que o ministro da fazenda tenta lançar mão, como vamos vêr.

Estando a dívida ao Banco de Portugal em 20.357.458.669 réis, resta ao governo pedir, para atingir o limite máximo, a quantia de réis 642.541.331.

Tendo atingido a circulação fiduciária 60.562.190.250 réis, pôde o governo augmentá-la na somma de 2.437.809.750 réis.

Utilizando-se, pois, d'estes expedientes, pôde o governo arranjar ainda a quantia de 3.080.451.081 réis, isto é, um saldo positivo de 382.524.578 réis.

E eis ahí o plano do sr. ministro da fazenda.

Miseravel plano! Contrair empréstimos para os lançar á conta de receitas como poeira aos olhos dos que não querem vêr!

Nenhumas economias, nenhuma reduções nas despêsas desnecessárias!

É bom notar ainda que no orçamento do sr. Ressano Garcia figuram sómente as despêsas ordinárias e extraordinárias. Faltam alli as superfluidades, que consomem quasi outro tanto, sem que se consiga saber d'onde vem o dinheiro para ellas.

E os empréstimos do Banco e os augmentos da circulação fiduciária, se podem servir de último recurso para cobrir o deficit orçamental e produzir um saldo positivo, que ha de custar lágrimas de sangue ao povo, que não sabe como resolver-se a pôr còbro a tanta desvergonha, de modo nenhum podem bastar para essas despêsas em que os gabinetes progressistas foram sempre os mais fertes.

Recorre-se, pois, ao empréstimo, ao penhor.

E assim se podem servir todos os caprichos do real patrão.

Mas antes da degradingolade final não ha de haver neste país um revolvêr de nójo e de indignação, que ponha termo a toda esta bambochata ignobil, a todas estas infâmias de um regimen que se atasca num pantano de podridões?

Martins de Carvalho

Está gravemente enfermo este venerando jornalista do *Conimbricense* e o decano do jornalismo português.

O sr. Martins de Carvalho, que pelo seu caracter e máscula intranigência das suas opiniões se tem tornado verdadeiramente notavel no nosso meio, é um jornalista de altíssima consideração em todo o país.

Desejámos o restabelecimento do respeitavel velho, e que em breve possa entregar-se de novo ao seu trabalho do *Conimbricense*, a que tem dedicado tanto carinho e energia sobrehumana.

No Oriente

Ainda não estão concluidas as negociações de paz entre a Grécia e a Turquia.

Por onde se vê que a diplomacia européa continúa na sua marcha vagarosa, d'uma morosidade desesperadora, que, se no começo da questão foi causa do rompimento das hostilidades entre as duas nações belligerantes, não está sendo agora menos prejudicial á Grécia vencida.

A Turquia está abusando indecorosamente da triste situação dos seus inimigos, sem que as chancellarias das potências aliadas se resolvam a pôr um termo á espectativa dos grêgos, obrigando a Sublime Porta a terminar, de vez, com exigências abusivas.

Alguns jornaes do estrangeiro começam já emitindo a opinião de as potências se resolverem a impôr-se enérgicamente á Turquia, no sentido de se abreviarem as negociações, que mercê da morosidade com que têm sido conduzidas, estão produzindo consequências assaz prejudiciaes para a Grécia.

Acha-se já quasi inteiramente demolido o arco que, á entrada da rua da Ilha, ligava a Sé Velha á casa do sr. Serpa.

A demolição da casa que se havia feito sobre o arco e que pertencia á junta de paróchia de Sam Christovam, e a das casas da imprensa que foram condemnadas pela restauração do claustro, deixam agora perfeitamente livre o velho templo, em grande parte encoberto por estas construcções inúteis e sem caracter.

Seria bom que se aproveitasse a occasião para restaurar o cunhal da Sé Velha que foi em tempo cortado para permitir a passagem de carros pela rua da Ilha.

Obstar-se-la ao estreitamento da rua, produzido por esta obra, expropriando uma pequena parte da casa do sr. Serpa, cortando o cunhal da obra, o que não prejudicaria nem a solidez da casa nem as linhas geraes da fachada que deita para o largo da Sé.

Carta de Lisboa

SUMMÁRIO.—A politica no verão.—Lourenço Márquez.—As noticias da imprensa estrangeira.—Declarações do governo.—Os progressistas renegando tudo.—Apprehensão da «Marselhesa».—Querellas contra o dr. Madureira.—Tyrannas e tolos.—Coimbra em Lisboa.—O que o povo entende por «hakeros».—Calúmnias entupidas.—Dois Solares.—O dos Merdelins e o dos Ligoaçãs.—Como se governa no ultramar e como se fazem heroes.

9 de julho

Accumulam-se pela semana fóra os casos políticos.

De todos os lados surge lama. Todos os dias teem apparecido factos que denotam a necessidade imperiosa de se pôr termo a isto que todos vimos aturando.

D'antes, nestas épocas de calma, pouco havia que dizer, em politica.

Agora abunda matéria de sobra. É que a devassidão do regimen já não dá férias.

Rebenta todos os dias, por todos os póros.

Felizmente a opinião responde á situação.

Era costume o verão ser uma época d'adormecimento e de touros para o grande público.

Neste anno não se vê isso. Ha um vivo mal estar. Mostram todos os espiritos uma grande preocupação no futuro e uma profundíssima revolta pelo presente.

×

A eterna questão de Lourenço Márquez absorveu grande parte da semana.

A revelação feita por um jornal inglês de que se constituira um syndicato boer-allemao, ao qual seria concedida toda a região de Lourenço Márquez, como o porto, alfândega e administração, produziu um alarme, aliás bem justificado.

A proposta apresentada pelo ministro Barros Gomes — o do *ultimatum* — para as obras de Lourenço Márquez poderem ser feitas por uma companhia justificou esse alarme.

Fez entám o governo provocar declarações sobre o assumpto no *Solar*, no intuito de não deixar desvair a opinião.

Essas declarações foram, porém, até certo ponto mais compromettedoras.

O sr. dr. Latanho, que parece ser o *leader* do *Solar*, com grande desgosto do sr. Alpoim, fez duas perguntas claras, cathegóricas, que foram estas:

«1.ª Tem o governo entablado relações com qualquer syndicato estrangeiro para a constituição d'uma companhia destinada a explorar ou administrar Lourenço Márquez?

2.ª Para o caso de ser approvada pelas câmaras a hypothese de poderem as obras do porto de Lourenço Márquez ser realizadas por uma companhia portugueza, tem o governo já estabelecido relações com qualquer entidade, banco, companhia, casa bancaria, ou capitalistas, para a eventual constituição da referida companhia?»

Referindo-se á primeira disse o ministro da marinha que não tinha sequer conhecimento de qualquer syndicato boer-allemao que quizesse explorar ou administrar Lourenço Márquez. Por conseguinte deixou crer que sabia de qualquer syndicato, não boer-allemao, que tivesse essa aspiração.

Referindo-se á companhia, disse que não podia explicar, á câmara, o motivo por que propuzera a constituição da companhia e que só podia explicá-lo na commissão de marinha.

Que segredo será este? Que motivo será o que não pôde ser apresentado a público?

Numa questão d'esta ordem não pôde haver mysterios.

Confessá-los é impôr a suspeita, o medo.

De resto, a opinião tem neste assumpto que manter-se na attitude que o governo chama de desvairamento e que nós denominaremos de receio e de dignidade.

Perante as impertinentes noticias da imprensa estrangeira a nação não pôde deixar de inquietar-se.

E como ham de ser consideradas palavras sagradas as proferidas pelos homens que estão no poder se elles, com uma indignidade sem igual, renegaram no governo tudo quanto prometteram na opposição, se fazem hoje aquillo que hontem tanto censuraram?!

X

Renegaram quanto disseram, disse. Fazem hoje o que hontem censuraram, accrescentei.

É pura verdade.

E fazem-no com um desplante que se torna incrível, com uma indignidade que é assombrosa.

Só nesta semana foram intentadas duas querellas contra o dr. Joaquim Madureira:—uma por ter publicado na *Marselheza* o agravo, de que já lhes fallei; outra por ter publicado o mesmo agravo em folheto.

É sabido demais que a gente que ordenou estas querellas, os heroicos filhos de Passos, bramaram hontem desalmadamente contra a lei das *rolhas* e contra a sua execução.

Pois ahí estão elles a executar essa vilíssima lei...

Na quarta feira foi apprehendida pela policia a *Marselheza*.

Tambem os bons filhos dos Passos berravam contra as apprehensões dos jornaes, proclamando-as como um inadmissivel attentado e até, creio, como o que ellas realmente sam—um roubo.

Pois ahí estão os mesmíssimos filhos dos Passos a apprehender jornaes, a roubá-los aos vendedores...

Para que se veja que esta medida é, além de tudo, de burros, convém referir que, em seguida á apprehensão, a *Marselheza* foi vendida a 40 réis cada exemplar.

Quer dizer: o interesse do público pelo jornal augmentou.

As idéas que elle exprimia foram por conseguinte mais attendidas pelo público.

X

Coimbra tem absorvido muito as attentões da capital.

Primeiro, foi o conflicto no lyceu, ainda não esquecido.

Depois, o caso da Universidade.

A epilepsia do reitor do lyceu fez com que as classes menos illustradas soubessem o que vinham a ser os *kikeros*.

A questão era aqui quasi completamente desconhecida.

Conhecida a questão e conhecido o procedimento do reitor, succedeu que da linguagem do povo desapparecessem obscenidades vulgares.

Assim ouve-se hoje dizer — que *kikero!* que grande *kikero!* para significar o pensamento que d'antes se exprimia com qualquer palavra grosseira.

Quanto ao caso da Universidade, era de ver, no dia em que o *Popular* publicou as calúmnias, primeiro estampadas na *Nação*, as expressões d'alegria, os ditinhos a que se atreviam os que vivem dentro do chavascal formado pelos partidos monarchicos. Espojavam-se de contentamento, em delirio quasi.

Mas appareceu o telegramma do sr. dr. Affonso Costa e os ânimos ficaram já meio entopidos perante aquellas palavras firmes, dignissimas. Ainda, porém, tinham forças para murmurar: — Que se havia de ver o resto...

Foi publicada depois a carta do illustre lente, com as provas das suas affirmações.—Os ânimos entupiram entám de todo, deixando cair a orelha, numa attitude que chegava a inspirar dó.

Essa carta e essas provas foram recebidas com o maior interesse e provocaram a mais viva impressão, mesmo para aquelles que, quando a calúmnia appareceu, não puzeram em dúvida, um momento sequer, que ella o era, e infamíssima.

X

O último caso, pondo em evidência o conde de Lagoaça, e collocando-o como um symbolo da chamada câmara dos pares, veio trazer a esta uma designação que ha muito se procurava.

Convertida a câmara dos deputados em *Solar dos Merdelins*, não era justo que a dos pares, sem complemento, ficasse com a sua antiga designação, sem um *sobriquet* suggestivo.

D'onde o ficar ella denominada *Solar dos Lagoaças*.

Parece-me bem.

O que não sei é qual dos Solares fica pelo nome dando peor cheiro.

Os leitores que digam.

X

O aphorismo popular: — *muito medo, pouca vergonha* — e a sua inversa estão politicamente sendo d'uma incontestavel verdade.

Que medo por ahí vai! Que afflicções! Que sustos!

A espionagem anda cada vez mais desenfreada: reapparecem *buffos*, largo tempo escondidos.

Em cada esquadrão e em cada companhia da guarda municipal encontram-se nada menos de 30 praças de prevenção permanente.

E agora, até o sr. D. Carlos mandou ir duas peças de artilheria, de tiro rapido, para o seu yacht *D. Amelia*.

Fazem rir...

X

De Gaza as últimas noticias sam péssimas.

E' para registrar que um jornal, muito temente a Dens e ao rei, disse isto sobre as causas da revolta:

«Diz-se que a revolta de Gaza se deve ao mau governo do sr. tenente Couto, ao seu estado permanente de embriaguez, ás suas prepotências, ás suas crueldades, aos seus roubos, ás suas immoralidades, etc.

O imposto de palhota no sul é de 23250; o sr. Couto exigia, se é verdade, a cada preto, 63750».

Outras informações confirmam estas.

Ora este tenente Couto é um dos officiaes que o sr. ministro da marinha apresentou ao Solar como um heroe, pedindo para elle a pensão de 300:000 réis.

F. B.

O conflicto no Lyceu

Apresentou-se no sabbado no lyceu o sr. Conselheiro Amorim, que, como dissemos, foi superiormente encarregado de proceder á syndicância pedida pelo sr. Gonçalvez Guimarães. S. ex.^o começou já os seus trabalhos de indagação sobre as causas próximas e remotas do conflicto que tanto tem agitado a opinião, e por isso não diremos a este respeito nem uma palavra mais enquanto a syndicância durar.

Dizemos sómente que os professores do lyceu, confiando absolutamente na integridade de character que todos reconhecem no sr. Conselheiro Amorim, têm a certeza de que da syndicância se apurarão só factos conducentes a que se lhes faça justiça.

Mas outro facto se praticou no lyceu de Coimbra, que em nada se complica com aquelle sobre que se vae syndicar, e que é já do domínio do público — a nova arbitrariedade do sr. Gonçalvez Guimarães, entregando a reitoria a quem por modo nenhum devia exercê-lo.

A este respeito deram-se incidentes curiosos, que sam dignos de quem os praticou.

O ministro do reino, apenas soube da nova arbitrariedade do sr. Gonçalvez Guimarães, procedeu immediatamente, e honra lhe seja, no sentido de remediar a illegalidade commettida. E immediatamente telegraphou para o lyceu de Coimbra ordenando a quem abusivamente estava exercendo funcções que lhe não competiam, que se entregasse a que de direito pertencem. Pois o sr. Teixeira, tendo recebido aquelle telegramma no dia seguinte ao em que recebeu a reitoria, na manhã de quarta feira, callou-se com a ordem recebida e continuou pavoneando-se com funcções que só seriam desagradáveis e vexatórias para um homem de brio, visto o modo como as tinha recebido e as circunstâncias melindrosas em que se encontrava o sr. Teixeira ao recebê-las.

E se hontem não se apresentasse no lyceu o sr. conselheiro Amorim, que vinha convencido de encontrar já como reitor o professor a quem competia sê-lo, ainda agora o sr. dr. Manso Preto não estaria investido das funcções de reitor, continuando assim o ludibrio feito á lei e ás ordens terminantes do governo.

Mas cumpriu-se finalmente a lei, e a reitoria foi hontem entregue ao sr. dr. Manso Preto por um officio do sr. Manuel Joaquim Teixeira.

Depois d'esta ordem do governo, restabelecendo a lei offendida e reparando um agravo feito pelo sr. Gonçalvez Guimarães, de cumplicidade com o sr. Teixeira, ao professor sr. dr. Manso Preto e aos outros professores com que aquelles cortaram as relações, em que miseravel e vergonhosa situação ficaram aquelles dois irmãos siamêses, em que não tem havido em toda esta questão um vislumbre de pudor?

Que o público julgue deste facto, como já nos precedentes lavrou contra ambos a sua condemnação.

Conflicto de lentes da Universidade

Sr. redactor da *Resistencia*. — Li em o n.º 248 do seu jornal uma carta assignada pelo sr. dr. Affonso Costa, em que este senhor me calumnia, faltando redondamente á verdade, e por isso permitto-me que eu venha em desagravo restabelecer a verdade deturpada e confundir o calumniador.

O sr. dr. Affonso Costa, depois de expôr os motivos por que foi aos actos do 4.º anno de direito em minha substituição, diz que, estando em uma das gavetas (*da mesa dos actos?*) a minha caderneta, que eu tinha remettido para a mesa, á disposição do professor que argumentava na respectiva cadeira, e, sendo examinada a caderneta, depois de cada série de actos, como as demais, pelo jury, fôra em uma d'essas consultas (*conferencias?*) que o sr. dr. Affonso Costa e o sr. dr. Teixeira de Abreu notaram o *facto anormal de terem quasi todos alumnos lições eguaes, e haverem sido alteradas notas conhecidas de certos estudantes*; e que, depois de demorado exame, fôra para elles evidente que eu *tinha transformado todas as notas más ou fracas dos alumnos que ainda não tinham feito acto em notas regulares*.

Ora, em primeiro logar, é falso que eu remetteisse para a mesa do 4.º anno de direito a minha caderneta, como lhe chama o sr. dr. Affonso Costa, mas que eu com mais propriedade chamarei pautas dos estandantes do 4.º anno juridico de 1896 a 1897.

O bedel da Faculdade de Direito, Luis Rodrigues d'Almeida, foi quem veio ao meu escriptorio, na rua de Quebracostas, no dia 10 de junho ultimo, pedir-me a pauta, para, disse elle, ser presente á mesa do 4.º anno de direito; e conquanto eu não tivesse por lei obrigação de fornecer a examinadores os meus apontamentos particulares, todavia, como primei sempre em ser bom collega, entreguei promptamente a pauta ao bedel, *tal qual a tinha*, ignorando a que mãos iria parar, porque o bedel não soube dizer entám quem iria substituir-me.

Em segundo logar, é falso que eu transformasse em notas regulares todas as notas más ou fracas dos alumnos que ainda não tinham feito acto, com o intuito de favorecer os estudantes e enganar os examinadores, como o sr. dr. Affonso Costa pretende inculcar; e só elle era capaz de levantar esta calúmnia, sem ter a minima consideração com os meus precedentes de homem e de professor da Faculdade de Direito durante 26 annos.

Ninguém até hoje se atreveu a dizer que eu era capaz de alterar o conteúdo de qualquer papel com o fim de enganar alguém; e todos os meus collegas, com a unica excepção do sr. dr. Affonso Costa, sabem que eu fui sempre exacto e escrupuloso nas informações que lhes dava sobre o merecimento litterário dos estudantes, sendo a minha constante preocupação que estes fossem avaliados pelos seus professores com rigorosa justiça e verdade, para crédito e lustre da Universidade e proveito do país.

Além d'isto seria verdadeira puerilidade transformar eu em notas regulares as notas más e fracas dos alumnos que não tinham feito acto, porque o sr. dr. Affonso Costa deve saber que um examinador não é obrigado a subjeitar o seu juizo ás notas de frequência que outrem lhe forneça, e que estas notas, sendo dadas por mera deferência pessoal, podem ser ou não seguidas, conforme o conceito em que é tido quem as fornece.

Se o sr. dr. Affonso Costa fôsse, como devia ser, um bom collega e respeitador da honra e dignidade dos outros, cumpria-lhe pedir-me explicação das notas que encontrou na minha pauta, e que lhe pareceram eguaes, e só depois das explicações dadas por mim, é que poderia formar um juizo seguro acerca do valor d'ellas.

Mas o sr. dr. Affonso Costa preferiu calumniar, sem ouvir, quem lhe não fizera a menor offensa, e sempre lhe lhe dispensou attentões, e o exaltou, e ajudou a engrandecer, votando que se conferisse um premio pecuniario, no 4.º anno de direito em 1892 a 1893, ao estudante Affonso Augusto da Costa, que trazia do 3.º anno uma simples dis-

tinção, e que tinha sido apenas approvado *nemine discrepante* nos dois annos anteriores.

A declaração, que o sr. dr. Affonso Costa me attribue, de que eu *não deixava ao jury nenhuma nota má de qualquer de meus discipulos*, é outra calúmnia por elle imaginada e cobardemente disfarçada com o nome de boato.

Eu que na minha carreira do professorado nunca procurei e antes desprezei sempre a popularidade, e que muitas vezes me sacrifiquei em defesa de meus collegas, como podem attestar muitos que estão ainda na Faculdade, havia de tratar agora, depois de retirado do serviço universitário, e, com sessenta e um annos de idade, de promover a minha popularidade em meia duzia de estudantes do 4.º anno de direito, alterando notas que podiam ser seguidas ou deixar de o ser!

É a calúmnia mais baixa e miseravel que só o sr. dr. Affonso Costa era capaz de urdir contra mim!

A approximação dos factos que o sr. dr. Affonso Costa faz para justificar que eu alterara as notas da pauta com o intuito de adquirir popularidade, é typo da calúmnia engendrada por um homem de máu character. Toda a gente sabe, e o sr. dr. Affonso Costa não desconhece, que requeri a minha aposentação em abril de 1896, e que, por motivos que ignoro, não se deu andamento ao processo na secretaria do reino.

Em meado de julho do mesmo anno o meu collega e amigo sr. dr. Bernardo d'Albuquerque e Amaral, que tinha entám vindo de Lisboa, disse-me que o director geral de instrucção publica lhe communicara que ia remetter para a direcção da contabilidade o meu processo de aposentação, mas que, tendo-lhe observado aquelle meu amigo que eu deixaria de ir aos actos, desde o exame que me declarasse incapaz do serviço da Universidade, resolvêra mandar o processo só depois de terminado este serviço.

Como porém me parecesse injusto que me fôsse dada a aposentação em férias, depois do pezadissimo serviço dos actos, pedi para que só em outubro se remettesse o respectivo processo á direcção geral da contabilidade.

Em outubro reflecti que faltavam só dois meses e meio para completar mais um anno de serviço, e portanto resolvi continuar até ao Natal de 1896, que era quando terminava o 26.º anno do meu serviço académico.

Próximo do Natal appareceram em minha casa alguns estudantes, que se diziam commissionados pelo curso do 4.º anno juridico, a pedirem que eu continuasse na regência da cadeira até ao fim do anno lectivo, para não haver alteração no método de ensino; e accedendo ao pedido continuei effectivamente a reger a cadeira até ao fim de maio, pedindo entám a minha aposentação.

O pedido dos commissionados não comprehendia os actos, e quando os comprehendesse, eu não accederia a elle, porque não queria que sobre o meu critério de julgador recaísse a suspeita de que desejava ser agradável a quem sollicitava o meu julgamento.

Se o sr. dr. Affonso Costa não comprehende estes melindres, compreendendo-os eu que procedi como julgador sempre com toda a isenção.

Por último direi ao sr. dr. Affonso Costa que não é por meio da inveja e da ingratitude que se ha de engrandecer; se pretende, como inculca, ser o reformador da organização politica e económica da sociedade actual, afaste-se d'esses dois vícios, que poderam dar, quando muito, um Marat ou um Robespierre, mas nunca um professor digno, nem um cidadão prestavel aos outros e á sua pátria.

Digne-se V., sr. Redactor, publicar esta minha carta no próximo numero da *Resistencia*; e

Sou de V., etc.,

Coimbra, 9 de julho de 1897.

Manuel de Oliveira Chaves e Castro.

Transcripção

Ao nosso collega *O Povo da Figuera* agradecemos a transcripção do nosso artigo editorial de domingo transacto,

Os enérgicos

É uma praga que ameaça desabrochar com uma insensatez nefasta!

Neste período que atravessámos, em que o pavôr de amanhã, na expectativa de contingências calamitosas, obriga os prudentes a transigências ignóbeis; no meio do entorpecimento e da covardia geral, apparecem estes interessantes exemplares, que se permitem a velleidade de homens superiores, a corrigir e disciplinar — os outros!

É bem certo que a pussilanidade gera os tyrannètes.

E é nas calamidades públicas que a superstição das massas se torna mais apta á accitação dos mystificadores messiânicos!

Depois que o país entrou de debater-se nas âncias d'esta tremenda crise económica e moral, quantos reformadores, quantos dictadores têm afforado á superficie da estagnação geral!

Sam elles que se dizem predeterminados á salvação pública, os grandes homens de resolução e energia, para domar o descontamento dos espiritos e impôr a murrça os despantérios insólitos de reformadores irresponsáveis!

É bem facil parecer enérgico e forte fóra do momento do perigo!

É a tyrannia dos governantes que engendra os pequenos despostos, sob o nome de disciplinadores.

O disciplinador é um organismo curioso de observar. Hypochondriaco é tenaz, é conservador por cálculo, sempre pelos poderes constituídos e pelo prestigio da auctoridade.

Tudo quanto seja discutir imposições, as mais extravagantes e vetatórias, é licença e desacato!...

D'aqui resulta que o disciplinador, em regra, só vê os de cima para a lisonja e o incenso; os de baixo para os atropellar e envilecer.

É exactamente, em nome da conservação e da ordem, que o disciplinador presume concorrer com a força do seu pulso para obstar á derrocada geral, oppondo-lhe os espeques de vime da sua energia e da sua obstinação!

A preocupação concentrada da sua pessoa e da sua auctoridade não o larga, mesmo nos actos mais re-

côditos da sua existência individual.

É arrogante, é auctoritário, e a satisfação da sua personalidade enche-o de fascinação e de soberba, imaginando-se o homem predestinado a emponhar a alavanca hypothética de Archimedes!

E tem pela moderação sensata e prudente critério dos outros o conceito deprimente de tibios e remissos.

Nos tempos que vam correndo, esta doença seria de contágio perigoso, se felizmente, mais cedo ou mais tarde, a reacção do meio se não manifestasse a repellir e desfazer os excessos da maluqueira e da vaidade, d'ordinário germinados nos isolamentos sombrios do orgulho, fóra do convívio e da sociabilidade dos homens!

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Fizeram acto nos dias 10 e 11 e ficaram approvados os seguintes alumnos:

Faculdade de Direito

1.º anno — Mário Emilio Oschôa, Miguel de Azevedo Athayde Sousa Menezes, Pedro Tavares Lopez da Silva e Ramiro Augusto Ferreira.

Neste anno houve 2 reprovações e faltou e desistiu outro.

2.º anno — Alberto António da Silva e Costa, José Nunez da Silva, José Paes Telles, Justino José Corrêa e Luis Moreira de Sousa.

Neste anno houve 5 reprovações.

3.º anno — José Augusto de Carvalho, José Augusto da Costa Eiras, José Bento Ramos Pereira Junior, José Fructuoso da Costa, José Joaquim Henrique da Silva, José Maria de Magalhães Pinto Ribeiro e José Maria Vilhena Barbosa de Magalhães.

Neste anno houve 1 reprovação.

4.º anno — Francisco Fausto Guedes Gavicho, Francisco Navarro Márquez de Paiva, Gaspar José Henriques, João Augusto Gens de Azevedo, Agostinho Albano de Figueiredo Lobo e Silva, João Méndez de Vasconcellos e João Pereira Soares da Motta.

5.º anno — Júlio Maria de Andrade e Sousa, Luis Gonçalves Forte, Manuel Dinis Henriques, Manuel Emygdio Furtado Garcia, Manuel Gomes Cruz e Manuel Joaquim Corrêa.

Faculdade de Medicina

4.º anno — Adriano José de Carvalho e dr. Siegmund Rosembat. Principiaram as formaturas.

ao reconhecer o bilhete que a Linotte lhe deixara em casa. A esposa olhava para elle, interpretando mal a sua hesitação; elle percebeu-a e disse francamente:

— É uma mulher, que eu conheci, antes de casar, ha quinze annos. Não sei o que ella queria, recusei-me a recebê-la.

Aimée respirou, seu marido fallara-lhe verdade. Beijou-o e disse-lhe:

— Meu Jacques, amo-te! Vou fazer passear os pequenos...

Subiu logo ao quarto pegou nos dez mil francos, assignou um cheque e desceu.

Meio de arranjar mil francos de renda com jornaes velhos

Aimée chamou a creada e mandou-a a casa do banqueiro.

D'ahi a alguns minutos, os dois bebés rosados e frescos, contentes com o passeio, eram içados sobre um burro... Maria segurava-os na albarda. Bérard acompanhou-os. A pequena caravana chegou assim até á base dos rochedos de Sainte-Barbe.

Bérard, com alguns amigos, subiu para um barco. Devia passar com uns amigos o dia na ilha de Baixo, jantar lá e como o tempo estava bom só voltaria de noite, pelo luar.

Quando Aimée chegou ao fundo dos rochedos, viu Rémond que a esperava fumando um cigarro. Quando elle viu que Aimée se dirigia para elle, deitou fóra o cigarro, Aimée disse-lhe:

Faculdade de Mathematika

1.º anno — Vol.: Eurico Fernández Lisboa, Jacintho Humberto da Silva Torres, Mário Nogueira Gonçalves e Vasco Nogueira de Oliveira.

Obr.: Lourenço Simões Peixinho, D. Luis de Castro, Vicente de Paula da Câmara, Agostinho de Almeida Pinto Costa Alemão, José de Oliveira Xavier e Salviano Pereira da Cunha.

Neste anno houve 2 reprovações.

2.º anno — Vol.: Anselmo Ferraz de Carvalho, Augusto de Paiva Bobella Motta e Ayres de Gouvêa Alcoforado.

Neste anno houve 1 reprovação.

Faculdade de Philosophia

1.ª cadeira (Chimica inorgânica) Ord.: Libânio Netto Affonso.

2.ª cadeira (Chimica orgânica) Obr.: Accácio Augusto Pereira da Costa, Apparicio Rebello dos Santos, António Augusto Pires, Bernardo de Aguiar Teixeira Cardoso, Manuel Monteiro Aruda e Eugénio Augusto Sampaio Duarte.

Nesta cadeira houve 2 reprovações.

5.ª cadeira (Physica 2.ª parte) Ord.: António Aurélio da Costa Ferreira.

Obr.: Luis Flaminio Teixeira de Azevedo, Manuel Firmino da Costa, Manuel José da Costa Soares Junior e Delphin Augusto da Silva Pinheiro.

DESENHO (curso philosophico)

1.º anno — Francisco de Paula Pinto Coelho e Vasconcellos, João Alvez Barreto, João de Mattos Cid, José Augusto Pinto da Silva e António Nogueira Menezes de Almeida.

Neste anno houve 3 reprovações.

2.º anno — Abilio Tavares Justica, Adriano Vieira Martins, Alberto dos Santos Nogueira Lobo, Alfredo Lopez de Sequeira, Álvaro Pereira Soares, António de Almeida Azevedo, António Cesar de Almeida Rainha.

Neste anno houve 8 reprovações.

CADEIRA DE GRÊGO

José Joaquim dos Santos Motta e Alfredo Augusto de Oliveira Machado e Costa.

Nesta cadeira houve 1 reprovação.

CURSO DE ANÁLISE CHÍMICA

Houve 1 reprovação e faltou 1 alumno ao acto.

Faculdade de Theologia

3.º anno — D. Thomaz Maria de Noronha.

Terminaram os actos nesta Faculdade.

Noticias diversas

Foram na última reunião da secção d'Archeologia do Instituto nomeados

— Trago-lhe o dinheiro que me pediu. Ando bem levemente, porque por uma somma tam importante posso vir a saber talvez uma coisa bem banal.

— É com effeito banal...

— Que diz?...

— Digo que é a coisa mais banal do mundo...

— Então não tenho motivo para lhe dar tal somma.

— Meu Deus! V. ex.ª sabe que não é pelas grandes coisas que se é vencido na vida, mas sim pelas banalidades... só temos a prevenirmo-nos contra aquelles que não nos mettem medo... quando o inimigo está diante da gente, quando se lhe vêem as armas, lucha-se, responde-se aos golpes com outros golpes; mas nunca se teme o que se passa na sombra, e é o desprezo que faz a força dos que atacam.

— Falle claro e directamente do segredo.

— O que eu hoje lhe vendo, o que lhe entrego nessa carta, é um artigo de jornal!

— Um artigo de jornal!

— Sim, minha senhora! Vê bem eu sou leal, digo o que é... Vendo-lhe um extracto da *Gazette des Tribunaux*...

— Da *Gazette des Tribunaux*?...

— Uma condemnação!

— A condemnação de quem?...

— De seu marido...

— Que diz?!

— A verdade!

Aterrada, imaginando todavia menos

sócios os srs. Belino, Wenceslau Martins de Carvalho e Camarate.

Em breve vam começar as obras para ampliação do museu d'antiquidades.

Vae recolher ao museu d'antiquidades do Instituto o retrato de D. Afonso de Castello Branco, fundador do convento de Santa-Anna e que nelle jaz sepultado.

Achando-se a igreja actual d'este convento condemnada o sr. Bispo Conde fará em breve remover para a Sé Velha o túmulo do magnífico Bispo de Coimbra.

O sr. Pedro Dória Nazareth offereceu na Matta do Bussaco um almoço aos seus amigos para solemnizar o seu bacharelato em Medicina.

O almoço que foi servido por Paulo Bergamin correu na maior alegria, retirando os couvivas no mesmo dia para Coimbra.

As nossas felicitações ao novo bacharel.

Começou o assentamento do monumento levantado no cemitério de Coimbra pelo sr. dr. Ayres de Campos á memoria de seu pae, para o que vieram operarios de Lisboa.

Seria para desejar que a câmara não deixasse passar sem commemoração condigna a trasladação dos ossos do illustre archeologo a quem a historia do municipio tanto deve.

Devem vêr-se na casa que o sr. Quintans Lima faz construir actualmente na estrada da Beira os trabalhos em ferro batido executados por A. Pedro um artista muito habil que já por mais d'uma vez temos elogiado.

Os trabalhos em ferro batido sam uma industria nova em Coimbra que se deve á iniciativa de A. A. Gonçalves de quem sam os desenhos das grades das janellas do sr. Quintans Lima. Ha actualmente obras em edificios na cidade e no cemitério que muito honram os artistas d'esta cidade e que tem sido justamente louvados pelos criticos d'arte que os tem examinado.

Os srs. Charles Lepierre e Vicente Seica apresentaram em tempos á câmara um relatório da analyse chimica das águas potaveis de Coimbra. Os mesmos analyistas que fizeram expontaneamente e de graça a analyse chimica prometteram para mais tarde o relatório do seu exame microscópico.

A câmara que agradeceu o relatório parece ter tido intensão de o publicar.

Éra um verdadeiro serviço a publicação e o melhor meio de corresponder ao trabalho dos distinctos analyistas que quizeram fazer *uma obra util*.

que a verdade pensando num negócio commercial, numa quebra que seu marido lhe tivesse occultado, e querendo fechar, o mais depressa possivel a bocca do intrigante, tirou do bolso as notas e o cheque...

— Aqui tem a quantia que me pediu... disse Aimée, entregando-lh'as.

Rémond contou as notas, leu o cheque, e inclinando-se deante de M.^{me} Bérard entregou-lhe a carta que lhe tinha mostrado uma hora antes.

— Aqui estão os papeis. E agora, minha senhora, agradeça a Deus o terse feito assim. Eu estava decidido, se não obtivesse dinheiro, a tornar público este caso...

Aimée olhou para Rémond sem entender; este complimentou, e retirou-se contornando os rochedos de Sainte-Barbe para chegar ao mar.

Aimée segurava o papel, e olhava fixamente para elle. Por um phenomeno bizarro parecia-lhe que aquella carta lhe queimava os dedos: tinha pressa de abrir, mas parecia-lhe, que, como da caixa de Pandora, a desgraça ia sair d'aquella carta...

Disse á creada:

— Maria, vá passear com os meninos para a banda dos campos. Procurem-me na capella...

Maria pegou na redea do burro, e Aimée correu para os filhos beijando-os febrilmente.

— Devemos voltar por aqui?

— Não! D'aqui a uma hora estejam em casa. Tenha cuidado com os meninos.

Do emprego da água d'algumas fontes podem advir prejuizos á saúde pública que se poderiam evitar com a publicação do relatório e a sua distribuição pelos habitantes.

Não se deve demorar a publicação da analyse chimica com o pretexto de publicar juntamente os dois (analyse chimica e exame microscópico) porque o primeiro é de si bastante importante para a saúde pública.

Á ÚLTIMA HORA

Penitenciária de Coimbra

Lisboa, 10, ás 10 h. da m.

— Respondendo ao deputado Mattoso Corte-Real, o ministro da justiça disse hoje no Solar que o governo está resolvido a completar as obras da Penitenciária de Coimbra, no mais breve prazo de tempo, para ella poder ser utilizada para o fim a que tinha sido destinada.

Accrescentou que, em harmonia com essas disposições, o ministro das obras publicas vae mandar para essa cidade, para trabalharem nas obras, os operarios que estão em condições de sair de Lisboa.

Tambem disse que o orçamento das obras já está feito.

AVISO

A commissão central do Hospital de Beneficência Poiarense avisa as pessoas residentes em Coimbra de quem solicitou prendas para o basar que se effectua nos dias 8, 9 e 10 d'agosto e cujo producto reverte em beneficio da fundação d'um hospital, de que as devem entregar na drogaria de Rodriguez da Silva & C.^a até ao dia 15 do corrente mês. A mesma commissão se confessa desde já muito grata a todas as pessoas que concorrerem com qualquer prenda para o referido basar.

O presidente da commissão,
Jerónimo Pereira da Silva.

20.000.000 RÉIS

Emprestam-se a juro sobre hypotheca.

Juro módico.
Nesta redacção dam-se esclarecimentos.

Partiram! Aimée ficou sózinha. Hesitou em rasgar o subscripto e disse:

— Não! Na capella...

Trepou aos penedos. Chegada a Sainte-Barbe sentou-se deante da capella, fechada áquella hora.

O tempo era soberbo; o sol dourava os rochedos, as ondas desfaziãem-se nos rochedos, e faziam rolar os calhaus, a briza aromatizada pelos campos e pelo mar subia-lhe á cabeça...

Aimée quebrou o lacre... Numa folha de papel branco tinham colado uma columna cortada d'um jornal... leu as primeiras linhas...

— Meu Deus! disse ella...

Com os olhos desmedidamente abertos, olhando sem vêr, tomada d'um tremor nervoso, ficou alguns minutos como louca. Dominando a commoção, passou duas vezes a mão pela cara para limpar o suor que lhe cobria de góttas as fontes, respirou ruidosamente, procurando encher d'ar os pulmões opprimidos...

Depois, pegando na carta com as duas mãos, leu rapidamente:

"Jacques Bérard, assassinato da ponte d'Estacada; condemnação"

«... ouviu-se a campainha... o gendarme que guarda a porta da sala das deliberações do jury apparece, seguido dos srs jurados. Tomam os seus lugares. Em vão se procura lêr em seus rostos a decisão que vae proclamar-se. Os officiaes de diligências abrem o tribunal.

(Continúa)

Folhetim da RESISTENCIA

ALEXIS BOUVIER

O casamento d'um forçado

TERCEIRA PARTE

O passado

IV

Os rochedos de Sainte-Barbe

— Esperá-la-hei, minha senhora, disse Rémond, cumprimentando.

M.^{me} Bérard foi ter com os filhos e foi-se logo com elles... Curiosa, inquietada, tentava adivinhar o que seria aquelle terrivel segredo; em vão procurava duvidar d'aquelle homem; o pouco que elle tinha dito d'ella, deixara-a convencida de que sabia muito... teria que recuar, mas não podia; presentia que aquelle segredo terrivel ia trazer-lhe a desgraça e todavia queria saber... Disse consigo mesma:

— Vou perguntar a Jacques quem é esta mulher... Jacques é franco! Verei se esse homem me mentiu.

Logo que chegou a casa, subiu ao seu quarto, depois desceu, e, mostrando a Bérard o bilhete que lhe dera Rémond, perguntou-lhe:

— Quem é esta mulher, Jacques? Jacques, atropalhado, fez-se pallido

PROBIDADE

Companhia geral de seguros
 Sociedade anonyma
 de responsabilidade limitada
 CAPITAL 2.000:000\$000
 Rua Nova d'El-Rei, n.º 99, 1.º
Lisboa
 Effectua seguros contra incendios.
 Correspondente em Coimbra,
 Cassiano A. Martins Ribeiro.—
 Rua Ferreira Borges, 165, 1.º.

Vende-se

2 **Uma** bomba de grande pressão, com os tubos de cobre, própria para tirar água, e vendem-se também dois pares de rodas para carro alemteano ou de bois.
 Trata-se com Francisco Nogueira Secco, Terreiro da Erva, Coimbra.

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfectos do país
 Excellentes águas mineiras para doenças de pelle, reumatismo, estômago, garganta, etc.

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM

(BEIRA ALTA)

Abertura do estabelecimento thermal em 1 de maio e fecha em 30 de novembro.

Abertura do Grande Hotel Club em 16 de maio

Grande Hotel Club

Com estação de correio e telégrapho, médico e pharmácia e casa de barbear.
 Magnificas accommodações desde 1\$200 réis, comprehendendo serviço, club, etc. Bonus para os médicos

O Estabelecimento Thermal comprehende 64 banheiras de 1.ª a 5.ª classe; duas salas para duches, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverização e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette. É sem dúbida o melhor do reino, e mais barato. — **Viagem** — Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas (BEIRA ALTA) e d'ahi 5 kilometros em bons carros. A estação de Cannas na linha férrea da Beira Alta está directamente ligada com todas as linhas férreas hespanholas que entram em Portugal por Badajoz, Cáceres, Villar Formoso, Barca d'Alva e Tuy. — Para esclarecimentos: — Em **Lisboa**: rua do Alecrim, n.º 125, referente ao estabelecimento balnear, e rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel. — Correspondência para as **Caldas da Felgueira**, ao gerente da companhia do Grande Hotel. — As águas engarrafadas vendem-se nas pharmácias e drogarias e no depósito geral, PHARMÁCIA ANDRADE, rua do Alecrim, 125. — A exploração do Hotel fica este anno a cargo da Companhia do Grande Club.

ESTABELECEMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

50, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)
COIMBRA

Cal Hydraulica: Grande depósito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e óptica Agência da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas eléctricas, olhos e lunetas e todos os mais appparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, óleos, agua-raz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, máchinas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Redes de arame, ziaco e chubo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietários e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores autores, Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystófle, metal branco, cabo d'ébano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglesas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa, lavatório e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas

ÁGUA DAS LOMBADAS

ILHA DE S. MIGUEL—AÇORES

Água gazosa natural a mais pura para mesa. Não contém micro-organismos.

Coimbra — Pharmácia e Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª

CALDAS DA AMIEIRA

Abertura do estabelecimento thermal no dia 15 de maio

As **ÁGUAS CHLORETADAS DA AMIEIRA** usam-se com grande resultado no tratamento da escrophulose, reumatismo, moléstias de pelle ainda as mais rebeldes, syphilis, padecimentos de estômago, figado e baço, inflamações de quaesquer órgãos, útero, ovário, intestinos, leucorrhæas, anémia e chlorose.

A administração do hotel estará a cargo do sr. José Maria Rodrigues, de Coimbra, havendo nelle, entre outros muitos divertimentos communs a todos os hospedes, uma boa sala de recreio com piano, salão de bilhar, bonitos passeios, lagos com botes, etc. etc.

Preços, incluindo todo o serviço de quarto e mesa, de 1\$000 a 1\$200 réis diários.

Para quaesquer esclarecimentos dirigir-se á séde balnear; depósito em Lisboa — rua de S. Julião, 142, 1.º.

CALLICIDA



Privilégio Exclusivo

Extracção dos callos sem dor em 6 dias

Desconto convidativo para revender

Depósitos—Lisboa: Leandro de Freitas, rua da Prata, 231; Porto, José Maria Lopes, rua do Bomjardim, 12; Coimbra, Rodrigues da Silva & C.ª; e em todas as cidades e principaes villas do continente.
Africa—Loanda, José Marques Diogo.

Brasil—Rio de Janeiro: Silva Gomes & C.ª; Pernambuco: Guerra Fernandes & C.ª, rua do Duque de Caxias, 47; Bahia: Francisco de Assis e Souza; Maranhão: Jorge & Santos.
 Exija-se nos depósitos um prospecto que ensina o modo de usá-lo e previne as falsificações. Ha um só depósito em cada terra.
 Pedidos ao auctor: António Franco, Covilhã.

REMEDIOS DE AYER

O Remedio de AYER contra sezões.—Febres intermitentes e blisias

Pectoral de Cereja de Ayer. O remédio mais seguro que ha para curar a Tosse Bronchite, Asthema e Tuberculos pulmonares.
 Frasco, 1\$000 réis meio frasco, 600 réis.

Todos os remédios que ficam indicados sam altamente concentrados de maneira que sahem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas Catharticas de Ayer.—O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.

Frasco, 1\$000 réis



O Vigor do Cabello DO DR. AYER,

impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Perfeito desinfetante e purificante de Jeyes para desinfectar casas e latrinas, tambem é excellent para tirar gordura ou nodos de roupa, limpar metaes, e curar feridas. — Preço, 240 réis.

Depósito — James Cassels & C.ª, rua do Mousinho da Silveira, n.º 85, 1.º, — Porto.

COIMBRA

Bairro Novo de Santa Cruz

Rua Raymundo Venâncio Rodrigues

VENDE-SE

A grande propriedade, por seu dono se retirar para fóra, constando de casa solidamente construida e a mais bem localizada, com grandes e espaçosas salas e quartos, banheiro e chuveiro, latrinas de patente, despensas, celleiro, cavallaria, galinheiros e pombal, água e gaz encanados, tanques, lampiões e candieiros, jardim, terreno para horta e bacello, e já com muitas árvores de fructos, poço com muita água nativa e bomba de pressão.

Vende-se tambem, e juntamente com a propriedade, todos os moveis e utensilios, que na mesma contém.
 Trata-se na mesma das 9 horas ao meio dia, e das 3 às 5 da tarde nos dias úteis.

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fábrica de Corôas e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

10 **CASA** filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Único representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20



Salsaparrilha de Ayer.

Para a cura efficaz e prompta das Molestias provenientes da impureza do Sangue.

TONICO ORIENTAL

Marca "Cassels"

Exquisita preparação para aformosear o cabelo—Extirpa todas as afecções do crâneo, limpa e perfuma a cabeça.

Agua Florida (marca Cassels).—Perfume delicioso para o lenço, o toucador e o banho.

Sabonetes de glicerina (marca Cassels).—Muito grandes, qualidade superior.
 À venda em todas as drogarias e lojas de perfumarias. Preços baratos.

Vermifugo de B. L. Fahnestock.—É o melhor remedio contra lombrigas. O proprietário está prompto a devolver o dinheiro a qualquer pessoa a quem o remédio não faça o effeito quando o doente tenha lombrigas e seguir exactamente as instrucções.

BANCO COMMERCIAL DO PORTO

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Dividendo do 1.º semestre de 1897—1\$500 réis por acção.
 Paga o Basílio Augusto Xavier d'Andrade, rua do Visconde da Luz, n.º 15, 1.º

Banco Alliança

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Dividendo do 1.º semestre de 1897—1\$500 réis por acção.
 Paga o Basílio Augusto Xavier d'Andrade, rua do Visconde da Luz, n.º 15, 1.º

Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentária

Caldeira da Silva
 Cirurgião dentista

Heroulano Carvalho
 Medico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174

13 **Consultas** todos os dias das nove da manhã às 3 horas da tarde.

Carroça

14 **Vende-se** uma nova, com boas molas.
 Rua Ferreira Borges, 145, 3.º

Loja da China

15 **Chegou** a este estabelecimento uma variadissima collecção de leques.

Vende-se

16 **A morada** de casas sita na rua da Galla, n.ºs 33, 35 e 37. Compõe-se de loja, 2 andares e um pátio com uma pequena casa em condições de ser habitada.

Para tratar—José da Cunha, rua dos Sapateiros (mercearia).

Casas para arrendar

17 **Na quinta** de Santa Cruz, praça de D. Luiz, dois andares em separado, um para entrar já e outro para o S. Miguel. Tem quintal e agua.
 Para tractar, com Alberto Carlos de Moura, rua de Ferreira Borges, n.º 12.

Arrendamento

João Matheus dos Santos arrenda a grande loja do Carmo que serviu de celeiro ao sr. Arioza.

CASA PARA ARRENDAR

Leonarda Forjaz, arrenda a parte sul da sua casa da rua da Ilha.
 Recebem-se propostas, na quinta dos Plátanos à Bemcanta, onde se encontram as chaves, para ser vista.

"RESISTENCIA,"

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração—ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR — Joaquim Teixeira de Sá

Condições de assignatura (PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

| | |
|----------------|--------|
| Anno..... | 2\$700 |
| Semestre..... | 1\$350 |
| Trimestre..... | 680 |

Sem estampilha:

| | |
|----------------|--------|
| Anno..... | 2\$400 |
| Semestre..... | 1\$200 |
| Trimestre..... | 600 |

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os tra. assignantes, desconto de 50 p. c.

Typ. Y Franca Amade — COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 250

COIMBRA — Quinta feira, 15 de julho de 1897

3.º ANNO

EXCÍDIO

De todos os lados, ao vêr como os desvarios das instituições cavam fundo e irremediavelmente a ruína da nação, toda a gente honrada pergunta, porque se espera. Se effectivamente estamos tam dissolutos e ignavos, que isto vá até ao fim, na passividade incomprehensível de escravizados e de cynicos?

É o que se vê!...

Esta tibieza moral não chegou de repente.

Para arrancar da alma da nação, retemperada em luctas e sacrificios, todos os estímulos da dignidade patriótica e do culto á liberdade, foi necessário que a monarchia insidiosa, empobrecendo a nação, atrelasse pela miséria geral todas as classes sociaes ao orçamento do Estado e ás contingências das orgias e das dissipações do systema.

Por esta fórma os elementos de resistência sentem-se medrosos e irresolutos, para o movimento enérgico que a nação inteira considera necessário e inadiável.

D'ahi esta situação contradictória: estamos todos d'accórdo que chegámos á balisa extrema da desonestidade política e da miséria económica, em frente de todos os perigos que podem ameaçar uma sociedade de fracos e de scépticos, e não se faz sentir um movimento de cólera!

O país assemelha-se á tripulação aterrada d'uma barcaça rôta.

Ninguem se mexe; seria peior porque apressava o desenlace.

Vamos entretendo.

Sente-se a água no artelho; pés molhados; e toda a gente treme de pavor ao lembrar-se do que será quando a água chegar ao pescoço!

Eis a situação exacta!

Toda a gente sabe que isto ha de ir para o fundo e que teremos de nos salvar a nado. Isso é fatal, dê por onde der. Mas o egoismo pusilânime quer adiar esse esforço para os que vierem.

Eles que se arranjam! E vamos a vêr se acabamos tranquilos estes miseraveis dias da vida!

A Providência não dorme. O que Deus quiser!...

E alongamos os olhos para o horizonte; e cada um finge descobrir uma illusória miragem de protecção divina. Vamos prorogando!

Assim, estamos por tudo!

Isto de liberdades públicas, aspirações de civilização sam lérias.

Direitos e garantias civicas, instrução, prosperidade nacional... outra leria igual!

O que se quer é prolongar, por pouco que seja, esta estagnação regalada.

Por enquanto ha colónias, caminhos de ferro, syndicatos, alfândegas? Levem tudo a retalho, por atacado, em hasta pública ou sobrepreçiciamente, contanto que isto chegue para nós. Contanto que ao exército não falte o *pret*, e ao funcionário público o ordenado. O resto da nação que rebente!

Nenhuma solidariedade com os vindouros. Esses senhores, que não têm a honra de conhecer, que se governem.

Tal é a situação em que nos achámos, até que um ímpeto de cólera levante em ondas revoltas a estagnação do charco!

14 de julho

Passou hontem o dia commemorativo do inicio da grande Revolução, que se operou na França de 1789.

De ha muito que o despotismo de Luis XVI e os esbanjamentos de Maria Antonietta provocavam os justos pretextos das grandes massas populares, oprimidas pela fome e esmagadas pela miséria enquanto a familia reinante desperdiçava loucamente o patrimonio da nação.

A tomada da Bastilha foi o começo da grande reacção, que, em 1793, havia de abalar pelos alicerces um throno, que se mantivera intangivel durante séculos interminaveis, e fazer rolar aos pés do carasco a cabeça d'um rei.

A Revolução Francêsa de 1789 foi, assim, um grande exemplo para povos e reis. Ensinou áquelles o caminho do dever, apontou a estes uma lição sublime, fazendo-lhes saber que as corôas sam fragilidades que um póvo despedaça entre as suas mãos hercúleas.

E porque o dia 14 de julho não representa sómente uma data gloriosa para a pátria de Napoleão, mas sim o raiar d'uma aurora de fogo que illuminou, com reflexos de púrpura, o mundo inteiro, abrindo novos horizontes a todas as nacionalidades, é que nós não podemos deixar de saudar, com todo o fogo do nosso entusiasmo, a activa e orgulhosa França.

E tam ardente e tam sincero é este entusiasmo, quanto mais ardentes e mais sinceros sam os nossos protestos contra a violência e a oppressão do regimen ignominioso que nos está vexando constantemente, escudado pela mais criminosa das impunidades.

É por isso que, ao passo que hoje saudamos a data gloriosa, que foi como um raio de sol arrancando scintillações fulgentes do cutello de

uma guilhotina, não podêmos deixar de gritar bem alto as nossas saudações ao dia que nos emancipar da tutela vergonhosa duma monarchia desacreditada.

Perseguição liberal

O governo mandou apprehender, na segunda feira última, todos os jornaes republicanos de Lisboa: *A Marselheza*, *O Paiz*, *A Vanguarda*, e a *Folha do Povo*.

Ninguem sabe porquê. Nem o próprio governo, que está descendo á mais vil das indignidades, emporalhando-se miseravelmente com a lama em que em tempos dizia escabujar o quadrilheiro da Parreirinha.

Volta, pois, o lapis azul do corregedor.

Voltam todas as trampolinices, todas as violências, todas as infâmias.

Decididamente que o regimen entrou nas últimas agonias.

Em nome da dignidade jornalística e da solidariedade de classe, em nome dos mais santos principios da liberdade de pensamento e da sua manifestação, protestamos enérgicamente contra as infames perseguições. — Que um governo, que se diz de liberes, está movendo contra a imprensa não assalariada pelos lacaios d'el-rei.

PLENO CABRALISMO

Em Ceia uma philarmónica estava tocando, na sua casa de ensaios, uma música intitulada — *Revolta do 1.º de Janeiro*.

Entendeu um official do exército, commandante d'uma força alli destacada, que aquella philarmónica estava levantando os espiritos com hymnos subversivos e que Ceia se preparava para partir d'alli para a tomada da Bastilha. E sem mais quê nem para quê intimou os músicos a reprimirem a revolução que bramava na bocca dos lagotes e bombardinos. Suppunham os revolucionários músicos que tinham direito de tocar em sua casa o que quisessem, e assim o fizeram saber ao conspicuo e ordeiro official de infantaria.

Mas quê! Manda tocar a reunir, e ahi vae elle de abalada, á frente da sua legião armada, pôr cerco ao ninho da hydra, que pacificamente se recreava a fazer música no medonho antro.

Todos prêsos... mas tudo ficou em nada. E um jornal da localidade saltou em defesa do pequeno Costa Cabral fardado, que sentia crispções nervosas ao ouvir o negregado hymno.

Mas não exprimia o dito jornal o sentir da opinião pública, que, — elle o diz, — condemnou vehementemente na praça pública a mavortica fanfarronada do filho de Marte.

Só á gargalhada podem ser levados estes mantenedores das Instituições e da Ordem.

Bôa doutrina

Sim, não deve ser permitido jogar chufas ao rei nem apontar-lhe defeitos nas angustas funcções de magistrado chefe.

Elle é o representante nato da majestade da nação.

Elle é intangivel.

Respeitam-no os tubarões do oceano, que o não engolem. Respeitam-no as hastes do touro, que o não estripam.

Respeitêmo-lo nós.

Elle é nosso pae. Elle é nosso tutor.

Deu-lhe esse logar majestoso o consenso da nação e *la gracia de Dios*.

Viva entám *su gracia y su salero!* A graça de Sua Majestade picando ao harpão os peixes, e os touros a bandarilhas!

O génio cáustico de Joaquim Madureira fez do seu rei um tambor e rufou-lhe na pelle.

Mal feito.

Devia o dr. Madureira, ao vêr a nação afundar-se num mar de lama, increpá-la e dizer:

— Nação portugûesa, tendes ali um rei que vos desampara e vos repudia. Que fecha os olhos, por bondade, ás trapaças dos governantes e ás affrontas do estrangeiro. Que se divorcia de vós deixando a *coterias* exploradoras o desbarato de vossos bens materiaes e da vossa honra.

E se a nação dissesse «está bem, deixêmo-lo,» o dr. Madureira tinha por dever calar-se e assistir ao pagode.

E se ella dissesse «apeêmo-lo,» era apeá-lo logo.

Mas a nação nem foi increpada, nem ainda disse que o seu rei era mau.

É porque o seu rei lhe serve tal qual é.

Respeitêmos um rei que tam bem serve á nação.

Reina el-rei e não governa — é praxe constitucional.

Que tem entám o monarcha com os erros e crimes dos governantes — com as ladroeiras do Nyassa e a lei das rolhas, com o chicote do corregedor e com a eleição nauseante de barrigas e mal-cheirosos?

Reinar é verbo passivo na gramática constitucional.

Reinar o que é? Pagodear, divertir-se, representar á altura um povo que tambem se diverte. Ir aos touros com o povo e arrancar á piada com o *sol*. Andar pela feira alentejana entre ciganos repontando em calão, e entrar no *Peixe-frito* a beber dois. Envergar jaqueta curta para os despachos e casaca de bacalhaus para *rendez-vous* no mar com a familia ichthiológica.

Vestir farda de general para a partida ao chinquilho e *smoking* leve e donairoso visitando casernas.

Ora não consta até hoje que o rei de Portugal assim tenha feito...

Não reina, pois, a valer Sua Ma-

gestade? É porque é triste de seu natural.

Triste e sisudo. E não se pôde obrigar quem assim é, d'este feitiço, a andar alegre foliando entre o seu povo amado e divertido...

Exigir que o monarcha constitucional se dê a reprimir abusos e a cortar pelas ambições criminosas de seus ministros é querer falsear o espirito da Constituição.

É investir no rei capacidades governativas, que lhe não confere a Carta.

Para que serve entám o rei?

Para representar a nação como ella é — descuidada e foliona ou laboriosa e progressiva. Cada povo, diz-se, tem o rei que mereça. Tem a Grécia o rei Jorge, hoesto e temerário patriota. Tem a Inglaterra a sua *Queen Victória*, graciosa de sentimento e senhoril e majestosa de auctoridade. Cada qual condiz com o carácter collectivo da nação sobre a qual reina. Portugal tem o senhor D. Carlos a reinar como sabe e como pôde. Ninguem tem nada com isso, a não ser a nação que o consente.

Para que veiu o sr. dr. Madureira antepôr-se á nação?

Aos governantes sim, é que nós devíamos pedir contas.

E como não haveria nenhum que nô-las desse certas, era forçoso entám, se bem que nos pezasse, dirigirmo-nos a el-rei e declarar-lhe o seguinte:

— Senhor, está esgotada a lista dos gabinetes monarchicos nesta terra infeliz de Portugal e Algarves. Assume hoje a Democracia a funcção suprema de governar o país.

Consenti, Senhor, que este vos agradeça os serviços prestados.

Emancipa-se, não precisa de vós. Mas continúa a respeitar-vos, senão como pae, ao menos como irmão...

Em paz vos ide. Gosae do que é só vosso.

Braz da Serra.

Martins de Carvalho

Folgámos de communicar as melhoras da doença do venerando jornalista sr. Martins de Carvalho, que ha poucos dias esteve gravemente doente.

Alegramo-nos tanto mais com esta notícia, quanto o sr. Martins de Carvalho é honra do jornalismo portugûes e da imprensa republicana.

Na officina do sr. Santos, conceituado industrial d'esta cidade, fizeram-se uns azulejos para a frontaria do Hotel dos Banhos no Bussaco, que mais uma vez mostraram a excellência dos productos da fabrica que dirige, e a sua vontade de trabalhar pelo progresso da olaria coimbrã.

Os azulejos reproduzem em azul sobre o fundo branco sitios pittorescos do Bussaco. As portas de Coimbra, o Convento, a Fonte-fria, emoldurada por uma decoração de flores.

O quadro que occupa o centro da fachada principal tem apenas a designação do Hotel.

UM NOVO CALONNE

A propósito da commemoração d'uma data gloriosa, a da partida da expedição que foi em demanda do caminho das Índias — uma asneira sublime, visto que os heroes lendários, verdadeiramente épicos, de ha quatro séculos, deixaram uns successores que, na opinião por tantos títulos autorizada do sr. Dias Ferreira, d'eram nos quadrilheiros que nos têm governado nos últimos 50 annos — foram as gazetas e os patriotas de papelão remexer sacrilegamente nas ossadas d'esses homens incomparáveis que, com os seus feitos homéricos, assombraram o mundo, adquirindo para a pátria que lhes foi berço glória immarcessível, e se chamaram Vasco da Gama, Bartholomeu Dias, Álvaro Cabral, etc., etc. Dissentimos d'essa idéa, porque o ir revolver as cinzas d'esses heroes pareceu-nos sempre um acto de grosseira impiedade, que faria indignar esses homens extraordinários, se na algidez do sepúlculo, que para sempre os emmudeceu, elles podessem contemplar a cobardia inqualificável dos que, neste declinar do século, têm a incrível desvergonha de se dizer seus legítimos representantes e os herdeiros das suas gloriosas conquistas.

Mas, já que assim tam sacrilegamente se fazem evocações históricas, pensamos que viria bem mais a propósito o evocar dos livros sagrados aquelle salutarissimo exemplo do Christo que, no dizer do Evangelista, agarrou um dia num azoragane e correu do templo os vendilhões e o conspurcavam, com as suas infamissimas mercancias.

Isto, sim, que seria altamente moral e proveitoso.

Correr a golpes de tagante os vendilhões ou quadrilheiros, segundo a phrase já consagrada, que nos governam e têm governado, seria, com effeito, uma salutar medida de hygiene moral, que levantaria o povo no conceito das nações cultas e lhe daria incontestável direito á consideração universal. E os actos dos actuaes governantes, como os dos seus antecessores, justificariam plenamente este proceder. As propostas chamadas de fazenda, lidas ao pseudo-parlamento, estão a reclamá-lo com urgência.

É preciso, na verdade, que o bando de insensatos que occupam o poder tenha perdido todas as noções de decoro político, para se abalançar a uma empresa de tal ordem. Aquillo não sam medidas de fazenda; sam muito simplesmente, muito nitidamente, processos de liquidação. Sobre isto não pôde haver dúvidas. O sr. Ressano Garcia resuscitou, encarnando-se nelle, o célebre Calonne, o imbecil, *Controleur* de Luís XVI, e completou-o, pondo o país em leilão — não queremos dizer a saque, como ha pouco affirmou um jornal monarchico.

Ora isto é a entrega da nação ao estrangeiro; entrega franca, aberta, escancarada, sem reboço. Já nem sequer se empregam os processos astuciosos d'outro tempo. Não. A praça está aberta, a ver quem maior lance offerecerá.

Senão, ouçamos o leiloeiro sr. Ressano. Apreçou elle nada menos do que:

Arrendamento dos caminhos de ferro do Estado, traçoeyro synónimo de alienação, porque o arrendamento, nas condições em que é feito, e sobretudo nas condições do país —

ninguem se illuda — é uma alienação disfarçada;

Novo empréstimo sobre os phosporos, duplicando o preço dos mesmos;

Novo empréstimo sobre os tabacos, de que resultará desvantagem para o público e para o Estado, porque o novo contracto tem por base a desistência da recisão do primitivo ao fim de 16 annos;

Empréstimo sobre as classes inactivas;

Monopólio do fabrico d'assucar de beterraba;

Conversão da dívida externa, com augmento necessário de encargos, e vários arranjos para os amigos;

Reorganização do Banco de Portugal, que terá como consequência uma filial em Paris, com todos os inconvenientes que d'ahi se ham de derivar — a administração estrangeira;

Reforma do tribunal de contas e várias empreitadas, para arranjar afilhados.

Isto, por agora. O resto virá com o tempo. Calonne, lisongeando os caprichos e contemporizando com as prodigalidades da corte, não foi tam longe.

E, quando attentou bem nos seus erros, retirou-se. Um pouco mais honesto e cauteloso.

Mas para onde caminhámos nós? Isto sam as últimas pratas da casa, os últimos recursos d'um morgadio arruinado, que ainda pretende ostentar grandezas. E depois? Pois não vê esta gente que o dinheiro agora arranjado depressa desaparece e que as dificuldades presentes reapareceram augmentadas, quando já não houver que pôr no prego? Pois estarám tam allucinados, tam perdidos, que não vejam que isto será a suprema loucura, o supremo aviltamento? Depois irám as colónias, Angola, Moçambique, a Índia, tudo, emfim, para não mais restar d'este desgraçado povo senão um nome deshonrado, exposto aos insultos do estrangeiro desalmado e sem entranhas!

E o país consenti-lo-ha? Apraznos acreditar que não.

CUBA

A situação militar no occidente da Grande Antilha, volta a assumir um character de extrêma gravidade.

Máximo Gómez deu ordem para que as partidas da Havana tomem a offensiva.

Consta mesmo na Havana que a vanguarda do generalissimo, composta de cinco mil homens e commandada por Carrillo, atravessou o rio de Hanaluna e se acha já dentro dos limites da provincia.

Além de se ameudarem, os combates entre as columnas hespanholas e os insurrectos vam assumindo um character de violência, que demonstra bem claramente o que de ha tempos vimos affirmando, isto é, que os insurrectos, aproveitando-se das vantagens que lhe concede a estação das chuvas, tentam vibrar golpes decisivos nas tropas regulares, inflingindo derrotas sobre derrotas ao seu commandante em chefe, que, por seu turno, á cautella, não se apressa muito a voltar ao occidente.

Foi declarado sem effeito o despacho de transferência da sr.^a D. Maria José Henriques Godinho para a escola de Foz d'Arouce, no concelho da Louzã.

Conflicto de lentes da Universidade

Sr. Redactor:

Ha oito dias, publicando uma carta em que esmaguei a mais vil de todas as calumnias que os meus inimigos têm forjado contra mim, declarei que só muito contrariado revelava aos leitores «alguns dos factos que desejava ficassem para sempre encerrados no seio da corporação a que me honro de pertencer».

O meu vivo desejo era ficar por ahí. Todavia, uma carta publicada pelo sr. dr. Chaves e Castro no último número da *Resistencia* obriga-me, ainda uma vez, a accentuar alguns dos factos já narrados e a expôr ao público outros de que ainda não tem conhecimento.

Todos os que têm acompanhado esta questão viram que foi apenas por necessidade de urgente e legítima defesa que me vi forçado a contar, muito singelamente, o que na Faculdade de Direito se passara a respeito das alterações feitas pelo sr. dr. Chaves na sua caderneta.

O público leu a minha exposição e reconheceu immediatamente que eu não inventava. Accusações d'esta ordem não se fazem sem uma convicção profundissima. Entretanto, o sr. dr. Chaves não o entendeu assim. Não gostou da minha franqueza. Doeu-lhe a miserável situação em que se viu e o lugar que eu reassumira. Elle sentiu-se irremediavelmente réu, e réu d'uma gravissima immoralidade; e percebeu que, reconquistando o meu lugar de accusador público, eu seria inexorável, desde que fosse provocado.

Apesar, d'isso, desaffou-me. E eu limto-me a arrastá-lo para o tribunal da opinião publica e a pedir a esta, não que decida entre mim e elle, porque a calúnia urdida contra mim está já reduzida a pó, — mas sim somente que julgue este problema simples e claro:

—O dr. Chaves alterou a sua caderneta, ou eu, e to os os mais que a consideramos *arrastá-lo por elle, fomos victimas d'uma illus!*

Eis o quesito. Pela minha parte, espero que, ao fim d'esta campanha, o sr. dr. Chaves e Castro sinta quebrados os seus velhos orgulhos e abatida a sua clássica arrogância. Só então elle perceberá quanto o poupei na minha primeira carta e quam perigoso é convidar-me, em gestos descompostos, para estas pugnas, muitas vezes decisivas, da imprensa periódica. Só então verá que não é prudente nem justo insultar quem se limitou a narrar para sua defesa. Só então compreenderá que perdeu, nas actuaes circunstancias, a melhor occasião que se lhe tem offerido para estar muito quieto e muito calado.

A carta do sr. dr. Chaves destina-se, diz elle, a «restabelecer a verdade deturpada e confundir o calumniador». Grosseria e imbecilidade. Para que brincarás este homem com o fogo?

—Será bom que o público fique inteirado de que o sr. dr. Chaves, depois de saber que era accusado de ter alterado a caderneta, empregou todos os meios para alcançar essa mesma caderneta, — já pedindo a, por três vezes (uma verbalmente e duas por escripto), a um intermediário, já tendo o arrojado de m'a sollicitar directamente, no dia 4 d'este mês, no Paço das Escólas, — sem que, todavia, tam extranho pedido fosse já mais satisfeito.

Isto é elucidativo. O meu insultador tentou «restabelecer a verdade deturpada e confundir-me» por meio da destruição da caderneta em litigio ou por meio de novas alterações nella operadas com maior habilidade. Não o conseguiu porque nem eu, nem todos aquelles que nos achámos empenhados nesta questão, somos cretinicos ou medrosos. E por isso, espumando de raiva, appareceu na imprensa a confundir o calumniador e a restabelecer a verdade deturpada.

Pois vai sair-lhe cara a façanha!

A carta abre por um resumo das accusações feitas por mim e por outros professores ao sr. dr. Chaves e Castro. Esse resumo é extraído da minha própria carta. E, todavia, contém logo uma importante alteração. Com effeito,

diz a carta do sr. dr. Chaves: «O dr. Afonso Costa, depois de expôr os motivos por que foi aos actos do 4.º anno de direito em minha substituição...». E a minha carta dizia: «De harmonia com o resolvido na congregação de maio, eu fui substituir este último professor (sr. dr. Fernandes Vaz), sendo o sr. dr. Chaves... substituído, successivamente, pelos srs. drs. Dias da Silva e Teixeira d'Abreu, e, agora, pelo sr. dr. Guilherme Moreira».

Como se comprehende esta evidente alteração das minhas próprias palavras? Como se explica esta significativa menção, que pôde ser estampada na face do meu insultador graças a uma simples certidão authentica do serviço por mim feito nos actos do 4.º anno, ou graças a uma nova reprodução das cartas que entre mim e o sr. dr. Vaz se trocaram a propósito das pretendidas alterações na caderneta de s. ex.º? Como se percebe que um tal homem tenha a coragem de chamar calumniador a quem se limita a não querer encobrir as suas immoralidades?

Eu confesso não adivinhar os intuitos do illustre inquisidor da R. de Quebracostas ao fazer esta alteração. Ha, porém, quem explique o facto pela simples deficiência intellectual, de que o sr. dr. Chaves tem soffrido desde o nascimento, como é notório e todos confessam, pelo menos na sua ausência.

Feito o resumo das accusações, o sr. dr. Chaves apresenta o que elle considera a sua defesa, dirigindo-me, a travez della e no final, umas curiosas lamúrias e uns petulantissimos doestos. Vamos por partes, que o tempo é muito e eu não tenho a minima pressa. «Em primeiro lugar, diz o sr. dr. Chaves, é falso que eu remettesse para a mesa do 4.º anno de direito a minha caderneta, como lhe chama o dr. Afonso Costa, mas que eu com mais propriedade chamarei pauta dos estudantes do 4.º anno juridico de 1896 a 1897».

Deixando para a gargalhada do rapazio este curioso final, que, por si só, define o homem, vejamos se realmente o sr. dr. Chaves remetteu para a mesa a sua caderneta ou não a remetteu.

O caso é simples. O sr. dr. Chaves acaba de dizer, no periodo transcripto, que não, mas vae dizer-nos, no periodo immediato, que sim.

Eis este periodo na sua parte essencial: «O bedel da faculdade de Direito, Luis Rodrigues d'Almeida, foi quem veio ao meu escriptório, na rua de Quebracostas, no dia 10 de junho último, pedir-me a pauta para, disse elle, ser presente á mesa do 4.º anno de Direito;... entreguei promptamente a pauta ao bedel, tal qual a tinha, ignorando a que mãos iria parar, porque o bedel não soube dizer então quem iria substituir-me».

Então o sr. dr. Chaves entregou a pauta ao bedel e, todavia, não a remetteu para a mesa? Isto é sério? E' toleravel? E' próprio?

Mas eu estou a ouvir a objecção:

—«Dizer que a caderneta foi por mim remettida para a mesa é o mesmo que affirmar que a mandei para lá sem prévias sollicitações da parte das pessoas que deviam utilizá-la; ora, com a intervenção do bedel, eu provo que essas sollicitações existiam e que, portanto, não remetti a caderneta para a mesa».

Parece concludente, mas não é. Em primeiro lugar porque o significado da palavra «remetter» nunca foi esse. Em segundo lugar porque, quando o fosse, a intervenção do bedel não provaria a existência de taes sollicitações da parte das pessoas que tinham de utilizar a caderneta.

O sr. dr. Chaves confessa, na verdade, que o bedel, em 10 de junho, não sabia ainda dizer quem iria substituí-lo. Esusado é, pois, accentuar que o bedel não recebeu ordem para ir pedir a caderneta da parte do professor que em 11 de junho substituiu o sr. dr. Chaves.

Recebê-la-hia então do jury? — Do que devia funcionar no dia 11, não. porque, nesse momento, ainda não estava constituido. — Do que tinha funcionado no dia 9, também não, porque quasi fora dissolvido em consequência da pessima impressão, que, no animo dos collegas, produzira o facto de o sr. dr. Chaves abandonar

abruptamente o serviço dos actos, sem sequer prevenir a faculdade com um dia de antecedência para se não deixarem tirar pontos aos alumnos, enquanto não estivesse arranjado o jury necessário para fazer os respectivos actos.

Sendo assim, é evidentissimo que o bedel pedia a caderneta em seu nome pessoal. Eu podia talvez duvidar do próprio facto do pedido, visto que o bedel Almeida era exacto cumpridor dos seus deveres e, a meu vêr, pontualizado para fazer um pedido dessa natureza sem indicação superior.

Mas não quero duvidar. Desejo apenas pôr em evidencia que o auctoritário dr. Chaves entregou ao humilissimo bedel Almeida a sua caderneta em attenção a um pedido que, em seu nome pessoal, este lhe fez em 10 de junho, — e que é este facto que o mesmo dr. Chaves denomina *simples entrega* como synónimo de *não remessa!!!*

Não pôde ser. Por menos intelligente que o sr. dr. Chaves realmente se haja mostrado em todas as circunstancias da sua vida, a verdade é que uma tal incoherência nunca teria explicação. Acabar de dizer que não remetteu a caderneta para logo confessar que a entregou ao bedel, isto é, que, afinal, a remetteu, — não pôde fazer-se sem fim occulto.

Esse fim parece encontrar-se nas palavras sublinhadas: «... entreguei promptamente a pauta ao bedel, tal qual a tinha, ignorando a que mãos iria parar...».

E' preciso dizer, em primeiro lugar, que a pauta não podia ser entregue senão no estado em que se achava. Simplesmente, no momento em que o bedel a pediu (continuemos a admitir a hypothese), já estava alterada. Seria, realmente, o cabo da cortezia que a alteração se supozesse feita na presença do bedel.

Mas, em segundo lugar, o que convém ter em vista é que a significação da phrase sublinhada pôde não ser tam inoffensiva como a primeira vista parece. E' preciso que os leitores saibam que o bedel Luis d'Almeida é já fallecido. Era um homem digno, incapaz de alterar ou deixar alterar qualquer documento que lhe fosse confiado... E todavia... — As próprias hyenas hesitam em revolver uma sepultura. Confiamos em que o nosso adversario as não quererá exceder em ferocidade, pois que também não ousa desde já formular nitidamente o seu pensamento. Em todo o caso, estejamos todos, eu e o público, de sobre-aviso; porque o homem a cuja execução assistimos prepara visivelmente uma saída para escapar ás consequências da immoralidade que praticou.

Fica, pois, advertido o sr. dr. Chaves e Castro: nem mesmo escondido sob o cadáver d'um homem de bem, conseguirá evitar que eu o esmague com o peso da verdade.

E' o que lhe provarei, analysando o segundo capitolo da sua pretendida defesa, na carta immediata.

Coimbra, 14 de julho de 1897.

Afonso Costa.

Fenedo da Saúde

Toda a gente nota com desgosto que diante d'este aprazível passeio se vae levantando uma cortina de arvoredo, que dentro em pouco obstruirá por completo aquelle esplêndido panorama.

A mais surprehendente paisagem, que tantos poetas tem inspirado, que de tam sentimentaes episodios illumina as recordações da vida académica, o passeio predilecto de Coimbra, que tem em todo o país a fama consagrada, vae sendo sequestrado á cidade, porque alguns proprietários egoistas e ferozes não querem que vistas indiscretas lhes devassem as couves plantadas na encosta!

Parece que esta gente tenciona gosar a frescura dos hortos em hábitos paradisiacos, ás boras da sés-ta, durante os calores da canícula!

Não se explica d'outra forma o empenho de levantar uma barreira de eucalyptos e cedros ás vistas con-

templativas dos que allí vam gosar as mais saúdosas impressões.

A câmara corre o dever de impedit, por qualquer procedimento, accôrdo especial, ou aproveitando disposições legaes vigentes, que seja eliminada esta regalia pública.

É impossível que o capricho grosseiro d'um particular possa prejudicar a cidade, roubando-lhe o panorama delicioso, que para os naturaes, como para os forasteiros é um dos seus mais notaveis atractivos.

Chamámos, portanto, a attenção e a solicitude camarária para que não descure este assumpto, adoptando as necessárias providências, a fim de que cesse a perpetração deste delicto, tam estúpido como condemnavel.

BATOTAS NA CIDADE

Ao sr. commissário de policia lembramos a conveniência de attender ás participações, que por diversas vezes lhe tem sido feitas, da existência d'uma casa de batota na rua da Traição.

Apesar de, como acima dizemos, ter recebido diferentes participações, s. ex.ª ainda até hoje se não resolveu a cumprir com os deveres que a tal respeito lhe sam impostos por lei, facto este que, além de lastimavel, é digno das mais áceras censuras.

O procedimento do sr. commissário envolve um consentimento illegal, verdadeiramente indesculpavel; e por isso o verberamos, aguardando que providências sejam dadas sobre tal assumpto.

O sr. commissário Pedro Ferrão, desenvolve em tempos uma louval actividade em extinguir as espeluncas de tabolagem que infestavam Coimbra. Deu a esse respeito providências acertadas e desenvolveu um zelo notavel neste serviço relevante.

Como se explica, pois, o seu procedimento de agora, permanecendo de braços crusados perante a casa de batota a que nos referimos, que o sr. commissário deixa viver na sua criminosa indústriã, no meio do indifferentismo da policia, que é uma tãcita complicitade?

Reclamámos do sr. commissário

Folhetim da RESISTENCIA

ALEXIS BOUVIER

O casamento d'um forçado

TERCEIRA PARTE

O passado

v

Meio de arranjar mil francos de renda com jornaes velhos

O presidente. Peço ao público o mais absoluto silencio. Todo o signal de approvação ou reprovação é prohibido.

O presidente dirige-se então ao presidente do jury e diz-lhe:

— Queira dizer o resultado da sua conferencia.

O presidente do jury levanta-se com todos os seus colligas; colloca a mão sobre o coração e diz em voz alta:

— Pela minha honra, e pela minha consciência, diante de Deus e deante dos homens, a declaração do jury é a seguinte:

— *Primeiro questio:* É Jacques Bérard culpado de ter, em Paris, na ponte da *Estacada*, no dia 15 de junho de 1852, morto violentamente Francisco Bénéaud, por alcunha o *Carpinteiro*?

— Não! por maioria.

— *Segundo questio:* Está provado que

de policia que alguma coisa faça; que cumpra o seu dever, do mesmo modo que já d'outras vezes o cumpriu, e ficámos esperando o procedimento que s. ex.ª se dignar seguir.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Fizeram acto nos dias 12, 13 e 14 e ficaram approvados os seguintes alumnos:

Faculdade de Direito

1.º anno—Thomaz Megre Restier Junior, António Augusto Cerqueira, José Maria da Rosa Junior, António d'Almeida e Sousa, Gregório Nazianzeno M. Q. e Vasconcellos, Domingos Alexandrino da Silva, Lindorphe Ferreira de Macedo Pinto, Júlio Augusto e José de Mattos.

Neste anno houve 3 reprovações.

2.º anno—Manuel Isaias Abundio da Silva, Manuel Joaquim Wendel dos Reis, Manuel José de Sousa Morato, Manuel Marquez Pereira, Manuel da Silva Cordeiro, Mariano Sequeira Feio, Paulino Pinto Coelho, Pedro António d'Almeida, Porphyrio Xavier d'Abreu P. e Silva e Raul Toscano Pereira de Rezende.

Neste anno houve 3 reprovações e faltou 1 alumno ao acto.

3.º anno—António Joaquim de Sá Oliveira, José Marquez Loureiro, José Teixeira de Carvalho, Lourenço de Mattos Cordeiro, Luis Osório da Gama e Castro Oliveira, Baptista, Luis Teixeira de Macedo e Castro, Macário da Silva, Manuel de Mello Vaz de Sampaio, Manuel Simões Pinto e Mário Esteves de Oliveira.

Neste anno houve 1 reprovação e faltou 1 alumno ao acto.

4.º anno—Joaquim Gonçalvez de Aranjó, Joaquim Narciso de Silva Mattos, José de Almeida, José Hypólito de Sousa Franco, José Janhes Garcia Fiá-lho, José Júlio Moreira de Castro, José Manuel Crispiniãno d'Almeida, José Silvestre Cardoso, José Soárez Nobre e Júlio da Rocha.

5.º anno—António Pereira Taveira, Manuel José Moreira de Sá Couto, Manuel Pessos T. da Fonseca, Pedro Barbosa Falcão de Azevedo, Pedro de Barros Rodriguez, Quilino Elycio Alvez de Castro, Simão de Gusmão Correia Arouca, D. Vicente de Paula Gonçalvez Z-roco da Câmara e Augusto Frederico de Moraes Cerveira.

Faculdade de Medicina

1.º anno—Joaquim José Luis Fernández, Manuel Francisco Neves Junior, Fortunato Alfredo Pitta, António Alexandre Ferreira Fontes, Thomaz Mendez

Jacques Bérard fizesse feridas, e desse sóccos sem intenção de matar, mas que originaram a morte?...

— Está! por maioria.

— *Terceiro questio:* Está provado que Jeanne Binot, por alcunha a *Lilotte* ajudou consciencientemente o auctor do crime nos factos que o prepararam, facilitaram ou consummaram?...

— Não! por maioria.

A leitura é seguida d'uma longa agitação.

O juiz faz chamar os accusados.

O escrivão lê a decisão do jury.

O juiz:

— Attendendo à presente decisão, e aos poderes que a lei nos confere ordenamos que Jeanne Binot seja immediatamente posta em liberdade, se não tiver outro crime por que responda. Levem-na para a prisão. D'aquí a pouco será livre.

Esta medida é tomada para poupar á accusada curiosidades indiscretas; deixa o banco dos réus sem deitar um olhar ao accusado.

O juiz:

— Tem a palavra o sr. delegado.

O delegado:

— Requeremos a applicação do art. 309.º contra o accusado.

O juiz:

— O accusado ou o seu delegado tem alguma coisa a dizer sobre o applicação da pena?

O accusado ficou calado.

O juiz:

— A mesa retira-se para deliberar.

Norton de Mattos Prêgo e Rodrigo de Barros Teixeira dos Reis.

2.º anno—Mário Negrão de Vasconcellos Monterroso, Sergio Augusto Parreira, Manuel Gómez Filippe Coelho, José de Mattos Sobral Cid, José de Brito Prêgo Lyra e José Baleiras Proença.

3.º anno—Joaquim Navarro Marquez de Paiva, Jordão de Mello Falcão, José Alberto Pereira de Carvalho, José Alvez Moreira, José Augusto Telles e Lino Ferreira.

4.º anno—Samuel Augusto Pessoa.

CURSO DE PHARMÁCIA

2.º anno—Fernando Augusto da Paixão.

Neste anno houve 1 reprovação.

Faculdade de Mathematica

1.º anno—Obrg.: António Marcellino Monteiro, João Pessoa Junior, Sophia Júlia Dias, Alberto Guerreiro Peixoto e Cunha, António de Mello Pinto de Gusmão Calheiros, Callisto de Sousa Brandão, José d'Almeida, Manuel Fernández Martins, Alvaro Augusto Santiago e Abilio Maria Mendez Pinheiro de Magalhães Mexia.

Neste anno houve 2 reprovações.

2.º anno—Vol.: José Sebastião Egas de Azevedo e Silva, Pompeu de Meirelles Garrido, Tito Augusto de Moraes, D. Manuel de Assis Mascarenhas.

Neste anno houve 1 reprovação e uma desistência.

Relação do doutor que concluiu os Actos Grandes, e dos bachareis que concluíram a sua formatura na Faculdade de Mathematica, no anno lectivo de 1896 a 1897.

Doutor—António dos Santos Lucas, M. B., com 18 valores.

Bachareis formados—José Carlos de Barros, B., 14; Sidónio Bernardino Cardoso da Silva Paes, M. B., 19; Alfredo de Oliveira Machado e Costa, B., 14; Carlos Braamcamp Freire, S., 10; Carlos da Silveira Brandão Freire Themudo, B., 14; Diogo Dominguez Peres, S., 9.

CLASSIFICAÇÕES

1.º anno—1.º accessit—António da Silva Paes.

2.º accessit—Vasco Nogueira d'Oliveira.

1.º distincto—Mário Nogueira Gonçalvez.

2.º distinctos—Annibal Bábó Telles e Alexandre Proença d'Almeida Garrett.

2.º anno—Prêmios—Anselmo Ferraz de Carvalho e Pompeu de Meirelles Garrido.

1.º accessit—D. Manuel de Assis Mascarenhas.

2.º accessit—Alexandre Alberto de Sousa Pinto.

3.º accessits—Eduardo Nogueira Lemos e António Roxanes de Carvalho Junior.

Passada meia hora, entram os juizes. O official de serviço brada: Silêncio! Todos se levantam expontaneamente.

O juiz-presidente lê com voz firme:

— O tribunal do departamento do Senna, com sede em Paris, vista a sentença do tribunal imperial de Paris, câmara das accusações, accusando e enviando ao tribunal do departamento do Senna:

Contra: Jacques Bérard.

Visto o auto d'accusação, etc., etc.; Attendendo a que resulta da declaração do jury;

Que Jacques Bérard feriu e praticou violências criminaes, sem intenção de matar; mas que apesar d'isso produziram a morte;

Visto o artigo 309.º do Código penal assim concebido;

«Será punido com a prisão todo o individuo que ferir ou maltratar, etc., etc.».

«Se os golpes ou as feridas feitas voluntariamente, mas sem intenção de matar tiverem produzido a morte, o reu será punido com a pena de trabalhos forçados temporariamente.

«Em consequência, etc., etc., Jacques Bérard é condemnado a dez annos de trabalhos forçados.»

M^{tes} Bérard lêra até ao fim... o papel caiu-lhe das mãos, os olhos fecharam-se e inteiricando-se, estendeu-se sem sentidos sobre as lapides sepulchraes que cobriam a entrada da capella Sainte-Barbe.

Distincto—António Taveira de Carvalho.

3.º anno—Accessit—Eugénio Trajano de Bastos Guedes.

4.º anno—Accessits—Domitilla Hormizinda Miranda de Carvalho e José Luis d'Andrade Mendez Pinheiro.

Distincto—Jayme Pinto.

5.º anno—Prémio—Sidónio Bernardino Cardoso da Silva Paes.

1.º distincto—José Carlos de Barros.

2.º distincto—Alfredo Augusto d'Oliveira Machado e Costa.

Faculdade de Philosophia

1.ª cadeira—(Chimica inorganica).—Vol.: D. José Ignacio de Castello Branco, Manuel Ricardo de Miranda.

2.ª cadeira—(Chimica organica).—Obrg.: José Gómez López.

5.ª cadeira—(Physica 2.ª parte).—Ord.: Rodrigo Alfonso Alvez de Sousa.

Obrg.: Carlos Henriques Lebre, Júlio Peixoto Correia, Henrique Beato Diniz Miguens, Alberto Augusto das Neves Rocha, António Francisco Coelho, João d'Andrade da Motta Feliz, António de Gouveia Osório, Camillo Correia Guimarães, José Gómez Guimarães.

6.ª cadeira—(Zoologia).—Ord.: António Francisco de Sousa, José Carlos de Barros, Carlos da Silveira Brandão Freire Themudo.

Obrg.: Raul Lucas, Vicente Pedro Dias, António dos Santos Cidraes, António José Marquez, Luis Cândido López e Luis d'Oliveira.

5.º anno—(7.ª e 8.ª cadeiras)—Sidónio Bernardino Cardoso da Silva Paes.

DESENHO (curso philosophico)

2.º anno—António Taveira de Carvalho, Avelino Thomaz Cardoso, Evaristo Augusto Duarte Geral, Francisco Honorato de Sousa Vaz, Francisco de Paula Valle e Vasconcellos, Guilhermino da Cunha Vaz, João António Pinto Bogulho, João Blaire de Oliveira e Castro, João Salema de Sousa Abreu Gouveia, José d'Almeida Rebello, José Augusto Pinto da Silva, José Pinto, José dos Santos Alves, José Tavares Lebre, José Xavier de Azeredo, Manuel Joaquim Pires, António Aurélio da Costa Ferreira, Carlos Simões Dias de Figueiredo, António Francisco Coelho, João Marquez dos Santos, Rodrigo Alfonso Alvez de Sousa e Delphim Miranda.

Neste anno houve 14 reprovações.

Faculdade de Theologia

Relação dos bachareis que concluíram a sua formatura nesta Faculdade no anno lectivo de 96 a 97.

António Ferreira Pinto, B., 13; António Martins Malhado, B., 11; José Alvez Corrêa da Silva, B., 15; José Nave Catalão, B., 11; José Norberto Araujo Esmeriz, S., 9; Luis de Oliveira Alves Couto, S., 8.

VI

Passeio no mar

Rémond, mettendo o dinheiro precisamente na carteira, tinha dado volta ao rochedo Sainte-Barbe, subira acima dos penedos, olhara em volta a procurar o pescador, e, não o vendo, assobiara duas vezes, imitando a gai-vota.

Não tendo obtido resposta ao signal, esperara alguns instantes, correndo depois até á extremidade dos rochedos. Em vão tinha procurado a pequena bahia em que devia esperá-lo com o barco o dono da *Ancora d'Ouro*.

Depois de ter repetido duas vezes o signal, desesperado com o contratempo, ia pôr-se a caminho pelos campos até Houlon, para ganhar de la Saint-Pol-de-Léon... quando viu apparecer de repente detraz d'um rochedo o seu marinheiro acompanhado por outro individuo.

Vendo o homem, Rémond franziu o sobre-olho. O marinheiro veio ter com elle e disse-lhe:

— Não se deve zangar commigo por não ter apparecido mais cedo, os guardas d'alfândega andam a rondar, e eu tive medo de lhe cair nas unhas.

— Quem é aquelle homem?, perguntou Rémond em voz baixa, designando o Individuo que acompanhava o marinheiro.

— Eu não lhe tinha dito, que o senhor havia de fechar os olhos a tudo o que eu fizesse?

(Continúa).

CLASSIFICAÇÕES

3.º anno — Accessit — José Joaquim Guimarães Junior.

4.º anno — Prémio — Augusto Joaquim Alvez dos Santos.

Distinctos — João da Ressurreição de Paiva e Luis da Cunha Brandão.

5.º anno — Accessit — José Alvez Corrêa da Silva.

Distincto — António Ferreira Pinto.

Noticias diversas

Foi concedida a carta de serventia vitalicia ao sr. Albino Augusto Manique Mello, professor de arithmetica e geometria elementar na Escola Industria Brotero, d'esta cidade.

Tem estado nesta cidade o nosso amigo, sr. José Ferreira de Carvalho Lima, membro da Commissão Municipal Republicana de Poyares, por causa d'um exame de seu filho, que hontem foi admittido a frequentar a 2.ª classe dos lyceus.

O nosso amigo retirou hoje com seu filho para Poyares.

Realiza-se, no próximo domingo, em Santo António dos Olivaeas, a festa da Senhora das Dóres, havendo no sabbado, á noite, fogo prêso, illuminações e danças populares.

Tocará a banda regimental.

Já foi publicado o decreto, concedendo á confraria da Rainha Santa Isabel casas para hospicio, hospedaria e corredor, no supprimido convento de Santa Clara.

Devia ter ido hontem á assignatura o decreto nomeando o sr. dr. José Soares thesoureiro da Universidade.

Encontra-se nesta cidade o sr. bispo de Bragança.

Salu desta cidade, para Penella o sr. António Francisco da Cruz, considerado tabellião nesta cidade, para as Caldas da Rainha, o sr. João Teixeira Soares da Brito, capitalista; e para as Caldas da Felgueira, o sr. João Gómez Moreira, acreditado negociante nesta praça.

Para o regimento d'infanteria 23 foi transferido o tenente-coronel d'infanteria 14, sr. Freitas, que já aqui esteve como major.

A transferência effectuou-se por motivo de troca com o tenente-coronel, sr. Bello.

Eschola Central d'Agricultura «Moraes Soares»

Em conformidade com o disposto no § 2.º do art. 54.º do decreto com força de lei de 8 de outubro de 1891 se faz publico que os exames finaes nesta Eschola principiam no dia 19 do corrente ás 9 horas da manhã.

Eschola Central de Agricultura Moraes Soares, 12 de julho de 1897.

O director, António Augusto Baptista.

AVISO

A commissão central do Hospital de Beneficência Poyarense avisa as pessoas residentes em Coimbra de quem solicitou prendas para o bazar que se effectua nos dias 8, 9 e 10 d'agosto e cujo producto reverte em beneficio da fundação d'um hospital, de que as devem entregar na drogaria de Rodriguez da Silva & C.ª até ao dia 20 do corrente mês. A mesma commissão se confessa desde já muito grata a todas as pessoas que concorrerem com qualquer prenda para o referido bazar.

O presidente da commissão, Jerónimo Pereira da Silva.

20:000\$000 RÉIS

Empréstam-se a juro sobre hypotheca. Juro módico.

Nesta redacção dam-se esclarecimentos.

Câmara Municipal de S. Thomé

Partido médico a concurso

3 A Câmara Municipal deste concelho de S. Thomé, faz saber que se acha a concurso por espaço de 180 dias, a contar da data da publicação no *Diário do Governo*, o partido médico-cirúrgico com sede nesta cidade e com ordenado annual de 1:600\$000 réis, pago pelo cofre do Município e sujeito ao regulamento e tabella annexa, que fazem parte deste annuncio.

Chama, pois, a mesma Câmara a attenção dos senhores facultativos habilitados pela Universidade de Coimbra e pelas Escolas Médico-Cirúrgicas de Lisboa e Porto, a apresentarem nesta secretaria os seus requerimentos competentemente instruídos com os documentos legais e os mais que julgarem conveniente para comprovarem as suas habilitações.

REGULAMENTO E TABELLA

Artigo 1.º — Só são admitidos a este concurso facultativos habilitados pela Universidade de Coimbra e pelas Escolas Médico-Cirúrgicas de Lisboa e Porto.

Art. 2.º — Os requerimentos, devidamente instruídos com os documentos legais e quaesquer outros que os candidatos julgarem conveniente para provar as suas habilitações, serão apresentados na secretaria da mesma Câmara.

Art. 3.º — O facultativo do partido médico municipal, terá o vencimento annual de um conto e seiscentos mil réis.

Art. 4.º — Não poderá, quando preferido em concurso, ser provido sem que prove ter a sua residência na cidade de S. Thomé, da qual não poderá ausentar-se sem que o communique á Câmara, indicando-lhe ao mesmo tempo quem o fique substituindo.

§ 1.º A ausência a que o presente artigo se refere, não poderá prolongar-se além de dois dias consecutivos.

§ 2.º — O clinico indicado para a substituição tem de ser diplomado, pela Universidade ou por qualquer escola médico-cirúrgica da metrópole.

Art. 5.º — O motivo de doença não dispensa o facultativo do dever de participar a ausência e indicar clinico idóneo que o substitua.

§ 1.º — Na falta desta indicação fica a Câmara autorizada a convidar outro facultativo que, em tal caso, receberá, como gratificação, metade do vencimento do facultativo provido, ficando este deste modo, com a metade restante.

§ 2.º — A ausência, no caso do presente artigo, não poderá prolongar-se além de seis meses dentro da ilha ou fóra d'ella; espçada além d'este periodo importa a perda de todo o vencimento, — além do anno a perda do logar.

Art. 6.º — O facultativo é obrigado a dar consultas diárias na casa da sua residência, durante o tempo que fôr por elle proposto e pela Câmara accete e annuciado no *Boletim Official*.

Art. 7.º — Visitará duas vezes por semana a Cadeia civil, além d'aquelles em que fôr requisitado pelo carcereiro, relatando á Câmara o que se lhe offerecer.

Art. 8.º — Acompanhará a Câmara ou a auctoridade administrativa nas correlções para que fôr requisitado.

Art. 9.º — Na vaga dos logares de veterinario ou no seu impedimento legal, inspecionará todas as rezes de qualquer espécie que forem abatidas para consumo publico, mandando-as marcar pelos zeladores que o acompanharem, assim como examinará as carnes que estejam expostas á venda, sempre que a assim entenda necessário, a Câmara o determine, ou a auctoridade administrativa o requisite.

Art. 10.º — Procederá gratuitamente á verificação técnica dos óbitos e exames dos cadáveres que tiverem de ser enterrados no cemitério desta cidade, ou em qualquer ponto fóra da mesma quando seja a requisição da auctoridade competente.

Art. 11.º — Prestará todos os serviços de policia sanitária e médica, estabelecidos por lei, e aquelles que, independentemente d'ella, forem determinadas pela Câmara, por conveniência do serviço publico.

Art. 12.º — A Câmara quando se provar que o facultativo do municipio se afasta abusivamente da letra d'este regulamento poderá applicar ao dito facultativo a multa de cincoenta mil réis, pela primeira vez e de cem mil réis pela segunda, podendo á terceira rescindir o contracto, depois de o ter ouvido e attendendo á doutrina do n.º 6 do artigo 227.º do Código Administrativo.

Art. 13.º — Os honorários da clinica do facultativo municipal serão regulados pela tabella seguinte:

| N.º 1 | |
|------------------|--------|
| Por cada visita: | |
| Diurna..... | \$500 |
| Nocturna..... | 1\$000 |

| N.º 2 | |
|---|-------|
| Por cada visita a diferentes doentes na mesma residência, de dia ou de noite, o facultativo receberá de um d'elles o honorário marcado no n.º 1, de cada um dos outros..... | \$200 |

| N.º 3 | |
|--|-------|
| Por uma consulta em casa do facultativo: | |
| De dia..... | \$200 |
| De noite..... | \$500 |

| N.º 4 | |
|------------------------------------|--------|
| Por uma consulta por escripto..... | 1\$000 |

| N.º 5 | |
|--|--------|
| Por uma conferência com um ou mais facultativos..... | 2\$000 |

| N.º 6 | |
|--|-------|
| Os honorários das visitas feitas de dia ou de noite, fóra da cidade, serão augmentados por cada kilometro de caminho de ida, não se contando o primeiro kilometro, com a quantia de..... | \$500 |

| N.º 7 | |
|-----------------------|-------|
| Por um attestado..... | \$500 |

| N.º 8 | |
|-------------------------------|--|
| Tratamento aos pobres gratis. | |

| N.º 9 | |
|-------------------------------|--|
| Vaccinação aos pobres gratis. | |

E para que chegue ao conhecimento de todos se passou o presente e mais 12 de igual teor para serem publicados no *Diário do Governo*, no *Boletim Official* da provincia e nos diferentes jornaes mais lidos de Lisboa, Porto e Coimbra.

Secretaria da Câmara Municipal de S. Thomé, 4 de junho de 1897.

O Presidente da Câmara,
Domingos Machado Silveira e Paula.

CALDAS DA AMIEIRA

Abertura do estabelecimento thermal no dia 15 de maio

As ÁGUAS CHLORETADAS DA AMIEIRA usam-se com grande resultado na cura de escrophulose, rheumatismo, moléstias de pelle, ainda as mais rebeldes, syphilis, padecimentos de estómago, figado e baço, inflamações de quaesquer órgãos, útero, ovário, intestinos, leucorrhæas, anémia e chlorose.

A administração do hotel estará a cargo do sr. José Maria Rodrigues, de Coimbra, havendo nelle, entre outros muitos divertimentos communs a todos os hospedes, uma boa sala de recreio com piano, salão de bilhar, bonitos passeios, lagos com botes, etc. etc.

Preços, incluindo todo o serviço de quarto e mesa, de 1\$000 a 1\$200 réis diários.

Para quaesquer esclarecimentos dirigir-se á sede balnear; depósito em Lisboa — rua de S. Julião, 142, 1.º.

ÁGUA DAS LOMBADAS

ILHA DE S. MIGUEL — AÇORES

Água gazosa natural a mais pura para mesa. Não contém micro-organismos.

Coimbra — Pharmácia e Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª.

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

10 Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande depósito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corças e bouquets, fúnebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as cores e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continda a encarregar-se de funeraes completos, armações fúnebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

A cura da Blennorrhagia

ELECTUÁRIO ANTI-BLENNORRHÁGICO

DO PHARMACÉUTICO

T. GALVÃO

Um até dois boiões d'este maravilhoso medicamento, verdadeiro especifico, bastam na máxima parte dos casos, para curar todas as purgações, ainda as mais antigas e rebeldes.

Preço do boião, 1\$000 réis

Depósito geral em Argauil na pharmacia Galvão — Em Coimbra: drogaria Rodrigues da Silva & C.ª

CALLICIDA



Privilégio Exclusivo

Extracção dos callos sem dor em 5 dias

Desconto convidativo para revender

Depositos — Lisboa: Leandro de Freitas, rua da Prata, 231; Porto, José Maria Lopes, rua do Bomjardim, 12; Coimbra, Rodrigues da Silva & C.ª; e em todas as cidades e principaes villas do continente.

África — Loanda, José Marques Diogo.

Brasil — Rio de Janeiro: Silva Gomes & C.ª; Pernambuco: Guerra Fernandes & C.ª, rua do Duque de Caxias, 47; Bahia: Francisco de Assis e Souza; Maranhão: Jorge & Santos.

Exija-se nos depósitos um prospecto que ensina o modo de usá-lo e previne as falsificações. Ha um só depósito em cada terra.

Pedidos ao auctor: António Franco, Covilhã.

Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentária

Caldeira da Silva

Cirurgião dentista

Herculano Carvalho

Médico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174

7 Consultas todos os dias das nove da manhã ás 3 horas da tarde.

VENDE-SE

11 Uma grande morada de casas com dois andares, lojas, abegoaria, pateo, quintal com arvores de fructo e água, e uma outra casa contigua que foi antiga Inquisição que se presta a grandes obras, inclusivê para uma fábrica.

Quem pretender dirija proposta em carta a Alipio Leite, Penacova; mais esclarecimentos, rua Visconde da Luz, n.º 60. — Coimbra.

Carroça

12 Vende-se uma nova, com boas molas.

Rua Ferreira Borges, 145, 3.º

Loja da China

13 Chegou a este estabelecimento uma variadissima colleção de leques.

Vende-se

14 A morada de casas sita na rua da Galla, n.º 33, 35 e 37. Compõe-se de loja, 2 andares e um pateo com uma pequena casa em condições de ser habitada.

Para tratar — José da Cunha, rua dos Sapateiros (mercearia).

CASA PARA ARRENDAR

Leonarda Forjaz, arrenda a parte sul da sua casa da rua da Ilha.

Recebem-se propostas, na quinta dos Plátanos á Bemcanta, onde se encontram as chaves, para ser vista.

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR — Joaquim Teixeira de Sa

Condições de assignatura

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno..... 2\$700

Semestre..... 1\$350

Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 2\$400

Semestre..... 1\$200

Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis.—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 p. c.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todas aquelles com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Typ. F. França Amade — COIMBRA

PROBIDADE

Companhia geral de seguros

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

CAPITAL 2.000:000\$000

Rua Nova d'El-Rei, n.º 99, 1.º

Lisboa

Effectua seguros contra incêndios.

Correspondente em Coimbra, Cassiano A. Martins Ribeiro. — Rua Ferreira Borges, 165, 1.º.

Vende-se

1 Uma bomba de grande pressão, com os tubos de cobre, própria para tirar água, e vendem-se tambem dois pares de rodas para carro alemtejano ou de bois.

Trata-se com Francisco Nogueira Secco, Terreiro da Erva, Coimbra.

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfectos do país

Excellentes águas mineraes para doenças de pelle, rheumatismo, estómago, garganta, etc.

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM

(BEIRA ALTA)

Abertura do estabelecimento thermal em 1 de maio e fecha em 30 de novembro

Abertura do Grande Hotel Club em 15 de maio

Grande Hotel Club

Com estação de correio e telégrapho, médico e pharmácia e casa de barbear. Magnificas accommodações desde 1\$200 réis, comprehendendo serviço, club, etc. Bonus para os médicos

1 O Estabelecimento Thermal comprehende 64 banheiras de 1.ª a 5.ª classe; duas salas para duchas, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inhalção, pulverização e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette. É sem dúvida o melhor do reino, e mais barato. — Viagem — Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas (BEIRA ALTA) e d'ahi 5 kilometros em bons carros. A estação de Cannas na linha férrea da Beira Alta está directamente ligada com todas as linhas férreas hespanholas que entram em Portugal por Badajoz, Cáceres, Villar Formoso, Barca d'Alva e Tuy — Para esclarecimentos: — Em Lisboa: rua do Alecrim, n.º 125, referente ao estabelecimento balnear, e rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel. — Correspondência para as Caldas da Felgueira, ao gerente da companhia do Grande Hotel. — As águas engarrafadas vendem-se nas pharmácias e drogarias e no depósito geral, PHARMÁCIA ANDRADE, rua do Alecrim, 125. — A exploração do Hotel floc este anno a cargo da Companhia do Grande Club.

RESISTENCIA

N.º 251

COIMBRA—Domingo, 18 de julho de 1897

3.º ANNO

Carta de Lisboa

16 de julho

As propostas de fazenda consti-tuem a ordem do dia.

E mau seria se o não fôsem.

Não ha idéa de terem appareci-do propostas de fazenda mais mon-struosas. Nunca se viu coisa pare-cida sequer.

Têm apparecido medidas finan-ceiras que têm revoltado por iné-plas.

Têm apparecido outras que têm produzido a maior impressão de re-volta, por evidentemente envolvem tenebrosas negociatas.

Nunca, porém, se viu simultâ-neamente tanta inépcia e tamanho empenho em favorecer interesses particulares.

É impossivel num artigo demon-strar a verdade d'essa afirmação, por cada proposta.

Mas é facil dar exemplos.

Na proposta dos phósphoros, o governo auctorisa a companhia a duplicar os preços, porque acabam os phósphoros chamados brancos, ficando o consumidor, que com elles gastava 5 réis em caixa, obrigado a gastar 10 réis em phósphoros amor-phos, e as caixas de cêra passam de 10 a 20 réis.

Deveria por esse facto duplicar a venda, visto que duplicavam os lucros.

Mas não succede assim.

A companhia pagava a quantia de 280:500\$000 réis e passa a pa-gar apenas mais 90:000\$000 réis, tendo ainda outras concessões, como a de isenção de direitos sobre as matérias primas!

Os lucros eram até aqui de réis 392:350\$815.

Serám no futuro, pois, de cerca de 784:701\$630 réis.

Mas para ter mais 392:350\$815 réis de lucros a companhia dará apenas mais 90:000\$000 réis.

Os caminhos de ferro sam arren-dados pela importância do rendi-mento líquido do último anno, quan-do é sabido que os caminhos de ferro produzem muito mais quando em mãos de particulares e que o rendimento de qualquer dos nossos tem augmentado e promete aug-mentar.

Mas, como se isso fôsse pouco, as companhias recebem ainda con-cessões valiosíssimas como estas: cedência de projectos e anti projec-tos de ramaes, que representam muitos contos de réis; isenção de direitos de material, o que vale de-zenas de contos de réis por anno; armazens geraes alfandegados, que podem dar lucros assombrosos; e

até por último a dispensa da appli-cação do código commercial.

Arrendar os caminhos de ferro seria um erro perigosíssimo para o futuro do país. Arrendá-los nestas condições é muito mais que erro.

Sobre o negócio dos tabacos, que vem reduzir á miséria os milhares de familias que vivem do respectivo commércio, chegam a dispen-sar-se as críticas.

O ministro que apresentou a pro-posta é accionista da companhia, foi até ao dia de subir ao poder vogal do seu conselho d'administra-ção.

Por conseguinte, o ministro tra-tou com elle próprio os seus inte-resses.

E tratando dos seus interesses, claro, defendeu-os.

A proposta do monopólio do as-sucar de beterraba, que virá a ferir mortalmente a indústria portugue-sa do assucar agora existente; a das empreitadas que abrange a constru-ção d'um palácio de justiça; a do Banco de Portugal, que augmenta ainda a circulação fiduciária; e o em-préstimo das classes inactivas; — tudo isso é ainda pavoroso.

Approvadas estas propostas, Por-tugal estará irremediavelmente per-dido — morto num brevíssimo es-paço de tempo.

Estamos por conseguinte mais do que nunca no momento decisivo da nossa sorte.

Faltam apenas dias: as propos-tas breve entrarám em discussão, porque está nisso empenhado o *Sol-lar*.

A nação tem, pois, dias, momen-tos, para lutar ou morrer.

Luctar como um grande póvo, que comprehendeu a sua missão.

Morrer como um vilão, indigno da vida.

×

O governo tem a consciencia da sua obra:—sabe o que ella é, sabe como a opinião ha de recebê-la.

Tanto o sabe que tem mostrado todo o empenho em desviar as at-tenções do assumpto.

A esse plano obedeceu, segundo as melhores informações, a infâmia da apprehensão dos jornaes.

De facto, exactamente na véspe-ra da apresentação das propostas, foram apprehendidos todos os jor-naes republicanos — números que por acaso eram dos mais inoffensi-vos e menos violentos.

Como se explica esse cúmulo de cynismo daquelles que hontem ain-da tanto berravam contra as apprehensões ?!

Compreende-se na verdade que o fim fôsse irritar e não se compre-hende bem outro.

A entidade Pedroso de Lima é outro factor do plano.

Dias antes de apparecer a propo-sita, Pedroso Lima—o ex-commissá-rio da 2.ª divisão, tam profunda-mente biographado ha 3 annos pelo valente director do *Paiz*—começou de apparecer ao serviço do governo.

Apresentadas as propostas, o go-verno fez ainda propalar o seu pro-pósito de reintegrá-lo na policia.

Não pôde tê-lo feito sem o pro-pósito d'irritar a opinião e conse-guiu-o, em grande parte.

Outros factos denunciam o mes-mo plano.

É forçoso, porém, que o póvo seja enormemente ingênuo para se deixar levar por elles.

×

Sobre a ingenuidade do póvo ha a registrar um facto característico.

Não bem da sua ingenuidade. Da sua estupidez ou da sua volubili-dade.

É sabido que a commissão dos livros de instrucção primária regei-tou os de João de Deus.

É sabido mais que no anno pas-sado, quando João de Deus morreu, toda a nação se levantou, em preito ao poeta e ao demagogo.

A Academia de instrucção popular — um grupo de prestantes cidadãos — promoveu hontem uma reunião para tratar de impôr a obra de João de Deus.

Pois compareceram a essa reu-nião umas 100 pessoas, se tanto!

D'onde se conclue mais uma vez que este póvo só é entusiasta para manifestações platónicas.

Quando se trata d'obras profi-cuas, encolhe-se, retráe-se.

Tristíssima verdade que é dolo-roso reconhecer neste momento em que esse póvo tem que optar pela inércia ou pela lucta, para viver ou morrer.

F. B.

O talento d'um ministro

O nosso collega *A Voz Publica*, do Porto, analysando, minuciosa-mente, a parte das propostas de fazenda, que diz respeito ao mono-pólio dos phósphoros, termina assim as suas considerações:

«Recapitulando: O sr. Ressano Gar-cia, depois de tanta mortificação, con-seguiu, com a elevação a 20 réis de cada caixa de phósphoros, isto:

Portugal tem 5 milhões de habitantes. Ninguém poderá chamar-nos exaggera-dos se dissermos que, pelo menos 800:000 sam forçados a gastar d'esta qualidade de phósphoros.

Quantas caixas? A média de quatro caixas por semana, ou sejam 208 por anno, por cada um destes 800:000 consumidores, tambem ninguém pôde chamar exaggerada.

Sendo assim, temos: 800:000 habi-tantes a 208 caixas por anno, igual a 166.400:000 caixas, que, ao preço de 20 réis, importam na bonita cifra de 3.328:000\$000 réis. Metade d'esta quantia, ou sejam 1.664:000\$000 réis, era quanto, por igual numero de caixas de phosphoros, ar-recadava a companhia nos seus inson-daveis cofres.

Fica, portanto, a companhia, arrecadando agora a mais essa quantia com o *terrivel* compromisso de dar ao governo oitenta contos por anno! isto é, abicha por anno, mais que até aqui, 1.584:000\$000 réis!!

Apre, que já é ter talento! Isto é simplesmente assombroso, e só duas attenuantes tem o ministro *luminoso*. E' a de não saber sommar e a de não desejar ser pesado á compa-nhia, como seu empregado!

De um ministro da corôa se disse ser fundamentalmente estúpido; resta agora que o publico classifique este

Quanto ao *luminoso* das propostas, o imbecil que assim as classificou nem sequer vê, que, por tal processo, fica tudo ás escuras!

Menos a companhia...»

Fundamentalmente... mariano, o sr. ministro!...

COMÍCIO REPUBLICANO

Deve realizar-se hoje em Villa Nova de Gaya um comício de pro-testo contra as medidas de fazenda, propostas ao pseudo-parlamento pelo sr. Ressano Garcia.

Esse comício vem corroborar o que de ha muito vimos afirmando: que o povo portuguez resolve, em-fim, despertar do somno em que por muito tempo esteve inconscien-temente mergulhado, lembrando aos ministros da monarchia que não se acha disposto a sancionar, de modo algum, com um silêncio criminoso, as infâmias d'um regimen, *que se afunda num mar de lama*.

O país hade saber cumprir o seu dever, no momento em que os cy-nicos devassos, com assento no palácio de S. Bento, resolvam en-tregar ao estrangeiro todos os bens nacionaes como propõe o mac-mur-dista Ressano.

As propostas de fazenda envol-vem o plano de liquidação nacional.

E' contra isso que o povo pro-testa; é contra essa infâmia que o povo se insurge.

E crêmos bem que esse protesto se ha de fazer ouvir, como o estalar de uma insurreição triumphante.

Antes de sêr posto em leilão o patrimonio da moção urge que sejam expulsos os traidores á patria mise-ravelmente vendidos ao oiro dos estrangeiros cubiçosos.

ASSUMPTO GRAVE

Consta, pelas regiões officiaes, que se estão ensaiando as tentati-vas para banir, por uma vez, do ensino das eschólas, o método pe-dagógico do inolvidavel Mestre João de Deus.

É tam descabellada a patifaria, tam insolente a bofetada que ameaça

estallar nas faces de todos os que hontem contribuíram para a glorifi-cação do saudoso poeta, que se torna de urgente e inadiavel neces-sidade a cooperação de toda a im-prensa jornalística numa enérgica campanha de protesto contra a in-fâmia projectada.

A instrucção popular não pôde nem deve, de modo algum, estar sujeita aos caprichos de qualquer legislador desmiolado, que se arro-gue a ousadia de estabelecer dispo-sições escholares com a mesma fa-cilidade com que se contractam lei-lões da fazenda nacional.

Esta é que é a verdade.

Aproveite-se, pois, a occasião, para uma campanha de protesto, sufficientemente enérgica para poder mostrar aos senhores governantes o caminho que devem seguir.

É de necessidade que a imprensa saiba impôr-se, no sentido de evitar que uma quadrilha de rufiões se abalance á tentativa de aniquilla-mento da grande obra do extinto pedagogo, em que elle pôs toda a sua alma de poeta, todo o seu cora-ção de pae amantíssimo.

Isto pósto, urge que de todos os peitos irrompa unisono um brado de indignação, que faça lembrar aos senhores do alto que os manifestan-tes de hontem não se acham dispo-stos a ir sómente, em chorosa pre-grinação, depôr uma lágrima de saudade no ataúde do saudoso Mes-tre, deixando que a sua gloriosa berança se faça pedaços sob o glá-dio dos invejosos.

Sé Velha

Nunca a entrada na igreja da Sé Velha foi dificultada aos visitan-tes durante o primeiro período das obras de restauração.

Entendeu-se sempre, e bem, que era de proceder illustrado interes-sar o sentimento público no anda-mento dos trabalhos e na sympathy pelo monumento.

Depois d'isso entrou o gado bra-vio no arraial inerme! E, como ne-nhum estímulo de intelligência ou sentimento os animava, por basófia e ostentação do mando, ou por ar-mar á espórtula do forasteiro, vê-dou-se a igreja com um tapume pelo lado do claustro, para que se não podesse penetrar no santuário sem consentimento dos Cerebéros!

Um empregado da repartição de obras públicas não se vexava de estender a mão e receber gorgê-tas!...

Saiba-se isto.

Afastados temporariamente os scelerados que allí deixaram im-pressas as obscenidades da mais infame estupidez, sempre esperá-vamos que ordens terminantes se fizessem sentir para cohibir os abu-sos e as asneiras d'essa estúrdia damninha.

Com pesar, porém, reconhecemos o engano! Num dos últimos dias a entrada na igreja foi rudemente de-negada a pessoas que de longe vie-ram para a visitar.

É facil de vêr como é irritante

uma tal arbitrariedade. Isto não pôde continuar assim.

Estamos chegados á época em que a affluência de forasteiros é grande; e será um vexame para a cidade, que se recusa, ou se difficul-te sequer o ingresso no templo.

Diz-se que a prohibição se justifica com o receio de furtos de azulejos.

Quer dizer: os mandões da obra pública que os arremessavam em monte, como entulho solto, e faziam estrada sobre elles; que os mandavam arrancar por aprendizes, e por tal fórmula os trataram, que ha milhares e milhares despedaçados e inaproveitáveis; que em tanta estimacão os guardavam que por vezes saíram grandes porções, sem que ninguém saiba do direito e responsabilidade com que saíram; depois de tudo isto, é que acordam em fingimentos de zelo pelos azulejos!...

Além de que bem facil será de evitar esse commercio e esse roubo. Cincoenta processos se offerecem á escolha!...

Ao sr. engenheiro Goes nos dirigimos, pedindo que imponha a sua auctoridade, para fazer entrar nos limites da decência e no respeito pelos créditos da cidade os mandões, que os exemplos d'um chefe petulante, mau e ignaro desmoralisaram, e aos quaes com certeza deve attribuir-se esta prohibição estólida.

Porque bem se vê, que tem o cunho grosseiro do auctoritarismo reles, em mãos de insignificantes!

Esperamos ser attendidos, a bem do monumento e de nós todos.

No Oriente

Já se conhecem os textos das notas dirigidas á Sublime Porta pelos embaixadores das grandes potências. O fundo de todas ellas é idéntico.

Dizem que, em vista das evasivas do governo turco no assumpto referente á rectificação da fronteira da Thessalia, os embaixadores receberam a incumbência de declarar solidária e cathégicamente que as potências approvam o projecto de rectificação estratégica, tal como foi apresentado pelos addidos militares.

Portanto, as potências estão firmemente resolvidas a pôr termo a uma obstrucção, cujo único fim seria impedir a celebração da paz, que tanto interessa á Europa.

—O rei dos hellenos dirigiu uma communicacão ao imperador da Rússia, exprimindo-lhe a sua gratidão pela iniciativa que tomou afim das negociações da paz se abreviassem.

—Os jornaes de Vienna fazem notar a verdadeira importância do despacho dirigido ao sultão da Turquia, pelo imperador d'Austria.

A sinceridade e a inteireza de ânimo de Francisco José, deverám influir poderosamente sobre o soberano da Turquia a quem se lembra que em principio accitou a simples rectificação da fronteira estratégica para a paz com a Grécia.

Qualquer outra soluçao, não é admissivel, nem pôde ser viavel.

—Em Candia deu-se um novo conflicto, cujos pormenores se ignoram por enquanto, sabendo-se apenas que 6 ingleses, e numerosos *bachi-bouzucs* (trôpas irregulares) morreram.

Fôram enviados 5 navios de guerra para aquellas águas.

—O tzar telegraphou ao sultão Abdul-Hamid em termos cordiaes,

insistindo vivamente na evacuação immediata da Thessalia pelas trôpas turcas. O sultão respondeu-lhe affirmativamente, mas declinando, de si a responsabilidade das consequências.

Conferências sobre os impostos de fazenda

Sob esta epigrapha pública o nosso collega *O Paiz* uma local, noticiando que diversos membros do Grupo Republicano de Estudos Sociaes vam realizar conferências em Lisboa e Porto ácerca dos perigosíssimos expedientes financeiros do governo.

Essas conferências serão iniciadas, em Lisboa, pelo sr. Verissimo d'Almeida, professor do instituto de agricultura, que tratará especialmente do monopólio do fabrico de assucar de beterraba.

DR. EVARISTO DE CARVALHO

Concluiu hontem a sua formatura em Direito este nosso prezado amigo e valioso correligionário.

Por isso o felicitamos cordealmente, desejando-lhe todas as felicidades de que é merecedor pelo seu bello character.

Direcção das obras públicas

Está em vésperas de reassumir a direcção das obras públicas deste districto o sr. Franco Frazão que, não obstante os mil protestos dos mais graduados membros do partido progressista d'esta cidade de que seria demittido, nunca foi exonerado do logar que estava exercendo e recebeu, como única pena, durante o tempo em que o forçaram a permanecer em Lisboa, o ordenado do exercicio correspondente a um logar desempenhado por outro engenheiro e, talvez, umas ajudas de custo. A vinda do sr. Castro Mattoso a esta cidade liga-se com esse facto, e não são alheias a elle repetidas conferências que para ali tem havido entre as maguas da politica governamental.

As últimas informações dam-nos como aplanadas as difficuldades que se oppunham ao regresso do sr. Franco Frazão, vendo-se, os que hontem declaravam triumphantemente que elle não mais voltaria para esta cidade como director d'obras públicas, forçado a accetá-lo e, talvez, a apertar-lhe a mão, mesmo antes de o sr. Frazão ir ao governo civil fazer a visita do estylo. E mais se verá, que por ora não dizemos. Para uns será uma pirraça ao sr. Frazão, para outros uma diminuição d'encargos. Afinal, não é uma nem outra cousa, mas só um meio de sair d'apuros quem em boas talas se metteu.

Estes sam os factos, que amanhã terám plena confirmação. Não falaremos de diguidade, de coherência e d'outras cousas que a politica monarchica já ha muito tempo não conhece; mas talvez ainda tenhamos de referir novas circumstâncias que mais interessantes tornam os

factos que ali ficam ligeiramente esboçados.

A história da crise ministerial, com que o sr. Mattoso ingrolou e amedrontou os seus *perseguidas*, tem uma pilhéria extraordinaria. Uma crise ministerial dependente do sr. Franco Frazão! Agora é que vae ali tudo raso, se alguém se lembra de beliscar de leve no grande potentado.

Nós cá estamos, em attitude humilde, á espera de s. ex.ª.

Movimento republicano

Um grande número de republicanos de Lisboa resolveu fundar um centro, intitulado — Pátria.

Agora, que os governos da monarchia tentam dar o último golpe na dignidade d'um povo, falto de energia para uma resistência efficaç contra o vexatório despotismo que o vilipendia, é de urgente e inadiavel necessidade que se congreguem todas as forças dispersas, ensinando o caminho do dever a uma raça escravizada.

Chegou o momento do desenvolvimento de todas as actividades, iniciando um periodo de luta, última e decisiva, contra a infâmia d'um regimen, que *infames servidores estão afundando num mar de lama.*

Commissão municipal republicana

Reuniu, na quinta feira passada, a commissão municipal republicana d'esta cidade, para resolver ácerca da circular do Directorio convidando para a reunião do congresso do partido.

Deliberou adherir a essa circular e fazer-se representar, no mencionado congresso, pelos srs. dr. Guilherme Alves Moreira, dr. Affonso Costa e Manuel Augusto Rodrigues da Silva.

CRUELDADE

Não obstante as reclamações á policia, tantas vezes repetidas por todos os jornaes da terra, os carreiros acham-se de tal forma endurecidos e impudentes, que ha dois dias um d'esses selvagens castigou um boi enfiando-lhe o agulhão pelas ventas!

Isto á hora do dia, no largo da Sé Velha!...

Mas a policia vae-se gastando em phantasmagorias secretas de pura comédia! E de nada mais quer saber!

Carta da Figueira

15 de julho de 97.

Depois da minha última carta nenhuma novidade tem havido: a policia foi reforçada, o sr. administrador foi a Coimbra, parece que para receber instrucções e os artistas entraram na ordem; de maneira que reina a paz em Varsóvia.

A affluência de gente continúa. Da essa cidade chegaram: dr. Affonso Costa e familia, dr. Cuuba Leitão e familia e varias outras familias que não nos occorre neste momento.

O José Doria veio hontem com sua Ex.ª esposa e demorou-se apenas horas; parece que já não quer bem á Figueira. Como os tempos mudam!

Da Covilhã tambem aqui estão;

srs. conselheiros Pessoa, dr. António Alçada com sua ex.ª esposa e seus filhinhos, e acompanhava-o sua irmã e a esposa do sr. dr. Antonino Vaz de Macedo. Tambem está o sr. Marques, suas filhas e netos.

Familias hespanholas têm vindo muitas, que dam a esta cidade o aspecto de uma cidade hespanhola. Á tarde na praia, sem passeio predilecto, reúnem em grande número, dando tom áquelle formoso logar ainda ha tam poucos dias deserto.

As crianças entám têm allí o primeiro logar e com o seu correr desordenado, atarefados com os seus projectos de grandes fornos e poços que fazem e desfazem no areal e com os seus gritos argentinicos que se perdem no espaço, confundidos com o ruido do quebrar das ondas na praia, que umas vezes é doce como uma melopeia, outras áspero e terrivel, fazem encantador áquelle formoso sitio, onde nos deixamos esquecer horas e horas contemplando aquelle bulício tam desordenado e tam único.

Hontem até o dr. Teixeira d'Abreu se esqueceu da sua gravidade de cathedrático. Brincava na praia com o Fernandito, uma alegria tam sa e tam boa que despertava inveja.

Se o Fernandito, seu filhinho querido, é tam galante e tam sympathico!...

Esta vida assim tam descuidada, tam boa para os nos sos pulmões que se refazem e robustecem com este ar azotado e puro que vem do mar, tem sido prejudicada pelo tempo chuvoso d'estes últimos dias e julgo que não volverá porque os casinos se abrem hoje, derivando para allí a corrente d'essas formosas banhistas, que na distracção da praia, procuravam esquecimento para as lembranças e saudades que traziam das suas terras.

Política... aqui, sem haver convenção todos se guardam de fallar nesse terrivel monstro que envenena as relações mais puras e santas da amizade. Assim deve ser porque quem vem para esta praia é justamente para refazer-se do estado de irritação que as luctas partidárias lhe prediz-m.

Ha tréguas, pois, que julgo convenientissimas, e por esse motivo nada lhes digo da impressão que as questões ultimamente levantadas na imprensa aqui produziram.

O elevador

Um correspondente d'esta cidade para uma folha de Lisboa diz que a camara municipal está em sérios estudos para resolver se o concessionário do decantado elevador do Quebra-costas tem direito a levantar os 800\$000 réis que depositou. Nós tambem vamos estudar e é provavel que, antes da illustre edilidade tomar uma deliberação definitiva, digamos o que ha sobre tam importante assumpto.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Fizeram acto nos dias 16 e 17 e ficaram approvados os seguintes alumnos:

Faculdade de Direito

1.º anno—José Júlio da Silva Anachoreta.

Neste anno houve 3 reprovacões e concluíram os actos.

2.º anno—Simão José, Theotónio José da Fonseca, Vicente José Duarte Sanches, Arthur Anselmo Ribeiro de Castro e José Nepomuceno Fernández Braz.

Neste anno houve 4 reprovacões e desistiu um alumno do acto.

3.º anno—Mário Ferreira da Rocha Callisto, Patrício Eugénio Mascarenhas Judice, Pedro Virgolino Ferraz Chanca, Possidónio Matheus Laranjo Coelho, Primo Firmino do Nascimento Frazão, Ricardo Branco Borges de Sousa e Sebastião Alexandre Limpo de Lacerda.

Neste anno houve 1 reprovacão.

4.º anno—Lino Xavier Pereira Machado, Manuel Augusto Cranjo, Manuel Casimiro Coelho do Amaral Reis, Manuel Dias Gonçalves Cerejeira, Manuel de Lacerda Aranha Mourão e Albuquerque, Manuel Loureiro da Fonseca e Manuel Pereira da Silva e Costa.

5.º anno—Jorge da Silveira Freire Themudo de Vera, Porphirio da Costa Novaes, António da Cunha Vaz, José Augusto Dinis, Evaristo Luis das Neves Ferreira de Carvalho e António López da Silva Garcez.

Faculdade de Medicina

Realizaram-se as theses do licenciado em Medicina sr. João Serras e Silva.

Faculdade de Philosophia

2.ª cadeira—(Chimica orgânica).—Nesta cadeira houve 1 reprovacão.

6.ª cadeira—(Zoologia).—Ord: José Cardoso de Menezes Martins Obrg: Alberto Augusto das Neves Rocha.

Nesta cadeira houve 1 reprovacão.

5.º anno—(7.ª e 8.ª cadeiras)—(Mineralogia e anthropologia)—Álvaro de Lima Henriques e José Joaquim Pereira dos Santos Motta.

Noticias diversas

Realizam-se amanhã a ripagem e substituição do taboleiro metálico da ponte do Mondego Velho, ao Choupal, próximo da estação velha.

De visita, está nesta cidade o sr. dr. Francisco António de Paula, estimado clinico em Villa Velha de Rodam.

Salu para os Cucos, Torres Vedras, o sr. Joaquim Augusto de Carvalho e Santos, digno director da agência do Banco de Portugal nesta cidade.

A camara municipal resolveu enviar ao governo uma representacão no sentido de ser modificado o projecto das obras do caes, de maneira a evitar o estreitamento da via pública em frente dos armazens de mercadorias da estação do caminho de ferro.

Para idéntico fim, vae tambem elaborar uma representacão a Associação Commercial.

Começam amanhã os exames na eschola de agricultura Moraes Soares.

Ao sr. commissário de policia lembramos o rigoroso cumprimento dos editaes, ha tempos publicados, concernentes ao assumpto da limpeza das ruas.

O zelo com que se iniciou o cumprimento d'essas acertadas medidas, parece ter affrouxado sensivelmente, o que é deveras para lastimar.

A immundicie continuando pejudando as ruas mais escusas, sem que a policia se tenha lembrado de cumprir o seu dever.

Nós, que applaudimos as acertadas medidas do sr. commissário, por occasião da sua publicacão, lembramos a conveniência da sua rigorosa execuçao.

O concessionário do elevador, ha tempos projectado nesta cidade, requereu á camara municipal no sentido de lhe ser concedido o levantamento dos 800:000 réis, que depositara, em virtude de ter desistido da concessão,

A câmara municipal ainda nada resolveu sobre tal assumpto.

Consta-nos que alguns cavalheiros e algumas senhoras d'esta cidade, em número superior a quatorze pessoas, tencionam partir d'aqui no dia 24 do corrente, em excursão á Serra da Estrella.

Deve realisar-se, no dia 28 do corrente, o casamento do estudante do quarto anno juridico, sr. Armando Casqueiro, com a sr.^a D. Maria do Céu Soriano, filha do sr. Sebastião Soriano, desenhador das obras publicas.

A cerimonia deve effectuar-se na capella particular do sr. bispo-conde.

Os hospitaes da Universidade não podem, actualmente, receber doentes, por falta de camas.

Durante o mês findo foram abatidos, neste districto 278 cães vadios. Dêstes, 118 pertenciam ao concelho de Coimbra.

Foi hontem dada posse á nova mesa da Santa Casa da Misericórdia.

Os srs. Charles Lepierre e Olympio Sagiral tem continuado os trabalhos sobre o microbio do somno e a sua cultura em diversos meios, tendo obtido já photographias bastante nitidas d'algumas preparações de sangue do doente, e outras do d'animaes inoculados.

Fizeram exame de pharmacia, 2.^a classe, e ficaram approvados, Francisco Garcia Branco e José da Costa Sequeira Vidal.

Câmara Municipal de Coimbra

Resumo das deliberações tomadas na sessão ordinária de 1 de julho de 1897.

Presidência do vereador mais velho, José Marques Pinto.

Vereadores presentes: — Bacharel José Augusto Gaspar de Mattos, José António Lucas, António José de Moura Basto e Albano Gomes Paes.

Presente o administrador do concelho, bacharel Joaquim Augusto Gaspar de Mattos.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior, sendo declarado que não houve sessão na semana finda, por

terem sido sanctificados os dias 24 e 25 e não ter reunido número legal de vereadores no dia de sabbado.

Tomou conhecimento da approvaçã dada superiormente ás deliberações tomadas no dia 3 de junho, relativamente á gratificação aos empregados de fazenda e á cedência dos terrenos para alinhamentos em S. João do Campo.

Tomou igualmente conhecimento da approvaçã dada aos pagamentos feitos ás amas dos expostos e ás mães subsidiadas dos vencimentos de janeiro a março.

Resolveu, a pedido da Comissão do 4.^o Centenário da Índia, considerar como de feriado o dia 8 de julho corrente, anniversário da saída de Lisboa da expedição para a Índia, e fazer illuminar a fachada do edificio municipal nessa noite, convidando os habitantes da cidade a illuminar tambem as fachadas dos seus prédios.

Nomeou, em substituição do vigia n.^o 5, que se despediu do serviço em 25 de junho, José Carvalho, da Sincera, sendo um dos concorrentes ao concurso aberto em janeiro.

Resolveu annuir ao convite da Irmandade de Nossa Senhora da Bôa-Morte, para se incorporar na procissão a celebrar no dia 4 do corrente.

Mandou informar pela repartição competente novos requerimentos, pedindo canalizações d'agua para prédios particulares.

Mandou informar pela repartição de obras cinco requerimentos, apresentados para separações em diferentes prédios.

Admittiu no asylo de cegos e aleijados em Celas, Euzébio Antunes, solteiro, do Chão do Bispo.

Mandou, em vista d'informações da repartição competente, executar trabalhos de canalização d'agua para diferentes prédios.

Autorizou a reparação d'um muro no Ameal, danificado pelas águas do aqueducto da estrada municipal, approvando o orçamento para esta obra na somma de 16\$920 réis.

Mandou annunciar de novo o arrendamento, em praça, até o fim do anno, das lojas n.^{os} 19 e 21 do mercado, com a condição expressa em anteriores annúncios, de serem desoccupadas logo que sejam necessárias para serviços do município.

Autorizou pequenos fornecimentos para a secretaria — papel, tinta, etc.

Atestou ácerca de seis petições para subsídios de lactação a menores.

Resolveu abrir concurso para logares de 24 guardas campestres, sendo 6 para a freguezia de Sernache, 8 para a de Santo António, 4 para a d'Assafarge, 2 para a de Castello Viegas e 4 para a de Santa Clara.

Autorizou pagamentos diversos — ordenados de empregados no mês de junho e despêsas com obras municipi-

paes na 2.^a quinzena, a saber: canalizações d'agua; reparos na canalização geral, limpêsa e conservação dos reservatórios; calçadas das ruas da cidade; limpêsa de ruas do jardim de Santa Cruz; reparos na casa da administração do cemitério e na ponte do Porto Secco entre Souzaellas e Botão.

Despachou requerimentos, attestando ácerca do requerimento d'um individuo residente em Coimbra, e autorizando compra de terrenos no cemitério para a construção de jazigos, trasladações d'ossadas e collocação de signaes funerários, ornamentação de ruas para festejos populares; e relativamente a obras particulares — a abertura d'uma porta em Celas, a reconstrução d'outra casa no largo das Canivetas, a vedação d'uma propriedade na rua Oriental de Mont'arroyo pela aresta exterior da valleta, ficando o muro com 1.^m50 d'alto; a abertura d'uma porta e uma janella em uma casa na travessa da rua dos Gatos, a deslocação d'uma porta e d'uma janella noutra casa na rua do Asylo.

Atendeu duas reclamações ao rol de lançamento da contribuição de serviço. Resolveu autorizar a cedência de 224.^m20 de terreno desaproveitado de um antigo caminho, inutilizado pela construção da estrada de Lisboa e encravado entre dois prédios de Augusto Luis Martha, para alinhamento d'uma casa d'este proprietário no Rocio, terreno avaliado em 26\$880 réis.

Revistas e jornaes

O Instituto — Recebemos os n.^{os} IV e V do volume XLIV d'esta revista scientifica e litteraria, orgão do Instituto de Coimbra.

Revista Republicana — Publicou-se o n.^o 6 d'esta magnifica revista de propaganda republicana, dirigida pelo sr. Carlos Calixto, sendo o presente número illustrado com um bello retrato do nosso eminente correligionário dr. Brito Camacho, acompanhado de um artigo biographico de Lemos de Nápoles.

A Critica — Recebemos o n.^o 19 da 2.^a série d'esta interessante revista theatral, bibliographica, artistica e litteraria.

Insero o presente número uma gravura representando a actriz Mercedes Blasco, que tem muito a agradecer ao photographo e ao gravador, pela forma gentilissima como a favoreceram.

Industria e agricultura — Recebemos o primeiro número d'este quinzenario publicado pelo deposito de machinas agricolas e industrias de Alfredo Ferreira de Faria, do Porto, o que se destina á vulgarisação dos elementos hoje postos ao alcance da industria e da agricultura, nas suas diversas e variadas applicações. Agradecemos a delicadeza da remessa.

Á ÚLTIMA HORA

Lisboa, á 4. e 25.^m da manhã.— Camacho foi mandado servir em Lourenço Marques.

França.

N. da R. — A hora adiantada a que recebemos este telegramma inhibe-nos de bordar sobre elle commentários.

Com o especifico CALLICIDA Franco tenho experimentado bons resultados na extracção dos callos.

Porto.—Francisco Maria Godinho.

Usei do CALLICIDA Franco, e em poucos dias me achei inteiramente curado, e livre de callos. O mesmo aconteceu a minha mãe, já octogenária, e que padecia d'um callo ha mais de 40 annos.

(Cativellos), Gouvêa.—Padre José de Abrantes.

Le vin de Porto

ALBUM

Está concluida a tiragem de 10:000 exemplares do album ha tempos annunciado, e que vae correr mundo, como elemento seguro de propaganda do vinho do Porto.

Escrepto em francès, quasi todas as suas páginas contém illustrações relativas ao precioso producto portuguez.

A capa, a três côres, tem no frontispicio uma composição do professor de pintura decorativa do Instituto Industrial e Commercial do Porto, J. Bielman, servindo de guarnição a dois quadrosinhos, um dos quaes apresenta uma vista da cidade do Porto e outro um barco rabello navegando no Douro. No reverso da capa figura um bello cacho de uvas.

Depois de um prólogo, patenteando as excellências do vinho do Porto, seguem-se estes capitulos:

O pais vinhateiro — Com a vista geral de uma quinta no Douro; a vista de uma instalação vinicola no Douro.

As vindimas — Um trecho de vinha com trabalhadores; scenas diversas da vindima; transporte de uvas, etc.

Transporte para o Porto — Barco rabello a carregar pipas; barco a descer o Douro; chegada de um barco com pipas ao Porto.

Commercio de vinho do Porto — Vista geral de Villa Nova de Gaya.

Os armazens — Vista geral de dois armazens de vinho do Porto; uma

tanoaria; tanoeiros; trasfega de vinho, engarramento, arrolhamento.

Exportação de vinhos do Porto, desde 1800 — Nota em pipas, anno por anno.

Casas exportadoras — Segue-se uma longa lista de casas exportadoras, sendo acompanhada cada uma de sua brand, ou marca de fogo. O conjunto das marcas, reproduzidas por photographia, é verdadeiramente interessante.

Opiniões sobre o vinho do Porto — Conclue o livro por extractos feitos de livros francêses, inglêses e italianos, ácerca do vinho do Porto.

O album vae ser distribuido por todo o mundo.

Uma grande parte da edição é, porém, destinada á exposiçã de Bruxellas, onde a distribuiçã será feita sob os cuidados do delegado de Portugal, sr. Wolf, e do sr. Bernardo Moreira de Sâ Junior.

Depois da edição francêsa, virám, opportunamente, es edições inglêsa e allemã, seguindo-se assim entre nós o exemplo das publicações de propaganda, emprehendas com grande êxito nos principaes centros vinicolos do mundo.

TURCO

Magnifico elixir para conservar os dentes e gengivas e prevenir as doenças da garganta. Frasco 300 réis. Meio frasco 160 réis. Vende-se na drogaria R. da Silva & C.^a — R. Ferreira Borges, 34, Coimbra.

A VISO

A commissão central do Hospital de Beneficência Poiaresense avisa as pessoas residentes em Coimbra de quem solicito prendas para o basar que se effectua nos dias 8, 9 e 10 d'agosto e cujo producto reverte em beneficio da fundação d'um hospital, de que as devem entregar na drogaria de Rodriguez da Silva & C.^a até ao dia 20 do corrente mês. A mesma commissão se confessa desde já muito grata a todas as pessoas que concorrerem com qualquer prenda para o referido basar.

O presidente da commissão,
Jerónimo Pereira da Silva.

20:000\$000 RÉIS

Emprestam-se a juro sobre hypotheca. Juro módico.

Nesta redacção dam-se esclarecimentos.

62 Folhetim da RESISTENCIA

ALEXIS BOUVIER

O casamento d'um forçado

TERCEIRA PARTE

O passado

VI

Passeio no mar

— Disse! E' um collega?
— E' um bom rapaz, sócio nos negócios que eu faço.

— Ah! Então está bem.

E Rémond, mais tranquillo, desceu os rochedos que levavam até ao mar por uma escada aberta na rocha.

O dono da *Ancora d'Ouro* ia atraz ao lado do companheiro e perguntava-lhe em voz baixa:

— Então?

— Que quer fazer?

— Lá em baixo veremos...

— O mar é fundo...

— Eu trago gente. Não tenha medo.

— Bom...

— E' por aqui?, perguntava Rémond numa volta.

— E', é. Desça sempre.

Continuaram a descer e, alguns minutos depois, os três homens chegaram á beira-mar. Rémond parou en-

cantado e suprehendido com a grande planície d'agua escura.

As ondas verdes espumavam sobre a areia e os rochedos. O mar subia e a onda molhava os pés dos três homens. Rémond, depois de ter olhado em volta, perguntou:

— Mas... onde é que está o barco?...

— Vae chegar, disse o dono da *Ancora d'Ouro*, piscando o olho ao homem que o acompanhava.

E' te assobiou, e appareceram logo três homens. O individuo que acompanhava o marinheiro tinha querido precipitar-se sobre Rémond, mas mais prompto que elle, Rémond saltára sobre um rochedo que estava a dois metros d'elle e era constantemente coberto pelas ondas. Vendo apparecer os três homens, e ouvindo o que tinha querido deitar-lhe a mão, gritar-lhes:

— Prendam-no!

Rémond não hesitou, desabotoou rapidamente a jaqueta de lona e deitou-se ao mar.

Vendo que elle lhe escapava, o companheiro do dono da *Ancora d'Ouro* disse-lhe:

— Onde está a barca, Coulord?...

— Atili, a dois passos.

— Depressa, depressa, vamos.

E trepando logo, rodearam o morro e deixaram-se escorregar ao longo dos rochedos. Apenas chegaram abaixo correram para uma enseada pequena. Numa barca amarrada dormia deitado um homem, embalado pela maré que subia.

— Depressa! Depressa! gritou o homem a quem tinham chamado Coulord. Pega nos rémos, e ao largo.

Os cinco homens saltaram para a barca e o marinheiro cortou com a faca a amarra.

— O que é? Que ha de novo? disse o homem despertado em sobresalto.

— Um homem ao mar; depressa, depressa... disse o homem que acompanhava o marinheiro. Vamos! Vamos! Puxemos pelos rémos.

Os três homens que tinham despertado pegaram nos rémos e remaram para o largo. O dono da *Ancora d'Ouro* estava ao leme.

— Para onde vamos?

— Não te importe. Lá pr'a baixo, abaixo dos rochedos Sainte-Barbe, onde anda aquelle homem a nadar.

Colocado á prôa, o homem que parecia commandar pôs as mãos acima dos olhos para vêr melhor o ponto para que se dirigiam.

Rémond deitara-se ao mar; como bom nadador, ganhava o largo para chegar á ilha; Rémond pensava que lá encontraria um pescador que por cem ou duzentos francos o levasse num barco a Jerseyou a Guernessey.

— Não é este que se afoga, disse o dono da *Ancora d'Ouro*; nada como um peixe.

— Chega á ilha primeiro que nós.

— É n-cessário que não chegue lá.

— Estão que diabo andamos nós a fazer?, perguntou Leveillé.

— Queres tu remar?, disse o homem, ameaçando-o.

— Está bem, está bem... não se zangue... vira á direita, vamos cortar as correntes.

O marinheiro Coulord executou as ordens do seu patrão, e a barca marchou em linha recta para o nadador.

Em poucos minutos chegaram perto d'elle, iam agarrá-lo... Rémond, vendo a manobra, nadou entre duas águas, passou debaixo do barco, voltando a grandes braçadas para Sainte-Barbe.

— Com mil diabos!, gritou o que dirigia a caça; vae escapar-nos!

— Espera, espera!, disse o marinheiro, nós vamos virar, e é nosso...

A barca virou, obedecendo ao leme.

— Peguem no gancho e arpoem-no...

O ajudante do marinheiro pegou no gancho, e disse ao nadador:

— Olha lá, ó sem-sal, não te faças fino ou eu furo-te a cabeça.

Rémond debalde tentou fugir, o gancho arpoou-o... e içaram-no pr'a bordo. Caiu sem sentidos.

— Pr'a terra e depressa disse o homem.

Remaram; quando chegaram a terra era quasi noite. D'pois de ter recebido os primeiros curativos, Rémond voltando a si, olhou a vêr onde se achava.

Estava na mesma taberna para onde na véspera trouxera Bérard; e o dono disse-lhe:

— E' ratão, hein! Cada um por sua vez...

vazos... Então o seu olhar interrogou as pessoas que o rodeavam.

O homem disse-lhe:

— Procura a carteira?

— Rémond fez com a cabeça, que sim.

— Tenho-a eu.

— O que querem de mim? perguntou elle com diffcultade.

— Está em estado de me comprehender e de me responder? perguntou o homem com um sorriso singular.

— Estou, disse Rémond.

— Pois bem! Ah! tem o que eu quero. Em nome da lei está preso, Mipolyto Lorémond.

Lorémond deixou cabir a cabeça. Tinha sido vencido!...

Se quizer evitar o escandalo, porque ha gente á espera á porta, dar-me-ha o seu braço, e sahiremos de braço dado, como dois bons amigos; offereço-lhe um logar na minha carruagem e vamos a Morlaix. Quer?

Lorémond, vencido, fatigado com a tentativa, quebrado, e, sobretudo sem resistência moral, não tinha forças para combater... Estava agarrado, entregou-se.

— Estou prompto, disse elle.

— Dê-me o braço...

— Dizendo estas palavras, o homem metten o braço de Lorémond por baixo do d'elle, e dirigiu-se para a porta, dizendo:

— Repare, eu não vim só, se procurar fugir, tornará a ser preso, e eu serei obrigado a usar do maior rigor.

(Continúa).

Câmara Municipal de S. Thomé

Partido médico a concurso

3 **A Câmara Municipal** dêste concelho de S. Thomé, faz saber que se acha a concurso por espaço de 180 dias, a contar da data da publicação no *Diário do Governo*, o partido médico-cirúrgico com sede nesta cidade e com ordenado annual de 1:600\$000 réis, pago pelo cofre do Município e sujeito ao regulamento e tabella annexa, que fazem parte dêste annuncio.

Chama, pois, a mesma Câmara a attenção dos senhores facultativos habilitados pela Universidade de Coimbra e pelas Escolas Médico-Cirúrgicas de Lisboa e Porto, a apresentarem nesta secretaria os seus requerimentos competentemente instruídos com os documentos legais e os mais que julgarem conveniente para comprovarem as suas habilitações.

REGULAMENTO E TABELLA

Artigo 1.º—Só sam admitidos a este concurso facultativos habilitados pela Universidade de Coimbra e pelas Escolas Médico-Cirúrgicas de Lisboa e Porto.

Art. 2.º—Os requerimentos, devidamente instruídos com os documentos legais e quaesquer outros que os candidatos julgarem conveniente para comprovar as suas habilitações, serão apresentados na secretaria da mesma Câmara.

Art. 3.º—O facultativo do partido médico municipal, terá o vencimento annual de um conto e seiscentos mil réis.

Art. 4.º—Não poderá, quando preferido em concurso, ser provido sem que prove ter a sua residência na cidade de S. Thomé, da qual não poderá ausentar-se sem que o communique á Câmara, indicando-lhe ao mesmo tempo quem o fiquê substituindo.

§ 1.º A ausência a que o presente artigo se refere, não poderá prolongar-se além de dois dias consecutivos.

§ 2.º—O clinico indicado para a substituição tem de ser diplomado, pela Universidade ou por qualquer escola médico-cirúrgica da metrópole.

Art. 5.º—O motivo de doença não dispensa o facultativo do dever de participar a ausência e indicar clinico idóneo que o substitua.

§ 1.º—Na falta desta indicação fica a Câmara autorizada a convidar outro facultativo que, em tal caso, receberá, como gratificação, metade do vencimento do facultativo provido, ficando este dêste modo, com a metade restante.

§ 2.º—A ausência, no caso do presente artigo, não poderá prolongar-se além de seis meses dentro da ilha ou fóra d'ella; espaçada além d'este período importa a perda de todo o vencimento, — além do anno a perda do logar.

Art. 6.º—O facultativo é obrigado a dar consultas diárias na casa da sua residência, durante o tempo que fór por elle proposto e pela Câmara acceite e annuciado no *Boletim Officiel*.

Art. 7.º—Visitará duas vezes por semana a Cadeia civil, além d'aquelles em que fór requisitado pelo carcereiro, relatando á Câmara o que se lhe offercer.

Art. 8.º—Acompanhará a Câmara ou a auctoridade administrativa nas correlções para que fór requisitado

Art. 9.º—Na vaga dos logares de veterinario ou no seu impedimento legal, inspecionará todas as rezes de qualquer espécie que forem abatidas para consumo público, mandando-as marcar pelos zeladores que o acompanharem, assim como examinará as carnes que estejam expostas á venda, sempre que a assim entenda necessário, a Câmara o determine, ou a auctoridade administrativa o requirer.

Art. 10.º—Procederá gratuitamente á verificação técnica dos óbitos e exames dos cadáveres que tiverem de ser enterrados no cemitério desta cidade, ou em qualquer ponto fóra da mesma quando seja a requisição da auctoridade competente.

Art. 11.º—Prestará todos os serviços de policia sanitária e médica, estabelecidos por lei, e aquelles que, independentemente d'ella, forem determinadas pela Câmara, por conveniência do serviço público.

Art. 12.º—A Câmara quando se provar que o facultativo do município se afasta abusivamente da letra d'este regulamento poderá applicar ao dito facultativo a multa de cinquenta mil réis, pela primeira vez e de cem mil réis pela segunda, podendo á terceira rescindir o contracto, depois de o ter ouvido e attendendo á doutrina do n.º 6 do artigo 227.º do Código Administrativo.

Art. 13.º—Os honorários da clinica do facultativo municipal serão regulados pela tabella seguinte:

| | |
|------------------|--------|
| N.º 1 | |
| Por cada visita: | |
| Diurna..... | \$500 |
| Nocturna..... | 1\$000 |

| | |
|---|-------|
| N.º 2 | |
| Por cada visita a diferentes doentes na mesma residência, de dia ou de noite, o facultativo receberá de um d'elles o honorário marcado no n.º 1, de cada um dos outros..... | \$200 |

| | |
|--|-------|
| N.º 3 | |
| Por uma consulta em casa do facultativo: | |
| De dia..... | \$200 |
| De noite..... | \$500 |

| | |
|------------------------------------|--------|
| N.º 4 | |
| Por uma consulta por escripto..... | 1\$000 |

| | |
|--|--------|
| N.º 5 | |
| Por uma conferência com um ou mais facultativos..... | 2\$000 |

| | |
|--|-------|
| N.º 6 | |
| Os honorários das visitas feitas de dia ou de noite, fóra da cidade, serão augmentados por cada kilometro de caminho de ida, não se contando o primeiro kilometro, com a quantia de..... | \$500 |

| | |
|-----------------------|-------|
| N.º 7 | |
| Por um attestado..... | \$500 |

| | |
|-------------------------------|--|
| N.º 8 | |
| Tratamento aos pobres gratis. | |

| | |
|-------------------------------|--|
| N.º 9 | |
| Vaccinação aos pobres gratis. | |

E para que chegue ao conhecimento de todos se passou o presente e mais 12 de igual theor para serem publicados no *Diário do Governo*, no *Boletim Officiel* da provincia e nos diferentes jornaes mais lidos de Lisboa, Porto e Coimbra.

Secretaria da Câmara Municipal de S. Thomé, 4 de junho de 1897.

O Presidente da Câmara,
Domingos Machado Silveira e Paulo.

CALDAS DA AMIEIRA

Abertura do estabelecimento thermal no dia 15 de maio

As **ÁGUAS CHLORETADAS DA AMIEIRA** usam-se com grande resultado no tratamento da escrophulose, rheumatismo, moléstias de pelle ainda as mais rebeldes, syphilis, padecimentos de estômago, fígado e baço, inflammações de quaesquer órgãos, útero, ovário, intestinos, leucorrheas, anemia e chlorose.

A administração do hotel estará a cargo do sr. José Maria Rodrigues, de Coimbra, havendo nelle, entre outros muitos divertimentos communs a todos os hospedes, uma boa sala de recreio com piano, salão de bilhar, bonitos passeios, lagos com botes, etc. etc.

Preços, incluindo todo o serviço de quarto e mesa, de 1\$000 a 1\$200 réis diários.

Para quaesquer esclarecimentos dirigir-se á sede balnear; depósito em Lisboa—rua de S. Julião, 142, 1.º.

ÁGUA DAS LOMBADAS

ILHA DE S. MIGUEL—AÇORES

Água gazosa natural a mais pura para mesa. Não contém micro-organismos.

Coimbra—Pharmácia e Drogeria Rodrigues da Silva & C.ª.

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM

(BEIRA ALTA)

Abertura do estabelecimento thermal em 1 de maio e fecha em 30 de novembro

Abertura do Grande Hotel Club em 15 de maio

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfeitos do país

Excellentes águas mineraes para doenças de pelle, rheumatismo, estômago, garganta, etc.

JOÃO RODRIGUES BRAGA SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

10 **Armazem de fazendas de algodão, lã e seda.** Vendas por junto e a retalho, Grande depósito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corças e bouquets, fúnebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continua a encargar-se de funeraes completos, armações fúnebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

A cura da Blennorrhagia

ELECTUÁRIO ANTI-BLENORRHÁGICO

DO PHARMACÉUTICO

T. GALVÃO

Um até dois boiões d'este maravilhoso medicamento, verdadeiro específico, bastam na máxima parte dos casos, para curar todas as purgações, ainda as mais antigas e rebeldes.

Preço do boião, 1\$000 réis

Depósito geral em Arganil na pharmacia Galvão—Em Coimbra: drogeria Rodrigues da Silva & C.ª

CALLICIDA



Privilégio Exclusivo

Extracção dos callos sem dor em 5 dias

Desconto convidativo para revender

Depósitos—Lisboa: Leandro de Freitas, rua da Prata, 231; Porto, José Maria Lopes, rua do Bomjardim, 12; Coimbra, Rodrigues da Silva & C.ª; e em todas as cidades e principaes villas do continente.

Africa—Loanda, José Marques Diogo.

Brasil—Rio de Janeiro: Silva Gomes & C.ª, Pernambuco: Guerra Fernandes & C.ª, rua do Duque de Caxias, 47; Bahia: Francisco de Assis e Souza; Maranhão: Jorge & Santos.

Exija-se nos depósitos um prospecto que ensina o modo de usa-lo e previne as falsificações. Ha um só depósito em cada terra.

Pedidos ao auctor: António Franco, Covilhã.

Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentária

Caldeira da Silva

Cirurgião dentista

Herouliano Carvalho

Medico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174

7 **Consultas** todos os dias das nove da manhã ás 3 horas da tardê.

VENDE-SE

11 **Uma grande morada de casas com dois andares, lojas, abegoaria, pateo, quintal com arvores de fructo e agua, e uma outra casa contigua que foi antiga Inquisição que se presta a grandes obras, inclusive para uma fabrica.**

Quem pretender dirija proposta em carta a Alipio Leite, Penacova; mais esclarecimentos, rua Visconde da Luz, n.º 60.—Coimbra.

Carroça

12 **Vende-se** uma nova, com boas molas.
Rua Ferreira Borges, 145, 3.º

Loja da China

13 **Chegou** a este estabelecimento uma variadissima collecção de leques.

Vende-se

14 **Uma morada de casas sita na rua da Galla, n.ºs 33, 35 e 37.** Compõe-se de loja, 2 andares e um pátio com uma pequena casa em condições de ser habitada.

Para tratar—José da Cunha, rua dos Sapateiros (mercearia).

CASA PARA ARRENDAR

Leonarda Forjaz, arrenda a parte sul da sua casa da rua da Ilha.

Recebem-se propostas, na quinta dos Plátanos a Bemcanta, onde se encontram as chaves, para ser vista.

"RESISTENCIA"

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR—Joaquim Teixeira de Sá

Condições de assignatura (PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno..... 2\$700

Semestre..... 1\$350

Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 2\$400

Semestre..... 1\$200

Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 p. c.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal fór honrado.

Typ. J. França Amade—COIMBRA

PROBIDADE

Companhia geral de seguros

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

CAPITAL 2.000.000\$000

Rua Nova d'El-Rei, n.º 99, 1.º

Lisboa

Efectua seguros contra incêndios.

Correspondente em Coimbra, Cassiano A. Martins Ribeiro.—Rua Ferreira Borges, 165, 1.º.

Vende-se

1 **Uma bomba de grande pressão, com os tubos de cobre própria para tirar agua, e vendem-se tambem dois pares de rodas para carro alemtejano ou de bois**

Trata-se com Francisco Nogueira Secco, Terreiro da Erva, Coimbra.

O Estabelecimento Thermal comprehende 64 banheiras de 1.ª a 5.ª classe; duas salas para duches, uma para senhores e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverização e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette. É sem duvida o melhor do reino, e mais barato. — **Viagem**—Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas (BEIRA ALTA) e d'ahi 5 kilometros em bons carros. A estação de Cannas na linha férrea da Beira Alta está directamente ligada com todas as linhas férreas hespanholas que entram em Portugal por Badajoz, Cáceres, Villar Formoso, Barca d'Alva e Tuy. — Para esclarecimentos: — Em **Lisboa**: rua do Alecrim, n.º 125, referente ao estabelecimento balnear, e rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel.—Correspondência para as **Caldas da Felgueira**, ao gerente da companhia do Grande Hotel.—As águas engarrafadas vendem-se nas pharmácias e drogerias e no depósito geral, PHARMÁCIA ANDRADE, rua do Alecrim, 125.—A exploração do Hotel fica este anno a cargo da Companhia do Grande Club.

RESISTENCIA

N.º 252

COIMBRÁ — Quinta feira, 22 de julho de 1897

3.º ANNO

ÚNICO REMÉDIO

Tem produzido uma deplorável impressão de desalento nuns, e de indignação e de ódio noutros, o monstruoso projecto fazendário do ministro da fazenda, Ressano Garcia, que se desentranha em propostas que serám a eterna vergonha do país que as consentir.

Nada se respeita, sacrifica-se tudo. Não ha considerações nenhuma que imperem no ánimo do governo, que não sejam as de obter dinheiro, muito dinheiro, seja por que preço fór, custe o que custar.

A monarchia precisa de muito oiro. Venha elle numa caudal tanto maior quanto possível fór, embora nas ondas dessa nova torrente fique anniquillado para sempre o país inteiro...

A monarchia, na séde insaciavel de dinheiro que a vae torturando, exige que nas suas fauces de monstro sequioso se despeje todo o oiro que Portugal valer. E vam-nos, por isso, empenhando ao estrangeiro, numa loucura cega de empréstimos, que é o único plano financeiro dos governos da monarchia.

Empréstimos e monopólios, mas estes para garantia de outros empréstimos, são as únicas táboas de salvação que o governo vê para salvar a monarchia do abysmo, e o país da situação vergonhosa a que nos arrastaram os governos do rei.

Depois de terem levado o país á pior situação económica, á falta de medidas previdentes, bem estudadas segundo um plano previamente e prudentemente orientado; depois de terem exgotado os cofres públicos, onde não ha uma cédula de meio tostão que represente outro tanto de valor livre; depois de terem doidamente esbanjado os réditos da nação, em negociatas geralmente preparadas para interesse exclusivo de particulares, que muitos têm enriquecido á custa do dinheiro do país,—depois de tantos crimes, de tantas delapidações da fazenda nacional, são ainda os mesmos homens, os mesmos agentes da nossa ruína, os mesmos serventuários da monarchia que nos arruinou, os que não recuam deante dum novo assalto, mais formidando e mais ruinoso, se é possível, á prosperidade nacional.

Por todo o país os protestos se levantam inpetuosos. E toda a gente diz, decidida e como não vendo outro meio de obstar ao completo anniquillamento do país:—É necessário, custe o que custar, impedir o parlamento do rei de votar essas propostas do governo d'elle.

Porque ellas, não ha dúvida ne-

nhuma, ham de ser votadas e ámanhã a nossa ruína, completa e irremediavel, ha de ser positiva e certa, se o país todo não se erguer num impulso destruidor e indomavel e não escorraçar esse parlamento degenerado que tem a principal e primária culpa da miseravel situação que nos asfixia.

E com o parlamento tudo o mais; que esta fábrica da monarchia é feita de tam complicadas engrenagens, de tantas ramificações que se entrelaçam e se confundem, que é necessário fazer saltar na mesma explosão a fábrica toda. Um ramo da máchima, uma roda que fôsse, que a explosão poupasse, poderia vir a ser a origem de novas perturbações.

Ha animaes damnhinhos em que renascem dum momento para o outro os membros que se lhe' cortam.

É também assim a monarchia. É necessário fazer-se bem funda e bem completamente a extirpação do cancro.

O único remédio...

MOVIMENTO REPUBLICANO

Vae ser inaugurado no Porto um centro republicano, presidido pelo nosso illustre correligionário, tenente d'infanteria por occasião da jornada de 31 de Janeiro, Manuel Maria Coelho.

O novo centro será denominado *Centro Republicano 31 de Janeiro*.

PAVOROSA

O governo, no louco terror que o invadiu perante revoluções que phantasia, tem procedido de modo tal, na contradança de officiaes militares e nas providências alarmantes que tem tomado, com tropas de prevenção e remessas de pólvora e balas para os regimentos da provincia, que traz o país todo alarmado.

A consciéncia da sua incapacidade e o desprestígio esmagador que o mantém desconceituadissimo perante o país, serám a causa d'esses ridiculos alardes de quixotesca força, capazes de fazerem rir as pedras.

Pois continuem, que é assim que nós os queremos — imbecis e ridiculos.

PARECE, MAS NÃO É

O *Reporter* termina assim o seu artigo editorial de hontem, a propósito da trama dos phosphoros:

«Pobre Bacon, bem quizeste acabar com os idola de toda a espécie que desnorteiam a humanidade, mas infelizmente a asneira e a miuhoca continuam triumphando cada vez mais!».

Palavras estas que até parecem uma sobrecaçaca offerecida ao sr. Ressano Garcia.

Mas não é. Que *O Reporter* é órgão do monopólio dos phosphoros...

O MAC-MURDISTA RESSANO

Razões justificativas das propostas de fazenda

«O auctor da proposta de fazenda para se contrair um empréstimo com a companhia que se formou para a exploração do assucar de beterraba é o sr. Ressano Garcia (administrador de uma companhia que se formou em 1888 com o mesmo fim e em que entrava Josef Goerz, a quem vae ser concedido o projectado monopólio.)»

(A Voz Publica, n.º 2240)

«O auctor da proposta de fazenda para se contrair um empréstimo com a companhia dos phosphoros é o sr. Ressano Garcia (engenheiro da mesma companhia.)»

(Idem, idem)

«O auctor da proposta de fazenda para se contrair um empréstimo com a companhia dos tabacos é o sr. Ressano Garcia (director da mesma companhia.)»

(Idem, idem)

E eis ali os mc na Guard de nantes das infamissirda Silva, de de fazenda.

O sr. Ressano Garcia, administrador da companhia exploradora da fabricação do assucar de beterraba, engenheiro da companhia dos phosphoros, e director da companhia dos tabacos, procede para com os seus patrões como procederia o mais apreciavel dos criados.

Ao país compete, pois, não consentir por mais tempo nas cadeiras do poder um ministro que não se avergonha de roubar a nação para enriquecer os amos, que pontualmente lhe satisfazem os honorários de empregado fiel e dedicado, e para pôr a coberto das intempéries financeiras uma velhice deshonorada.

MORALIDADE DO REGIMEN

O ex-ministro Campos Henriques, fazendo uso da palavra no parlamento, entendeu dever verberar acrememente o governo, por antepôr aos interesses do país os arranjos da clientella.

Por onde se vê que, entre os saltadores da Falperra ministerial, não existe sequer um vislumbre de solidariedade nos crimes de que todos são réus.

O sr. Campos Henriques esquece agora, na opposição, a parte com que entrou na traficância dos prédios do Porto.

E ahí está porque o nojo e a repulsão pelo regimen vam despertando náuseas aos mais indifferentes.

Os cúmplices accusam-se mutuamente, denunciam-se uns aos outros, como não seria capaz de o fazer a fadistagem mais descarada.

Porque é incontestavel que uns e outros participam das mesmas infâmias...

MARTINS DE CARVALHO

Já se acha, felizmente, restabelecido o nosso presado amigo e venerando jornalista Joaquim Martins de Carvalho.

Por esse motivo já saíu, na última terça feira, *O Conimbricense*.

Este facto enche-nos a alma do mais íntimo júbilo pela subida consideração que nos merece o velho e sempre infatigavel trabalhador, decano dos jornalistas portuguezes, a quem, como collegas e como amigos, endereçamos as mais effusivas saudações.

Um sudário

O balancete semanal do Banco de Portugal, ultimamente publicado, e relativo a 30 de junho findo, informa-nos do seguinte:

De 23 de junho até 30 do mesmo mês, a dívida do thesouro augmentou em 2:751 contos de réis; a circulação fiduciária augmentou em 405 contos de réis; as chamadas contas diversas augmentaram também em 745 contos de réis.

Para completar o desequilibrio, o depósito da junta de crédito público diminuiu, por seu turno, a ninharia de 248 contos.

Um verdadeiro sudário, o tal balancete!

A glória dum ministro e a paciência dum povo

Dum jornal governamental, louvaminhando o *mac-murdista* Ressano:

«Se o nome do sr. Ressano Garcia não fôsse já sobejamente conhecido e respeitado, bastaria este trabalho, para o tornar notavel, não só no seu país, mas no estrangeiro, em qualquer parte onde chegasse o seu relatório de fazenda.»

Assim succedeu, para infelicidade nossa.

Apenas o tam decantado relatório e as propostas annexas foram conhecidos nas praças estrangeiras, os fundos portuguezes baixaram sensivelmente.

O que não quer dizer que o estrangeiro não ficasse atônito ante as propostas fazendárias.

Atônito de admiração, não pela obra do ministro, mas pela paciência e pela resignação do povo portuguez, em consentir por mais tempo o jugo dum regimen servido por tal casta de bandidos.

O monstro

No *Diario do Governo* de segunda feira saíu publicada a nota da dívida fluctuante, relativa aos meses de fevereiro a maio deste anno.

Eis, muito nua e cruamente, o que a tal nota nos disse:

A dívida fluctuante, que em fevereiro deste anno era de 34:580 contos de réis (31:281 no país e 3:100 no estrangeiro), attingiu em maio a somma de 36:826 contos de réis (33:315 no país e 3:511 no estrangeiro).

Em três meses o monstro cresceu 2:446 contos de réis!...

A SÉRIO

Jornalistas benévolo, de coração propenso a julgar por boas as intenções hypócritas de certos dirigentes que na vida pública passam por honrados, contentam-se em informar o país de que só á inépcia d'esses dirigentes, e nunca a propósitos malévolos, se devem attribuir as causas da manifesta decadência em que vae resvalando a nacionalidade portuguesa. Não vou com taes jornalistas (embora também não vá com demagogos rábidos, que em tudo acham motivo de guerrear quem governa.) Para mim creio que têm sido máus, geralmente, e raras vezes ineptos, os dirigentes da coisa pública. E a razão é esta: desde que em Portugal se estabeleceu a Carta, como regimen, produziu-se o antagonismo entre os interesses da monarchia e os interesses do país. Começou a ruse substituindo a sinceridade no governar. O regimen tem os seus homens, com os quaes se entende á maravilha, e impõe-lhes a seguinte regra: «Não basta a força das minhas guardas pretorianas para conter na ordem o país, conservando-o submisso, se bem que livre apparentemente; é preciso educá-lo na obediência e no respeito á corôa, e para isso ha dois meios: — ou distraí-lo da politica, como de coisa em que elle não deve ingerir-se ou negar-lhe a instrução com que elle possa vir a comprehender e a reclamar direitos, que se lhe não pôdem negar.»

D'esta regra nasceu a corrupção política e a necessidade do analfabetismo em Portugal. De tal modo que hoje, neste país, ao lado da maioria d'analfabetos, estão os corruptos, e só ficaram a trabalhar pelos interesses da pátria os poucos cidadãos que a monarchia não pôde vencer, porque não conseguiu apagar-lhes o senso moral e o sentimento da justiça. São poucos na verdade, porque a legião dos analfabetos comprehende quatro milhões, e do resto da população do país pouco ha que escolher para o partido honrado da democracia.

Mas têm ou não têm os governantes seguido á risca a observância da regra que lhes impôs o regimen? Os resultados o demonstram á saciedade. Conseguiu a corôa o que desejava e muito grata se tem de confessar a quem soube conspirar com ella para este desideratum.

Chama-se a isso inépcia dos governantes? Eu chamo-lhe maldade. Inepta foi a corôa que não previu consequências.

Porque o machinismo todo que engendrou ha de agora cair sobre ella e deixá-la em pedaços. Elles, os dirigentes, foram simplesmente máus, atraçoando o país.

×

Esse pequeno número de cidadãos honestos, luctando passo a passo contra um regimen expoliador que assim nos desgraçou e nos quer hoje enterrar sem honra e sem res-

peito, esse diminuto número de patriotas o que tem a fazer, decisivamente, é apossar-se do mando e direcção dos negócios da pátria, ainda que para isso haja de expôr-se á morte. Bem poucos eram tambem os patriotas suíços contra a tyrannia de Gessler e venceram. Bem poucos eram contra a Pérsia nas Thermópilas os spartanos de Leônidas... e morreram com honra.

Aqui temos egualmente uma questão de vida ou de morte: — ou seja na investida heroica contra o Gessler-regimen, ou seja numa defesa temerária contra o Pérsia-invasor, symbolizado na intervenção estrangeira.

Venha o signal — e partamos.
Braz da Serra.

Contra as propostas de fazenda — O protesto da Associação Commercial de Coimbra

Reuniu hoje em assembléa geral a Associação Commercial de Coimbra, com o fim de representar ao governo a favor duma modificação no projecto das obras do Caes.

Esta sessão foi verdadeiramente importante pelas resoluções nella tomadas; passou a ser o assumpto principal nella tratado um protesto vehemente contra o criminoso procedimento do governo nas difficillimas circumstancias que illaqueiam o país, nesta crise quasi irreductivel que ameaça absorver a nossa nacionalidade.

Aberta a sessão, e na falta do sr. presidente da assembléa geral, foi nomeado o sr. Manuel António da Costa.

Constituída a mesa, e antes de se entrar na ordem da noite, o nosso amigo sr. Cassiano A. Martins Ribeiro pediu a palavra para tratar dum assumpto urgente, cuja discussão se impunha a uma associação daquella naturéza, que tem por fim promover os interesses particulares do commercio de Coimbra e implicitamente os interesses geraes do país.

O sr. Cassiano Ribeiro, dizendo que as suas palavras não eram inspiradas por sentimentos de politica partidária, pois que no seio daquella corporação só podiam ser admittidas discussões sobre assumptos de interesse geral, começou a referirse, em phrase sóbria mas enérgica e vehemente, ao plano fazendário apresentado ás Câmaras pelo actual ministro da fazenda. E teve phrases de condemnação acerba dos planos do sr. Ressano Garcia, que, bem evidenciado está, obedecem exclusivamente a interesses muito particulares dos syndicatos e companhias a que elle pertence.

Sobre as taes propostas de fazenda disse o nosso amigo, e demonstrou, que ellas sam inaceitaveis sob todos os pontos de vista, e que, por isso, interpretando o sentir da assembléa, apresentava a sua moção, que leu. É a seguinte:

«A Associação Commercial de Coimbra, reunida em assembléa geral, considerando — que os acontecimentos lhe impõem o indeclinavel dever de manifestar-se em defesa dos interesses ameaçados da sua classe, da honra e do futuro do país;

Considerando — que as propostas de fazenda, apresentadas ao parlamento pelo actual governo, representam uma verdadeira liquidiação nacional, que não só dam o último golpe nos principaes elementos das receitas publicas, mas, mais ainda, compromettem e agravam a nossa situação, ao mesmo tempo que aviltam o crédito e a dignidade nacional;

Considerando — que essas propostas, inspiradas pela imprevidência systematica de empréstimos e de monopólios, sacrificando implacavelmente os interesses e a liberdade do trabalho e do commercio, constituem apenas um allivio de ephémera duração, em troca da vergonhosa e irremediavel renúncia a quaesquer tentativas futuras para a restauração económica e financeira do país;

Considerando, finalmente — que num regimen parlamentar é attentatória e inadmissivel a forma como o governo pretende armar-se de auctorisações e poderes latitudinários e indefinidos, para proceder arbitrariamente num assumpto, o mais melindroso e grave para a vitalidade, honra e autonomia da nação;

Resolve protestar energicamente contra essas mesmas propostas, na forma e na essência, enquanto a iniciativa patriótica, sensata e honrada dos governos não satisfizer as reclamações da opinião, que exige a inexoravel repressão em todos os desperdícios da administração pública.

Coimbra, 21 de julho de 1897.

Cassiano Augusto Martins Ribeiro.

Posta á discussão esta proposta, fallaram sobre ella vários sócios, sendo afinal approvada; os sócios estavam em grande número, sendo esta uma das assembléas mais concorridas daquella Associação.

Não podia a Associação Commercial de Coimbra deixar de se interessar por um assumpto desta naturéza, e mostrou honradamente que as questões vitaes do nosso país lhe merecem a consideração que é própria de todos os espiritos briosamente patriotas.

Entrou-se depois na ordem da noite. E sobre este assumpto o sr. governador civil, que assistiu á sessão, tomou a palavra para commuunicar á Associação — que, tendo fallado com alguns engenheiros, em virtude das suas declarações lhe parecia desnecessário que a assembléa tratasse do assumpto, porque tudo se faria do melhor modo. Que lhe parecia, pois, mais conveniente que se nomeasse uma comissão de vigilância, e que esta, juntamente com a Câmara municipal e com os engenheiros estudassem o assumpto no próprio local.

A assembléa deliberou no sentido das considerações feitas pelo sr. governador civil.

Ao terminar a sessão foi proposto e approvedo por aclamação um voto de louvor e agradecimento ao sr. governador civil, pelo interesse que mostrou por este assumpto.

Na sessão d'hontem, proseguiu a discussão d'este assumpto, que correu um pouco acalorada, em vista d'uma proposta do sr. José Borges d'Oliveira, que pretendia, á outrance, que a Associação Commercial não aceitasse as concessões feitas, a nosso ver rasoaveis, e persistisse na representação aos poderes públicos, do que resultaria necessariamente a suspensão das obras e d'ahi graves inconvenientes e prejuizos para a cidade, os quaes seram uma consequência necessaria d'aquella suspensão.

A assembléa ardeou prudentemente o incidente, depois das sensatas considerações apresentadas pelos srs. Francisco Vieira de Carvalho, Cassiano Ribeiro e Valentim José Rodrigues, e resolveu aceitar as concessões lealmente offerecidas, nomeando uma comissão de vigilância, para que sejam cumpridas as promessas feitas.

O sr. Valentim Rodrigues explicou bem o assumpto, com uma grande cópia de esclarecimentos que impressionaram favoravelmente a assembléa, que, acertadamente, em nosso juizo, lhe deu razão.

Conflicto de lentes da Universidade

Sr. redactor. — Na minha última carta informei o publico de que o sr. dr. Chaves e Castro, quando soube das graves accusações que se lhe faziam, procurou, por varios meios, lançar mão da caderneta alterada, certamente para destruir ou inutilizar esse inconfundivel corpo de delicto directo da sua vergonhosa acção. Não o conseguiu. E por isso, e por falta de senso, veiu para publico com um triste documento, em que procurou (disse petulantemente) « confundir o calumniador e restabelecer a verdade deturpada », quando é certo que, logo no começo, mostrou ser elle próprio o calumniador e deturpador da verdade. Assim, o ridiculo polemista declarou que eu fui substitui-lo nos actos do 4.º anno, faltando redondamente á verdade, pois só substitui o sr. dr. Fernandes Vaz; — disse que não tinha remettido para a mesa dos actos a sua caderneta, confessando, porém, logo em seguida, que promptamente a entregara ao bedel para este a apresentar a essa mesa; — e insinuou, por esta forma e pela declaração de que dera a caderneta tal qual a tinha, que talvez as alterações houvessem sido feitas pelo honrado e humilde bedel Luis d'Almeida, que todos, menos o sr. dr. Chaves, declaram incapaz de tal infâmia, e que, por desgraça, é já fallecido.

Postos estes preliminares, o sr. dr. Chaves entra definitivamente na sua defesa, que, no conjuncto, se parece com a dos habitué das enxovias, seguindo os quaes « crime negado é crime não provado ». E, todavia, a respeito da minha accusação fundamental — que elle transformou em notas regulares todas as notas fracas ou más dos estudantes que ainda não tinham feito acto. — o nosso homem nem sequer se atreve a formular uma negativa terminante; a sua atrapalhado é visivel e todos os recursos d'uma rabulice seculida no traquem livra-lo da embarras de pelle. É que as alterações de estômago, para toda a gente, e negrão, se, a rigidez seria abrir mais a porta da propria honradez. Limita-se, por isso, cautelosaçate, o sr. dr. Chaves a declarar que não alterou a caderneta com o intuito de favorecer estudantes e enganar examinadores, — o que não exclue que a alterasse com outro intuito ou sem intuito algum.

Os períodos sam expressos: «... é falso que eu transformasse em notas regulares as notas más ou fracas... com o intuito de favorecer os estudantes e enganar os examinadores»; — «ninguem até hoje se atreveu (Atreveu? — Vejamos como o mal-creado-mór deita lume dos olhos!) a dizer que eu era capaz de alterar o conteúdo de qualquer papel com o fim de enganar a quem»; — «que eu alterara as notas da pauta com o intuito de adquirir popularidade», etc.

Não ha dúvida: o sr. dr. Chaves podia ter negado o próprio facto das alterações, que nem por isso eu deixaria de provar que ellas existem e que foram feitas por elle; mas não ousou tanto, e isto é symptomático e digno de registro.

Das suas palavras, com effeito, só pôde deduzir-se que não teve o intuito de enganar os collegas e favorecer os estudantes. Nada mais.

Mas, seria realmente assim? Elle allega em seu favor os seus precedentes de homem e de professor da Faculdade de Direito durante 26 annos. Ora o bom comportamento anterior é uma simples circumstancia attenuante e de pequeno effeito. Todos os criminosos têm bom comportamento antes de praticarem a primeira falta ou antes de apparecer a publico, pela primeira vez, uma das faltas commetidas. De resto, eu não tenho de fazer aqui a história do sr. dr. Chaves e Castro.

Tambem allega que seria pueril procurar enganar os professores com as alterações das notas, pois que elles não eram obrigados a servir-se da caderneta e a guiar-se por ella. Legalmente, assim é. Mas o sr. dr. Chaves sabia que a obrigação moral dos professores que querem julgar com imparcialidade e rectidão é aproveitar todos os elementos de que possam dispôr. De modo que, se realmente fôsse seu in-

tuito enganar o jury, este seria arrastado pelas alterações, ao menos enquanto não desse por ellas.

Emfim, allega que nunca procurou, e antes sempre desprezou a popularidade, sendo, por isso, pouco crível que agora fôsse alterar notas para captar as sympathias de meia dúzia de estudantes do 4.º anno de Direito. Assim pareceria, se nos referissemos aos tempos em que o sr. dr. Chaves era temido e mal visto pelos discipulos. Mas não é d'então que se trata. É d'hoje, é do momento actual, em que o sr. dr. Chaves acceta mensageus elogiosas do próprio curso e em que entra em lamentaveis transacções a tal respeito. Vê-se que alguma grande revira-volta soffreu o nosso insultador; e que, se dos velhos tempos elle conserva alguma coisa, é a clássica má-educação, que trata todos os amigos e conhecidos, desde os familiares até aos collegas, sem que á primeira vista se descubram as razões por que, apesar d'isso, tanta gente o atura e o encobre com áncia digna de melhor sorte.

Vê-se, pois, que os intuitos do sr. dr. Chaves podem ser os que eu considerarei provaveis com base num boato, a respeito do qual elle diz o seguinte: «A declaração, que o sr. dr. Affonso Costa me attribue, de que eu não deixava ao jury nenhuma nota má de qualquer dos meus discipulos, é outra calúmia por elle imaginada e cobardemente disfarçada com o nome de boato.»

É entám uma calúmia? E cobardemente disfarçada, não é assim?

Cobardemente, hein?!...

Ora o miseravel, que se esquece de que é padre e de que tem 61 annos a partir da data do baptismo!

Cobardemente! — Pois saiba o valente heroe de Almalaguez que não inventei nada; que o boato correu; e que acredito na veracidade d'elle como acredito na minha própria existência. Sabe porquê? Leia os documentos abaixo publicados, que cortam, como violentas chicotadas, a sua face sem pudôr. Leia-os e reconheça, ao menos no fundo da sua negra alma, que resvalam pela couraça da minha dignidade essas epithetos infamantes que, numa linguagem de bordel, se atreveu a dirigir-me em commentário a uma carta em que, só para minha defesa, eu fallava das suas alterações na caderneta, sem, aliás, as apreciar com qualquer palavra mal-soante! Leia-os e fixe no espirito acanhado que a sua baba venenosa, — como a dos correspondentes anónimos e não anónimos da Nação e de outros jornaes, — deixa a minha hora de particular e de professor sem a mais leve mácula, sem o mais insignificante enxovalho!

×

Está, portanto, demonstrado que o intuito das alterações que o sr. dr. Chaves implicitamente confessa ter feito na sua caderneta pode ter sido, apesar da negativa, o desejo de favorecer os estudantes meus do 4.º anno juridico.

Entretanto, se pode ter sido esse o intuito, tambem pode ter sido outro, como se deprehende das seguintes palavras da carta do meu insultador:

«Se o dr. Affonso Costa fôsse... um bom collega... cumpria-lhe pedir-me explicação das notas que encontrei na minha pauta, e que lhe pareceram eguaes, e só depois das explicações dadas por mim, é que poderia formar juizo seguro acerca do valor d'ellas.»

Este período é preciosíssimo. A primeira conclusão que d'elle se tira é que as notas não podiam entender-se no seu justo valor sem prévias explicações dadas pelo sr. dr. Chaves. E, todavia, o mesmo sr. dr. Chaves declara que mandou promptamente essa caderneta inintelligivel para a mesa do 4.º anno por ter sempre primado em ser bom collega, por ter ótimos precedentes de homem e de professor, por ter sido sempre exacto e escrupuloso nas informações dadas aos collegas sobre o merecimento litterário dos estudantes e, emfim, por ter constantemente desejado que estes fôsse avaliados pelos seus professores com rigorosa justiça e verdade para crédito e lustre da Universidade e proveito do país!!!

É extraordinário! Um homem, que deseja vêr justiça e verdade na apreciação do merecimento dos estudantes, manda para um jury a sua pauta, em que as notas parecem eguaes, mas têm, realmente, valores diferentes, e não

previne ninguém dos erros, das injustiças, das desigualdades, das verdadeiras infâmias, que inconscientemente podem ser commetidas por se suppôr perfeitamente eguaes as lições que, de facto, sam diversissimas!

E é porque não fui pedir ao sr. dr. Chaves e Castro explicações d'estes segredos, que elle quer fazer suppôr existentes na sua pauta, que eu sou alcuinhado de mau collega e de desrespeitador da honra, da dignidade e não sei se tambem da hierarchia dos outros, isto é, d'elle próprio!...

... O desgraçado! Como o estou vendo empalidecer! Como lhe adivinho o arrependimento de me ter perturbado na minha justa, legitima e inadiavel defesa!

Mas teria effectivamente este homem o propósito de dar esclarecimentos acerca do diverso valor real das notas aparentemente eguaes?

Não sei. Elle que o diga. Mas se tinha esse propósito, é mister confessar que o seu procedimento redobra, sendo possivel, de indignidade.

Com effeito, imaginemos, por um momento, que não eu, mas o professor que substituiu o sr. dr. Chaves, o ia consultar e que elle, d'entre 12 notas aparentemente eguaes, lhe dizia que 4 eram más, 4 fracas e 4 regulares; — qual era o resultado? O sr. dr. Chaves podia continuar a dizer aos rapazes que não deixara má nota de ninguém; e podia conseguir que os collegas fôsse, a despeito d'isso, praticando os actos de justiça para que elle não se sentia com forças depois da accettazione da desgraçada mensagem.

É quem assim procede ou inculca proceder que me chama mau character e não sei que mais! Muito pôde a senilidade, aliada á idiotia, ao egoismo, á má-creação, ao orgulho e á estupidez!

E até ao próximo número.

Coimbra, 21 de julho de 1897.

Affonso Costa.

DOCUMENTOS

V

CARTA DO DR. AFFONSO COSTA
AO SR. DR. TEIXEIRA D'ABREU

Meu querido collega e amigo. — Numa carta publicada no n.º 249 da Resistencia diz o sr. dr. Chaves e Castro:

1.º...

2.º «A declaração que o dr. Affonso Costa me attribue de que eu não deixava ao jury nenhuma nota má de qualquer dos meus discipulos é outra calúmia por elle imaginada e cobardemente disfarçada com o nome de boato.»

Pego-te que me digas o que sabes a respeito... do boato, de que realmente me fiz echo, e que me auctorisas a usar da tua resposta onde e quando me for conveniente. — Abraço-te como — am.º e coll.º m.º ded.º — (a) Affonso Costa. (T. C., 10-7-97).

VI

RESPOSTA DO SR. DR. TEIXEIRA D'ABREU
AO DR. AFFONSO COSTA

Meu caro amigo e collega. — Respondendo á tua carta de hoje tenho a declarar:

a)...

b) Quanto ao 2.º ponto: que nenhuma dúvida tenho em affirmar que o boato por ti referido chegou ao meu conhecimento por diversas pessoas, algumas das quaes attribuiam a sua origem a individuos muito da intimidade do ex.º sr. dr. Chaves e Castro.

Podes fazer d'esta carta o uso que te convier. — Coll.º e am.º obg.º — (a) Dr. Teixeira d'Abreu. (T. C., 10-7-97).

VII

CARTA DO DR. AFFONSO COSTA
AO SR. DR. MENDES DOS REMÉDIOS

(similhante, *mutatis mutandis*, ao documento n.º V).

VIII

CARTA DO SR. DR. MENDES DOS REMÉDIOS
AO DR. AFFONSO COSTA

Meu caro Affonso. — E' facto ter eu ouvido dizer por varias vezes e a vários

1 A parte supprimida neste documento e que corresponde á que tambem foi supprimida no anterior, respecta a um facto que será desenvolvido na proxima carta.

estudantes que o sr. dr. Chaves e Castro declarara que deixaria de ir aos actos do 4.º anno, mas que isso não devia desgostar os seus discípulos, porque a sua ausência os não prejudicava, attendendo a que elle de todos daria boas informações ao jury. Ouvi no boato nomeadamente a alumnos do 4.º anno, um dos quaes chegou, por signal, a indicar-me o amigo do professor que primeiramente trouxe a noticia a publico.—Teu collega affeiçoado.—(a) Dr. Mendes dos Remedios. Coimbra, 10-7-97).

DR. EVARISTO DE CARVALHO

Este nosso presado amigo e valioso correligionário, que, como dissemos, concluiu a sua formatura em Direito na semana finda, foi alvo d'uma imponente manifestação de sympathia á sua chegada a Soure, sua terra natal.

Esperado na estação por uma multidão immensa de amigos e admiradores do seu bello caracter e por enorme concurso de povo da villa e freguezias ruraes, foi o nosso amigo recebido entre vivas entusiasticas, que agradeceu das janellas de sua casa, no meio de ruidosas aclamações.

Dizem de Soure que a recepção do novel advogado foi a manifestação mais eloquente de sympathia que se tem realizado naquella villa.

Mais uma vez, pois, felicitámos o nosso distincto correligionário.

SCENA DE PUGILATO

No sabbado, no Novo Hotel Mondago, houve uma violenta scena de pugilato entre os srs. Alves d'Oliveira, da Redinha e Cardoso Pimentel, advogado em Pombal.

Contaram-nos que o sr. Alves d'Oliveira socou valentemente o seu adversario, que limitou a sua defesa a pedir misericórdia.

DR. RICARDO PAES GOMES

Este nosso presado amigo e valioso correligionário concluiu na segunda feira a sua formatura na Faculdade de Direito.

D'aqui lhe endereçamos as nossas mais cordiaes felicitações, desejando-lhe uma carreira cheia de prosperidades.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Fizeram acto nos dias 19, 20 e 21 e ficaram approvados os seguintes alumnos:

Faculdade de Direito

2.º anno—Houve uma repropoção e desistiu um alumno do acto.

2.º anno—(Economia politica). Pedro Norberto Corrêa Pinto d'Almeida, Ayres de Gouvêa Alcoforado, Sebastião José Márques de Almeida, António Taveira de Carvalho, Pompeu de Meirelles Garrido, Bernardo Augusto Loureiro, Eduardo Nogueira Lemos, Anselmo Ferraz de Carvalho, Alexandre Alberto de Sousa Pinto, D. Manuel de Assis Mascarenhas e António de Mattos Cid.

Nesta cadeira houve 2 repropoções e terminaram os actos.

3.º anno—Joaquim Pedro Martins, Alfredo Ayres de Freitas Leal, Miguel Crespo Pacheco, José Ferreira Marcelino, Joaquim Gonçalves Simão, Joaquim d'Almeida Brandão e José António A. Ferreira Lemos.

Neste anno houve 2 repropoções.

4.º anno—Manuel Simão Alegre, Manuel Thomás de Bessa e Menezes, Mathias da Graça Oliveira Monteiro, Miguel Tobin de Sequeira Braga, Ramiro Jacome da Costa Coutinho, Valentim Augusto da Silva, António Peixoto Corrêa, Abilio Augusto Mendes de Carvalho, Manuel M. Toscano de Figueiredo e Albuquerque e Francisco Maria Peixoto Vieira.

Neste anno houve 2 repropoções.

5.º anno—Eduardo de Almeida Saldanha, Ricardo Paes Gomes, Theodoro da Fonseca Mesquita e Julião de Senna Sarmiento.

Terminaram os actos neste anno.

Faculdade de Medicina

1.º anno—António da Silveira Teixeira da Motta e João Luis Affonso Vianna.

Terminaram os actos neste anno.

2.º anno—José Homem Corrêa Telles e Bento Rodrigues Ferreira Malva.

Terminaram os actos neste anno.

3.º anno—Luis Augusto Leotte de Ayet du Perier, Raymundo da Silva Mendes, Albino Augusto Pacheco, Thomás Godinho de Faria e Silva, Sebastião Maria de Lemos e Oscar Pereira Marinho.

Faculdade de Philosophia

6.ª cadeira—(Zoologia).—Obr.: Carlos Simões Dias de Figueiredo, José Augusto Pinto da Silva, António Cardoso Pinto, Camillo Corrêa Guimarães, Francisco Honorato Sousa Vaz e José d'Almeida Rebello.

5.º anno—(7.ª e 8.ª cadeiras)—(Mineralogia e Antropologia). Alpidio Augusto d'Oliveira Machado e Costa, Luis

duas horas depois tinha mudado o tempo, e, á noite, foi um acaso providencial que o arremessou á praia.

No dia seguinte, o sol fazia scintillar as ondas verdes do Oceano... partira de novo, seguro do tempo, tinha ido para a ilha de Baixo—uma ilha em que as mulheres usam uma capa que se vinha ver de dez leguas do littoral em roda, antes das parisienses a adoptarem para *sortie-de-bal*—fôra lá passar o dia: como o pescador em casa de quem ficara, lhe dissesse:

—O tempo está bonito, vou pescar duas horas!

—Leva-me! dissera Jacques...

—As suas ordens, sr. Parisiense, respondera o capitão, d'aqui a três horas estaremos em Roscoff.

Três horas... bem! E' a hora do jantar... mas mais tempo não... ficariam com cuidado.

E tinham partido...

As três horas da noite Bérard, quebrado, moído, a alma triste, desolada pelo quadro do dia, batia á porta do Pigeon-Blanc, admirado de não encontrar a esposa á espera, apesar da hora avançada! Foi o rapaz que velu abrir a porta.

—A senhora está deitada?, perguntou elle.

—A senhora!, disse o rapaz espantado, partiu para Paris.

—Para Paris, repetiu Bérard, encostando-se á porta para não cair...

Não querendo fazer o rapaz testemunha da sua fraqueza, Bérard endireitou-se e disse:

Guimarães, José Carlos de Barros e Carlos da Silveira Brandão Freire Thémudo.

Terminaram os actos neste anno.

Terminam amanhã os actos do 3.º anno de Direito, e na segunda feira fazem acto os últimos alumnos do 4.º anno da mesma Faculdade. Nesse mesmo dia reúne a congregação final.

Noticias diversas

O tribunal de verificação de poderes validou, na sessão de terça feira, a eleição pelo circulo da Louzã, sendo nomeado deputado o candidato opposicionista sr. Adolpho Guimarães.

O sr. dr. Manuel d'Oliveira Chaves e Castro, antigo professor da Faculdade de Direito na Universidade de Coimbra, foi aposentado com a pensão annual de 924\$449 réis.

Uma comissão composta dos chefes das circunscripções mineiras, chefe da 2.ª circunscripção hidráulica, chefe da 7.ª secção d'esta circunscripção e do médico higienista foi ante-hontem analysar os tanques de lavagem do minério de chumbo nas minas do Zorro, para ver se elles estavam construidos de modo a não haver prejuizo para a saúde pública, sendo de parecer que se acham em boas condições.

Reuniram na segunda feira as direcções do Monte-Pio Conimbricense Martins de Carvalho e da Associação dos Artistas, para resolverem acerca dos meios a empregar para a instalação de uma farmácia para as associações de socorros mútuos.

Foi preso, ha dias, na Guardalupa, menor Arnaldo Augusto da Silva, de d'um commerciante da rua Augustim Lisboa, e que ha tempos desappareceu da casa paterna, com o melho de 300\$000 réis na algibeira.

Na occasião da prisão, foram-lhe apprehendidos pela policia uns 50\$000 réis approximadamente.

Os seus modos provocantes e a maneira offensiva por que se portava para com todos, fôram a causa das desconflangas que deram com elle nas uoas da policia e seguidamente na dos papás, gravemente offendidos no amor próprio do bem amado cofre.

—Allumia-me.

Subiu para o quarto, allumiado pelo rapaz.

Quando se achou no quarto, perguntou:

—A que horas partiu a senhora?

—As cinco horas para apanhar o comboio das onze.

—Não disse nada?

—Nada... Demais a mais a senhora parecia doida...

—Como? Doida?...

—Exactamente. Quando a trouxe-ram, dizia coisas que ninguem entendia.

—Quando a trouxeram?, perguntou Bérard que não comprehendia...

Agitado, com febre, o cérebro cheio de idéas negras, do luctubre que o dia lhe tinha mostrado, Bérard passeava no quarto, procurando debalde o que queria dizer esta mudança súbita... porque teria sua mulher deixado Roscoff? O que queria dizer o rapaz, quando affirmava que a tinham trazido, como louca?

O desgraçado apertou alguns minutos o crânio a arder, como se quizesse agarrar o cérebro, e obrigá-lo a dar-lhe um pensamento nitido, claro... Mais socegado,—julgava-o elle assim—pôs-se deante do rapaz e perguntou-lhe:

—A que horas entrou a senhora?

—As quatro.

—Só?

—Não, senhor, traziam-na em braços.

—Como, traziam-na?...

Revistas e jornaes

Arte Livre.—Nova revista semanal de arte e litteratura, de que temos presente os dois primeiros números.

D'elles destacamos momentaneamente um perfil biographico de Júlio Lobato, por Augusto de Castro, filho,—que conhecemos em tempos idos, ainda muito menino, a recitar *A Nota do Banco* num theatrinho de rapazes, e que, agora, menino ainda, se nos apresenta com o passaporte de amador das letras, por signal que muito aproveitavel.

Esse perfil, inserto no primeiro numero, na secção — *Os intellectuaes*, é assás deficiente: o Júlio é digno de muito mais, e nós o provaremos um dia.

Isto dito, de passagem, cumpre-nos agradecer os exemplares recebidos.

A Crítica.—Recebemos o n.º 20 da 2.ª série d'esta revista theatral, bibliographica, artistica e litteraria, que se publica em Lisboa sob a direcção do sr. Eusebio Macário.

O Jornal dos Romances.—Continua a sair com a máxima regularidade esta excellente publicação illustrada, unica neste genero em Portugal.

O n.º 14, ultimo que temos presente, em nada desmerece dos anteriores.

Educação Nacional.—Recebemos o n.º 42 d'esta interessante publicação semanal de educação e ensino, que no Porto vé á luz da publicidade, dirigida pelo sr. António Figueirinhas.

Tendo usado o **CALLICIDA** no fim de 8 dias fiquei sem um callo que me incommodava ha muitos annos.

Fundão—Pedro Maria S. Euzebio.

Eschola Central d'Agricultura « Moraes Soares »

Pela direcção d'esta Eschola se faz publico que até ás 10 horas da manhã do dia 25 do corrente mês se receberão propostas em carta fechada para o fornecimento dos generos destinados á alimentação e camas para os cavallos reproductores existentes no depósito d'esta Eschola.

GÉNEROS

| Fava | Feno |
|--------|------------------------|
| Aveia | Palha para alimentação |
| Cevada | " " camas |

As condições estarão patentes na sacretaria d'esta Eschola todos os dias úteis desde as 10 horas da manhã ás 3 da tarde.

Eschola Central de Agricultura Moraes Soares, 19 de julho de 1897.

O director,

António Augusto Baptista.

— Sim, senhor!
— Não comprehendo! Explica-te.
— Então o senhor não estava em Roscoff?
— Porque me perguntas isso?
— É que toda a gente viu o que se passou... Ficaram todos com a cabeça perdida...
— Que queres tu dizer?, perguntou Bérard inquieto. Eu não estava em Roscoff.

Ah! Bem! Foi assim: encontraram a senhora quasi morta...

— Quasi morta?...

— Sim, senhor. Ao pé da capella. Trouxeram-na para aqui sem sentidos...

— Vejamos! Que dizes tu? O que foi que aconteceu?, perguntou Jacques com a cabeça perdida... E os meninos?...

— Os meninos estavam com a creada. Quando viram a mamã assim, fizeram um barulho...

— Mas afinal, o que foi que aconteceu?

— Eu não sei, meu senhor. Conto o que vi...

— Para trazerem a senhora em braços, devia ter succedido alguma coisa!... uma desgraça que tu me escondes. Madame Bérard não foi para Paris, morreu talvez...

— Ao dizer estas palavras, a voz do desgraçado tremia... depois appareceram-lhe as lágrimas nos olhos, succumbindo ao recelo, ao medo, dominado pelos presentimentos do dia... chorou... O rapaz commovido disse:

F. Fernandes Costa

ANTÓNIO THOMÉ

ADVOGADOS

Rua do Visconde da Luz, 50

20:000\$000 RÉIS

Emprestam-se a juro sobre hypotheca. Juro módico.

Nesta redacção dam-se esclarecimentos.

VENDA

Vende-se em Coselhas uma linda vivenda, que se compõe de casas de habitação, recentemente construidas, que accomodam familia numerosa; casas para caseiro e arrecadações, grande quintal de excellente terreno com muita água, arvores de fructo, videiras, etc. E' um sitio muito pittoresco e aprazivel, tendo estrada de macadam até ao local.

Facilita-se a aquisição

Está encarregado da venda, o solidador João Marques Mósca, residente no Pateo da Inquisição.

Lei eleitoral

Acha-se publicada a lei eleitoral approvada por carta de lei de 21 de maio de 1896, unica em vigor.

Além do próprio texto da lei, contém todo o formulário para todos os actos do processo eleitoral, v. g: acta da constituição da mesa, nas assembleas primárias; auto de não eleição; actas de eleição, de assemblea de apuramento, etc. etc., concludo por um repertório alfabético.

Os pedidos podem ser dirigidos á *Bibliotheca Popular de Legislação*, na rua da Atalaya, 183, 1.º,—Lisboa.

TURCO

Magnifico elixir para conservar os dentes e gengivas e prevenir as doencas da garganta. Frasco 300 réis. Meio frasco 160 réis. Vende-se na drogaria R. da Silva & C.ª.—R. Ferreira Borges, 34. Coimbra.

VENDEM-SE

Um côfre e uma porta com aro, tudo de ferro, servindo esta para uma casa forte.

Para ver e tratar, rua do Visconde da Luz, n.º 15 — 1.º andar.

Folhetim da RESISTENCIA

ALEXIS BOUVIER

O casamento d'um forçado

TERCEIRA PARTE

O passado

VII

Passeio no mar

— Não tenha medo, disse Lorémont com abatimento, estou sem forças, mal me tenho em pé.

O homem, dois individuos e Lorémont subiram para a carruagem, um outro individuo saltou para a almofada, e partiram para Morlaix aos gritos dos curiosos desapontados.

Signal de tempestade

O destino, dizem os crentes, marca na testa as pessoas que quer ferir. O que ninguem pôde negar é que ás vezes a natureza se curva a certas influências, parece que tudo se une á volta de nós para nos dizer:

— Lá vem a desgraça! Acautela-te!

O tempo era bello, e Bérard fôra só num barco dar um passeio no mar...

(Continúa)

Câmara Municipal de S. Thomé

Partido médico a concurso

3 A Câmara Municipal deste concelho de S. Thomé, faz saber que se acha a concurso por espaço de 180 dias, a contar da data da publicação no *Diário do Governo*, o partido médico-cirúrgico com sede nesta cidade e com ordenado annual de 1:600\$000 réis, pago pelo cofre do Município e sujeito ao regulamento e tabella annexa, que fazem parte deste annuncio.

Chama, pois, a mesma Câmara a attenção dos senhores facultativos habilitados pela Universidade de Coimbra e pelas Escolas-Médico-Cirúrgicas de Lisboa e Porto, a apresentarem nesta secretaria os seus requerimentos competentemente instruidos com os documentos legaes e os mais que julgarem conveniente para comprovarem as suas habilitações.

REGULAMENTO E TABELLA

Artigo 1.º — Só sam admittidos a este concurso facultativos habilitados pela Universidade de Coimbra e pelas Escolas Médico-Cirúrgicas de Lisboa e Porto.

Art. 2.º — Os requerimentos, devidamente instruidos com os documentos legaes e quaesquer outros que os candidatos julgarem conveniente para comprovar as suas habilitações, serão apresentados na secretaria da mesma Câmara.

Art. 3.º — O facultativo do partido médico municipal, terá o vencimento annual de um conto e seiscentos mil réis.

Art. 4.º — Não poderá, quando preferido em concurso, ser provido sem que prove ter a sua residência na cidade de S. Thomé, da qual não poderá ausentar-se sem que o communique á Câmara, indicando-lhe ao mesmo tempo quem o fique substituindo.

§ 1.º A ausência a que o presente artigo se refere, não poderá prolongar-se além de dois dias consecutivos.

§ 2.º — O clinico indicado para a substituição tem de ser diplomado, pela Universidade ou por qualquer escola médico-cirúrgica da metrópole.

Art. 5.º — O motivo de doença não dispensa o facultativo do dever de participar a ausência e indicar clinico idóneo que o substitua.

§ 1.º — Na falta desta indicação fica a Câmara autorizada a convidar outro facultativo que, em tal caso, receberá, como gratificação, metade do vencimento do facultativo provido, ficando este deste modo, com a metade restante.

§ 2.º — A ausência, no caso do presente artigo, não poderá prolongar-se além de seis meses dentro da ilha ou fóra d'ella; espçada além d'este periodo importa a perda de todo o vencimento, — além do anno a perda do logar.

Art. 6.º — O facultativo é obrigado a dar consultas diárias na casa da sua residência, durante o tempo que fór por elle proposto e pela Câmara aceite e annunciado no *Boletim Official*.

Art. 7.º — Visitará duas vezes por semana a Cadeia civil, além d'aquelles em que fór requisitado pelo carcereiro, relatando á Câmara o que se lhe offercer.

Art. 8.º — Acompanhará a Câmara ou a auctoridade administrativa nas correições para que fór requisitado

Art. 9.º — Na vaga dos logares de veterinario ou no seu impedimento legal, inspercionará todas as rezes de qualquer espécie que forem abatas para consumo publico, mandando-as marcar pelos zeladores que o acompanharem, assim como examinará as carnes que estejam expostas á venda, sempre que a assim entenda necessário, a Câmara o determine, ou a auctoridade administrativa o requisiar.

Art. 10.º — Procederá gratuitamente á verificação téchnica dos óbitos e exames dos cadáveres que tiverem de ser enterrados no cemitério desta cidade, ou em qualquer ponto fóra da mesma quando seja a requisição da auctoridade competente.

Art. 11.º — Prestará todos os serviços de policia sanitária e médica, estabelecidos por lei, e aquelles que, independentemente d'ella, forem determinadas pela Câmara, por conveniência do serviço publico.

Art. 12.º — A Câmara quando se provar que o facultativo do municipio se afasta abusivamente da letra d'este regulamento poderá applicar ao dito facultativo a multa de cincoenta mil réis, pela primeira vez e de cem mil réis pela segunda, podendo á terceira rescindir o contracto, depois de o ter ouvido e attendendo á doutrina do n.º 6 do artigo 227.º do Código Administrativo.

Art. 13.º — Os honorários da clinica do facultativo municipal serão regulados pela tabella seguinte:

N.º 1

| | |
|------------------|--------|
| Por cada visita: | |
| Diurna..... | \$500 |
| Nocturna..... | 1\$000 |

N.º 2

| | |
|---|-------|
| Por cada visita a diferentes doentes na mesma residência, de dia ou de noite, o facultativo receberá de um d'elles o honorário marcado no n.º 1, de cada um dos outros..... | \$200 |
|---|-------|

N.º 3

| | |
|--|-------|
| Por uma consulta em casa do facultativo: | |
| De dia..... | \$200 |
| De noite..... | \$500 |

N.º 4

| | |
|------------------------------------|--------|
| Por uma consulta por escripto..... | 1\$000 |
|------------------------------------|--------|

N.º 5

| | |
|--|--------|
| Por uma conferência com um ou mais facultativos..... | 2\$000 |
|--|--------|

N.º 6

| | |
|--|-------|
| Os honorários das visitas feitas de dia ou de noite, fóra da cidade, serão augmentados por cada kilometro de caminho de ida, não se contando o primeiro kilometro, com a quantia de..... | \$500 |
|--|-------|

N.º 7

| | |
|-----------------------|-------|
| Por um attestado..... | \$500 |
|-----------------------|-------|

N.º 8

| | |
|---------------------------------------|--|
| Tratamento aos pobres <i>gratis</i> . | |
|---------------------------------------|--|

N.º 9

| | |
|---------------------------------------|--|
| Vaccinação aos pobres <i>gratis</i> . | |
|---------------------------------------|--|

E para que chegue ao conhecimento de todos se passou o presente e mais 12 de igual teor para serem publicados no *Diário do Governo*, no *Boletim Official* da provincia e nos diferentes jornaes mais lidos de Lisboa, Porto e Coimbra.

Secretaria da Câmara Municipal de S. Thomé, 4 de junho de 1897.

O Presidente da Câmara,
Domingos Machado Silveira e Paulo.

CALDAS DA AMIEIRA

Abertura do estabelecimento thermal no dia 15 de maio

As ÁGUAS CLORETADAS DA AMIEIRA usam-se com grande resultado no tratamento da escrophulose, rheumatismo, moléas de pelle ainda as mais rebeldes, syphilis, padecimento de estômago, figado e baço, inflammações de quaesquer órgãos, útero, ovário, intestinos, leucorrheas, anémia e chloose.

A administração do hotel estará a cargo do sr. José Maria Rodrigues, de Coimbra, havendo nelle, entre outros muitos divertimentos communs a todos os hospedes, uma boa sala de recreio com piano, salão de bilhar, bonitos passeios, lagos com botes, etc. etc.

Preços, incluindo todo o serviço de quarto e mesa, de 1\$000 a 1\$200 réis diários.

Para quaesquer esclarecimentos dirigir-se á sede balnear; depósito em Lisboa — rua de S. Julião, 142, 1.º.

ÁGUA DAS LOMBADAS

ILHA DE S. MIGUEL — AÇORES

Água gazosa natural a mais pura para mesa. Não contém micro-organismos.

Coimbra — Pharmácia e Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª.

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM

(BEIRA ALTA)

Abertura do estabelecimento thermal em 1 de maio e fecha em 30 de novembro

Abertura do Grande Hotel Club em 15 de maio

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfectos do país

Excellentes águas mineraes para doenças de pelle, rheumatismo, estômago, garganta, etc.

O Estabelecimento Thermal comprehende 64 banheiras de 1.ª a 5.ª classe; duas salas para duches, uma para senhores e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverização e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette. É sem dúvida o melhor do reino, e mais barato. — Viagem — Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas (BEIRA ALTA) e d'ahi 5 kilometros em bons carros. A estação de Cannas na linha férrea da Beira Alta está directamente ligada com todas as linhas férreas hespanholas que entram em Portugal por Badajoz, Cáceres, Villar Formoso, Barca d'Alva e Tuy. — Para esclarecimentos: — Em Lisboa: rua do Alecrim, n.º 125, referente ao estabelecimento balnear, e rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel. — Correspondência para as Caldas da Felgueira, ao gerente da companhia do Grande Hotel. — As águas engarrafadas vendem-se nas pharmácias e drogarias e no depósito geral, PHARMÁCIA ANDRADE, rua do Alecrim, 125. — A exploração do Hotel fica este anno a cargo da Companhia do Grande Hotel.

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

10 Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande depósito de pannos crus. — Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corças e bouquets, fúnebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continua a encarregar-se de funeraes completos, armações fúnebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

A cura da Blennorrhagia

ELECTUÁRIO ANTI-BLENORRÁGICO

DO PHARMACEÛTICO

T. GALVÃO

Um até dois boiões d'este maravilhoso medicamento, verdadeiro especifico, bastam na máxima parte dos casos, para curar todas as purgações, ainda as mais antigas e rebeldes.

Preço do boião, 1\$000 réis

Depósito geral em Arganil na pharmacia Galvão — Em Coimbra: drogaria Rodrigues da Silva & C.ª

CALLICIDA



Privilégio Exclusivo

Extracção dos callos sem dor em 5 dias

Desconto convidativo para revender

Depósitos — Lisboa: Leandro de Freitas, rua da Prata, 231; Porto, José Maria Lopes, rua do Bomjardim, 12; Coimbra, Rodrigues da Silva & C.ª; e em todas as cidades e principaes villas do continente.

Africa — Loanda, José Marques Diogo.

Brasil — Rio de Janeiro: Silva Gomes & C.ª; Pernambuco: Guerra Fernandes & C.ª, rua do Duque de Caxias, 47; Bahia: Francisco de Assis e Souza; Maranhão: Jorge e Santos.

Exija-se nos depósitos um prospecto que ensina o modo de usá-lo e previne as falsificações. Ha um só depósito em cada terra.

Pedidos ao auctor: António Franco, Covilhã.

Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentária

Caldeira da Silva

Cirurgião dentista

Herculano Carvalho

Médico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174

7 Consultas todos os dias das nove da manhã ás 3 horas da tarde.

VENDE-SE

11 Uma grande morada de casas com dois andares, lojas, abegoaria, pateo, quintal com arvores de fructo e água, e uma outra casa contigua que foi antiga Inquisição que se presta a grandes obras, inclusivê para uma fábrica.

Quem pretender dirija proposta em carta a Alípio Leite, Penacova; mais esclarecimentos, rua Visconde da Luz, n.º 60. — Coimbra.

CALECHE E ARREIOS

12 Vende-se um bom caleche com cobertura solidamente construida, com boas ferragens e eixo inglês de patent e um par d'arreios de metal branco e couro inglês, com emblemas; obra segura e elegante o que ha de melhor em arreios. Para ver e tractar Quinta do Passal, Sepins. Próximo á Mealhada.

Pintor e dourador do Porto

D. DA SILVA MOUTINHO

Praça do Commercio, n.º 52

13 Encarrega-se de mandar fazer pinturas e douramentos, forrar casas a papel, tanto nesta cidade como na provincia.

CASA PARA ARRENDAR

Leonarda Borjaz, arrenda a parte sul da sua casa da rua da Ilha.

Recebem-se propostas, na quinta dos Platanos á Bemcanta, onde se encontram as chaves, para ser vista.

"RESISTENCIA"

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR — Joaquim Teixeira de Sá

Condições de assignatura (PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno..... 2\$700

Semestre..... 1\$350

Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 2\$400

Semestre..... 1\$200

Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis — Repetições, 20 réis. — Para os srs. assignantes, desconto de 50 p. c.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal fór honrado.

PROBIDADE

Companhia geral de seguros

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

CAPITAL 2.000.000\$000

Rua Nova d'El-Rei, n.º 99, 1.º

Lisboa

Effectua seguros contra incêndios.

Correspondente em Coimbra, Cassiano A. Martins Ribello. — Rua Ferreira Borges, 165, 1.º.

Vende-se

4 Uma bomba de grande pressão, com os tubos de cobre própria para tirar água, e vendem-se tambem dois pares de rodas para carro alemtejano ou de bois

Trata-se com Francisco Nogueira Secco, Terreiro da Erva, Coimbra.

RESISTENCIA

N.º 253

COIMBRA — Domingo, 25 de julho de 1897

3.º ANNO

A monarchia aponta-nos o caminho

Os jornaes monarchicos, opposicionistas e governamentais, estão pedindo continuamente ao ministro do reino que entre, por uma vez, no caminho das repressões e das violências.

No parlamento discutem-se boatos de alteração da ordem pública, e interpella-se o governo sobre o caminho que tenciona trilhar para com a propaganda republicana.

No ministério da guerra forjam-se planos de fortificação monarchica, transferindo officiaes do exército, concentrando soldados na capital do reino.

A monarchia, pelo visto, sente-se abalada pelos alicerces; busca um apoio eficaz na força armada, e, pela bocca do presidente do conselho de ministros, pede á opposição um cumprimento leal, um pacto de alliança sellado por um aperto de mão.

Que demonstra tudo isto?

Que o regimen, sentindo-se perdido, accusado pela própria consciência, treme de pavor.

Ninguém o ameaçou. A propaganda republicana tem sido, nos últimos tempos, o mesmo de ha muitos annos. O partido revolucionário, que não escolheu dia no calendário christão para envolver entre os santos da Igreja os nomes dos mártires, que comprehende muito bem que o facto de lutar pela conquista d'um ideal não importa um suicídio, certamente que não tenciona abalançar-se a oppôr sómente a força do direito ao direito da força.

O partido revolucionário não forja uma revolução do mesmo modo que uma quadrilha combina novo assalto aos cofres do Estado.

Não se fazem revoluções como se fabricam rebuçados.

As revoluções nascem, provocadas pelos desmandos dum regimen e pela reacção das massas populares contra a infâmia dos dirigentes.

A monarchia sabe tudo isto muito bem.

E, contudo, prepara-se.

Porquê?

Porque comprehende muito bem que não póde viver por mais tempo. Ella própria que no-lo diz, que o diz ao país inteiro, quando manda reforçar as guarnições militares.

De maneira que os ministros d'el-rei sam os primeiros a avisar-nos da necessidade de os pôr na rua. A elles e ao amo.

Um ministro apresenta ás córtis umas propostas que os próprios in-

teresses lhe suggeriram. E ao mesmo tempo diz aos collegas que é conveniente providenciar no sentido de se evitar que a ordem pública seja alterada.

Isto que indica?

Que esse ministro tem a plena consciência da infâmia que praticou, e que, apesar da apregoada brandura dos novos costumes, julga inevitável a reacção.

Os deputados, ou que disso fazem, referem-se no parlamento aos boatos e receios d'alteração da paz interna; por isso mesmo, pedem providências.

Que significa esta attitude?

Que esses homens, scientes das infâmias postas em prática pelos ministros d'el-rei, temem que a expulsão d'um regimen, que é conto de bandidos, lhes aniquille as esperanças de amanhã restabelecerem as suas arruinadas finanças.

Sam, pois, os homens da monarchia que nos estão apontando o caminho a seguir.

Os ministros d'el-rei preparam o cartuchame dos janizaros pretorianos para uma lucta de cuja necessidade só elles se aperceberam.

Isto quer dizer que elles esperam a revolução, isto é, que não ha póvo, por mais indolente, que tolere tanta patifaria.

Pois bem. Aproveite-se o conselho.

É tempo de um póvo opprimido se erguer no pedestal de sete séculos dum passado sem mácula e apontar o caminho do exilio a um regimen ignominioso servido por infames.

MOVIMENTO REPUBLICANO

Já se acha organizada a Comissão Municipal Republicana de Ponta-Delgada, que ficou composta dos seguintes membros do nosso partido:

Presidente — Dr. Eugénio Vaz Pacheco do Canto e Castro, professor do lyceu.

Secretário — Januário F. d'Abreu Vasconcellos.

Vogaes — José Tavares, Evaristo Ferreira Travassos, Luís Ambar Botelho Arruda, Manuel Maria Rapozo, Armando Domingos, Sabino Januário Borges e José Rebello de Castro.

Accrescem a estes nomes um igual número de vogaes substitutos.

Na quinta feira última correu nesta cidade o boato de se ter arrombado um tanque da lavagem do minério das minas da Mizarella, ficando por isso inquinadas as águas do Mondego.

Enquanto não se verificou a falta de fundamento de tal boato, a policia prohibiu que se fosse buscar água ao rio.

SAÚDE PÚBLICA

Bellezas da vereação municipal
Appello ás auctoridades

De ha muito que a Câmara municipal está manifestamente desprezando o ramo mais importante da sua administração, que é, sem dúvida, o que diz respeito á hygiene da cidade, nunca tam perigosamente descurada como agora que atravessamos a quadra dos calores mais intensos.

Já é tempo de uma intervenção enérgica e eficaz das auctoridades competentes no sentido de compellir a Câmara actual a proceder, com mais rigorosa circunspecção do que até aqui, no que respeita á hygiene pública.

Os habitantes d'esta cidade não podem de modo algum estar á mercê dos caprichos dos senhores vereadores, que entendem não dever curar dos interesses dos seus municipios, votando ao mais absoluto desprezo aquillo sobre que mais prompta e eficazmente deviam providenciar.

Ninguém desconhece, e antes diariamente todos se estão queixando da immundicie que infecta as ruas da cidade, sem que a edilidade da praça 8 de Maio se tenha, até hoje, lembrado do cumprimento dum dever que, á falta de bens que a determinem nesse sentido, lhe é imposto pela necessidade dos contribuintes.

A limpêza da cidade é, em todos os tempos, um dos mais importantes assumptos que devem merecer a attenção das auctoridades competentes. Muito mais agora, que os calores estivaes, incidindo sobre a immundicie d'essas ruas, podem muito facilmente produzir graves incommodos aos habitantes vizinhos dos logares immundos, e pôr em risco imminente a hygiene de toda a cidade.

Ha ruas para onde se estão lançando continuamente todas as variadas espécies de detritos repugnantes, quer de dia quer de noite, sem que intervenham as auctoridades.

Mas não bastavam os focos de infecção por ahí formados em todos os recantos, onde se amontoa o lixo de semanas inteiras, para padrão de glória dos senhores vereadores.

Éra preciso mais.

E assim foi.
Por ordem da vereação municipal foram mandados lançar na quinta de Santa Cruz (como vulgarmente se denomina o novo bairro do mesmo nome) os detritos da montureira que não podiam ser accumulados no Ingote, taes como: latas velhas, cacaria, etc.

D'ahi o fétido verdadeiramente pestilencial que se evola do novo monturo, arranjado *ad hoc* naquelle formoso bairro, provocando as justas recriminações e os justissimos protestos de todos os seus moradores.

Dissemos acima que esses detritos immundos e mal cheirosos sam lançados em Santa Cruz por ordem da vereação municipal, porque não

judgamos que possa haver empregados municipaes capazes de tamanha stulticia e de proceder a tal remoção independentemente de ordens superiores, e porque de ha muito que os senhores vereadores estão manifestando um desprezo absoluto pelo novo bairro.

A imprensa local é unânime na reclamação de providências enérgicas sobre tam importante e momentoso assumpto; até, mesmo, a *Correspondencia de Coimbra* pede providências.

Nós vamos mais longe.

Desejamos nos digam o que faz o médico higienista da Câmara municipal, que, á face do exposto, poderá tratar de tudo, menos de hygiene.

É realmente para lamentar o desleixo das auctoridades e da Câmara municipal.

Contra esse desleixo protestamos, chamando a attenção das auctoridades competentes para as montureiras que infectam a cidade, e para o esterquilíneo que o vereador do pelouro da limpêza pública não teve pejo de mandar accumular em Santa Cruz.

Repetimos: A saúde pública não póde estar á mercê dos caprichos dum senhor vereador de pituitaria gasta e insensível ás mais nauseabundas emanações, de parceria com as cabeças ócas de meia duzia de desleixados.

E não largaremos mão do assumpto.

BANDOLEIROS NO PODER

Desde que os filhos de Passos subiram ao poder, isto é, desde 6 de fevereiro do corrente anno, a circulação fiduciária augmentou em três mil duzentos e trinta e oito contos de réis.

Já não é licito perguntar se estamos na Falperra ou na Calábria.

É positivo e certo que os cofres públicos fóram verdadeiramente assaltados por uma quadrilha de bandedeiros atrevidos e de salteadores descaradissimos.

Sob o regimen em que vivemos só achámos possível a moralidade dum governo presidido pelo maior bandido da Penitenciária, e composto dos seis penitenciários de categoria immediata.

COLLIÇÃO FRANCO-LUCIANO

O *Reporter*, referindo-se á interpellação do sr. Mariano de Carvalho, no parlamento, acerca dos boatos de alteração da ordem pública, caso este a que já noutra logar alludimos, — acrescenta, muito satisfeito, que o sr. João Franco fez tambempatrióticas e nobres declarações, em nome dos seus amigos políticos.

E commenta:
«Folgámos em registar estes factos, que têm o maior alcance no actual momento, e tam de molde se ajustam ao que, por mais d'uma vez, temos dito sobre o assumpto nos artigos editoriaes do jornal.

E agora os srs. republicanos, — não sabemos se vêem bem...»

Mas muito bem.
E distinguimo-los a todos, verám...

Carta de Lisboa

SUMMÁRIO: — A liquidação nacional ou as propostas de fazenda. — O espirito público. — Ressano, sócio de Gærz, e o monopólio do assucar. — Ressano, administrador da Companhia dos Tabacos, e o monopólio dos tabacos. — Ressano, empregado assalariado da Companhia dos phósphoros, e o monopólio dos phósphoros. — A crise do médo. — Mariano, José Luciano e João Franco colligados. — O que dizem os monarchicos. — Porque o dizem. — Brito Camacho. — Leões transformados em poltrões. — Resposta a tempo. — Os transfugas.

23 de julho

As propostas de fazenda — os anúncios da grande liquidação nacional — continuam sendo o assumpto obrigado.

Nos theatros, nas ruas, nos cafés, é a questão obrigada, não como um mero objecto de conversa.

Creio que o espirito público nunca desde 90 esteve tam exaltado.

Grandes e pequenos, burgueses e operários, commerciantes e proletários, todos estão plenamente de accôrdo.

A situação define-se perante todos os cérebros, clara, nítida, exactíssima.

É a liquidação tremenda que se defronta.

É o desvergonhamento na sua última fórmula a impôr-se provocante.

Dum lado vê-se tudo em almoeada. Ao mesmo tempo descobre-se o poder, mais do que nunca transformado em gazua.

A primeira impressão das propostas foi logo fundíssima.

Mas a luz que se fez depois produziu uma verdadeira revolta moral.

As propostas do assucar, dos tabacos e dos phósphoros, as mais accessiveis a todas as comprehensões, tornaram-se duplamente irritantes pelas circunstâncias que se revelaram.

A do assucar, tinha toda a gente comprehendido, vinha ferir enormes interesses legitimamente adquiridos, direitos que deviam ser absolutamente respeitadas — os dos industriaes, os dos operários e os dos cultivadores —, vindo tambem preparar para uma época próxima o encarecimento dum género de primeira necessidade.

Descoberto que o monopólio ia ser dado ao sr. Gærz, provado com documentos que este sr. Gærz se associara com o sr. Ressano para em 1888 obter o mesmo monopólio, a opinião passou a ver uma torpíssima negociata: — um ministro a fazer um negócio com elle próprio, a satisfazer uma antiga pretensão, sua.

Com a proposta dos tabacos fez-se logo um enorme e justissimo escarceu.

Viram-se os prejuizos immediatos e pesadissimos para os vendedores. Viu-se a ruína inevitavel dos depositários. Viu-se coarctar o direito de liberdade commercial, pela forma mais impúdica. Viu-se attentar contra o direito de propriedade,

duma maneira verdadeiramente infame. Viram-se emfim concessões enormes, a troco de quasi nada.

Accentuado que o ministro era um accionista e administrador da Companhia dos tabacos, comprehendeu-se nitidamente que esse ministro se servira ignobilmente da sua posição official para nessa proposta ainda defender os seus interesses.

A proposta dos phosphoros mostrou-se immediatamente como o que podia haver de mais monstruoso. Davam-se centenas de contos por oitenta e creava-se um imposto, tanto mais revoltante por ir ferir principalmente as classes pobres.

Averiguado que o ministro que assim sobrepuja os interesses da Companhia dos phosphoros aos do publico e do thesouro, era um empregado assalariado da mesma Companhia, houve uma convulsão de nojo e de revolta.

Emfim apurou-se que não havia motivos para lançar simples suspeitas sobre o auctor das propostas.

Averiguou-se que não se tratava d'imbecilidades e de levandades.

Era o ministro confessadamente a defender os seus interesses, a tratar da sua barriga.

Passou entam o povo a ter mais do que nunca a convicção d'estar sendo roubado.

E é essa convicção que o traz hoje, num mal-estar franco, sincero, numa irritação extranha, sequiosa de justiça e de vingança.

Porque tal é o estado dos espiritos, porque essa é realmente a forma de sentir da opinião, o medo redobra, as forças concentram-se, a cobardia desmascara-se.

E notar o que se passou hontem no Solar.

Mariano, que de manhã publicara no Popular um artigo em que mostrava os maiores receios pela alteração da ordem publica, perguntou, não com a sua typica cara de garoto de 61 annos, mas com solemnissima expressão de condemnado, o que havia de verdade nos boatos que corriam.

José Luciano ergueu-se para lhe responder. Toda a merdelinada, ansiosa como que por ouvir uma sentença, acercou-se d'elle.

O homem fallou ou melhor titubeou. — Que, se apparecesse qualquer tentativa d'alteração da ordem, saberia reprimi-la. Que respondia, por isso, pela ordem publica. Que defenderia com lealdade as instituições. Que sabia tudo quanto se tinha feito e estava prevenido para tudo.

João Franco, tomando uma deixa de José Luciano, declarou após que o governo podia contar com a cooperação dos regeneradores, que, em caso d'alteração da ordem, seriam governamentais.

Nenhum dos três declarou que estava prompto a derramar o seu sangue pela monarchia. Nenhum d'elles fallou com energia, mas com medo.

Mas deram os três a impressão de que suppunham que a revolução appareceria hoje, ou amanhã.

Essa convicção é tambem neste momento a de todos os monarchicos. Mas de balde se lhes pergunta porque pensam assim.

Em vão se lhes pede que digam o que sabem.

Apenas sabem dizer que a attitude dos jornaes republicanos é suspeita.

Porque esses jornaes fallam como fallaram sempre — pedindo ao povo

que cumpra o seu dever, que se salve —, conclue-se que a única causa de pavor é a consciencia que elles emfim tiveram da sua obra e do estado da opinião.

Regeneradores e progressistas, viram finalmente que a nação percebeu a que extremos de degradação elles a arrastaram.

Comprehenderam que o povo não podia nem queria aturá-los mais.

Assim se produziu a crise de pavor e de cobardia que, ao mesmo tempo que provoca, enoja.

Foi afinal deferido o requerimento em que Brito Camacho pedia a sua demissão de cirurgião do exercito.

E' certo que o plano era mandar o austero republicano para Lourenço Marques, onde os amigos do rei, que se tem divertido já a furar com as espadas pretos indefesos, não hesitariam talvez muito em fazer o mesmo a um republicano.

Houve, porém, medo d'esta vez, e por isso a torpêsa não foi por deante.

Antes assim.

O Reporter pediu hontem a força para os republicanos.

O Paiz observou-lhe hoje:

«O Reporter insiste em pedir ao governo que persiga os republicanos. Hontem reclamava do sr. José Luciano que se apresse a dar-nos *um desenho bem eloquente e bem severo*».

Ora nós permitto-nos a liberdade de aconselhar o director politico do Reporter a que modere os seus impetuos monarchicos, se não quer que lhe recordemos graves compromissos republicanos.

O director politico do Reporter é um dos muitos monarchicos a que não podemos dar licença para pedirem perseguições contra os republicanos, ficando entendido que, se insistir neste caminho, nós ficaremos com liberdade de acção para dizermos o que entendermos.

O cavalheiro a quem nos referimos entende-nos, mas, se se fizer desentendido, conversaremos acerca do seu monarchismo.

Em todo o caso, preferimos que não nos obrigue a fallar, porque, emfim, ha coisas que só em casos extremos se devem dizer».

Parece-nos bem esta resposta.

Não comprehendo as tolerâncias excessivas que ha no partido republicano para aquelles que com elle especularam um dia e passaram no outro a deprimi-lo.

Julgo um direito e um dever desmascará-los, amordaçando-os.

O silencio poderá parecer medo, e um partido revolucionário não pôde tê-lo nem sequer mostrá-lo.

F. B.

CONTINUAM AS VIOLÊNCIAS

Apprehensão d'«A Marselheza»

Foi apprehendida a edição de sexta feira do nosso collega de Lisboa *A Marselheza*.

O sr. José Luciano de Castro continúa, como se vê, trilhando o caminho da repressão e da violência.

Não ha outro remédio senão dizer com o *Correio da Noite*, órgão do mesmo conselheiro:

Sam as últimas agonias d'um regimen que infames serviltores estão afundando num mar de lama.

E' este o unico protesto a oppôr a tanta villania, enquanto os factos não nos derem o direito de marcá-lo a fogo nas faces impudicas dos miseraveis perseguidores.

Conflicto de lentes da Universidade

Sr. redactor. — Tendo, nas duas cartas anteriores, arrancado ao sr. dr. Chaves e Castro toda a possibilidade de se esconder por detraz do cadaver do pobre bedel Almeida para fugir ás responsabilidades da vileza com que terminou a sua carreira de professor, — cumpre-me agora demonstrar, por meios directos, aquillo que, felizmente, é já convicção de todos os meus leitores sensatos e honrados.

O sr. dr. Chaves diz que a maior parte das notas parecem eguaes. O mesmo foi declarado, em seu nome, na célebre altercação de 28 de junho. E assim fallam egualmente, em diversos logares concorridos, os poucos que, por imbecilidade, por medo, por vil interesse ou por outras razões d'egual força, ainda ousam defender o putrefacto chicaneiro da rua do Quebra-Costas.

Mas, se quasi todas as notas estão eguaes, isto é, se têm o mesmo numero de pontos, como é que não houve alteração? — Muito simplesmente (respondem o sr. dr. Chaves e o seu côrn): é que as notas differem umas das outras pela grandêza, disposição e forma dos pontos.

Será assim? De maneira nenhuma: 1.º porque os classificados e mais quatro estudantes têm notas de 5 e 4 pontos, o que já prova que o valor das lições é proporcional ao numero d'esses pontos;

2.º porque as lições de 3 pontos, — que se encontram em todos os mais alumnos que ainda não tinham feito acto quando saiu o sr. dr. Chaves, — foram escriptas sem espirito de systema, e saíram com um ou outro feitiço, conforme o quis o mero acaso.

De resto, foi o próprio sr. dr. Chaves que officialmente o declarou, no dia 1 de junho, ao jury do 4.º anno, pela maneira seguinte: Tinha feito acto 2 alumnos, um dos quaes tinha 2 lições e o outro 3. O sr. dr. Chaves declarou que as lições do primeiro e as 2 últimas do segundo eram regulares, isto é, *eguaes*. Ora, na pauta vê-se que essas 4 lições têm 3 pontos cada uma, mas com feitiços allás muito diversos.

Nestas circunstâncias, as notas de 3 pontos indicam sempre lições regulares, qualquer que seja a forma, a grandêza ou a disposição dos mesmos pontos; e só do diverso numero de pontos se pôde concluir o differente valor das lições.

Assim resulta do systema das notas e do facto succedido, por exemplo, com um alumno que foi ainda examinado pelo sr. dr. Chaves. Elle tinha, e ainda hoje tem, na pauta, por forma *inconfundive*, 3 lições: uma (22 d'outubro) com 2 pontos, e duas (20 de fevereiro e 21 de maio) com 3 pontos cada uma. Ora, ao celebrar se a conferência em que muito se discutiu se o alumno devia ser plenamente aprovado, o sr. dr. Chaves informou o jury pela maneira seguinte:

«É este estudante deu na minha cadeira *uma lição fraca* em outubro, e mais tarde *duas regulares*»

D'aqui se vê que a nota com 2 pontos é que significa lição *fraca*; e como nenhum dos 70 e tantos alumnos que fizeram acto depois da saída do sr. dr. Chaves tem qualquer nota com menos de 3 pontos, ou se ha de concluir que o professor alterou as notas, ou que todos esses alumnos eram, sem excepção, estudantes superiores áquelle que tinha a tal lição fraca.

Sendo absurda, esta última conclusão é, ao mesmo tempo, repellida pelo próprio sr. dr. Chaves na apreciação que do acto do referido alumno lavrou na sua caderneta:

«*Acto fraco a todos. É pouco intelligente, e parece-me que estuda pouco. Passou Nemine attendendo a ter sempre assim passado, e a que podia a bit-la floar alta.*»

D'esta apreciação conclue-se que o sr. dr. Chaves tinha muitos outros discipulos com frequência notavelmente inferior, isto é, com lições de 2 pontos (fracas), e porventura de 1 ponto (más) ou mesmo de nenhum (péssimas).

Que foi feito d'essas lições? — Transformou-as o sr. dr. Chaves em notas de 3 pontos (lições regulares), como, acima de tudo, prova a carta do sr. dr.

Teixeira d'Abreu, em seguida publicada (Doc. n.º X).

Leia o publico esse terminante documento, e diga se o sr. dr. Chaves, — que, tendo assim procedido, se atreveu ainda a calumniar-me e a insultar-me, — é ou não um miseravel da peor espécie!

×

Mas em que occasião praticaria o sr. dr. Chaves esta infâmia, de que nunca mais se lava?

Deve ter sido quando começou a correr o boato de que, em paga da mensagem, deixava bons apontamentos de todos os alumnos, ou, com mais probabilidade, quando se preparava para remetter ao jury a monstruosa caderneta, precisamente na mesma occasião em que, já depois de abandonar o serviço dos actos, numa das suas páginas lançava a seguinte nota, edificante sob todos os pontos de vista:

«*Desde 9 de junho de 1897 deixei de ir aos actos, porque fui inspeccionado para ser aposentado, e julgado absolutamente impossibilitado physicamente (sic). (a) Manuel de Oliveira Chaves e Castro.*»

×

E que fim teria em vista o sr. dr. Chaves ao alterar as notas dos seus alumnos? Já pelas cartas anteriores provei que, procedendo assim, elle se destinava, — ou a favorecer os maos estudantes, prejudicando todavia os bons, — ou a ficar sempre preparado para ao mesmo tempo, contentar os alumnos com a declaração de que não deixava más notas de ninguém, e leyar os collegas, por meio de explicações sybillinas, a approvarem e reprovarem quem elle quizesse.

Em qualquer das hypótheses, a mensagem dos estudantes do 4.º anno juridico não é extranha a tam asqueroso procedimento, como demonstrei na minha primeira carta, por meio da appproximação de factos irrespondiveis.

Não agrado a minha demonstração ao sr. dr. Chaves, que, com ademanes de regateira, ousou declará-la — «*typo da calúmia envenurada por um homem de mau character*»

Que infame e que imbecil! Com a cabeça perdida, denomina calúmia uma exposição de factos, que elle próprio reproduz nas suas linhas fundamenteaes! Cretino e mal-intencionado!

Elle historia a aposentação nas suas relações com a mensagem dos discipulos, só discordando do que a tal respeito eu affirmei, em pontos secundários, de que neste momento destaco os seguintes:

1.º Eu disse que, tendo sido suspensa a aposentação do sr. dr. Chaves em junho ou julho de 1896, desde entam correu que elle se aposentaria em dezembro; ao passo que elle declara que, primeiro, pediu a aposentação para outubro, e, depois, reflectiu que fallavam só dois meses e meio para completar mais um anno de serviço, resolvendo, em consequência, continuar até o Natal. Ora a verdade é que já em julho se sabia na secretaria da Universidade que o meu insultador guardara a aposentação para dezembro a fim de arranjar mais uns mil réis para cada anno; e por tal forma era isto conhecido que, na congregação final, fiz, deante do sr. dr. Chaves, e sem réplica sua, esta pergunta:

«Como não tenho cadeira assignada, desejava que o conselho me dicesse se poderei ir-me preparando para substituir o sr. dr. Chaves em dezembro do próximo anno lectivo, isto é, na occasião em que, segundo se diz, elle é aposentado e deixa a sua cadeira.»

2.º Eu disse que o pedido feito pelo curso do 4.º anno ao sr. dr. Chaves abrangia todo o anno lectivo e, consequentemente, o periodo dos actos; ao passo que o sr. dr. Chaves diz o seguinte:

«O pedido dos commissionados não comprehendia os actos, e quando os comprehendesse, eu não acederia a elle, porque não queria que sobre o meu critério de julgador recaisse a suspeita de que desejava ser agradavel a quem solicitava o meu julgamento.»

Vejam como este desgraçado conhece quanto é torpe e venal! Como elle mesino a si próprio se infama! Como de si mesmo suspeita!

Mas não é d'isso que se tracta agora. O meu propósito é provar que os alumnos do 4.º anno não teriam feito

mensagem alguma, se suppozessem que o professor os abandonaria antes de terminados os actos. Ora nenhuma demonstração é mais concludente do que a produzida pelo próprio sr. dr. Chaves no n.º 4:245 do *Tribuno Popular* (correspondente a 5-12-96):

«Este distincto professor e insigne advogado (diz elle de si mesmo) tentava apressar o processo da sua aposentação, que ha meses está correndo, de modo que pudesse afastar-se do serviço universitario no principio da segunda epocha d'este anno lectivo. Os seus discipulos na cadeira de *Organização judiciária e theoria de processo* (4.º anno de Direito), que conhecem o elevado merecimento d'este professor zelozissimo, procuraram o sr. dr. Chaves, e «solicitaram de s. ex.ª o sacrificio de os não abandonar até ao fim do anno lectivo... O pedido do curso do 4.º anno de Direito, muito honroso para elle, deve ter sido verdadeiramente agradável ao sr. dr. Chaves, que, em virtude da sua austeridade como professor, nunca procurou a popularidade academica.»

A carta do sr. dr. Chaves tambem diz que elle nunca procurou a popularidade academica; mas, quem lê o n.º 4:177 do *Tribuno Popular* (correspondente a 11-4-96), encontra, numa noticia provavelmente de vida a mesma penna, este trecho que parece demonstrar o contrario:

«A saída do sr. dr. Chaves para fora da Faculdade de Direito deixa nella um vácuo difficil de preencher. Os seus collegas sentem-no devêras, e os alumnos da Universidade ham de por sempre senti-lo tambem.»

×

Chego, d'este modo, ao fim da viagem empreendida. A minha primeira carta, de 6 de julho, está terminantemente demonstrada. Como natural consequência, a pretendida defesa do sr. dr. Chaves está cabalmente destruida. Mas, como elle só fingiu defender-se para ter pretexto de me insultar e calumniar, resta-me ainda arrancar a pelle a este insolente, que, permitindo-se a liberdade de me dar conselhos deprimentes, vomita tambem infâmias por sobre o brilho da minha carreira academica ao referir-se ao prêmio que justamente me foi conferido no 4.º anno de Direito.

Mas esta carta vae longa, e eu não quero tractar em poucas palavras um assumpto que me fornece o precioso ensejo de deixar para sempre retalhada a face cynica d'este miseravel indigno de compaixão!

Coimbra, 23 de julho de 1897.

Affonso Costa.

DOCUMENTOS

IX

CARTA DO DR. AFFONSO COSTA AO SR. DR. TEIXEIRA D'ABREU

Meu querido collega e amigo. — Num carta publicada no n.º 249 da *Resistencia* diz o sr. dr. Chaves e Castro: 1.º «É falso que eu transformasse em notas regulares todas as notas má ou fracas dos alumnos que ainda não tinham feito acto, com o intuito, etc.» 2.º «... (Vej., na carta anterior, o documento n.º V.)»

Peço-te que me digas o que sabes a respeito das alterações da caderneta e... que me auctorises a usar da tua resposta onde e quando me for conveniente. — Abraço-te como — am.º e coll.º m.º ded.º — (a) *Dr. Affonso Costa*. (T. C., 12-7-97).

X

RESPOSTA DO SR. DR. TEIXEIRA D'ABREU AO DR. AFFONSO COSTA

Meu caro amigo e collega. — Respondendo á tua carta de hoje tenho a declarar:

a) Quanto ao 1.º ponto: que vi, na mão do ex.º sr. dr. Chaves e Castro a pauta dos estudantes do 4.º anno juridico de 1896 a 1897 quando me ia formava da frequência de alumnos por mim recommendados a benevolência d'aquelle professor, reconhecendo muito tarde, quando fui substituí-lo nos actos do mesmo anno, que as notas fracas tinham sido transformadas em notas regulares pelo acrescramento de um ponto; e tam convencido fiquei de que esta alteração fôra praticada pelo dito professor, que assim o declarei no

ficio em que participei que não podia continuar a fazer serviço nos actos do 4.º anno; e já anteriormente tinha manifestado a mesma opinião, em ligeira palestra, ao ex.º sr. dr. Chaves, na tua presença e na d'outras pessoas, sem que s. ex.ª me advertisse do meu erro, se o era.

b) ... (Vej., na carta anterior, o documento n.º VI.)

Podes fazer d'esta carta o uso que te convier. — Coll.ª e am.º obg.º — (a) Dr. Teixeira d'Abreu. (T. C., 12-7-97).

Declarações do presidente do conselho no Solar dos pseudo-deputados

Interpellado, no parlamento, pelo sr. Mariano de Carvalho acerca dos boatos e receios de alteração da ordem pública, o sr. José Luciano de Castro respondeu que esses boatos eram absolutamente infundados, afirmando que o governo saberá manter a ordem, para o que conta com o apoio da opposição monarchica.

Responde por nós a *Folha do Povo*:

«A ordem pública está de facto alterada e profundamente, não pelos republicanos mas sim pelo governo, porque a ordem pública é o socoço; a ordem pública é o funcionamento regular do machinismo administrativo; a ordem pública é o respeito pelos direitos dos cidadãos e pelo nome, pela honra e pela independência da Pátria; e tudo isso está invertido, tudo foi pisado aos pés, miseravelmente, com o mais revoltante e provocador dos cynismos.»

Acto de heroísmo

Na sexta feira última manifestou-se incêndio num prédio próximo da igreja de S. Martinho do Bispo, pertencente a Salvador Arêde, trabalhador, que ficou, com sua mulher e sete filhos, reduzido á extrema miséria.

Na ocasião do incêndio, achavam-se em casa quatro filhinhos do infeliz, o mais velho dos quaes tem 4 annos de idade e o mais novo 19 meses.

Uma rapariguinha que por alli passava, de nome Fortunata Roque, de 13 annos de idade, destemidamente avançou por entre as chammas e arrancou cá para fóra as quatro creancinhas, trazendo

duas ao collo e voltando de novo a buscar as restantes.

Este acto de heroísmo em tão tenra idade merece das auctoridades uma recompensa condigna.

Carta da Figueira

19 de julho de 97.

Inauguraram-se no dia 15 os casinos *Mondego* e *Peninsular* com enorme concorrência.

Foi uma noite de festa e, como os proprietários tinham profusamente distribuído convites, a romaria que se estabeleceu entre os dois casinos só terminou depois da meia noite.

A esta hora percorria as ruas da cidade uma tuna do *Club Gymnasio*, composta de numerosos «xecutores e acompanhada de muito povo. Esta tocata era dedicada aos banhistas, que receberam esta amabilidade muito bem.

O *Casino Peninsular* apresentou-se soberbamente. A sua majestosa sala adornada por cortinados vermelho e ouro, é de gosto primoroso; o mobiliário branco de um estylo elegante e sóbrio, a iluminação bem distribuída, impressionavam todos que alli entravam. Toca o sexteto *Rio de Carvalho*, composto de bons executantes, d'onde sobressaiu o sr. Caggiani, primeiro violino do país.

As músicas escolhidas e a sua magnífica execução arrancaram constantes salvas de palmas, que eram bem merecidas.

Foi uma festa brilhantíssima, que deixou boas recordações a quem assistiu a ella.

No *Casino Mondego* tocou o quarteto *Victor Hussla* e, apesar das modificações realizadas este anno, as honras da noite pertenceram ao *Casino Peninsular*.

Amanhã ha *Concerto de invitação*, ás 5 horas da tarde. Espera-se que continuem, porque o sr. Menezes é homem emprehendedor e activo.

Assim principiaram as festas nesta praia e que se vam prolongar por toda a epocha, promettendo ser brilhantes como em anno algum.

E viva a alegria!

No café do *Casino Peninsular* temos a dirigir-lo o José Augusto de Macedo, d'essa cidade. É o José Macedo da Viçicola, do largo da Feira, que tem uma linguinha levada dos diabos, mas que é um bello e sympático moço, um caracter integro e servical. Toda a Coimbra o conhece e considera. É de crér, pois, que seja feliz.

No domingo, foi a festa do S. João, em Tavadede, sendo muito concorrida.

Pela manhã, a tradicional bandeira, que vinha bem acompanhada e que percorreu toda a cidade, dando brado... se este termo não escandalisa.

Á tarde, muita gente, banhistas e

não banhistas, formando ranchos, enchem a estrada, que conduz áquelle pittoresco logar. Alli, guapas camponezas de trajos domingueiros, com cores garridas, dançavam o *Vira* e a tradicional *Farrapeira*, enquanto outras sentadas debaixo de árvores, nos sitios mais elevados, merendavam e riam em alegre convívio e sem preocupações.

É sempre assim o povo português: descuidado e sem preocupações. Se elle pensasse bem no quanto vam agravar o seu viver os monopólios do assucar e dos phosphoros, não mostraria o seu semblante tan. presenteiro, e certamente uma ruga funda lhe sulcaria a fronte e dar-lhe-ia outro aspecto.

Bem dizia Madame Ratazzi: *Les portugais sont toujours gais*.

Na praia, é sempre crescente a animação e desafia deixar essa cidade e vir para aqui gosar num descuido lèdo o fresco do mar.

Tambem aqui chegaram os boatos de alteração da ordem publica, mas não foram tomados a sério. Todos se riram, e aquelles que bebem do fino piscavam os olhos de esperios, como quem diz:—isto sam manobras dos progressistas; para seus fins. Uma carrapata nesta altura convem-lhe para desviarem as atencões e poderem fazer aprovar as medidas de fazenda. Que se acutellem os republicanos e não se deixem cair no logro.

R.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Fizeram acto nos dias 22, 23 e 24 e ficaram aprovados os seguintes alumnos:

Faculdade de Direito

3.º anno—Luís António Vieira de Sousa Lereño, Remigio António Gil Spinola Barreto e Veridiano Pereira Gonçalves.

Terminaram os actos neste anno.

4.º anno—José Pessoa Ferreira, Manuel Teixeira Pimental, Leopoldo de Barros Teixeira dos Reis, Manuel de Gouvêa Osório, Virgílio dos Santos Faria, Manuel Teixeira de Sampaio Masilha, Manuel Augusto Martins e Alexandre Braga.

Faculdade de Medicina

3.º anno—José Pereira Barata.

CURSO DE PHARMÁCIA

2.º anno—Houve 3 reprovações e faltou 1 alumno a acto.

Faculdade de Philosophia

6.ª cadeira—(Zoologia).—Ord.: António Aurelio da Costa Ferreira, Antó-

—Chamo-o ás seis; chega com bons cavallos que ham de custar caro...

—Que importa!

—Chega ás onze! O comboyo que

corresponde com o expresso de Rennes.

—E elles?

—Elles! Por mais que a senhora

corra, não poderá partir senão pelo

expresso; mas ella vae no comboyo-

omnibus e o senhor chega quatro

horas antes.

—Estás certo do que dizes?, per-

guntou Bérard, olhando o rapaz bem

de frente.

—Estou.

—Bem, aqui estão vinte francos.

Terás outro tanto se eu partir ás seis

horas.

—Póde contar commigo, disse o

rapaz contente. Deite-se e durma duas

horas. Eu virei acordá-lo. Além disso o

senhor não deve estar com cuidado na

senhora! É um effeito do raio, mas

desfaz-se quando o tempo muda. Quando

chegar a Paris, encontra a senhora

sã... Até logo... O creado ia a sair,

quando Bérard, que tinha pegado num

bilhete que estava na mesa, o chamou,

e, muito agitado, lhe disse com voz

ansiosa.

—Que é isto?

—Ah! É verdade! Esquecia-me. É

um senhor que perguntou pelo senhor.

—A que horas veio? perguntou vi-

nio Pereira de Sousa Neves, Rodrigo Affonso Alves de Sousa e Jayme Corrêa de Sousa.

7.ª cadeira—(Mineralogia).—Vol.: Raul da Cunha Paredes, João Ribeiro Braga, Eugenio Trajano de Bastos Guedes e Gregório de Mello Nunez Giraldes.

Noticias diversas

Pelo Atheneu Commercial foi reorganizada a commissão promotora do encerramento das lojas do domingo.

A nova commissão ficou composta dos seguintes senhores:

Francisco Borges, João Cardoso, José Bento d'Oliveira, Francisco Quintera, António d'Oliveira Marques, Joaquim Mendes Affonso, Pantaleão da Costa, António Martins da Costa, José Gomes da Cunha, Zacharias Neves, Guilhermino Barbosa e Duarte Rodrigues.

A nova commissão foi hontem pedir o encerramento aos negociantes de fato feito, accedendo éstos a tam justa petição.

Foram concedidos 60 dias de licença ao sr. dr. Francisco Adolpho Manso Preto, illustre professor do Lyceu Central d'esta cidade.

Foi imposta uma multa de 100\$000 réis á empresa do matador, por este estar funcionando sem a respectiva licença.

Na eschola Industrial Brotero foram aprovados nos exames, realizados ultimamente, 138 alumnos, distribuidos pelas seguintes cadeiras:

Desenho geral elemental, 74.

Desenho ornamental, 18.

Deseho architectónico, 6.

Arithmética e geometria elemental, 6.

Physica e mechânica industrial, 8.

Chimica industrial, 26.

No desenho geral elemental pertencem 12 ao sexo feminino e no desenho ornamental 2.

Em Lexington (Kentucky) projecta-se tambem uma exposição universal.

O principal atractivo da exposição é um verdadeiro producto da inventiva imaginação yankee. Por excessivamente curioso vamos descrevê-lo tal como no-lo indica um jornal americano, que temos presente.

Um enorme guarda-chuva metálico cobrirá todo o recinto da exposição, a uma altura de oitenta e cinco metros approximadamente. Com esse guarda-chuva monstro poderám os visitantes

—Mas a carruagem?

—Procura-a... eu parto ás seis

horas.

O creado pegou na vella e levou

Bérard ao quarto do hospede que tinha

deixado o seu bilhete de visita.

Bérard socejava, pouco a pouco. A

esposa e os filhos não corriam perigo

algum: Almée tinha partido para Paris,

e elle julgava ter adivinhado o motivo.

Afastava de si a idéa que podessem

ter revellado a sua mulher a vida

passada; parecia-lhe isso impossivel,

tinha recebido de seu amigo Cardinet

uma carta que o tranquillizava absolu-

tamente. O rompimento de M.ª Bérard

resultara, era essa a sua convicção, do

bilhete de Jeanne de Sillac encontrado

nos bolsos do seu fato... Bérard não

sabia que este bilhete fóra dado a sua

mulher, julgava tê-lo guardado com

outros papeis, e dizia consigo mesmo:

Pobre Aimée, julgou que eu a en-

ganava quando lhe dizia que essa

nobre mulher era uma amiga antiga!

É felizmente, o único ponto em que se

parece com a familia: exalta-se facil-

mente, e, quando se não está ao pé

d'ella, o primeiro movimento faz-lhe

cometter as maiores tollices. Vou en-

contra-la em Rennes á espera do ex-

presso, tomaremos o mesmo compart-

imento, e um beijo fará esquecer tudo... Foi a minha vida austera que a fez

assim, não vivo senão para ella, só nella penso, por isso a mais pequena coisa lhe faz sombra, está agora habituada a ver-me viver só para ella e por ella, e a pobre Aimée julgou que

ter a illusão de uma ascensão aerostática, sem perigo algum, da forma seguinte:

Um aparelho especial permitirá que o cabo metálico do guarda-chuva, composto de vinte peças corrediças desça o mais baixo que lh'o permitam os edificios da exposição.

Uma vez em baixo, os visitantes poderám, por meios de ascensores mechânicos, tomar assento em diversas *barquinhas* suspensas do bordo externo do monstro, que subirá de novo, immediatamente, a toda a altura do cabo. Um outro aparelho especial fará seguidamente com que o guarda-chuva opere um vagaroso movimento de rotação completo, dando assim aos amadores a grata illusão de terem visto toda a exposição em baía.

Muito engenhosos, os taes americanos...

Para fazerem parte da expedição que vae partir para Moçambique, offereceram-se do regimento d'infanteria 23, 1 sargento e 25 soldados.

Edital

O Doutor Porphyrio António da Silva, pro-provedor da Santa Casa da Misericórdia de Coimbra

Faço saber que na secretaria da mesma Santa Casa se acham patentes, por espaço de oito dias, a contar do dia 26 do corrente mês, as contas da receita e despesa da dicta Santa Casa relativas ao anno económico findo, e respectivos documentos, afim de todos os interessados poderem examinar e a seu respeito apresentar dentro do referido prazo quizesquer reclamações ou observações escriptas.

E para que chegue ao conhecimento de todos mandei passar este que vae ser affixado no logar do estylo.

Secretaria da Santa Casa da Misericórdia de Coimbra, 22 de julho de 1897.

O pro-provedor,
Porphyrio António da Silva.

TURCO

Magnifico elixir para conservar os dentes e gengivas e prevenir as doenças da garganta. Frasco 300 réis. Meio frasco 160 réis. Vende-se na drogaria R. da Silva & C.ª.—R. Ferreira Borges, 34, Coimbra.

20:000\$000 RÉIS

Emprestam-se a juro sobre hypoteca. Juro módico.

Nesta redacção dam-se esclarecimentos.

eu a enganava... Sabendo que eu andava no mar, e vendo chegar o mau tempo, subiu naturalmente aos rochedos Sainte-Barbe; lá surpreendida pela tempestade, atterrada, não podendo a sua natureza nervosa resistir ao choque, achou-se mal...

Quasi tranquillizado, cego, com todas as pessoas que o Destino vae ferir, Bérard esperava sem cuidados o momento de partir. Tinha machinalmente olhado para cima da mesa, vendo um bilhete de visita, tinha pegado nelle e tinha lido o nome: Cardinet, e pedira que o levassem ao quarto do poeta...

O creado partiu depois de lhe haver ensinado a porta. Bérard batera duas vezes; não tendo recebido resposta, entrou.

VIII

Conselhos d'amigo

Cardinet dormia, como um justio, um resonar sonoro denunciava a sua presença.

Bérard aproximou-se da cama e contemplou um instante o seu amigo. Hesitou em perturbar-lhe o somno, mas, pensando que o poeta se achava ali, ha oito horas, abanou-o; este lutando disse:

—Boileau, um homem de cabelleira...

—Cardinet, lembra!

—Corneille sim... mas esse usa

barrete...

—Cardinet...

—Hein! o que é?...

(Continua)

ALEXIS BOUVIER

O casamento d'um forçado

TERCEIRA PARTE

O passado

VII

Signal de tempestade

—Não deixou nada para me dizerem?

—Pelo contrario, quando se lhe disse que estava na ilha de Baixo e que não voltaria senão passado o mau tempo, ella disse: «Melhor. Depressa! Depressa! Partamos antes que elle volte».

Bérard passava as mãos pela testa limpando o suor que lhe afluava as fontes... disse ou antes soluçou:

—Ella disse: Partamos antes que elle volte?

—Disse! Mas, pense o que pensar o medico, toda a gente dizia: Que desgraça que o sr. Bérard não esteja cá, ella está doida! Nós não podiamos impedi-la de partir. O sr. sabe que acontece muitas vezes ficarem logo doidos aquelles que tocou o raio

Bérard, com os olhos espantados, a

lêcca crispada, passeava no quarto, dando encontros a tudo.

—Afinal partiu? Perguntou elle em tom secco.

—Sim senhor! E era necessario ter bem vontade de partir porque fazia um tempo dos diabos. Foi na hora em que choveu e que o mar fazia um barulho dos infernos.

—E não disse nada?

—Não, senhor.

—Não escreveu?

—Não, senhor!

Bérard deu duas voltas ao quarto e, abotoando-se febrilmente, impondo socego á sua natureza em ebulição, veio pôr-se em frente d'elle e disse-lhe:

—Meu amigo, vá procurar-me immediatamente um cavallo e uma carruagem...

—A esta hora?

—A esta hora!

—É impossivel!

—É necessario...

—Meu senhor, eu juro-lhe que que-

reria obedecer-lhe; mas é impossivel.

—Então, disse Bérard exaltando-se,

eu vou ficar aqui, quando uma desgraça anda em cima de mim. Ficar aqui... Mas isso é que é impossivel!

—Ouça, disse o rapaz... prometto

d'aqui a duas horas... sam três horas e meia, uma carruagem...

—Mas eu quero chegar a Paris ao mesmo tempo que elles.

—Exactamente.

—Como?

—Vae dormir duas horas.

—Bem!

Câmara Municipal de S. Thomé

Partido médico a concurso

3 A **Câmara Municipal** deste concelho de S. Thomé, faz saber que se acha a concurso por espaço de 180 dias, a contar da data da publicação no *Diário do Governo*, o partido médico-cirúrgico com sede nesta cidade e com ordenado annual de 1:600\$000 réis, pago pelo cofre do Município e sujeito ao regulamento e tabella annexa, que fazem parte deste annuncio.

Chama, pois, a mesma Câmara a attenção dos senhores facultativos habilitados pela Universidade de Coimbra e pelas Escolas-Médico-Cirúrgicas de Lisboa e Porto, a apresentarem nesta secretaria os seus requerimentos competentemente instruídos com os documentos legais e os mais que julgarem conveniente para comprovarem as suas habilitações.

REGULAMENTO E TABELLA

Artigo 1.º — Só são admittidos a este concurso facultativos habilitados pela Universidade de Coimbra e pelas Escolas Médico-Cirúrgicas de Lisboa e Porto.

Art. 2.º — Os requerimentos, devidamente instruídos com os documentos legais e quaesquer outros que os candidatos julguem conveniente para provar as suas habilitações, serão apresentados na secretaria da mesma Câmara.

Art. 3.º — O facultativo do partido médico municipal, terá o vencimento annual de um conto e seiscentos mil réis.

Art. 4.º — Não poderá, quando preferido em concurso, ser provido sem que prove ter a sua residência na cidade de S. Thomé, da qual não poderá ausentar-se sem que o communique á Câmara, indicando-lhe ao mesmo tempo quem o fôr substituindo.

§ 1.º — A ausência a que o presente artigo se refere, não poderá prolongar-se além de dois dias consecutivos.

§ 2.º — O clinico indicado para a substituição tem de ser diplomado, pela Universidade ou por qualquer escola médico-cirúrgica da metrópole.

Art. 5.º — O motivo de doença não dispensa o facultativo do dever de participar a ausência e indicar clinico idóneo que o substitua.

§ 1.º — Na falta desta indicação fica a Câmara autorizada a convidar outro facultativo que, em tal caso, receberá, como gratificação, metade do vencimento do facultativo provido, ficando este d'este modo, com a metade restante.

§ 2.º — A ausência, no caso do presente artigo, não poderá prolongar-se além de seis meses dentro da ilha ou fóra d'ella; espçada além d'este periodo importa a perda de todo o vencimento, — além do anno a perda do logar.

Art. 6.º — O facultativo é obrigado a dar consultas diárias na casa da sua residência, durante o tempo que fôr por elle proposto e pela Câmara accete e annunciado no *Boletim Official*.

Art. 7.º — Visitará duas vezes por semana a Cadeia civil, além d'aquelles em que fôr requisitado pelo carcereiro, relatando á Câmara o que se lhe offerecer.

Art. 8.º — Acompanhará a Câmara ou a auctoridade administrativa nas correlções para que fôr requisitado.

Art. 9.º — Na vaga dos logares de veterinário ou no seu impedimento legal, inspecionará todas as rezes de qualquer espécie que forem abatidas para consumo publico, mandando-as marcar pelos zeladores que o acompanharem, assim como examinará as carnes que estejam expostas á venda, sempre que a assim entenda necessário, a Câmara o determine, ou a auctoridade administrativa o requisite.

Art. 10.º — Procederá gratuitamente á verificação técnica dos óbitos e exames dos cadáveres que tiverem de ser enterrados no cemitério desta cidade, ou em qualquer ponto fóra da mesma quando seja a requisição da auctoridade competente.

Art. 11.º — Prestará todos os serviços de policia sanitária e médica, estabelecidos por lei, e aquelles que, independentemente d'ella, forem determinadas pela Câmara, por conveniência do serviço publico.

Art. 12.º — A Câmara quando se provar que o facultativo do municipio se afasta abusivamente da letra d'este regulamento poderá applicar ao dito facultativo a multa de cincoenta mil réis, pela primeira vez e de cem mil réis pela segunda, podendo á terceira rescindir o contracto, depois de o ter ouvido e attendendo á doutrina do n.º 6 do artigo 227.º do Código Administrativo.

Art. 13.º — Os honorários da clinica do facultativo municipal serão regulados pela tabella seguinte:

| N.º | Por cada visita: | |
|-------|--|--------|
| N.º 1 | Diurna..... | \$500 |
| | Nocturna..... | \$1000 |
| N.º 2 | Por cada visita a diferentes doentes na mesma residência, de dia ou de noite, o facultativo receberá de um d'elles o honorário marcado no n.º 1, de cada um dos outros..... | |
| | | \$200 |
| N.º 3 | Por uma consulta em casa do facultativo: | |
| | De dia..... | \$200 |
| | De noite..... | \$500 |
| N.º 4 | Por uma consulta por escripto..... | |
| | | \$1000 |
| N.º 5 | Por uma conferência com um ou mais facultativos..... | |
| | | \$2000 |
| N.º 6 | Os honorários das visitas feitas de dia ou de noite, fóra da cidade, serão augmentados por cada kilometro de caminho de ida, não se contando o primeiro kilometro, com a quantia de..... | |
| | | \$500 |
| N.º 7 | Por um attestado..... | |
| | | \$500 |
| N.º 8 | Tratamento aos pobres gratis. | |
| | | |
| N.º 9 | Vaccinação aos pobres gratis. | |
| | | |

E para que chegue ao conhecimento de todos se passou o presente e mais 12 de igual teor para serem publicados no *Diário do Governo*, no *Boletim Official* da provincia e nos diferentes jornaes mais lidos de Lisboa, Porto e Coimbra.
Secretaria da Câmara Municipal de S. Thomé, 4 de junho de 1897.

O Presidente da Câmara,
Domingos Machado Silveira e Paulo.

CALDAS DA AMIEIRA

Abertura do estabelecimento thermal no dia 15 de maio

As **ÁGUAS CHLORETADAS DA AMIEIRA** usam-se com grande resultado no tratamento da escrophulose, rheumatismo, moléstias de pelle ainda as mais rebeldes, syphilis, padecimentos de estômago, fígado e baço, inflammações de quaesquer órgãos, útero, ovário, intestinos, leucorrhæas, anémia e chlorose.

A administração do hotel estará a cargo do sr. José Maria Rodrigues, de Coimbra, havendo nelle, entre outros muitos divertimentos communs a todos os hospedes, uma boa sala de recreio com piano, salão de bilhar, bonitos passeios, lagos com botes, etc. etc.

Preços, incluindo todo o serviço de quarto e mesa, de \$1000 a \$1200 réis diários.

Para quaesquer esclarecimentos dirigir-se á sede balnear; depósito em Lisboa — rua de S. Julião, 142, 1.º.

ÁGUA DAS LOMBADAS

ILHA DE S. MIGUEL — AÇORES

Água gazosa natural a mais pura para mesa. Não contém micro-organismos.

Coimbra — Pharmácia e Drogeria Rodrigues da Silva & C.ª.

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM

(BEIRA ALTA)

Abertura do estabelecimento thermal em 1 de maio e fecha em 30 de novembro

Abertura do Grande Hotel Club em 15 de maio

Estabelecimento Thermal
Dos mais perfectos do país
Excellentes águas mineraes para doenças de pelle, rheumatismo, estômago, garganta, etc.

Grande Hotel Club
Com estação de correio e telegrapho, médico e pharmácia e casa de barbear.
Magnificas accomodações desde \$200 réis, comprehendendo serviço, club, etc. Bonus para os médicos

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

40 **Armazem** de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande depósito de pannos crus. — Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corças e bouquets, fúnebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações fúnebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

A cura da Blennorrhagia

ELECTUÁRIO ANTI-BLENORRÉGICO

DO PHARMACÉUTICO

T. GALVÃO

Um até dois boiões d'este maravilhoso medicamento, verdadeiro específico, bastam na máxima parte dos casos, para curar todas as purgações, ainda as mais antigas e rebeldes.

Preço do boião, 1\$000 réis

Depósito geral em Arganil na pharmacia Galvão — Em Coimbra: drogeria Rodrigues da Silva & C.ª

CALLICIDA



Privilégio Exclusivo

Extracção dos callos sem dor em 5 dias

Desconto convidativo para revender

Depositos — Lisboa: Leandro de Freitas, rua da Prata, 231; Porto, José Maria Lopes, rua do Bonjardim, 12; Coimbra, Rodrigues da Silva & C.ª; e em todas as cidades e principaes villas do continente.

África — Loanda, José Marques Diogo.

Brasil — Rio de Janeiro: Silva Gomes & C.ª; Pernambuco: Guerra Fernandes & C.ª; rua do Duque de Caxias, 47; Bahia: Francisco de Assis e Souza; Maranhão: Jorge & Santos.

Exija-se nos depósitos um prospecto que ensina o modo de usa-lo e previne as falsificações. Ha um só depósito em cada terra.

Pedidos ao auctor: António Franco, Covilhã.

Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentária

Caldeira da Silva

Cirurgião dentista

Herculano Carvalho

Médico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174

7 **Consultas** todos os dias das nove da manhã ás 3 horas da tarde.

VENDE-SE

11 **Uma grande morada** de casas com dois andares, lojas, abegoaria, pateo, quintal com arvores de fructo e água, e uma outra casa contigua que foi antiga Inquisição que se presta a grandes obras, inclusive para uma fábrica.

Quem pretender dirija proposta em carta a Alipio Leite, Penacova; mais esclarecimentos, rua Visconde da Luz, n.º 60. — Coimbra.

CALECHE E ARREIOS

12 **Vende-se** um bom caleche com cobertura solidamente construida, com boas ferragens e eixo inglês de patent e um par d'arreios de metal branco e couro inglês, com emblemas; obra segura e elegante o que ha de melhor em arreios. Para ver e tractar Quinta do Passal. Sepins. Próximo á Mealhada.

Pintor e dourador do Porto

D. DA SILVA MOUTINHO

Praça do Commercio, n.º 52

13 **Encarrega-se** de mandar fazer pinturas e douramentos, forrar casas a papel, tanto nesta cidade como na provincia.

CASA PARA ARRENDAR

Leonarda Forjaz, arrenda a parte sul da sua casa da rua da Ilha.

Recebem-se propostas, na quinta dos Plátanos á Bemcanta, onde se encontram as chaves, para ser vista.

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR — Joaquim Teixeira de Sá

Condições de assignatura (PAGA ADIANTADA)

| Com estampilha: | |
|-----------------|--------|
| Anno..... | 2\$700 |
| Semestre..... | 1\$350 |
| Trimestre..... | 680 |
| Sem estampilha: | |
| Anno..... | 2\$400 |
| Semestre..... | 1\$200 |
| Trimestre..... | 600 |

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis.—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 p. c.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal fôr honrado.

PROBIDADE
Companhia geral de seguros
Sociedade anonyma de responsabilidade limitada
CAPITAL 2.000.000\$000
Rua Nova d'El-Rei, n.º 99, 1.º
Lisboa
Effectua seguros contra incêndios.
Correspondente em Coimbra, Cassiano A. Martins Ribeiro. — Rua Ferreira Borges, 165, 1.º.

Vende-se
1 **Uma bomba** de grande pressão, com os tubos de cobre própria para tirar água, e vendem-se tambem dois pares de rodas para carro alemtejano ou de bois
Trata-se com Francisco Nogueira Secco, Terreiro da Erva, Coimbra.

1 **Estabelecimento Thermal** comprehendendo 64 banheiras de 1.ª a 5.ª classe; duas salas para duches, uma para se- nhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverização e aspiração, com gabinetes annexos e independ- entes para toilette. É sem dúvida o melhor do reino, e mais barato. — **Viagem** — Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas (BEIRA ALTA) e d'ahi 5 kilometros em bons carros. A estação de Cannas na linha férrea da Beira Alta está direc- tamente ligada com todas as linhas férreas hespanholas que entram em Portugal por Badjoz, Cáceres, Villar Formoso, Barca d'Alva e Tuy — Para esclarecimentos: — Em Lisboa: rua do Alecrim, n.º 125, referente ao estabelecimento balnear, e rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel. — Correspondência para as **Caldas da Felgueira**, ao gerente da com- panhia do Grande Hotel. — As águas engarr faldas vendem-se nas pharmácias e drogerias e no depóto geral, PHARMÁ- CIA ANDRADE, rua do Alecrim, 125. — A exploração do Hotel fica este anno a cargo da Companhia do Grande Club.

RESISTENCIA

N.º 254

COIMBRA — Quinta feira, 29 de julho de 1897

3.º ANNO



A nossa resposta

O governo continúa mantendo-se em attitude preventiva de graves acontecimentos, de cujas machinações diz conhecer os mais intimos segredos.

Desde que o actual governo chamou ao seu serviço o *mouchard* Pedro de Lima e pôs em campo os *buffos* subalternos a hydra levantou a cabeça. Espalhou-se o terror nos arraiaes monárchicos. Inventou-se a pavorosa duma revolução.

E porque esses boatos de pavorosa estão causando graves prejuizos ao país, ferindo rudemente o crédito nacional nas praças estrangeiras, o governo do sr. José Luciano manda dizer-nos, pela sua imprensa periódica, que é tempo de terminarmos com as ameaças ao regimen e com a guerra aos governantes. E tenta ao mesmo tempo intimidar-nos, como se isso fosse possível e como se alguma culpabilidade tivéssemos nas infâmias que desacreditaram a monarchia e os seus mais leaes servidores.

Ora, o partido republicano não forja revoluções pelo simples motivo de que não necessita forjá-las. D'essa rude tarefa se estão incumbindo de ha muito os partidos de rotação constitucional, quer enlaçando o manto real sob que usam acoitar a venalidade das consciências quando os tempos correm desfavoráveis, quer desacreditando o regimen que paternalmente protege as suas desmedidas ambições, quer opprimindo com vexatórias imposições um povo que tem sido um verdadeiro modelo de paciência e humildade.

E contudo o governo acaba de lançar-nos um repto que toca as raiz da imprudência.

Não nos diz respeito, porque é ao país inteiro que elle é arremessado.

Evidentemente que o partido republicano não é, directa nem indirectamente, responsavel pelos erros ou pelas infâmias postas em prática pelos servidores do regimen.

Por isso o repto miseravel da imprensa governamental sómente respeita a nação.

Ella que responda. Tem obrigação de o fazer.

Não é impunemente que se desafia um povo. Porque a resposta a uma tal imprudência, quando condigna, é de molde a evitar a sua repetição.

Pela parte que nos diz respeito, não nos intimidamos com ameaças.

Por dois motivos. Por termos a consciencia da nossa força e do nosso direito, e por entendermos que não nos merecem a mínima importância os desafios d'esse bando de aventureiros capitaneado pelo sr. José Luciano de Castro.

Continuaremos, pois, a nossa missão de propaganda contra o regimen odioso, que se estorce nas últimas convulsões, ferido de morte pelos seus mais fieis súbditos e leaes vassallos.

E continuá-la-hemos imperturbáveis e serenos, sem pavores nem tergiversações, porque temos a certeza plena e absoluta de que havemos de triumphar.

É a luz do dia que nós continuaremos conspirando. É sob os olhos estúpidos da policia que nós prepararemos a revolução, proclamando a sua necessidade na praça pública enquanto a cobardia dos governantes no-lo consinta, na imprensa enquanto no-lo permita a inépcia dos commissários de policia.

E' tam justa a causa em que nos empenhamos, é tam alevantado o ideal por que combatemos, que não ha perspectiva de cárcere que nos assuste, nem lampiar de bayoneta que nos intimide.

A revolução, que o governo teme e contra a qual se julga devidamente precavido, não é um *complot* de mascarados nem obedece a planos elaborados na escuridão dos subterrâneos.

É mais do que isso, e o governo bem o sabe.

A revolução, que *anda no ar*, é o fructo de todas as infâmias e de todas as abjecções a que tem descido a monarchia portugueza.

Fructo que amadureceu e que pende imminente sobre a cabeça dum rei.

PARTIDO REPUBLICANO

A Comissão Municipal Republicana de Villa Nova de Famalicão, procedeu á eleição dos dois delegados que devem representá-la no Congresso Republicano, escolhendo para este fim os srs. dr. Henrique Ferreira Machado e Joaquim José de Sousa Fernandes; elegeram mais, como supplentes, para a hypóthese de no momento dado qualquer d'estes cavalheiros não poder assistir á assembleia do povo republicano, os srs. António Joaquim de Sousa Velloso e dr. Eduardo Moreira Pinto.

Resolveu-se tambem, na mesma aggregração, auctorisar a commissão executiva a combinar com os dirigentes do partido, quando lhe

aprouvesse, a convocação naquella villa e concelho de um comicio de protesto contra a marcha do governo e suas propostas de fazenda.

Estas deliberações foram respectivamente levadas ao conhecimento do sr. dr. Horácio Ferrari, secretário do Directório, e do sr. dr. Duarte Leite, secretário da Commissão executiva no Porto.

×

A Comissão Municipal Republicana de Ponta Delgada tambem reuniu com o fim de escolher os seus delegados ao Congresso para a eleição do Directório Republicano. Foram eleitos os seguintes cavalheiros: dr. Nunes da Ponte, dr. Augusto Cymbron Borges de Sousa e Bazilio Telles.

PERSEGUIÇÕES E VIOLÊNCIAS

O governo progressista continúa provocando imprudentemente a cólera popular.

Ameudam-se as perseguições; succedem-se as violências. Os jornaes governamentais insultam lujuriosamente o partido republicano e desafiam-no para a praça pública.

Tudo isto demonstra evidentemente que o governo se sente sem forças para luctar com a opinião, e espera intimidá-la com ameaças e insultos.

Prohibiu o comicio republicano de Villa Nova de Gaya, que devia realizar-se no domingo, ordenou assaltos em fórma ás casas de muitos republicanos do Porto e estabeleceu, tambem, pela primeira vez, a censura prévia á imprensa republicana d'aquella cidade, representada pelo nosso collega *A Voz Publica*.

Em Lisboa, as querellas e as apprehensões dos jornaes republicanos succedem-se quasi ininterruptamente.

A policia secreta pullula em todos os cantos. As tropas da linha e as guardas municipaes estão de prevenção continuamente.

Emfim, o sr. José Luciano tremte das consequências da sua cynica apostasia.

E o thróno geme... ameaça desabar.

DR. JOSÉ JOAQUIM TAVARES

O talentoso acadêmico e nosso illustre amigo sr. dr. José Joaquim Tavares, que acaba de concluir a sua formatura em Direito depois de um curso brilhantissimo, obteve do Conselho da Faculdade a informação de *muito bom com dezasete valores*, a mais subida que nos últimos annos tem sido conferida aos estudantes premiados de Direito.

O sr. dr. Tavares obteve assim o justo reconhecimento do seu valor intellectual, que é igual ao do seu caracter aprimorado.

Abraçamos o nosso talentoso correligionário, de quem o partido republicano tem direito a esperar os mais relevantes serviços.

A espionagem

Tambem eu, com ser humilde soldado da milicia republicana, tive já por uma vez a honra de abichar espião político. Isto foi em Lisboa, ha sete annos, quando o sangue fervia no coração dos académicos e da outra gente patrióta, depois do *ultimatum* inglês. Tinha eu ido á capital á espera de fazer serviço no lyceu em occasião de exames. Soube-o um amigo meu, que era entám major d'artilheria, e lá me foi ao hotel dar dois dedos de conversa a propósito de tudo e a mais do filho, que *fazia* aquelle anno *Geographia e História* no lyceu central. Fallou a gente do tempo e da tia Vicência (a que vendia fructas na praça da Figueira), de quem éramos freguezes á boa péra do Fundão; fallámos do jantar do hotel e de várias coisas incolôres e innocentes, taes como a prosa do *Noticias* e o caldo da minha hospedeira, que não punha nódoa, no dizer do criado; veio á baila o Ferreira-Deusdado com o seu neo-kantismo e o Pedro Monteiro com a sua philosophia moral e racional (*irracional*, pronunciávamos nós); fallou-se, emfim, de tudo excepto de politica.

Mas ah! que a secreta tem tympanos, sobre ter vista de lynce; e como visse entrar para o hotel, a fallar commigo, o mavórcio artilheiro, suppôs logo um *complot* e destacou dois *buffos* a seguir-nos os passos.

O meu era assim uma cara com focinho de *bull-dog*, como o leitor terá visto em prognatas vulgares, especie de rateiro de caserna costumado á lucta com ratazanas bravias. Chapéu e bengalão da ordem. Conheci-o logo ao dirigir-me ao Martinho com a ideia no café. O homem, atraz de mim, não me perdia de vista. Desconfiei, mas não ousava crêr. Entrei na Mónaco a comprar charutos... e o bruto logo em seguida. Repontei com a cara e dirigí-me ao Cruz interrogando:

— Você está práctico em reconhecer espiões?

— Ora essa! Não ha nada mais facil.

O *buffo*, que pedira cigarros, repontou por sua vez:

— Entám como os conhece?

— É boa! Pela cara — respondeu o Cruz.

E o typo, incontinente:

— Visto isso, têm alguma cara especial os policias da secreta...

— Têm cara de malandros — rematou seccamente o proprietário da Mónaco.

Eu sabí a rir, e o *bull-dog* atraz de mim, acto continuo. O Cruz cor-

reu fóra, ao Rocio, para pedir ao typo o meio tostão dos cigarros, que lhe esquecera pagar, tal era o afan com que o maldito compria a sua honrosa missão.

É de saber agora quem me arranjou o policia e mail ao major artilheiro. Havia no próprio hotel onde eu me alojara o chefe da secreta. Era entám um sujeito arranjado a propósito pelo governo civil, attenta a habilidade de que o faziam dotado para estas coisas da espionagem fina. Conhecia-o eu d'outros cargos *illustres*, do fisco por exemplo, mas não suppunha, confesso, que elle agora estivesse — se bem que o merecia — investido naquella. Foi passados três dias que m'o disseram na rua. Resolvi increpá-lo, ao *general Mouchard*.

— Com que entám você, seu typo, pôs-me espião na pista como se eu fosse algum revolucionário dos mais temiveis, hein!

— Quem t'o disse, oh menino? — inquiriu o velhaco.

— Quem m'o disse! Pois não vejo eu a todo o instante o estupor do secreta que não tira a vista de sobre mim?... Olha, olha, elle lá está em baixo, no passeio em frente, a olhar para aqui, para o segundo andar.

E o major tem outro, accrescentei.

O leitor vae ouvir a resposta do *mouchard* em chefe.

— És um ingénuo — diz-me elle. Pois tu não vês que é preciso a gente fazer render o peixe. O Peito de Carvalho, na sua faina de guardar as costas á Monarchia, inventou-me para chefe e quer que me mexa a valer, que lhe apresente serviços... Como paga consoante a diligéncia... Depois é necesssário entreter, fazer durar a coisa, entendes tu?

— Entendo que és o melhor patife que elle poderia escolher...

— *Chacun se gouverne*, champorreou o bréjeiro. No dia seguinte retirou-me o bufo.

Aqui tem o leitor como aquillo é, por Lisboa, a respeito de espionagem.

A tropa reles da *moucharderie* recruta-se na fadistagem e entre a chularia do Arco do Bardeira e do bairro alto. A chefia entrega-se a um maráu de primeira, como era o tal de que fallo... ou ao Pedrozo de Lima. Entra-se depois a operar consoante a exigéncia do *alto* e do governo, e conforme a paga que se obtém dos serviços... E está dito tudo.

Braz da Serra.

Já sam mais de trinta e sete os concorrentes ao lugar de bedel da Faculdade de Direito, constando que neste numero entram um ou dois bachareis.

O côro do Mosteiro de Santa Cruz

O côro de Santa Cruz de Coimbra é, como o resto do convento, uma obra d'arte por estudar. A mim prende-me este problema por resolver e por mais d'uma vez tenho tentado interpretá-lo.

Farão esses estudos objecto duma pequena memória que publicarei talvez em breve, na época da celebração do centenário da descoberta do caminho para a Índia.

Os pequenos artigos que vam seguir-se, são feitos para satisfazer a um amigo meu o sr. cônego Prudêncio Garcia que, tendo encontrado um documento que confirmava parte dos meus trabalhos, m'o communicou com a generosidade que é habitual a este investigador modesto e persistente, pedindo-me que fizesse a confrontação d'elle com o que eu deduzira do exame e analyse da obra do côro e havia escripto em tempos.

Como se verá, todas as minhas asserções, já anteriormente communicadas a outros criticos e cultivadores [da archeologia artistica, têm hoje a confirmação da prova documental que lhe faltava.

No Tom. 6. das *Notas*, liv. II fl. 42 do archivo do mosteiro de Santa Cruz existente no governo civil, encontrou o sr. cônego Prudêncio Garcia o seguinte documento:

hobriguacam de frro lorete pá fa' e asentar ho coro

Saibam quantos este est^o de comtrauto e obriguacã birẽ como e os xxij dias do mes de Junho do anno do nascimẽto de noso sôr Jhuu xpo de myll e quinhẽtos e xxxj no mro de samta cruz se concertarã. S. o muyto Rdo e catolico padre ho padre frey bras de bragua gouernador do dito mro e bco fernandez Ribro bdo das obras delle etc com frro lorete frances carpinteiro de marcenaria. desta manã — SS — o dyto frro lorete se obrigou aos dytos padres e vedor a desamentar todas as cadeyras do coro q' hora. esta na capella moor do dito mro e as tornar asentar co seu solhado de nouo e o coro de boboda q' hora se fez E bem asy aRefazer todas e qesqr peças q' as dytas cadeyras p' estarẽ p'feytas como crã ao tempo q' se asentarã omde ora estãam falltarem e se as desamentar q'brarẽ as fazer de nouo ou grudar de manã q' todo ho dyto coro fyque bem feyto e asemntado co seu solhado nouo/ E asy se obrigou a fazr as quatorze cadeyras q' mais cabem no dito coro nouo das que ora estã feytas. ff. oytto grandes e seys pequenas da obra e manã daz q' sã feytas. E das oytto grandes. Sam as duas que ham de bijnos cantos do dyto coro da pte comtra ho altar moor da sorte e bitolla das outas duas que estã asemntadas nos dous cantos da Estrada da capella/ E asy se obrigou a fazer huma estante Rica co seu pee oyttaudo e laurado de Romano e pa cima serãa tambem feyta como cumpre pa seruir e semelhanthe coro e q' digua co a obra das cadeyras/ E ysto tudo se obrigou a fazr p'preço e comtya de setemta e dous mjl rs bramcos p'ho feyto e asemto somete pr q' ha madã e acheguas neçasarias haadita hobra sera o mro obriguado a lhe dar/ E o dito padre e bedor di/am que se obrigauã p' sy e pollos Rẽdas do dyto mro a lhe dar e pagar os ditos lxxij rs aas paguas a sy como elle for mereçẽdo cõndo elle o que dyto he E p' que desto todos foram cõtetes mãdarã fazr esta nota/ testemunhas q' forã p'sentes/ Jorge Gilz natural de Symyde e Sũdor do dito mro e guaspar bello cidadão da dyta cidade e p' aº laurador e mro na orujeyra e outsº e eu amriq' de parada p'pco espuã q' ho espuay e fuy p' vidade As sãrellynas q' dizẽ e beedor nem ora/ tudo p' vidade,

frro lorete
bco frz Rybo,
Jorge gilz

frro lorete
bco frz Rybo,
Jorge gilz

Na correcção amavel que eu fiz ás obras de restauração que o sr. Franco Frazão dirigira em Santa Cruz escrevi eu no número de 11 de outubro de 1896 na *Resistencia*:

O côro não foi feito para alli. Vê-se isso bem, olhando toda a decoração, das paredes em que abriam as largas janellas, que mais tarde foram tapadas pelas cadeiras.

Quando no século XVI, o biscainho fez o arco renascença, e provavelmente a abobada que hoje sustenta o côro, foram para lá mudadas as cadeiras, e inutilizaram-se as janellas.

Supponha-se antigamente que a divergência, que havia na execução dos cadeiraes, provinha de ter levado muito tempo a executar a obra.

Eu julgo ter demonstrado que não é essa a razão. A differença que se nota provém de que os cadeiraes foram acrescentados no século XVI quando se fez a obra do côro.

As reminiscências góthicas que se notam na execução dos cadeiraes renascença não provém, como erradamente se julga, de que o côro foi executado em fins do estylo góthico, durando a obra ainda em comços do renascimento.

A execução de alguns detalhes mostra que os cadeiraes renascença foram feitos, quando este estylo estava em todo o seu esplendor.

Basta olhar o pequeno grypho elegante, delicado, cheio de movimento, que se encontra logo à entrada na primeira cadeira, para vêr que o desenho é d'um grande artista, e a execução é devida a quem tinha pleno cõubecimento da arte de esculptura em madeira.

Como, porém, explicar as reminiscências góthicas?...

Não ha reminiscências góthicas. O artista encarregado no século XVI de fazer as cadeiras que faltavam, não quis perturbar a harmonia do côro e esteve imitando a obra góthica.

Pois apesar do seu saber, saber que se mostra à evidencia na execução dos motivos decorativos do estylo do renascimento, a obra de estylo góthico, feita no século XVI, é pallida e sem valor.

Examinando as figuras que encimam a estante, vê-se o estylo da renascença, as suas idéas, a sua orientação a a dominar o artista que debalde tortura a madeira a querer insullar-lhe o espirito góthico.

E era um grande artista!

O que ha de fazer um pobre canteiro dirigido pelo sr. director das obras publicas.

Não pôde fazer senão... o que lá está!...

O cuidado do artista do renascimento, copiando, e imitando a obra góthica tem feito com que se tome o côro como feito de uma só vez, planeado, desenhado e executado pelos mesmos artistas e no mesmo tempo.

Não é assim. Ha parte que é góthica, feita em tempo de D. Manuel, e parte executada já em plena renascença, em tempo de D. João III.

Era uma coisa muito facil de vêr, mas que tem passado desapercibida.

Desapercibida... Ainda qualquer dia hei de ouvir o sr. director das obras publicas dizer que elle já havia notado... Elle ou outro...

Tudo o que eu conjecturava pelo exame da obra do côro se acha agora confirmado pelos documentos coevos, o que prova.

Que o Espirito Santo estava commigo, quando eu andava a descompôr o sr. director das obras publicas...

(Continúa.)

FACULDADE DE DIREITO

O conselho desta Faculdade, em Congregação do dia 26, votou a seguinte proposta do sr. dr. Emygdio Garcia, que é uma honrosa manifestação feita pela Faculdade de Direito ao sr. dr. Chaves e Castro.

«Na qualidade de lente de vespera, servindo de decano, proponho: que na acta desta congregação fique exarado um voto de sentimento por motivo da aposentação do nosso respeitavel collega dr. Manuel d'Oliveira Chaves e Castro, reconhecendo e affirmando, mais uma vez, este conselho a illustração scientifica, a competência profissional, o zelo e pontualidade, com que aquelle professor desempenhou, durante vinte e seis annos, as funcções do magistério, os serviços por elle prestados a cultura do ensino da sciencia do direito, principlmente positivo, por meio de substanciosos escriptos, e bem assim a sua nunca desmentida dedicacão à Universidade e especialmente à Faculdade de Direito.

Proponho mais que a parte respectiva da acta, em que este voto for exarado, se envie por cópia ao mesmo dr. Chaves e Castro.

Coimbra, sala das sessões do Conselho da Faculdade de Direito, 26 de julho de 1897.

O lente de vespera, servindo de decano
Dr. Manuel Emygdio Garcia.»

Esta proposta foi approvada por todos os professores da Faculdade de Direito, excepto pelo sr. dr. Afonso Costa.

Sociedade Philantropico-Académica de Coimbra

Contas da gerência de 1896 a 1897.

| RECEITA | |
|------------------------|------------------|
| Saldo de 1895 a 1896 | 2648015 |
| Receita ordinaria | 4308230 |
| Receita extraordinária | 7198505 |
| Total | 1:4138750 |
| DESPESA | |
| Despesa ordinaria | 1:0678300 |
| Despesa extraordinária | 128000 |
| Total | 1:0798300 |
| Saldo de 1896 a 1897 | 3348450 |
| Somma e confere | 1:4138750 |

Com prazer registamos estes algarismos, que bem demonstram o alto grau de actividade desinteressada posta ao serviço d'um generoso fim pelos corpos gerentes da prestante agremiação.

As contas que abi ficam representam bem eloquentemente tudo quanto poderiamos dizer em louvor da illustrada direcção da *Sociedade Philantropico-Académica*, que com todo zelo e sollicitude tem desempenhado a sua beneficente missão.

Conflicto entre lentes da Universidade

Recebemos do sr. dr. Chaves e Castro uma declaração a respeito do sr. dr. Afonso Costa, com o pedido da sua publicação.

Apesar de não pretendermos envolver-nos em tal assumpto, nem haver da nossa parte quebra de lealdade jornalística, não nos é possível fazer a publicação que s. ex. pede.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Fizeram acto nos dias 26. 27 e 28 e ficaram approvados os seguintes alumnos:

Faculdade de Direito

4.º anno—Fausto Guedes Teixeira e Carlos Fuzeta.

Faculdade de Philosophia

6.ª cadeira—(Zoologia)—Obrg.: José Pinto, José dos Santos Alves, José Xavier de Azevedo, António Francisco Coelho, Avelino Thomaz Cardoso e José Gomes Cruz.

7.ª cadeira — Mineralogia). — Vol.: Pedro Paulo Bon de Sousa, Adalberto Novaes de Carvalho Soares de Medeiros, Jayme Pinto e Diogo Domingos Peres.

Terminaram os actos nesta Faculdade.

Relação do doutor que concluiu os Actos Grandes, e dos bachareis que concluíram a sua formatura na Faculdade de Direito, no anno lectivo de 1896 a 1897.

DOCTOR

Francisco Joaquim Fernandes, M. B. 16.

LICENCIADO

Abel Pereira d'Andrade, M. B. 16.

CLASSIFICAÇÕES

1.º anno — (Distinctos) — Joaquim Kópke, Joaquim Pereira Gil de Mattos, Pedro Tavares Lopes da Silva e José de Mattos.

2.º anno — (Distinctos) — Alberto Pinheiro Torres, Manuel Irias Abundio da Silva e Arthur Auselmo Ribeiro de Castro.

Economia Política — (Distincto) — Anselmo Ferraz de Carvalho.

3.º anno — (1.º accessit) — Joaquim Pedro Martins.

2.º accessit — Antonio Lino Netto.

Distinctos — Antonio Joaquim de Sá Oliveira, Bernardo Ferreira Gomes de Pinho, João Ferreira Gomes, José Marques Loureiro, Macário da Silva e Patricio Eugênio Mascarenhas Júdice.

5.º anno — (1.º premio) — José Mari-Juquinim Tavares.

2.º premio — José Alberto dos Reis. Accessit — Eduardo d'Almeida Saldanha.

Distinctos — Accácio Mendes Ramalho e Antonio Corrêa Teixeira Portocarrero

BACHAREIS FORMADOS

Abel de Vasconcellos Gonçalves, B. 11
Abilio Maria Mendes Pinheiro, B. 12
Abilio Monteiro da Fonseca, S. 9.
Accácio Mendes de Magalhães Ramalho, B. 14.

Adriano Joaquim Fernandes, B. 11.
Ayres Lobo de Sousa Ramos Arnãud, S. 9.

Alberto de Magalhães Cerqueira de Queiroz, S. 9

Alfredo Augusto de Frias Ribeiro, S. 10.

Alfredo Augusto Ricos Pedreira, B. 11.
Amandio Antonio Baptista de Sousa, B. 11.

Antonio Barreto de Almeida Soares Lencastre, B. 11.

Antonio Casimiro da Cruz Teixeira Junior, B. 11

Antonio Corrêa Teixeira de Vasconcellos Portocarrero, B. 14

Antonio Domingues Jacintho Maia, B. 11.

Antonio Feliciano Rodrigues, B. 11.

Antonio Ferreira de Mattos, S. 10.

Antonio da Fonseca Pestana, S. 10.

Antonio Malheiro Pereira de Magalhães, S. 10.

Antonio Pinto d'Albuquerque Stockler, S. 9.

Antonio Rodrigues da Costa Silveira Junior, B. 12.

Antonio de Sousa Ribeiro, S. 10.

Arnaldo Fragateiro de Pinho Branco, S. 10.

Augusto Cesar de Moraes Sarmiento, S. 8.

Augusto Luiz Vieira Soares, B. 11.

Augusto de Sousa Maldonado, B. 11.

Bernardo Vellez de Lima, B. 11.

Eduardo Moura Borges, B. 11.
Elysio Ferreira de Lima e Sousa, B. 12.

Ernesto Augusto Garcia Marques, B. 11.
Francisco José de Moraes, B. 12.
Frederico Guilherme da Fonseca, S. 10.
Gervasio Domingues de Andrade, S. 9.
Henrique Vieira de Vasconcellos, B. 11.
Jayme Duarte de Moraes e Silva, B. 11.
João Maria Tudella de Amorim Pessoa, B. 12.

João Pimenta, B. 11.

Joaquim Festas Picango, B. 13.

Joaquim Martins d'Araujo, S. 10.

Joaquim de Moraes Sarmiento, S. 8.

Joaquim Simões Peixinho, B. 11.

José Alberto dos Reis, M. B. 16.

José de Azevedo Fonseca e Moura, B. 12.

José Carlos Lopes Junior, B. 12.

José Joaquim Cardoso, B. 11.

José Julio Cesar, B. 12

José Leite Nogueira Pinto, B. 11.

José Maria Joaquim Tavares, M. B. 17.

José Nunes do Nascimento, B. 11.

José Sebastião Cardoso de Menezes, B. 11.

Julio Maria de Andrade e Sousa, B. 12.

Luiz Gonçalves Forte, B. 11.

Manuel Diniz Henriques, S. 10.

Manuel Emygdio Fortado Garcia, B. 11.

Manuel Gomes Cruz, S. 9.

Manuel Joaquim Corrêa, B. 11.

Manuel Pereira Taveira, S. 9.

Manuel José Moreira de Sá Couto, B. 11.

Manuel Pessoa Torreira da Fonseca, B. 12.

Pedro de Barbosa Falcão de Azevedo, S. 10.

Pedro de Barros Rodrigues, S. 9.

Quintino Elysio Alves de Castro, S. 10.

Simão de Gismão Corrêa Aronca, B. 11.

D. Vicente de Paula Gonçalves Zarco da Câmara, S. 9.

Augusto Frederico de Moraes Cerqueira, B. 11

Jorge da Silveira Freire Themudo de Vera, B. 11.

Porphyrio da Costa Novaes, S. 10.

Antonio da Cunha Vaz, B. 11.

José Augusto Diniz, S. 10.

Eva Isto Luiz das Neves Ferreira de Carvalho, B. 11.

Antonio Lopes da Silva Garcez, S. 9.

Eduardo d'Almeida Saldanha, B. 15.

Ricardo Paes Gomes, B. 12.

Theodoro da Fonseca Mesquita, B. 11.

Julião de Senna Sarmiento, S. 9.

Novo cathedrático

Foi ultimamente promovido a lente cathedrático o sr. dr. Arthur Montenegro, que durante o anno lectivo findo regeu, como lente substituto, a cadeira de Direito Romano na Faculdade de Direito.

Noticias diversas

Consta que será creada nesta cidade uma repartição autónoma de edificios publicos, ficando a superintendê-la o sr. engenheiro Theóphilo Goes.

Da nova jurisdicção técnica de obras publicas, ficaram dependentes os trabalhos da Penitenciária, Sé Velha, Santa Cruz e Paço episcopal.

Esteve nesta cidade o importante industrial da Covilhã, sr. dr. António Mendes Alçada de Moraes, que actualmente se encontra na Figueira da Foz, a banhos com sua ex^{ma} familia. Agradecemos penhorados a delicadeza da visita nesta redacção.

Para a Figueira da Foz partiu o sr. dr. Bernardo d'Albuquerque, lente de prima jubulado da Universidade.

Recebemos, e muito agradecemos, o romance-brinde do *Diario de Noticias* aos seus assignantes.

Intitula-se *O Despertar dum Sonho* e é original do sr. Lourenço Cayolla, que para a sua obra se aproveitou de alguns episodios da descoberta do caminho marítimo para a Índia.

Após o uso das águas milagrosas, falleceu em Lourdes o célebre Noherlesoom, mais conhecido entre o povo pelo appellido de *O Saragoçano*.

O fluado, longe de ser um charlatão,

como alguns o consideravam era um estúdio.

Fôra em tempos caixeiro, em Lisboa, nas livrarias Bertrand e Bordoallo.

O seu boletim era lido com avidade por todos, e até certo ponto muito acertadas as suas previsões.

A morte de Nohertlesoom (anagramma de Léon Hermoso) veio pois livrar de sustos os lavradores, principalmente, fazendo-os regressar à clássica imprevidência.

Recebemos, do nosso presado correligionário e distinto académico do Porto, sr. Felix de Magalhães, *A Virgem de Aglaia* ou *A Viagem a Compostela*, comédia em 1 acto, representada pelo grupo scénico da Estudantina Académica do Porto, na sua última viagem a Santiago de Compostella.

A impressão, em papel de linho e muito bem cuidada, é das acreditadas officinas da Typographia Occidental, que foi propriedade do extinto mestre da arte typographica Costa Carrezal.

Da parte litteraria da obra (ruja offerta muito agradecemos) nada diremos por isso que não é numa obra como esta que a robusta intelligencia do seu auctor pôde manifestar-se em toda a sua pujante evidência.

Reservar-nos-hemos, pois, para o livro *Um homem de Génio*, que Felix de Magalhães nos annuncia dever em breve entrar no prelo.

Correspondencias

S. Pedro d'Alva, 26 de julho.

Coisas de Penacova.

— Ao sr. director de Obras Publicas

Pretende em Penacova a construcção de um ramal que ligue a estrada real n.º 48 com aquella villa sendo este um melhoramento util ao menos para o recreio daquella gente e como tal deve fazer-se. Mas como ser util não se impõe a urgencia que demanda o longo até a Raiva, uns 6 kilometros apenas da referida estrada real, que é já muito transitada, mas que, depois de concluido ao menos este lanço, promette ser dos mais concorridos do districto, senão até do país.

O que affirmamos, sem receio de contradição, deve ser soberbamente conhecido pelo digno director do districto cuja equitativa interferencia reclamamos na applicação de qualquer verba concedida ao concelho de forma a que seja gasta onde a necessidade publica for mais evidente.

E' demais justo que nunca se anteponha um serviço especial a outro de interesse geral; e este de geral utilidade, que advocamos, impõe-se tanto que já alguns vimos articulado o

seguinte; «Se em Portugal se governasse bem ha muito que no districto de Coimbra se não tinham autorisado outras despezas sem a conclusão da estrada n.º 48, que é a via de communicação mais aproveitavel para a Beira.

E' tambem está de pé uma lei que não permite a construcção de novas estradas sem a conclusão das já comegadas. Isto bastaria para tornar judiciousa a nossa reclamação se ella o não fosse em absoluto.

Quanto aos politicos a quem toca a responsabilidade do disparate que viemos de condemnar, mereceram os nossos cuidados para outra correspondência. Provaremos que sam altamente intrujões e que não merecem a confiança e dedicacão que têm merecido d'estes povos ha tantos annos.

E' possivel que as sombras das fragas de Entre Penedos não lhe deixem ver bem que não temos estrada para ao seu tribunal e ás suas repartições minorar as suas agruras, despidendo a própria camiza; e' tambem possivel que as suas recentes perturbações por verem próximo o momento da sua elevação os faça esquecer promessas e deveres antigos; nós é que vamos vendo claramente e não esqueceremos de preparar-nos para a prática dos nossos deveres.

J. M. M.

Câmara Municipal de Coimbra

Resumo das deliberações tomadas na sessão ordinária de 15 de julho de 1897.

Presidência do vice-presidente, arcebispo José Simões Dias.

Vereadores presentes: — José António dos Santos, José António Lucas, António José de Moura Basto e Albano Gomes Paes.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior, declarando-se não ter havido sessão na semana última por falta de número legal de vereadores.

Tomou conhecimento da entrega feita á presidência no dia 7, da quantia de 492\$000 réis pela Imandade dos Santos Martyres de Marrocos, cujos bens e valores foram adjudicados, como consta da acta da sessão de 3 de junho ao asylo de cegos em Cellas, bem como três escripturas de empréstimos na somma de 234\$750 réis; resolvendo-se converter aquella quantia em fundos públicos, segundo instrucções superiores, e proceder conforme a lei ácerca das escripturas, que ficaram arquivadas.

Tomou tambem conhecimento da approvação dada superiormente á deliberação tomada em 18 de junho, ácerca da cedência de terrenos na quinta de

Santa Cruz para a construcção d'um bairro operário.

Resolveu dar conhecimento ao público, por meio de editaes, de que a abertura da exposição industrial no Palácio de Chrystal do Porto foi adiada para o dia 18 de setembro.

Resolveu pedir ao commissário de policia o cumprimento das posturas, relativamente á matança do gado fóra do matadouro, condições da venda de carnes em diferentes pontos e das casas de depósito d'ellas.

Resolveu informar o commissário de policia de que em breve serão tomadas medidas ácerca da nova matrícula de trens, agradecendo os serviços que offerece para a lotação dos mesmos.

Mandou ouvir a repartição d'obras ácerca da necessidade de reparação dos telhados da casa da escola de Sernache.

Mandou enviar á repartição competente 12 requerimentos pedindo canalizações d'agua para prédios particulares; e á repartição técnica 9 ácerca d'obras.

Mandou annunciar que a feira de S. Bartholomeu terá lugar, como de costume, no Caes da cidade, de 20 a 31 d'agosto próximo.

Autorizou a compra de dois livros para serviços da secretaria.

Autorizou a compra de vaccina.

Mandou depositar na Caixa Geral dos Depósitos a quantia de 61\$305 réis de fundos de viçação.

Mandou registrar notas apresentadas de canalizações d'agua executadas de 18 de junho a 15 de julho.

Autorizou trabalhos de canalizações d'agua para prédios particulares.

Mandou collocar mais um candieiro d'illuminacão publica no caminho que segue de Sant'Anna ao Penedo da S. Uilade.

Resolveu representar ao governo por via do estreitamento do Caes da cidade junto da estação do caminho de ferro, originado pela construcção d'uma rampa de serviço para o rio.

Concedeu 20 dias de licença ao facultativo do partido municipal em Coimbra Vicente Augusto Ferreira Rocha, sendo substituido pelo facultativo Carlos da Silva e Oliveira, approvado para este fim em acto de vereação.

Resolveu pedir a maior vigilância da policia para os abusos praticados nos marcos fontenários nas ruas da cidade.

Approvou definitivamente o 2.º organimento complementar ao ordinário do corrente anno, não tendo havido reclamação alguma contra o mesmo, durante o prazo da sua exposição.

Autorizou 112 avencas para o pagamento d'impostos indirectos durante o trimestre de julho a setembro do corrente anno.

Attestou ácerca de 12 petições para subsídios de lactação a menores.

Autorizou diversos pagamentos de despesas com a reparação do caminho da Cioga, compra de petróleo para

serviços do cemiterio e para a illuminaçao do logar de Santo António dos Oliveas, custeamento do asylo de cegos em Cellas, reparos na canalizaçao do gaz no edificio dos Paços do concelho, conducçao de linados nos hospitaes e indigentes ao cemiterio, cartomagem de livros da secretaria, serviços da illuminaçao do logar de Santo António dos Oliveas, salários ao servente da estação do material d'incêndios, limpeza de diversas repartições, assignatura da Revista de Direito Administrativo, compra de punções para afillamentos, congrua parochial, material para o serviço dos incêndios e vencimentos do thesoureiro em junho.

Revistas e jornaes

Revista Republicana—Publicou se o n.º 6 d'esta magnifica revista de propaganda republicana, que se publica em Lisboa, sob a direcção do apreciado jornalista republicano Carlos Callisto.

O presente número insere um medalhão com um bello retrato do nosso eminente correligionário dr. Silvestre Falcão, médico em Silves.

A Moda d'Hoje.—Recebemos o primeiro número d'este jornal de modas, um dos melhores, diz-se, que em Portugal se publicam, e incontestavelmente o mais barato.

A redacção e administração d'este quinzenário está installada no Passeio de S. Lazaro, 29, Porto.

Mais da Europa.—Este magnifico jornal de Lisboa, de que temos presente o n.º 82, comecará a publicar-se semanalmente do próximo número em diante.

Para esse fim, e para a inserção de noticias até á última hora, encomendou a Empresa uma machina de dupla tiragem, primeira que nestas condições vem para Portugal.

Em uso do CALLICIDA FRANCO, no fim de 5 dias de applicação, todos os callos refractários a vários medicamentos, saíram inteiramente com a maior facilidade e sem dor alguma.

Covilhã—Manuel Tavares Barreto.

O CALLICIDA FRANCO produziu effectos surpreendentes em diversas pessoas a quem o cedi, depois de eu mesmo usar, com excellentes resultados, o mesmo especifico contra os callos Creio que vae ter muitos pedidos d'aqui.

Ponte de Lima—Polycarpo da Gama.

Do CALLICIDA Franco colhi óptimo resultado, e vou recommendando o uso aos amigos.

Penacova.—Daniel J. Pinto Guedes (advogado)

À última hora

Desastre da expedição Mousinho d'Albuquerque

Lisboa, 29, d 1 h. e 45 m. da m.

Por via de Madrid recebeu-se um telegramma com noticias tristes sobre a expedição de Mousinho.

Não ha confirmação das más novas nas regiões officiaes.

O telegramma diz que a guarnição foi surpreendida pelos insurrectos e trucidada.

FIGUEIRA DA FOZ

HOTEL GOMES

Este magnifico hotel, situado na rua Bella, n.º 37, um ponto quasi central—perto dos dois mercados—abre no dia 1 d'agosto para receber os seus antigos hóspedes e amigos e os que queiram honrá-lo, promettendo tratá-los com todo o esmero e acção por um preço módico, para o que tem pessoal decente e habilitado.

O proprietário,

Antonio Augusto Gomes.

20:000\$000 RÉIS

Emprestam-se a juro sobre hypotheca. Juro módico.

Nesta redacção dam-se esclarecimentos.

TURCO

Magnifico elixir para conservar os dentes e gengivas e prevenir as doenças da garganta. Frasco 300 réis. Meio frasco 160 réis. Vende-se na drogaria R. da Silva & C.ª.—R. Ferreira Borges, 34, Coimbra.

F. Fernandes Costa

E

ANTÓNIO THOMÉ

ADVOGADOS

Rua do Visconde da Luz, 50

65 Folhetim da RESISTENCIA

ALEXIS BOUVIER

O casamento d'um forçado

TERCEIRA PARTE

O passado

VIII

Conselhos d'amigo

Cardinet acordou. Encostou-se ao travesseiro, e, com o olhar terrivel, procurou o imprudente que ousava perturbar-lhe os sonhos.

—Que quer você?

—Tu não me conheces?

—Você abusa do meu sono para me sacudir como um tapete. Eu conheço lá ninguem neste país de selvagens!

—Tu estás a dormir ainda. Olha para mim...

Cardinet furioso, olhou para o amigo cara a cara, pegando-lhe no braço que segurava o castiçal, e collocando-lhe a luz quasi por baixo dos olhos:

—Olha o Bérard! Disse elle. Bons dias.

—Até que afinal!

—Mas que raio d'idéa foi a tua de

rada á meia noite? É moda cá na terra?... —Não, respondeu Bérard, rindo Além d'isso... sam quasi cinco horas da manhã...

—Então neste país o dia é escuro?

—Começa a amanhecer; mas as cortinas estão corridas... acabo de encontrar o teu bilhete e subi immediatamente.

—Acabas de encontrar o meu bilhete?... —Sim, ao chegar a casa.

—As cinco horas da manhã! parabens, levás uma linda vida!

—Que tinhas tu a dizer-me?

—Se eu t'o disser, tu deixas-me dormir?... —Deixa! disse rindo Bérard.

—Vim para te salvar. Tu eras perseguido pelo barão!

—Hein! O barão aqui!

—Não tenhas medo! Está tudo acabado. Chegou hontem, foi preso hoje.

—Estás certo d'isso?

—Fui eu que o prendi...

—Não tinhas visto ninguem?, perguntou vivamente Bérard, cujo pensamento foi atravessado por uma suspeita.

—Não, meu amigo; eu sigo-o desde Paris.

—Ah! Antes isso! Tive um susto!

—Agora vae-te deitar, d'aqui a pouco te contarei tudo minuciosamente.

Bérard tinha lido vér á janella, abriu as cortinas e apagou a luz.

—Então que é isso? Que fazes tu?

perguntou Cardinet. Tu estás doido?

—É dia, Cardinet. Levanta-te.

—Levantar-me, eu?

—Sim?

—Não, nunca, disse Cardinet imitando a phrase e o gesto d'um parlar mentar adiposo e conhecido!

—Tenho muito que te contar. Partimos dentro d'uma hora.

—Partimos... Para onde?...

—Para Paris!

—Pr'a Paris!, exclamou Cardinet escondendo-se debaixo da roupa, nunca!...

—É preciso...

—Porquê? Então eu ando cem léguas para vir descansar á beira do oceano... Digo comigo: hei de passar lá um longo mês a sonhar descansado, em socego... Viajo um dia e uma noite, passo um dia no mar, molho-me até aos ossos debaixo de uma chuva insensata... Entro cheio de febre num hotel onde julgo encontrar um casal d'amigos, boa cama, boa mesa. Dam-me um jantar atroz, deito me numa cama macia, como um molbo de ortigas... Sou prohibido de dormir por um tempo de cão, um tempo que quebra tudo, um mar que faz rolar os calhaus até á minha janella... acabo por dormir, vou descansar!... Tenho um pesadello medonho; collaboro com Boileau, um poeta do tempo de Luís XIV... emfim, vejo Corneille que traz um barrete de sacristão—cada um tem os seus defeitos—converso com elle... Acordam-me. Estou massado, quebrado; peço um quarto d' hora de descanso; fecho os olhos, fazem-me os

abrir... e acabam por dizer-me: levanta-te, pega no teu sacco—os poetas não usam mala.—Pega no teu sacco, dizes tu, e anda para Paris. Quer dizer: tu és quasi um cadaver, não podes ter-te em pé, não comeste nem dormiste; pois vae andar cem léguas... Carrasco, mata-me, mas não me martyrises... Se tu queres que eu parta, faz levar a minha cama, estou agarrado a ella e durmo.

E Cardinet voltou-se violentamente, enterrou a cabeça no travesseiro e pôse a resonar.

—Cardinet, meu amigo, temos cá novidade, tenho necessidade dos teus conselhos; talvez que eu não parta; mas dá-me um conselho. Minha mulher fugiu?

—Hein!, disse Cardinet sobresaltado sentando-se sobre a cama. Tua mulher partiu?

—Partiu!

—Quando? Porquê?

—Esta noite! Porquê? Não sei!

—Desconfias?...

—Desconfio. Julgo que é um bocadinho de ciúme.

—De ciúme! E tu entras todos os dias a esta hora? É bonito...

—Cardinet, não brincues. Eu não mudei de vida; adoro minha mulher. Esta noite não me recolhi a casa porque fui apanhado pela tempestade a bordo d'um barco de pesca... Julgava-me perdido... Dois marinheiros da tripulação não voltaram a terra.

—Que dizes tu?, exclamou Cardinet aterrado.

—A verdade, meu amigo; tinham-me fechado no porão; morreram afogados dois homens. Eu voltei com esta tristezza, esta dôr, e encontrei o quarto vazio; mulher e filhos tinham-se ido...

—Ella escreveu-te? perguntou Cardinet, que se tinha levantado e se vestia á pressa.

—Não!

—Ah! Então é grave. Tu tens razão, é necessário conversar. Porque fallavas tu de ciúmes.

—Vou-te contar tudo isso.

—Mas que ciúmes? Ciúmes de quê?

—Minha mulher encontrou num dos meus bolsos...

—Uma carta! Sam todos o mesmo. Imbecil! Tu não podias queimar isso... Que idéa! Fazer provisào de erros de orthographia...

—Não é isso! O bilhete que a Li-

lotte tinha deixado em minha casa e no fundo do qual escrevera a lapis...

—Ah! Seria facil de provar...

—Sim. Ella estava...

—Apesar d'isso, tua mulher é uma senhora intelligente e parece-me singular que ella se zangasse por uma coisa tam simples.

—Não acho outra razão...

—Nós vamos vér isso melhor! Contas tudo minuciosamente.

—Anda! Não fiquemos aqui. Conversaremos mais á vontade á beira-mar.

—E' uma idéa! Vamos!...

Os dois amigos, de braço dado, dirigiram-se para a beira-mar...

(Continúa)

PROBIDADE

Companhia geral de seguros

Sociedade anonyma
de responsabilidade limitada

CAPITAL 2.000.000\$000

Rua Nova d'El-Rei, n.º 99, 1.ª

Lisboa

Effectua seguros contra incendios.

Correspondente em Coimbra,
Cassião A. Martins Ribeiro.—
Rua Ferreira Borges, 165, 1.º.

Vende-se

Uma bomba de grande pressão, com os tubos de cobre própria para tirar água, e vendem-se tambem dois pares de rodas para carro alemtejo ou de bois.

Trata-se com Francisco Nogueira Secco, Terreiro da Erva, Coimbra.

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfectos do pais

Excellentes águas mineraes para doenças de pelle, rheumatismo, estómago, garganta, etc.

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM

(BEIRA ALTA)

Abertura do estabelecimento thermal em 1 de maio e fecha em 30 de novembro

Abertura do Grande Hotel Club em 15 de maio

Grande Hotel Club

Com estação de correio e telégrapho, médico e pharmácia e casa de barbear.

Magnificas accommodações desde 1\$200 réis, comprehendendo serviço, club etc. Bonus para os médicos

Estabelecimento Thermal comprehende 84 banheiras de 1.ª a 5.ª classe; duas salas para duches, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inhalação, pulverização e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette. É sem dúbida o melhor do reino, e mais barato. — Viagem — Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas (BEIRA ALTA) e d'ahi 5 kilometros em bons carros. A estação de Cannas na linha férrea da Beira Alta está directamente ligada com todas as linhas férreas hespanholas que entram em Portugal por Badajoz, Cáceres, Villar Formoso, Barca d'Alva e Tuy — Para esclarecimentos: — Em Lisboa: rua do Alecrim, n.º 125, referente ao estabelecimento balnear, e rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel.—Correspondência para as Caldas da Felgueira, ao gerente da companhia do Grande Hotel — As águas engarrafadas vendem-se nas pharmácias e drogarias e no depósito geral, PHARMACIA ANDRADE, rua do Alecrim, 125.—A exploração do Hotel fica este anno a cargo da Companhia do Grande Club.

ÁGUA DAS LOMBADAS

ILHA DE S. MIGUEL—AÇORES

Água gazosa natural a mais pura para mesa. Não contém micro-organismos.

Coimbra — Pharmácia e Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª.

CALDAS DA AMEIRA

Abertura do estabelecimento thermal no dia 15 de maio

As ÁGUAS CHLORETADAS DA AMEIRA usam-se com grande resultado no tratamento da escrophulose, rheumatismo, moléstias de pelle ainda as mais rebeldes, syphilis, padecimentos de estómago, fígado e baço, inflammções de quaesquer órgãos, útero, ovário, intestinos, leucorrheas, anémia e chlorose.

A administração do hotel estará a cargo do sr. José Maria Rodrigues, de Coimbra, havendo nelle, entre outros muitos divertimentos communs a todos os hospedes, uma boa sala de recreio com piano, salão de bilhar, bonitos passeios, lagos com hotes, etc. etc.

Preços, incluindo todo o serviço de quarto e mesa, de 1\$000 a 1\$200 réis diários.

Para quaesquer esclarecimentos dirigir-se á séde balnear; depósito em Lisboa — rua de S. Julião, 142, 1.º.

ESTABELECEMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

50, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal Hydraulica: Grande depósito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e óptica Agência da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas eléctricas, oculos e lunetas e todos os mais apparatus concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, óleos, agua-raz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, máquinas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Redes de arame, zinco e chubo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietários e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystófle, metal branco, cabo d'ébano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglesas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro agate, serviço completo para mesa, lavatório e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

REMEDIOS DE AYER

O Remedio de AYER contra sezões.—Febres intermitentes e biliosas

Pectoral de Cereja de Ayer. O remédio mais seguro que ha para curar a Tosse Bronchite, Asthema e Tuberculos pulmonares. Frasco, 1\$000 réis meio frasco, 600 réis.

Todos os remédios que ficam indicados sam altamente concentrados de maneira que sahem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas Catharticas de Ayer.—O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.

Frasco, 1\$000 réis



O Vigor do Cabello DO DR. AYER,

Impede que o cabelo se torne branco e restaura ao cabelo grisalho a sua vitalidade e formosura.

Perfeito desinfectante e purificante de Jeyes para desinfectar casas e latrinas, tambem é excellente para tirar gordura ou nodos de roupa, limpar metaes, e curar feridas.— Preço, 240 réis.

Depósito — James Cassels & C.ª, rua do Mousinho da Silveira, n.º 85, 1.º, — Porto.

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fábrica de Corôas e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Único representante em Coimbra

JOÃO RODRÍGUEZ BRAGA, Successor

17—ADRO DE OIMA—20

COIMBRA

A cura da Blennorrhagia

ELECTUÁRIO ANTI-BLENORRHÁGICO

DO PHARMACÉUTICO

T. GALVÃO

Um até dois boíões d'este maravilhoso medicamento, verdadeiro específico, bastam na máxima parte dos casos, para curar todas as purgações, ainda as mais antigas e rebeldes.

Preço do boião, 1\$000 réis

Depósito geral em Arganil na pharmacia Galvão — Em Coimbra: drogaria Rodrigues da Silva & C.ª



Salsaparrilha de Ayer.

Pura e curativa e prompto effecto

Molestias provenientes da impureza do Sangue

TONICO ORIENTAL

Marca «Cassels»

Exquisita preparação para aformosear o cabelo—Extirpa todas as affecções do cráneo, limpa e perfuma a cabeça.

Agua Florida (marca Cassels).—Perfume delicioso para o lenço, o tocador e o banho.

Sabonetes de glicerina (marca Cassels).—Muito grandes, qualidade superior. À venda em todas as drogarias e lojas de perfumarias. Preços baratos.

Vermífugo de B. L. Fahnestock.—É o melhor remedio contra lombrigas. O proprietario está prompto a devolver o dinheiro a qualquer pessoa a quem o remédio não faça o effeito quando o doente tenha lombrigas e seguir exactamente as instrucções.

CALLICIDA

Privilégio Exclusivo



Extracção dos callos sem dor em 5 dias

Desconto convidativo para revender

Depósitos—Lisboa: Leandro de Freitas, rua da Prata, 231; Porto, José Maria Lopes, rua do Bomjardim, 12; Coimbra, Rodrigues da Silva & C.ª; e em todas as cidades e principaes villas do continente.

África—Loanda, José Marques Diogo.

Brasil—Rio de Janeiro: Silva Gomes & C.ª; Pernambuco: Guerra Fernandes & C.ª, rua do Duque de Caxias, 47; Bahia: Francisco de Assis e Souza; Maranhão: Jorge & Santos.

Exija-se nos depósitos um prospecto que ensina o modo de usá-lo e previne as falsificações. Ha um só depósito em cada terra.

Pedidos ao auctor: António Franco, Covilhã.

Pintor e dourador do Porto

D. DA SILVA MOUTINHO

Praça do Commercio, n.º 52

10 Eucarrega-se de mandar fazer pinturas e douramentos, forrar casas a papel, tanto nesta cidade como na provincia.

CALECHE E ARREIOS

11 Vende-se um bom caleche com cobertura solidamente construida, com boas ferragens e eixo inglês de patent e um par d'arreios de metal branco e couro inglês, com emblemas; obra segura e elegante o que ha de melhor em arreios. Para vêr e tractar Quinta do Passal. Sepins. Próximo à Mealhada.

VENDE-SE

12 Uma grande morada de casas com dois andares, lojas, abegoaria, pateo, quintal com arvores de fructo e agua, e uma outra casa contigua que foi antiga luquição que se presta a grandes obras, inclusivè para uma fábrica.

Quem pretender dirija proposta em carta a Alipio Leite, Penacova; mais esclarecimentos, rua Visconde da Luz, n.º 60 — Coimbra.

Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentária

Caldeira da Silva

Cirurgião dentista

Heroulano Carvalho

Médico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174

13 Consultas todos os dias das nove da manhã ás 3 horas da tarde.

Loja da China

14 Chegou a este estabelecimento uma variadíssima collecção de leques.

Vende-se

15 Amada de casas sita na rua da Galla, n.ºs 33, 35 e 37. Compõe-se de loja, 2 anjares e um pateo com uma pequena casa em condições de ser habitada.

Para tratar—José da Cunha, rua dos Sapateiros (mercearia).

Carroça

16 Vende-se uma nova, com boas molas. Rua Ferreira Borges, 145, 3.º

Arrendamento

João Mathews dos Santos arrenda a grande loja do Carmo que serviu de celeiro ao sr. Arioza.

RESISTENCIA,

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR — Joaquim Teixeira de Sa

Condições de assignatura (PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:
Anno..... 2\$700
Semestre..... 1\$350
Trimestre..... 680
Sem estampilha:
Anno..... 2\$400
Semestre..... 1\$200
Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis.—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 p. c.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Lyp. V. da Graça Amado — COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 255

COIMBRA—Domingo, 1 de agosto de 1897

3.º ANNO

O parlamento e a nação

Dizia ha dias o *Correio da Noite* que «o governo ha de fazer passar no parlamento as propostas de fazenda que quizer».

Esta phrase, duma imprudencia que toca as raías da impudencia, define por si só o regimen odioso em que vivemos.

O parlamentarismo terminou. Reina o absolutismo dum partido que é peor do que o posso quero e mando duma corôa.

O sr. Alpoim diz, em nome do chefe do gabinete ministerial, que o parlamento espera, de braços cruzados, as ordens do governo.

Podem o sr. José Luciano e os seus companheiros na afadigosa lucta pela ruína da nação portugueza tripudiar infamemente sobre os mais sagrados direitos do povo. O parlamento acatará as suas ordens. Os deputados esperarã que a infâmia se torne em facto consummado para a sancionarem com o seu voto indigno.

Nunca desceu tam baixo um regimen, nunca um diadema de rei mergulhou tam fundo nos pântanos da immoralidade.

O governo pôde fazer o que quizer e lhe aprouver, pôde commetter as mais sórdidas patifarias, pôde pôr em prática as mais vis infâmias, pôde lançar mão dos processos mais miseráveis que o parlamento estará sempre prompto a obedecer cegamente ás suas imposições.

Se não estivesse de ha muito provado o que é e o que vale o parlamentarismo em Portugal, a phrase citada do *Correio da Noite* seria bastante para a tal respeito não deixar dúvidas nos espiritos maismeticulosos.

Mas, apesar do seu ar archeológico, ha nella alguma coisa de significativo para os tempos que vam correndo. E' a franqueza com que um governo vem dizer-nos, pela sua imprensa, que o parlamento está ás suas ordens.

Puzeram-se de parte as conveniências e as apparencias. Desafivelou-se a máscara, e o tartufo appareceu, lábios entreabertos num sorriso revelador do mais hediondo dos cynismos.

Proclama-se, alto e bom som, que o governo precisa de dinheiro, venha d'onde vier, saia d'onde sair.

Liquidem-se muito embora os bens que constituem o patrimonio da nação; pouham-se em almoeda

todos os recursos do país; vendam-se as colónias; empenhem-se as linhas férreas; rasgue-se a bandeira da Pátria e venha o estrangeiro tomar conta duma nacionalidade.

O governo precisa de dinheiro, e, ante essa instante necessidade, não ha dignidade de que não se abjure nem brio que não falleça.

O parlamento ha de, pois, cumprir á risca as ordens do governo; ha-de sancionar todas as suas violências; ha-de approvar as infamissimas propostas do sr. Ressano Garcia. Os pseudo-representantes do povo, assalariados pelos bandidos da governação, ham de obedecer cegamente ás ordens do sr. José Luciano.

Assim no-lo dizem os seus jornaes; assim no-lo affirma a sua imprensa.

Mas ás promessas do governo tambem nós poderemos oppôr affirmativas, que provaremos um dia.

O governo promete fazer o que entender. E nós juramos-lhe que ha-de succeder o contrario.

Porque o povo portugês ha de saber cumprir o seu dever; e não ha bayonetas de pretorianos que possam suster a marcha da torrente vingadora.

As revoluções têm segredos que os povos nunca sabem esquecer, e que permanecem, vívidos, na sua grande alma, atravez de todos os séculos.

CONTINUAM AS VIOLÊNCIAS

O cynismo da apostasia

Na sexta feira última foi prohibida, no Porto, a circulação do nosso collega *A Voz Publica*, sendo apprehendidos os exemplares que haviam já sido impressos, e mandadas desfazer as fórmulas typográficas.

Foi um capitão do exército portugês, actualmente agente de policia, que ordenou mais esta violência.

O nosso collega explicou no mesmo dia, em supplemento, os motivos da apprehensão, que fóram sómente baseados na transcripção de artigos e fracções de artigos do orgão official do actual governo progressista.

Não sabemos como possa haver um rei que consinta ao seu lado os homens que hontem o insultavam e enlameavam por tal fórma que as suas palavras sam hujá consideradas altamente prejudiciaes á ordem pública e á manutenção da corôa.

O regimen, ao que se vê, continúa de oratório; sente-se condemnado, e aproveita as últimas horas duma agonia vergonhosa, para infundir o terror em ânimos enfraquecidos.

Engana-se, bem o deve ter visto. Fortes com o nosso direito, bem alto continuaremos apregoando as infâmias e as villanias d'esse governo de penitenciários, que está afundando as instituições num pântano d'immoralidades e torpêsas.

Hoje, appellámos para o Direito. Amanhã, appellaremos para a força irresistível das massas populares, que, noutra logar o dizemos, nunca poderã olvidar o grande segredo das revoluções.

Divida fluctuante

Em 30 de junho último elevou-se a divida fluctuante a 36:640 contos de réis (números redondos), sendo 52:536 no país e 4:084 no estrangeiro.

Pelo que se vê, continuam as marés vivas no oceano das ladroerias ministeriaes.

Os compromissos augmentam prodigiosamente de dia para dia, sem que um revólver de nójo e de indignação mostre aos bandidos do regimen que é tempo de tomar o caminho do exilio.

Mais violências

Continuam as perseguições

Além da apprehensão do nosso collega *A Voz Publica*, a que noutra logar nos referimos, o governo ordenou tambem a apprehensão dos jornaes republicanos *A Batalha*, *A Marselheza* de sexta feira, e o *O Paiz* de hontem.

Não ha consciencia que não se revolte contra tamanho impudôr e contra tanto cynismo!

GOVERNADOR CIVIL DO PORTO

O COURAÇADO VASCO DA GAMA

Já foi nomeado governador civil do Porto o capitão de fragata, sr. Augusto de Castilho.

Por outro lado, o couraçado *Vasco da Gama* larga do Tejo em 3 de agosto, singrando ao longo da costa de Portugal até Vigo, voltando a Leixões, vagorosamente, recebendo ordens até ao cabo da Roca.

Diz-se que esta viagem é para instrução dos aspirantes que concluíram o 1.º anno da Escola Naval.

Estão vendo a maneira como o governo disfarça o terror de que se acha possuido.

As propostas de fazenda

NO QUE DEU A FORÇA DO MINISTÉRIO

Parece que já não sam discutidas no pseudo-parlamento as propostas, apresentadas pelo Ressano Garcia, que dizem respeito ao monopólio dos phósphoros e ao arrendamento das linhas férreas.

O governo decide-se, pois, a pôr de parte, pouco a pouco, os seus

pruridos de valentias, para ceder o campo ás imposições da opiniao.

Ainda não é tudo, porém.

O sr. Ressano Garcia ha de, dentro em pouco, pôr completamente de parte todos os seus projectos financeiros, porque nenhum d'elles é sancionando pela vontade popular, e porque o povo portugês não está disposto a consentir o dominio ultrajante duma monarchia que tem os seus dias contados e só pôde sustentar-se amparada por empréstimos ruinosos.

E das duas uma: Ou o sr. Ressano Garcia põe fóra da discussão parlamentar as restantes propostas fazendárias e forja novos planos, ou não.

Nêste último caso, o parlamento não duvidará sancioná-las, mas o gabinete José Luciano terá de as engulir para digeri-las juntamente com as traições do Soveral e com o chicote do Veiga.

Buscas domiciliárias

A IMPUDENCIA DO CYNISMO

Pelo norte do país, e mórmente no Porto, vam ser espalhados agentes policiaes encarregados de dar buscas em estabelecimentos e casas considerados suspeitos, mascarando o abuso com a fiscalização e varejo do real d'água.

O governo do sr. José Luciano e os fieis servidores das instituições tremem de pavôr.

E, comtudo, os orgãos officiaes do governo todos os dias nos estão provocando com fanfarronadas e grosserias.

Que impudencia e que cynismo!

A REVOLTA DE GAZA

Noticias officiaes

O governo recebeu na sexta feira, á noite, o seguinte telegramma:

«*Lourenço Marques*, 30. — Chibulo, 21 de julho: Como preveni v. ex.ª, hoje a Macutene, acampamento de Moutiguana, com 36 artilheiros, 2 bocas de fogo, 90 praças de marinha, 106 de infantaria 4 e 51 cavallos. As 8 da manhã, tomado contacto com o inimigo.

O quatrado formou ás 8 e 10 minutos, sendo atacado por cerca de 5:000 inimigos. Depois de 37 minutos de fogo de Schadabuel (granada com bala), foi carregado pela cavallaria, e numerosos auxiliares ajudaram a perseguição.

A derrota do Inimigo foi completa. Sofreu perdas graves, pelo menos 300 mortos. O comportamento dos officiaes e das praças foi como sempre. Espero a chegada do comboio para seguir para Foilude. Está dado o golpe mortal na revolta de Gaza. Duas praças brancas e quatro cipais de Gaza ficaram feridas. Um cipal e um auxiliar foram mortos. — *Mousinho*.

«*Lourenço Marques*, 30. — Chibulo, 26. — Peço a v. ex.ª mande, com a maior urgência, 6 officiaes para commandantes militares em Gaza.»

Carta de Lisboa

Ainda a ordem pública.—Sabendo tudo e prevenido para tudo.—Nos quarteis e nas ruas.—Prevenções, espionagem e farroncas.—Salteadores em vez de guerreiros.—Pedradas em vez de balas.—O que produzem o «mac-murdismo e o bacóquismo».—Sempre incoherentes.—Um regimen que é um capote.—Os progressistas justificando a revolução.—Amigos dos republicanos hontem.—Inimigos hoje.—A victória do mac-murdismo.—As propostas de fazenda e a administração estrangeira.—Os negócios do sr. Ressano que vam por deante.—Necessidade de os fazer mallograr.—Homem ao mar.

30 de julho

O procedimento do governo, por mais imbecil, por mais revoltante, não pôde deixar de fazer rir.

Deram em verdade nuns palhaços de primeira ordem os taes progressistas!

Fez hontem 8 dias que s. ex.ª, o Bacôco, declarou solemne, formalmente, que, a respeito d'alterações da ordem pública, sabia tudo e para tudo estava prevenido.

Já então havia precauções extraordinárias, grandes medidas preventivas.

Redobram, porém, então. Nos quarteis e nas esquadras estabeleceram-se um regimen novo, desconhecido até ao momento.

Instituiu-se um serviço d'espionagem, mais atrevido do que nunca.

Não houve malandro, com ou sem gravata, escroc de pratas ou gatuno de lenços, que não fosse recrutado para constituir um batalhão de malandrins que ahi se vêem em toda a parte, espreitando, seguindo, immoveis a insultos e chufas.

Regimentos inteiros de prevenção. Outros desarmados e espionados.

... Bacôco sabia tudo e estava prevenido para tudo!

Ao mesmo tempo que mostrava tremor de medo, o governo ameaçava. — Que ia ser uma carnificina medonha. Que os republicanos fiam ter um castigo severissimo.

Passaram-se os dias, entre uma expectativa anciosissima e geral.

O que seria o tudo que Bacôco sabia! O que seria o tudo contra que elle estava prevenido!

O tudo mostrou-se isto: nada! E a carnificina medonha, o severissimo castigo mostrou-se ainda... nada!

Assaltaram-se, é certo, os lares de cidadãos. Mas não o fizeram regimentos como legiões de luctadores. Simples policias, parecendo salteadores.

Mantêm-se a censura prévia, mas esta infâmia não representa uma arma. Eram pedradas de garótos, atiradas ás portas dos mais.

Porque foi, pois, todo o pavôr?

Para que tanto barulho?

Variam as versões.

Segundo uma, tratou-se duma cilada de regeneradores habilmente preparada.

Annunciam outros que se preparou e prepara uma proposta destinada a garantir as propostas de fazenda.

Segundo a terceira versão, os revolucionários da colligação quiseram captar o rei, mostrar-lhe o seu amor.

É possível que seja qualquer das causas. É possível mesmo que cada uma d'ellas tenha a sua parte.

Mas o que não ha dúvida é que, seja uma d'ellas, sejam todas, sejam outras, a causa primordial está em ser o ministério constituído d'essas duas raças: — *mac-murdistas* e *bacócos*.

Dum coito havido entre as duas raças safu isto, esta comédia vil, nojenta, que só apressou factos e os denunciou perante todo o mundo.

Outros abortos appareceram de coitos das mesmas raças, essencialmente cómicos uns, meramente impunes outros, em todo o caso torpes, até que um dia ellas rebentaram, deixando de ser lixo que suja um país para serem lixo que esse país alijou.

×

Mas não param por aqui os casos característicos e cómicos.

Hontem, por exemplo, no *Solar*, foi um espectáculo cheio.

O sr. Dias Costa, que com o sr. Laranjo e o Alpoim sam as três figuras principaes da companhia, disse várias coisas de fazerem pascar as pedras. Entre ellas explicou que a differença entre a monarchia constitucional e a República era uma questão de liturgia ou antes dum capacete ou dum chapéu de côco.

Mas então porque tantos barulhos contra os republicanos?

... Para um capacete não ser substituído por um chapéu de côco!

Disse mais o mesmo sr. Dias Costa, (que tanto entusiasmou as hostes que até foi beijado pelo ministro da guerra) que, quando a monarchia não desse a querida liberdade, se comprehendia qualquer movimento revolucionário. Elle, se d'isso se convencesse, não teria dúvida em despir a sua farda, para ser soldado da Pátria, em vez de soldado da monarchia.

Mas então, dando a monarchia a menos liberdade que é possível dar-se, não dando nenhuma, tirando até a liberdade de pensamento, não permitindo a liberdade de reunião, porque não ha de ser legítima uma revolução, porque não ham de ser todos soldados da Pátria?

Com muitos applausos da maioria, disse ainda o sr. Dias Costa que tinha gratas saúdaes da colligação liberal. A mesma maioria depois, dizendo-lhe um franquista que devia hoje ser-lhe desagradavel essa colligação, berrava com calor:

— Não é! Não é! Não é!

Formidaveis alarves!

Pois elles berram que os republicanos sam quanto ha de de máu e não lhes é desagradavel pensar que collaboraram com os mesmos republicanos?!

Caricatos e incoherentes bacócos!

×

Não é todavia só o bacóquismo que triumphou.

O *mac-murdismo* segue, por igual victorioso.

Até agora, pelo menos.

Diz-se que a opinião, infundando não respeito, mas medo, impedirá a approvação das propostas de fazenda, exceptuadas as das classes inactivas, e talvez Banco de Portugal e Tribunal de contas.

Posteriormente, porém, o governo impôs á maioria, numa reunião havida no ministério do reino, que teriam tambem de pensar nas pro-

postas da beterraba, dos tabacos e das empreitadas.

Disse-me um merdelim — um pobre diabo ingénuo — que o governo os convencera de que era necessária a approvação das propostas para que a intervenção estrangeira não fosse um facto dentro de dias. E, mesmo assim, accrescentava, talvez tivessem que se fazer outros e mais peizados sacrificios.

Assim se levam os ingénuos.

Os outros consolam-se com nyasadas.

Mas bastará que uns e outros estejam d'accôrdo?

Abdicará a nação do seu direito de intervir, do seu dever de obstar a todas as propostas?

As que o governo impõe, para salvação do país, serám, como as outras, a salvação do ministro, mas só conseguirám arruinar mais o thesouro público.

Qualquer d'ellas, sobre vir augmentar enormemente os encargos do dia d'amanhã, é, como se sabe, escandalosíssima.

A da beterraba é o velho negócio em que sam interessados os srs. Ressano e Gørz — negócio que já em 88, tendo gorado, custou 80 contos ao thesouro.

A dos tabacos é a que concede por um preço insignificante valiosas concessões á companhia, da qual o ministro tem sido e será empregado estipendiado, com enormissimos prejuizos para quantos negociam em tabacos e com offensa de direitos como o da liberdade commercial e da propriedade.

Finalmente a das empreitadas parece ainda uma tenebrosa trama, porque, auctorizando a adjudicação da construcção dum palácio de justiça por 3:200 contos, esse palácio, sem que a proposta tenha sido approvada e antes de ter sido sequer apresentada, está-se construindo á socapa. Não sei se já por conta do empreiteiro se por conta do Estado, em beneficio d'elle.

Qualquer d'ellas, pois, quer como empréstimo, quer como negócio escuro, não pôde, não deve passar. Forçoso é por isso que a reacção se faça digna e effizamente.

Os resultados das negociatas feitos até hoje evidenciam-se numa situação que os seus auctores, regeneradores e progressistas, no mais commum accôrdo, declaram gravíssima.

Permittir que algumas mais se façam é visivelmente consentir na liquidação da nacionalidade.

×

Veiu hoje no *Diario* o decreto nomeando o sr. Augusto de Castilho para exercer interinamente as funcções de governador civil.

Significa o interinamente — enquanto o sr. Oliveira Monteiro entender, enquanto o papel a desempenhar repugne a este faccioso partidário.

Custa tanto vêr cair um homem ao mar, quando na terra era considerado!

F. B.

Lebrámos ás auctoridades a conveniência de mandar que sejam fechadas as portas do antigo theatro D. Luiz, que dam para as escadas de S. Christovam e para a rua das Esteirinhas.

Isto para evitar que a garotada faça, do interior do velho edificio, campo para fanfarras, que pôdem ser prejudiciaes á visinhança e mesmo dar occasião a algum incendio.

Não seja depois da casa queimada que se tranquem as portas.

O côro do Mosteiro de Santa Cruz

II

Antes de analysarmos o documento expliquemos o sentido d'algumas expressões.

Diz o documento:

«E asy se obrigou a fazer hum estamte Rica cõ seu pee oytauado e laurado de Romano e pa cima seraa tambem feyta como cumpre pa servyr e semelhante corõ e q digna cõ a obra das cadeyras.»

A estante para o meio do côro nunca fõra feita e os conegos instavam com El-Rei para a mandar fazer.

D. Manuel quando mandára fazer o côro, era mandado que *fezesse hãa estante grande pera o meyo do corõ, e porque nom havia bordos se nom fez, e he muyto necessaria*, assim escrevia Gregório Lourenço e D. João III em março de 1522.

Em maio do mesmo anno mandava D. João III que se fizesse a estante grande de páo para o meio do côro.

Esta insistência provinha do extraordinário esplendor com que na igreja de Santa Cruz eram celebrados os officios religiosos, e cultivada a música. Em outros trabalhos mostrei já que o mosteiro de Santa Cruz era uma eschola de música, e que nos séculos XVI e XVII os seus artistas eram chamados para as cathedraes estrangeiras como executantes e mestres de Capella.

Nas reformas intentadas por D. Manuel e continuadas por D. João III o cuidado dos cônegos pela capella de música vê-se em cada documento que se folheie.

D. Manuel tinha hordenado se *fizerem huuns horgoos neste moesteiro, porque os que nelle estam sam muyto piquenas e velhos que nom vallem nada.*

D. João III escrevia em 1522 — *hos orgãos nos mãdremos ho officiall delles que andu em nosa corte que va ver a grãtura de q devẽ ser.*

E em 1531 explicava o motivo do seu escrúpulo. — *E quanto ao estanho que me pedis pera os orgãos me prazera vos mandar dar todo o que for necessario para elles, porem por que a obra deve ser grande e asy boõ como pera tal casa convem. folgaria q. fossem feitos por algum boõ officiall e bem esperimentado e suas obras. E por que ho officiall q teendes nõ he conhecido nem dele sam vistas obras que dem testemunhos do seu saber veede se sera mülhor que os faça mestre Joam q he muy boõ officiall e tem feytas muy boas obras e sera seguro ser muy bem empregada a desp.ª q se fazer e a obra tam booa como para semelhante casa convem.*

A obra fez-se com o esplendor que convinha á casa e com tanta riqueza, que *Judas se poderá queixar por bem do muyto unguento de ouro que em elles está derramado.*

Por isso quando em 1550 D. João III visitou Coimbra e se foi hospedar no Convento de Santa Cruz os cônegos o receberam tangendo instrum.^{tos} na lgr.^a, q. eraõ quatro, o Orgão gr.^o, o realejo, outro estromento real, e o Craviorgão, q todos fazião hãa música e harmonia aprasivel, como diz uma chónica inedita, e o levaram ás officinas do convento onde examinou vários instrumentos músicos construídos pelos cônegos.

D'aqui a importância que davam á estante central que queriam lavrada de romano e a dizer com a obra das cadeiras.

Por *lavrado do romano* designavam os artistas do século XVI as obras que faziam imitando os romanos e que deram origem ao estylo que hoje chamamos do renascimento.

Não deixam dúvidas a este respeito os documentos do século XVI.

Como porém harmonizar com esta interpretação a restricção do texto — *que digna cõ a obra das cadeyras*, sendo estas do estylo gótico.

A linguagem do documento era a do cônego regente pouco entendido em artes e fallando a linguagem vulgar. Entã a moda era o romano, o bom era o romano, a arte era a romana. Qualquer coisa boa e bem lavrada era á romana para o cônego, como hoje qualquer pintura em madeira é um gran-Vasco. As vezes mesmo até pinturas em tella nos tem sido mostradas por almas ingénuas como do gran-Vasco.

Não é uma simples supposição. Ahí vae um texto de D. João de Castro:

«A hum cabo estã duas capellas lavradas da obra romana, com hum grande bola muito redonda... o resto d'este corredor he lavrado de romano com muitas figuras e vultos de homens...»

E referia-se D. João de Castro nestes textos a *templos indianos*.

A phrase deve pois interpretar-se — estante decorada e ricamente ornamentada como o resto da obra do côro.

Assim o entendiam os cônegos; e assim o entendeu Francisco Lorete que encheu de *decorações renasçença* as cadeiras que fez para emparellhar com as góticas já existentes. Poderiamos citar phrases análogas não de guerreiros e conquistadores mas mesmo de chronicistas e homens de letras.

O *antigo* era respeitado; mas á *portuguêsa* por moda ou por lisonja sem estudo e sem amor.

A estante não se fez, ou desapareceu.

A que existe no meio do côro é obra do século XVII hoje despida das abundantes decorações metálicas por outros *amiguos do antigo*, muito ladrões e nada heroes...

T. C.

Exames d'Instrucção Primária

Amanhã, ás 9 horas, no edificio do Lyceu Central desta cidade, devem começar os exames d'Instrucção primária elemental do 2.º grão, que servem para admissão aos institutos de instrucção secundária, dependentes do ministério do reino. Sam feitos segundo o Regulamento de 18 de junho de 1896 e programmas annexos.

Sam em número de 242 examinandos — 205 do sexo masculino e 37 do feminino. Só depois de concluídas todas as provas do sexo feminino é que principiam as dos examinandos do sexo masculino.

As mesmas que os ham de examinar sam três, assim constituídas:

1.ª — presidente: Hermano José Ferreira de Carvalho, professor do lyceu; vogaes: António Maria Ferreira Soares, professor complementar em Soure; Leonardo Corrêa Pessoa, professor elemental em Cellas; 2.ª, presidente: Francisco da Costa Pessoa, professor do lyceu; vogaes: Francisco Pereira Corrêa de Seixas, professor complementar na Louzã, Maximiano Augusto Cunha, professor em Santa Cruz; 3.ª, presidente: Francisco José Fernandes Costa,

professor do lyceu; vogaes: Augusto Pereira de Moura, professor da Sé Nova, António Avelino, professor em S. Silvestre.

As provas escriptas, entram 20 alumnos por dia, em cada mesa; ás oraes, apenas 5.

Nos termos do artigo 130.º, § único, parte 1.ª, do Regulamento Geral do Ensino Primário, já citado, «durante as provas escriptas, só é permittido estarem na sala dos exames, além dos examinandos e examinadores, qualquer das auctoridades que superintendem no serviço da instrucção primária.»

Já assim succedia com os antigos exames d'Instrucção primária elemental.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Medicina

Relação dos doutores que concluíram os Actos Grandes, e dos bachareis que concluíram a sua formatura na Faculdade de Medicina, no anno lectivo de 1896 a 1897.

DOCTORES

Adelino Vieira de Campos de Carvalho, M. B. 16.
João Serras e Silva, M. B. 17.

CLASSIFICAÇÕES

1.º ANNO — *Prémio*: Arsénio Guilherme Botelho de Sousa.

1.º *accessit*: Armando Augusto Leal Gonçalves.

2.º *accessit*: António Maria Pereira. *Distinctos*: Alfredo Ferreira Christina, Aureliano Xavier de Sousa Maia e Manuel Francisco Neves Juníor.

2.º ANNO — 1.º *accessit*: José de Matos Sobral Cid.

2.º *accessit*: Elysio de Azevedo e Moura.

3.º *accessit*: António da Gama Rodrigues.

4.º *accessit e prémio* Barão Castello de Paiva: Angelo Rodrigues da Fouseca.

1.º *distinctos*: Manuel Gomes Filipe Coelho e João Evangelista Lopes Manita.

2.º *distinctos*: Amândio Gonçalves Paúl, Joaquim José d'Abreu, José Novaes de Carvalho Soares de Medeiros e Manuel Xavier Ribeiro Vaz de Carvalho.

3.º *distinctos*: Manuel de Lucena e Mário Negro de Vasconcellos Monteroso.

3.º ANNO — 1.º *prémio*: Albino Augusto Pacheco.

2.º *prémio*: António Caetano d'Abreu Freire Egas Moniz.

1.º *accessit*: Luis Augusto Leote d'Ayet du Perier.

2.º *accessit*: Alfredo Machado e Ernesto Rodolpho Alves de Castro.

Distinctos: António da Silva Lima e Brito, Augusto de Sousa Rosa, João Evangelista Soares da Cunha e Costa e Joaquim Mathias Silverio.

4.º ANNO — *Prémio*: Luis dos Santos Viegas.

1.º *accessit*: Francisco Cardoso de Lemos.

2.º *accessit*: Pedro Dória Nazareth e Alfredo Pereira de Barreto Barbosa.

Distinctos: Augusto Cymbron Borges de Sousa, José Francisco Tavares e Francisco d'Ascensão Ramos.

5.º ANNO — 1.º *prémio*: António de Pádua.

2.º *prémio*: António Olympio Cagigal.

1.º *accessit*: José Rodrigues d'Oliveira.

2.º *accessit*: Manuel Vieira de Carvalho.

3.º *accessit*: João dos Santos Jacob.

4.º *accessit*: Carlos Alberto Lopes de Oliveira.

1.º *distinctos*: Diogo Barata Cortez, Benjamin de Sousa Teixeira, Joaquim Salinas Antunes e Joaquim Luis Martha.

2.º *distinctos*: Augusto Raphael Garcia d'Araujo, Gualdim António de Queiroz e Mello, Luis António Trincão, José Victorino da Motta e António Fernando Pires Padinha.

BACHAREIS FORMADOS

- Alvaro Roxanes de Carvalho, B. 13.
 António de Padua, M. B. 17.
 Augusto Raphael Garcia de Araujo, B. 14.
 Diogo Barata Cortez, B. 14.
 Gualdim António de Queiroz e Mello, B. 14.
 João dos Santos Jacob, B. 15.
 José Rodrigues de Oliveira, B. 15.
 Victor José de Deus de Macedo Pinto, B. 13.
 Benjamin de Sousa Teixeira, B. 14.
 Carlos Alberto Lopes de Almeida, B. 15.
 Francisco Diniz de Carvalho, B. 12.
 Luiz António Trincão, B. 14.
 Anthero Augusto Ferreira de Magalhães, B. 13.
 António Olympio Cagigal, M. B. 16.
 João da Silva Lino, B. 12.
 José Gonçalves Carteador Monteiro, B. 13.
 Ricardo Soares Machado, B. 13.
 José Victorino da Motta, B. 14.
 Manuel Vieira de Carvalho, B. 15.
 Pedro Maria de Macedo da Cunha Coutinho, B. 13.
 Cesar Fernandes Ventura, B. 12.
 Joaquim Salinas Antunes, B. 14.
 José Vicente Costa, B. 13.
 António Alexandre Saraiva da Rocha, B. 12.
 Joaquim Possidónio Coelho, B. 12.
 António Fernando Pires Padilha, B. 14.
 José Miguel Corrêa de Oliveira, B. 12.
 Francisco Maria Dias Constantino Ferreira Pinto, B. 13.
 Joaquim Luiz Martha, B. 14.

Faculdade de Philosophia

Relação dos doutores que concluíram os Actos Grandes, e dos bachareis que concluíram a sua formatura na Faculdade de Philosophia, no anno lectivo de 1896 a 1897.

DOUTORES

- António Affonso Maria Vellado Alves Pereira da Fonseca, M. B. 20.
 Alvaro José da Silva Basto, M. B. 20

CLASSIFICAÇÕES

- 1.^a CADEIRA — *Accessit*: António da Silva Paes.
1.º distincto: Annibal Babo Telles.
2.º distincto: Manuel Ricardo de Miranda.
3.º distincto: Eurico Fernandes Lisboa.
 2.^a CADEIRA — *Accessit sem graduação*: João Salema de Sousa Abreu Gouveia, Faria Carvalho Pereira, Anselmo Ferraz de Carvalho e Pompeu de Meirelles Garrido.
Distinctos sem graduação: Alexandre Alberto de Sousa Pinto e Annibal Dias.
 3.^a CADEIRA — *Accessit sem graduação*: Alexandre Alberto de Sousa Pinto,

Anselmo Ferraz de Carvalho, João Salema de Sousa Abreu Gouveia e Faria Carvalho Pereira.

Distinctos sem graduação: Pompeu de Meirelles Garrido e Alberto dos Santos Nogueira Lobo.

4.^a CADEIRA — *Prémio*: António Aurélio da Costa Ferreira.

Accessit sem graduação: António Pereira de Sousa Neves e António Francisco de Sousa.

Distinctos sem graduação: João Antunes Guimarães, Manuel Firmino da Costa, Manuel Rodrigues da Cruz, Jayme Corrêa de Sousa e Camillo Corrêa Guimarães.

5.^a CADEIRA — *Accessit sem graduação*: António Francisco de Sousa, José dos Santos Alves, Rodrigo Afonso Alves de Sousa e Eugénio Trajano de Bastos Guedes.

Distinctos sem graduação: António Aurélio da Costa Ferreira, Jayme Corrêa de Sousa, Camillo Corrêa Guimarães e Pedro Paulo Bon de Sousa.

6.^a CADEIRA — *Accessit sem graduação*: José Carlos de Barros, José dos Santos Alves, António Aurélio da Costa Ferreira e António dos Santos Cidraes.

Distinctos sem graduação: Carlos da Silveira Brandão, Freire Themudo, António Francisco de Sousa, Fernando Afonso Leal Gonçalves, Francisco António Honorato de Sousa Vaz e Manuel Firmino da Costa.

7.^a CADEIRA — *Accessit*: Eugénio Trajano de Bastos Guedes.

Distincto: Pedro Paulo Bon de Sousa.

8.^a CADEIRA — *Accessit*: José Carlos de Barros.

5.^o ANNO (7.^a e 8.^a cadeiras) — *Prémio*: Sidónio Bernardino Cardoso da Silva Paes.

Accessit: José Joaquim Pereira dos Santos Motta.

Distinctos sem graduação: Álvaro de Lima Henriques, Alfredo Augusto de Oliveira Machado e Costa.

BACHAREIS FORMADOS

- Sidónio Bernardino Cardoso da Silva Paes, M. B. 19.
 Alvaro de Lima Henriques, B. 15.
 José Joaquim Pereira dos Santos Motta, M. B. 16.
 Alfredo Augusto de Oliveira Machado e Costa, B. 15.
 Luiz Guimarães (Filho), B. 13.
 José Carlos de Barros, B. 15.
 Carlos da Silveira Brandão Freire Themudo, B. 13.

Noticias diversas

Realizou-se, na sexta feira última, o julgamento, em audiência de jury, do menor de 15 annos, António Branco, accusado de ter assassinado com uma pedrada, um homem de S Fructuoso. Esta audiência despertou muito in-

teresse, por nella fazer a sua estreia o sr. dr. João Tudella, formado este anno.

Não foi illudida a curiosidade do público, porque o sr. dr. Tudella fez realmente uma defeza brilhante, que muito contribuiu para a absolvição do réu, por unânime resolução do jury. Por isso felicitamos o novel advogado.

Terminaram no dia 30 os trabalhos académicos deste anno, com a formatura de 29 alumnos do quinto anno médico.

As tradicionaes festas foram animadas, sendo queimadas durante o dia dezenas de dúzias de foguetes. Accorrem a ellas muitas familias de académicos, que agora começam de retirar, pouco a pouco, tirando todo o aspecto de animação á cidade. Cordialmente felicitamos os novos médicos e suas familias.

Por ordens superiores, foi determinado que fique definitivamente anexo á escola agrícola Moraes Soares o posto hippico aqui estabelecido.

Na noite de quinta para sexta feira manifestou-se incêndio na quinta da Mallavada de que é arrendatário o sr. Paiva Santos.

Ardeu completamente um celeiro, de que só ficaram as paredes, causando bastantes prejuizos pela perda dos cereaes armazenados.

A casa da residência, que fica próxima, nada soffreu, porém.

Reuniram-se, na sexta feira, nesta cidade, treze dos médicos formados ha vinte annos.

Ouviram missa na capella da Universidade por alma dum seu condiscipulo assassinado ha annos no Cadaval, e realisaram um jantar intimo no Hotel Mondego.

O engenheiro sr. Armando de Menezes foi encarregado de elaborar um relatório acerca do movimento provavel de passageiros e mercadorias entre Coimbra e Miranda do Corvo, aproveitando a linha férrea d'Arganil, cujos trabalhos estão de ha muito completamente paralyzados.

Já foi installada no pavimento inferior da Imprensa da Universidade, do lado da rua da Ilha, a officina de im-

pressão d'aquelle estabelecimento, que teve de ser mudada por causa das obras de restauração da Sé Velha.

Na congregação final da Faculdade de Direito foram marcados os dias 4 e 5 de novembro para a defeza das theses do sr. dr. Marvão e Sousa, e os dias 24 e 25 do mesmo mês para as do sr. dr. Machado Villela.

Já foi coberta com entulho a montureira que ha tempos nos referimos, ordenada pela vereação municipal na quinta de Santa Cruz.

Felicitamos, por esse motivo, os moradores d'aquelle formoso bairro, ao passo que tambem nos regosijamos pelo bom exito das nossas reclamações.

Já foi ordenado pelo governo que se procedesse, nas minas da Mizarella, ás obras necessárias para que as aguas entrem no Mondego em completo estado de pureza.

A assembléa geral do syndicato agrícola de Montemor-o-Velho resolveu representar ao governo no sentido de ser restabelecida em Coimbra a circumscripção hydraulica.

A câmara municipal já foi authorizada pelo governo a ceder 5:200 metros quadrados de terreno na quinta de Santa Cruz, para o bairro operário empregando pelo sr. Bispo-Conde.

Foi encarregado do projecto o mestre das obras municipaes, sr. Joaquim Monteiro de Figueiredo.

O CALLICIDA Franco é, de todos os medicamentos, o unico que tenho usado, que produz a queda do callo sem dor em poucos dias, dando um allivio que só aprecia quem soffre d'este terrivel incômodo.

Covilhã — Bernardino Moraes d'Oliveira.

F. Fernandes Costa
 E
ANTÓNIO THOMÉ
 ADVOGADOS
 Rua do Visconde da Luz, 50

Venda de propriedades em Condeixa
 Vende-se a propriedade denominada *Da Guerra* e uma outra confinante, na Eira da Pedrinha, limite de Condeixa. Têm agua de rega, uma pequena casa, e confinam com a estrada real.
 Para esclarecimentos, nesta redacção.

CAIXEIRO
 Manuel Fernandes d'Azevedo & C.^a precisam dum que tenha bastantes habilitações de merceria.

TURCO
 Magnifico elixir para conservar os dentes e gengivas e prevenir as doenças da garganta. Frasco 300 réis. Meio frasco 160 réis. Vende-se na drogaria R. da Silva & C.^a. — R. Ferreira Borges, 34. Coimbra.

FIGUEIRA DA FOZ
HOTEL GOMES
 Este magnifico hotel, situado na rua Bella, n.º 37, um ponto quasi central — perto dos dois mercados — abre no dia 1 d'agosto para receber os seus antigos hóspedes e amigos e os que queiram honrá-lo, prometendo tratá-los com todo o esmero e acoio por um preço módico, para o que tem pessoal decente e habilitado.
 O proprietário,
 Antonio Augusto Gomes.

20:000\$000 RÉIS
 Emprestam-se a juro sobre hypotheca. Juro módico.
 Nesta redacção dam-se esclarecimentos.

Lei eleitoral
 Acha-se publicada a lei eleitoral aprovada por carta de lei de 21 de maio de 1896, unica em vigor.
 Além do próprio texto da lei, contém todo o formulário para todos os actos do processo eleitoral, v. g: acta da constituição da mesa, nas assembléas primárias; auto de não eleição; actas de eleição, de assembléa de apuramento, etc. etc., concluindo por um repertório alfabético.
 Os pedidos podem ser dirigidos á *Bibliotheca Popular de Legislação*, na rua da Atalaya, 183, 1.º, — Lisboa.

Folhetim da RESISTENCIA

ALEXIS BOUVIER

O casamento d'um forçado

TERCEIRA PARTE

O passado

VIII

Conselhos d'amigo

Depois de andarem dez minutos durante os quaes Bérard inquieto pensava no que a dizer a um amigo... e Cardinet tossia, espirrava e sacudia a cabeça para se desembaraçar das últimas nuvens que lhe ensombriavam o cérebro... chegaram ás rochas á beira-mar. Neste sitio, pôde na maré baixa-se ir a pé enxuto até á ilha que se encontra em frente, uma ilha pequena sem mais construcção alguma quâ uma bateria e um posto militar, ilha a que os pastores levam os carneiros a pastar a herva dos prados salgados.

Bram cinco horas da manhã; a maré subia... e o quadro era esplendido! Cardinet despertou de todo de repente; com os olhos esbugalhados, ficou mudo de admiração deante d'este sempre do dia sobre o mar... Bérard não via nada, sonhava. Quando tinham

saldo do hotel, mal amanhecia, era quasi noite ainda; o vento fresco frio mesmo, cheio do perfume do mar batia lhes na frente, a bruma da manhã fazia-os tremer, molhando-lhes os cabellos, enchendo-lhe de brilho as barbas... Enterraram-se até meio das pernas nas algas que tinha atirado sobre a praia a última maré.

Neste nevoeiro cinzento, sobre os rochedos, com água até ao meio da perna, subiam e desciam phantasmas negros que levavam ganchos, redes pequenas, cestos — eram os pescadores de lulas, caranguejos e camarões.

O nevoeiro dos primeiros dias d'outono sumia o horizonte no sua opacidade... Era profundo o silêncio, cortado apenas pelos gemidos das ondas que batiam espumando sobre as rochas e os calhaus rolados. Mal havia tempo para vêr os barcos de pesca que, levados pela brisa da manhã, iam perder-se no cinzento-sujo do nevoeiro...

Quando Bérard e Cardinet chegaram de frente de Roches, rompia o dia, uma linha azulada aclarava o horizonte; pouco a pouco os rochedos, os bancos, as ilhotas surgiam do oceano; ao longe os mastros dos navios levantavam os corpos egnios e finos, cortando, iluminados pelo sol nascente, sobre a sombra amarelada do ceu. Pouco a pouco appareceu o mar com as suas rendas d'espuma, e as pequenas ondas dum verde transparente, depois en-heu o infinito o azul brilhante do ceu... Era dia.

O sol da manhã lançou sobre o mar as suas cores phosphorescentes.

Cardinet admirado abria a bôcca como um peixe, exclamando:
 — Oh! ah! ah! oh... como é bello, meninos, como é bello! Voltou-se para o companheiro e disse-lhe:
 — Tu ficas lúgubre no meio d'este esplendor?... Entã tu és da casa... da terra emfim, e trazes estupidamente uma sobrecasaca, um chapéu, sapatos, como toda a gente... tu envergonhas-me... mas tu aqui és medonho! Se eu ficasse dois dias cá... se tu me deixasses, eu amanhã teria uma camisola e um barrete de lã... andaria descalço, como aquella gente lá em baixo. Meu Deus, como tenho pena de tí no meio d'este cenário tam grandioso... ah! como és pequeno... como és feio! tu que passas por um rapaz bonito precisas do teu escriptório por horizonte...

— Quando acabares... disse Bérard a rir.
 — Já acabei.
 — Sabes que tenho a fallar-te de coisas sérias.
 — Oh! É verdade, meu velho, é verdade. Acordaste-me á hora dos padeiros... Sou todo ouvidos.
 — Lá vai o caso, meu Deus! Hontem minha mulher mostrou-me o bilhete de visita que Jeanne tinha deixado em minha casa...
 — Espera, disse Cardinet; em tudo isso eu estou calmo, sem inquietões, tenho todas as minhas faculdades; posso por isso pensar, comparar, ligar

tudo o que tu me vaes dizer... Ouve as minhas perguntas, e responde categoricamente.
 — Estou prompto.
 Cardinet pensou alguns minutos, e continuou:
 — Quando te apresentou o bilhete de Jeanne, que modos eram os de tua mulher?
 — Estava socegada, entã... Agora que eu penso nisso, é que vejo bem, ella tinha febre...
 — Estava sombria, triste?
 — Não! Desasocogada.
 — Não te disse nada, quando tu lhe confessaste que conhecias Jeanne?
 — Não Pelo contrário, pareceu-me alegre, feliz.
 — Entã, ella não sabe nada?
 Cardinet olhou bem o amigo e disse-lhe:
 — Tu por aqui nunca olhaste de mais perto para alguma d'essas raparigas da ilha de Baixo? Ellas usam, como as d'Aries, d'um toucado que ás vezes as não cobre só a ellas!
 — Não meu amigo. Por quem me tomas tu?
 — Ah! Olha que razão! Por quem te tomo? Por um rapaz cheio de mocidade.
 — Sou novo de corpo, disse tristemente Bérard; mas aqui, e mostrou o coração, que ruina! ah, meu amigo, se tu soubesses como está roído, se tu soubesses as noites que eu passei sem dormir... chego a abençoar a sorte que me permite o luxo de dois quartos... No meu fecho-me, tenho medo

de sonhar alto. Pela manhã, quando desperto a suar com o pesadelo da noite... interrogo o meu creado para saber se elle me ouviu de noite... Ah! meu pobre Cardinet, como estou velho...
 — Doido é que tudo estás. Não tens nada a temer agora... tudo acabou, não existe o passado...
 Caminharam silenciosos; Cardinet disse:
 — Voltemos a tua mulher...
 — Pois sim...
 — Partiu sem deixar uma carta que te dissesse o motivo da partida?
 — Sem uma carta, sem uma palavra...
 — Em qualquer hypothese, disse Cardinet, depois de ter reflectido, é necessário partir immediatamente.
 — É essa a tua opinião?
 — É, é a minha opinião... Intrigame esta partida... e o que me espanta é não se lhe encontrar motivo.
 — O unico que pôde haver...
 — Ah! Ha algum?
 — Provavelmente sair aos rochedos de Sainte-Barbe, cheia de inquietação por vêr o tempo mudado e saber que eu andava no mar; foi áquelles rochedos lá embaixo para ver a minha barca que não podia ver. Eu andava ao largo, tinha partido para a pesca com marinheiros da ilha. Surprehendida pela tempestade... ferida pelo raio perto da capella, achou-se mal e caiu sem sentidos.

(Continúa).

PROBIDADE

Companhia geral de seguros

Sociedade anonyma
de responsabilidade limitada
CAPITAL 2.000.000\$000

Rua Nova d'El-Rei, n.º 99, 1.º

Lisboa

Effectua seguros contra incêndios.

Correspondente em Coimbra,
Cassiãno A. Martins Ribeiro,
Rua Ferreira Borges, 465, 1.º.

Vende-se

Uma bomba de grande pressão, com os tubos de cobre própria para tirar água, e vendem-se também dois pares de rodas para carro alemteiano ou de bois.

Trata-se com Francisco Nogueira Secco, Terreiro da Erva, Coimbra.

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfectos do país

Excellentes águas mineraes para doenças de pelle, rheumatismo, estômago, garganta, etc.

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM

(BEIRA ALTA)

Abertura do estabelecimento thermal em 1 de maio e fecha em 30 de novembro

Abertura do Grande Hotel Club em 15 de maio

Grande Hotel Club

Com estação de correio e telegrapho, médico e pharmeria e casa de barbear. Magnificas accomodações desde 1\$200 réis, comprehendendo serviço, club etc. Bonus para os médicos

O Estabelecimento Thermal comprehende 64 banheiras de 1.ª a 5.ª classe; duas salas para duches, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverização e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette. É sem dúvida o melhor do reino, e mais barato. — Viagem — Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas (BEIRA ALTA) e d'ahi 5 kilometros em bons carros. A estação de Cannas na linha férrea da Beira Alta está directamente ligada com todas as linhas férreas hespanholas que entram em Portugal por Badajoz, Cáceres, Villar Formoso, Barca d'Alva e Tuy. — Para esclarecimentos: — Em Lisboa: rua do Alecrim, n.º 125, referente ao estabelecimento balnear, e rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel. — Correspondência para as Caldas da Felgueira, ao gerente da companhia do Grande Hotel. — As águas engarrafadas vendem-se nas pharmerias e drogarias e no depósito geral, PHARMACIA ANDRADE, rua do Alecrim, 125. — A exploração do Hotel fica este anno a cargo da Companhia do Grande Club.

ÁGUA DAS LOMBADAS

ILHA DE S. MIGUEL — AÇORES

Água gazosa natural a mais pura para mesa. Não contém micro-organismos.

Coimbra — Pharmacia e Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª

CALDAS DA AMIEIRA

Abertura do estabelecimento thermal no dia 15 de maio

As ÁGUAS CHLORETADAS DA AMIEIRA usam-se com grande resultado no tratamento da escrophulose, rheumatismo, moléstias de pelle ainda as mais rebeldes, syphilis, padecimentos de estômago, fígado e baço, inflammações de quaesquer órgãos, útero, ovário, intestinos, leucorrhæas, anémia e chlorose.

A administração do hotel estará a cargo do sr. José Maria Rodrigues, de Coimbra, havendo nelle, entre outros muitos divertimentos communs a todos os hospedes, uma boa sala de recreio com piano, salão de bilhar, bonitos passeios, lagos com botes, etc. etc.

Preços, incluindo todo o serviço de quarto e mesa, de 1\$000 a 1\$200 réis diários.

Para quaesquer esclarecimentos dirigir-se á sede balnear; depósito em Lisboa — rua de S. Julião, 142, 1.º.

ESTABELECIMENTO

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

João Gomes Moreira

50, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal Hydraulica: Grande depósito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e óptica: Agência da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas eléctricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, óleos, agua-raz, crês, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinos e torradores para café, máchinas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Redes de arame, zinco e chubo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietários e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystófle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglesas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro mesa, lavatório e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

REMEDIOS DE AYER

O Remedio de AYER contra sezões.—Febres intermitentes e bliosas

Pectoral de Cereja de Ayer. O remédio mais seguro que ha para curar a Tosse Bronchite, Asthema e Tuberculos pulmonares.
Frasco, 1\$000 réis meio frasco, 600 réis.

Todos os remédios que ficam indicados sam altamente concentrados de maneira que sahem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

Pillulas Catharticas de Ayer.—O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.

Frasco, 1\$000 réis



Molestias provenientes da impureza do Sangue

TONICO ORIENTAL

Marca «Cassels»

Exquisita preparação para aformosear o cabelo.—Extirpa todas as affecções do cráneo, limpa e perfuma a cabeça.

Agua Florida (marca Cassels).—Perfume delicioso para o lenço, o tucador e o banho.

Sabonetes de glicerina (marca Cassels).—Muito grandes, qualidade superior.

Á venda em todas as drogarias e lojas de perfumarias. Preços baratos.

Vermífugo de B. L. Fahnestock.—É o melhor remédio contra lombrigas. O proprietário está prompto a devolver o dinbeiro a qualquer pessoa a quem o remédio não faça o effeito quando o doente tenha lombrigas e seguir exactamente as instrucções.



O Vigor do Cabello DO DR. AYER,

impede que o cabelo se torne branco e restaura ao cabelo grisalho a sua vitalidade e formosura.

Perfeito desinfectante e purificante de Jeyes para desinfecar casas e latrinas, tambem é excellent para tirar gorçura ou nodos de roupa, limpar metaes, e curar feridas.—Preço, 240 réis.

Depósito—James Cassels & C.ª, rua do Mousinho da Silveira, n.º 85, 1.º, —Porto.

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fábrica de Coróas e Flóres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Único representante em Coimbra

JOÃO RODRÍGUEZ BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

COIMBRA

A cura da Blennorrhagia

ELECTUÁRIO ANTI-BLENORRHÁGICO

DO PHARMACEUTICO

T. GALVÃO

Um até dois boiões d'este maravilhoso medicamento, verdadeiro especifico, bastam na máxima parte dos casos, para curar todas as purgações, ainda as mais antigas e rebeldes.

Preço do boião, 1\$000 réis

Depósito geral em Arganil na pharmeria Galvão—Em Coimbra: drogaria Rodrigues da Silva & C.ª

CALLICIDA

Privilégio

Exclusivo



Extracção dos callos sem dor em 5 dias

Desconto convidativo para revender

Depósitos—Lisboa: Leandro de Freitas, rua da Prata, 231; Porto, José Maria Lopes, rua do Bomjardim, 12; Coimbra, Rodrigues da Silva & C.ª; e em todas as cidades e principaes villas do continente.

África—Loanda, José Marques Diogo.

Brasil—Rio de Janeiro: Silva Gomes & C.ª; Pernambuco: Guerra Fernandes & C.ª; rua do Duque de Caxias, 47; Bahia: Francisco de Assis e Souza; Maranhão: Jorge & Santos.

Exija-se nos depósitos um respecto que ensina o modo de usal-o e previne as falhas e erros. Há um só depósito em cada terra.

Pedidos ao auctor: António Franco, Covilhã.

Pintor e dourador do Porto

D. DA SILVA MOUTINHO

Praça do Commercio, n.º 53

10 Encarrega-se de mandar fazer pinturas e douramentos, forrar casas a papel, tanto nesta cidade como na provincia.

CALECHE E ARREIOS

11 Vende-se um bom caleche com cobertura sólidamente construida, com boas ferragens e eixo inglês de patent e um par d'arreios de metal branco e couro inglês, com emblemas; obra segura e elegante o que ha de melhor em arreios. Para vêr e tractar Quinta do Passal. Sepius. Próximo à Mealhada.

VENDE-SE

12 Uma grande morada de casas com dois andares, lojas, abegoaria, pateo, quintal com árvores de fructo e água, e uma outra casa contigua que foi antiga Inquisição que se presta a grandes obras, inclusivè para uma fábrica.

Quem pretender dirija proposta em carta a Alipio Leite, Penacova; mais esclarecimentos, rua Visconde da Luz, n.º 60—Coimbra.

Tratamento de moléstias da bocca e operações de cirurgia dentária

Caldeira da Silva

Cirurgião dentista

Herculano Carvalho

Médico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174

13 Consultas todos os dias das nove da manhã às 3 horas da tarde.

Loja da China

14 Chegou a este estabelecimento uma variadissima colleção de leques.

Vende-se

15 Amoada de casas sita na rua da Galla, n.ºs 33, 35 e 37. Compõe se de loja, 2 andares e um pátio com uma pequena casa em condições de ser habitada.

Para tratar—José da Cunha, rua dos Sapateiros (mercearia).

Carroça

16 Vende-se uma nova, com boas molas.

Rua Ferreira Borges, 145, 3.º

Arrendamento

João Matheus dos Santos arrenda a grande loja do Carmo que serviu de celeiro ao sr. Arioza.

RESISTENCIA,,

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR = Joaquim Teixeira de Sa

Condições de assignatura (PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno 2\$700

Semestre 1\$350

Trimestre 680

Sem estampilha:

Anno 2\$400

Semestre 1\$200

Trimestre 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis.—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 p. c.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. J. França Amado — COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 256

COIMBRA — Quinta feira, 5 de agosto de 1897

3.º ANNO

Sem bravatas e sem fraquezas

Com este título publicou o nosso collega da *Voz Publica* um soberbo artigo de Nunes da Ponte, o honrado e prestigioso chefe republicano, cujo nome immaculado é uma gloria do nosso partido e uma garantia do nosso futuro, nome que se impõe a todos pela austera hombridade de caracter, poderosa intelligencia e sólido saber do illustre republicano.

Publicamo-lo em seguida. Responde assim o Partido Republicano ás atoardas de pavorosas com que, para fins conhecidos, o governo progressista anda alarmando a opinião e o estrangeiro.

Ficará a esse governo de ineptos e de renegados a responsabilidade das consequencias da sua torpe invenção.

É bem longa a lista dos governos nefastos que, na linguagem da imprensa progressista, têm afundado num mar de lama o regimen politico que nos arruína.

Não obstante, não ha, certamente, memória duma situação ministerial que tenha em tam curto prazo de tempo concitado contra si uma tamanha e tam justificada animadversão pública como aquella que, presentemente, nos deshonra perante nacionaes e estrangeiros. A um governo de doidos succedeu um governo de renegados.

Dir-se-ia que pesa uma maldição terrível sobre as instituições deste infornado país e que, cada ministério que surge no poder, cumpre apenas o triste fadário de cavar mais fundo o desprestigio dum regimen condemnado a desaparecer.

Que se vá, pois, muito embora, tam maldadado regimen, que não deixa saúdaes da sua perdulária existência; mas que se não vá com elle a autonomia da pátria, que semelhante systema nunca soube merecer nem honrar!

Para evitar, justamente, que tal não succeda, foi que tomou vulto o partido republicano português. Crescendo á proporção que a monarchia se desprestigia, engrossou de dia para dia, a ponto de irromper hoje como uma torrente impetuosa. Os homens que o dirigem podem valer muito pouco; mas a ideia que os impulsiona, concentrando as últimas esperanças dum povo que aneia regenerar-se, ser livre, viver emfim, tem a força do irresistível. Triunphará por força, pois que a monarchia não soube ou não pôde responder ao nobre appello de José Fallação — salvando-nos; a monarchia tem de se resignar fatalmente a perder-se. Não seram algumas duzias d'homens, certamente, que a ham de prostrar; é ella que se deixará simplesmente morrer. E, assim, com a certeza de victória, seria indesculpavel toleima provocar abalos indecisos que poderiam galvanizar-lhe por alguns dias a frouxa existência.

O partido republicano não precisa de conspirar, não carece mesmo de abreviar a agonia de um systema politico que já não tem condições de vida neste país e, morto na consciencia pública, aguarda a hora dos funeraes.

Quem conspira é a situação politica que nos rege; não contra o regimen que fere desapiadadamente á vista de toda a gente com o punhal envenenado das suas vergonhosas apostasias, mas contra a autonomia da pátria, procurando dissipar as últimas migalhas da fortuna pública, para a poder entregar manietada em breve nas mãos duma administração estrangeira.

Nem o país, que len pouco antes da ascensão d'esses homens ao poder as mais violentas apóstrophes da sua imprensa injuriosa contra um insignificante empréstimo de 3:000 contos, comprebende agora como volvidos poucos dias do seu nefasto mando, se podia effectuar um empréstimo monstruoso de muitos milhares de contos, sem que caissem sobre nós todos numa exaggeração extraordinária, os desastres inevitaveis que na opposição prognosticaram. E pois que o país não comprehende estas súbitas mutações d'opinião sem fins occultos e inconfessaveis, e vê apenas com clareza que uma operação de tam longo alcance, se poderia enriquecer os intermediários de tam largo negócio, não deixaria d'empobrecer até á ruina os cofres escasos da nação, o país não se deixa ir no engano.

Podem pois os homens do poder inventar as pavorosas que quizerem. É tarde para convencer o país de que possa haver outros conspiradores que não sejam os próprios governantes.

Pela nossa parte, firmes em o nosso posto d'honra, não nos intimidam, nem nos incommodam as torpes ameaças dos rafeiros que nos vêem ladrando as mais estupendas perseguições.

Restabeleceram vergonhosamente a censura prévia que tanto combateram, prohibiram os comícios que os próprios regeneradores lhes não negaram e levaram o impudor do seu cynismo até ao ponto de passarem por cima das garantias constitucionaes, sem a mais pequena fórmula de legalidade, invadindo o domicilio de muitos cidadãos portugueses. Não protestamos.

Num país em que o parlamento, depois de ouvida a dementada declaração ministerial de que estavamos na imminencia duma conflagração revolucionária, se entretém, entre galbófas e facecias, a classificar-se de praça de touros, distri-

buindo-se os seus membros mais graduados o papel de toureiros e ao orçamento o de touro, podem afrontar-se sem cuidado as leis mais fundamentaes do estado. A força é que impera.

Não protestamos pois, nem vale a pena. Unicamente diremos aos sabujos que nos ameaçam vil e torpemente que não temos medo.

No Porto conhece-se hoje a significação do termo, unicamente pelos actos estultos e vergonhosos dos homens que estão no poder.

Na presente conjuntura, o nosso propósito é bem claro e bem definido; levá-lo-hemos até ao fim. Por ora não se trata de enterrar um regimen, mas sim de salvar a pátria. O país está resolvido a pôr um termo final aos desvarios dos governos, que o sobrecarregaram d'impostos como a nenhuma outra nacionalidade europeia. Conhece perfeitamente quem aproveita com os empréstimos que o levaram á fallencia e ao último descrédito e assentou definitivamente em oppôr-se, por bem ou por mal, á continuação de semelhantes processos.

Que os homens do poder se resignem, pois, com pavorosas ou sem pavorosas, a respeito da vontade do povo, que é o senhor dos destinos do país. Rasguem esse sudário vergonhoso de monopólios, d'arrendamentos, d'empreitadas e de conversão; senão, com republicanos vivos ou fuzilados, preparem-se para o vêr, quando menos o pensarem, transformado na ingloria mortalha com que o regimen descerá para sempre á cova.

Tal é a impressão que nos dá a irritação dum povo que se decidiu finalmente a defender-se do bando d'abutres que o vem devorando.

Que todos tenham a certeza de que nos encontrarão nas mais difficéis conjuncturas, intemeratos e firmes no posto d'honra que as circunstancias nos assignaram, e que cada qual cumpra o seu dever.

Nunes da Ponte.

O *Commercio do Porto*, em artigo editorial intitulado *Perseguição á imprensa*, diz que a manifestação mais evidente do nosso desnoiteamento politico e abatimento moral está na perseguição que de 1890 para cá se tem movido á imprensa e que faz cair por terra todas as garantias de dignidade e de brio na administração. E fallando dos actos por que se manifesta a perseguição á imprensa, escreve:

«O que se tem observado em Portugal é assombroso! Ha de tudo.

Chega-nos agora de Macau uma queixa de que um juiz de Direito se permitiu protraír a habilitação de um jornal, apesar de terem sido apresentados em ordem os documentos necessarios, con-

stando que esse juiz tem a jactancia de dizer em público que não habilitará nem esse nem outro jornal!...

Por cá temos a censura prévia, que não sabemos em que lei se funda e que se tem permitido mandar alterar artigos, como succedeu em Lisboa, e interceptar a circulação de jornaes, como tem succedido na capital e como succedem ha dias com o nosso collega *A Voz Publica*, do Porto.

Tenta-se recorrer ao código administrativo para explicar certos actos vexatórios, como se não houvesse lei especial da imprensa e como se essa lei não fosse vergonhosamente oppressora, só comparavel ás ordenanças de 1830».

É um jornal profundamente conservador que assim falla, contra um governo que pretende subir ao poder em nome das liberdades públicas e que ainda hoje se inculca representante dum partido liberal. Como isto anda transtornado!

O *Correio da Noite* aconselha o governo a que ponha na frenteira os estrangeiros que estão fazendo politica no país. No estado a que esta folha chegou, não se deve ligar importância alguma ao que diz. Querendo comprometter os republicanos, fá-lo de forma ora tam desastrada ora tam immunda, que a quem ella compromette é ao governo de quem se diz órgão officioso e ao partido que esse governo representa no poder.

Espertêza bacôca

Várias trombetas da capital mais na privança do governo, vêem ha dias publicando, á laia de aviso a interessados, o seguinte:

«O sr. presidente do conselho ainda não pensou sobre a concessão ou não concessão dos exames em outubro!»

Esta declaração peremptória da obstrução intellectual de sua excellencia, que aliás não é nova, tem na presente conjuntura esta explicação altamente moral:

O sr. presidente do conselho, está resolvido a conceder os exames em outubro, mas vae dizendo que ainda não pensou no caso, para que lhe peça *Quem* elle muito deseja servir!

Perceberam? Ora pois.

O sr. Conde de Burnay declarou na câmara dos deputados ser facil obter 60:000 contos, tornando as obrigações dos tabacos amortizaveis durante 75 annos.

O homem prepara-se para ministro. As propostas do mac-murdista Ressano fracassaram e o governo via-se em sérias difficuldades para arranjar dinheiro, correndo imminente perigo a sua existência se um habil financeiro não lhe acudir com um expediente que o livre dos miseraveis apuros em que se encontra. Nesta conjuntura, a declaração feita pelo celeberrimo conde representa um verdadeiro allivio e não tardará muito que o partido progressista veja nelle o único homem que pôde salvar a situação.

Consta-nos até que ao *Correio da Noite* já foram dadas indicações para fazer a apothose do Conde de Burnay.

Monarchia e República

É innegavel ter produzido sensação, entre os membros actuaes do parlamento, aquelle asserto patusco do capitão Dias Costa apresentando como differença única da forma de governo monarchico para o republicano a mesma que vae de um côco á futrica para um capacele á militar. (O côco é da República, o capacele é monarchico, bem entendido).

A sensação da phrase repercutiu cá fóra, acabando uns que a coisa foi bem dita, outros porém criticando-a de inconveniente. No que todos, entretanto, parecem estar d'accôrdo é em que a asserção é verdadeira; sómente, avançam alguns, nem todas as verdades se dizem, e muito especialmente no parlamento.

Quando dizemos *todos* referimo-nos á gente monarchica, escusado é dizer; porquanto a democracia consciante não admite tam exígua differença entre o seu credo e o outro, como passamos a demonstrar.

Ha uma forma politica de soberania em que todo o governo se acha concentrado nas mãos de um magistrado único, do qual todos os demais recebem o poder.

Esta forma de governo é a monarchia. E quer ella se chame monarchia absoluta ou monarchia constitucional, o principio é o mesmo — todo o poder deriva do monarcha, que é soberano único.

Ha outra forma de soberania em que o governo reside em todo o povo ou na maior parte d'elle, de sorte que quem faz a lei é quem a executa e interpreta, não havendo, como nas monarchias, imperante e vasallos (ou se quer súbditos, que é mais suave), mas cidadãos livres e magistrados de eleição popular.

Já na própria definição d'estes regimens politicos se observa pelo confronto uma differença enorme.

Não se falla de côco nem de capacele, como vêem. Mas accresce que na monarchia os interesses particulares do soberano desempenham um papel importante, influndo quasi sempre desvantajosamente sobre os interesses da nação, ás vezes mesmo perigosamente em virtude de alianças entre as familias reinantes. Isto é vulgar e comesinho na história. De resto, quando é que a vontade particular de um rei deixou alguma vez de sobrepôr-se á vontade da nação? Não ha monarcha nenhum que não deseje ser absoluto, quando para mais não seja do que para fazer a felicidade do seu povo, como se dizia de D. Pedro V. O interesse pessoal da imperante é que o povo seja fraco e miseravel, para que jámais possa resistir-lhe.

Dado pois este antagonismo entre os interesses particulares do imperante e os da nação, quem ha de o monarcha chamar para o seu lado senão quem lhe defenda os desejos, as ambições? É mesmo condição imposta pela vontade do rei aos ministros que elle escolhe, isto de governarem a seu contento. Isto se deduz do attestado que apanham quando saem do governo: — «Fala-

no etc. e tal serviu muito a meu contento. . . .

Depois, para que um estado fosse bem governado por um homem só, seria preciso admitir que esse homem medisse pela extensão dos seus domínios as suas próprias faculdades!

Dir-nos-ham que a monarchia constitucional ou representativa é a tal que se approxima tanto da democracia como um capacete de um côco, em virtude dos seus quatro poderes independentes.

Independentes? Pois ahí é que está o sophisma. Vejam lá se o ministro do reino não trabalha por agradar e obedecer ao rei de preferência a respeitar as liberdades que a própria Carta estabelece para os cidadãos portugueses. Vejam depois, no *Solar dos mal-cheirosos*, se foi pela vontade do povo que lá entraram semelhantes legisladores e se elles se importam com o povo para alguma coisa; se não ham de approvar as propostas de fazenda por amor do ministro e contra os interesses da nação; se não ham de servir os ministros, que servem, por seu turno o rei, em vez de servirem o país. . . .

Ora o governo republicano supõe exactamente o contrário destes defeitos. A Democracia é a negação do privilégio, a afirmação da mais completa egualdade perante a lei, a resultante da perfeita harmonia entre os cidadãos no empenho individual e colectivo de bem servir o país, que é pertença de todos. A Democracia exige virtudes sem número para ser digna deste nome. A Monarchia, para ser monarchia, basta que um só governe e se governe.

Esta é que é a differença e não a que apontou no parlamento o sr. Dias Costa.

Braz da Serra.

MONUMENTOS DE PORTUGAL

Appareceu o número correspondente a julho da collecção photographica que o sr. Sartoris continúa publicando regularmente.

Já por vezes temos encarecido com palavras de justo louvor a iniciativa do sr. Sartoris, que offerece aos estudiosos da arte nacional documentos que muito valem, pelo acerto da escolha, para a comprehensão do seu movimento evolutivo, atravez das influências que nella actuavam.

É pela vulgarização de publicações d'esta ordem que o gosto público se esclarece e se vae formando o inventário pittoresco das bellas coisas, que o país possui.

E, já agora, aproveitaremos este ensejo para uma ligeira advertência.

Parece-nos que as indicações apontadas nestas photographias de vem reduzir-se á designação do objecto ou monumento e á localidade, onde existem. Mais nada.

A determinação das épocas nem sempre é facil, e qualquer equívoco de classificação será de mau effeito.

O último número consta da reproducção do retábulo de S. Pedro, da Sé Velha; e do portal da sala do capítulo do convento dos Loyos, em Evora. Ambos do século XVI.

Resta desejar que não falte a esta empresa o justo apreço, de que é digno o serviço importante com esta publicação, prestado pelo sr. Sartoris a bem da história da arte portugueza.

Conflicto de lentes da Universidade

Por não termos publicado a declaração que o sr. dr. Chaves e Castro nos enviou, e que foi publicada em dois jornaes da localidade, o sr. dr. Chaves, em carta ao *Tribuna Popular*, accusa-nos, de envolta com todos os jornaes republicanos, de calumniarmos e insultarmos quem nos apraz, negando depois ao calumniado e injuriado a sua justificação e desforço!

Ora o sr. dr. Chaves revelou-se dum revoltante má fé na solerte accusação que nos fez, que absolutamente nada justifica.

Sem nos referirmos ás múltiplas occasiões em que s. ex.^a tem encontrado da nossa parte sómente amabilidades, queremos chamar a sua attenção unicamente para a questão que o envolveu. A carta que o sr. dr. Chaves enviou ao nosso jornal, foi publicada sem reluctância, apesar de injuriar o sr. dr. Affonso Costa, apodando-o de calumniador e de homem de mau character, quando este nosso illustre correligionário, na carta que primeiramente publicou, não aggreidia do mesmo modo o sr. dr. Chaves.

E nós publicámos aquella carta para não haver da nossa parte quebra de lealdade jornalística.

A última declaração, porém, que o sr. dr. Chaves nos mandou, vinha escripta em linguagem tal, que resolvemos não lhe dar publicidade, convencidos como ainda estamos de que ella é indigna de ser publicada no nosso jornal, que é limpo, e de ser escripta pelo sr. dr. Chaves e Castro, que é lente.

A nossa defesa está no próprio documento, que conservaremos como precioso specimen de grosseria e baixéza de linguagem.

Deveria agradecer-nos o sr. dr. Chaves e Castro o não publicarmos aquelle tristissimo documento, e o termos-lhe dado occasião de reflectir. Não nos agradeça, contudo, porque não foi esse o nosso intento. Quisemos simplesmente obstar a que o nosso jornal assumisse, por um momento sequer, um papel indigno, dando cabimento a uma linguagem imprópria de todos nós.

Isto pela nossa parte; accentuaremos ainda, que é deploravel que o sr. dr. Chaves e Castro chame áquillo a sua justificação, para nos aggredir por não termos publicado tal coisa.

Accusou tambem o nosso collega do *Paiz* de ter procedido para com elle da mesma forma, e, como não accusou nenhum outro jornal republicano, vê-se que é só por estes dois factos que accusa toda a imprensa republicana.

Por nós respondemos já. Pelo *Paiz*, veja-se o desmentido formal que ao sr. dr. Chaves e Castro dá o nosso collega:

«Se entendessemos que devíamos responder com uma recusa a essa solicitação, nenhuma dúvida teríamos em proceder desse modo.

Em abono da verdade devemos, porém, dizer que é falso que ao director do *Paiz* fôsse dirigido o pedido a que o sr. dr. Chaves e Castro se refere e que não foi tambem feito a qualquer dos seus collegas nesta redacção.»

E com este desmentido, e a nossa justificação, fique o sr. dr. Chaves e Castro ovante pela situação que se creou.

DISPARATES

Num artigo escripto com uma palha sobre tiras de papel pardo e publicado na *Ordem*, um José Maria Beltrugas tambem pretende, em nome de Deus, acirrar a demência do governo contra os protestos republicanos!

Ora Zé Maria é evidentemente um imbecil com instinctos de boleeiro!

A prosa surreta orça por este desconchavo:

«A pobre policia, que não faz mais do que obedecer e cumprir as ordens dos seus superiores, é ameaçada, pelos arruaceiros republicanos, com a fome e o ficarem sem orelhas, para elles provavelmente as comerem em *mêtho de villão*, acompanhadas do bello róxo, de que sam eximios devotos.»

É estúpido de todo, o pobre diabo! . . .

As folhas governamentaes, que estavam ameaçando ferozmente os republicanos para assim conquistarem as sympathias da corôa, voltam-se agora de preferência para os regeneradores, cujas intrigas promettem desfazer.

É simples a razão da mudança. Alguns deputados governamentaes declararam na câmara que o partido progressista não estava arrependido de haver entrado na colligação liberal e que a differença entre a monarchia representativa e a república democrática era a mesma que havia entre um capacete e um chapêu de côco. Ora uma monarchia pela graça de Deus não pôde gostar d'estas coisas, e os regeneradores trataram logo de dar todo o relevo ás desastrosas affirmações de progressistas para os comprometterem perante o paço. D'ahi as ameaças da imprensa progressista contra os regeneradores, que já não considera sustentáculos da ordem pública.

Mas o caso ha de tornar-se verdadeiramente interessante quando as intrigas palaciaas, que os regeneradores já vam aticando, derem os seus verdadeiros resultados.

O conflicto do lyceu

Numa correspondência d'aqui para o *Reporter*, de Lisboa, um correspondente qualquer, obedecendo sem dúvida a phantasia e, porventura, pouco leaes informações, disse que a origem da syndicância ao lyceu d'esta cidade foi um conflicto levantado pelo professor sr. António Thomé, que se recusou terminantemente a obedecer a uma ordem do reitor (!)

Não vale a pena referirmo-nos á calumniosa invenção porque todos sabem como os factos se passaram. Mas disse mais o correspondente (?): — que o depoimento duma testemunha revelou que o incidente foi propositadamente provocado por aquelle professor, combinado com os seus collegas.

Outra calúnia que foi para ahí aventada por quem tinha nisso o maior interesse.

Mas sabe o correspondente o que se passou na syndicância? Não pôde saber. Não venha, portanto, querer fazer opinião, porque a opinião está bem orientada. E bem o tem demonstrado na condemnação formal dos actos do reitor suspenso.

E depois vem com um acerbo de inépcias sobre vaidades e caprichos

e interesses pessoas dos professores, e moralidades e disciplinas e justiça do reitor. . . .

Pateticos, que nem vale a pena discutir.

Quem metteria na cabeça do homem aquellas coisas? . . .

Mosteiro de Lorvão

Realizou-se no domingo a venda em hasta pública dos escassos e últimos restos do espólio das freiras de Lorvão.

Depois das prolongadas depredações, que duraram dezenas de annos e deram logar aos mais vergonhosos escândalos, a fazenda pública resolveu-se finalmente a pôr em leilão o lixo que encontrou pelos recantos do edificio a desabar.

Áparte as preciosas alfaias de ouriversaria e alguns paramentos de excepcional valor recolhidos no thesouro da Sé; mais meia duzia de cadeiras e poucos exemplares de mobiliário retirados pela academia de bellas-artes em 1889, tudo o mais, toda essa afamada riqueza do convento de Lorvão, um dos mais opulentos do país, foi lançado á voracidade da ladroagem, favorecida pelo desleixo incorrigivel do estado!

Porque a culpa de todos os roubos, quer por assalto, quer subrepticamente, perpetrados neste, como em todas as clausuras ricas, é da exclusiva responsabilidade dos governantes, que não quizeram exercer a fiscalização que lhes cumpria.

De todo esse estendal de vergonhas que têm acompanhado a extincção das casas religiosas, Lorvão é certamente dos que mais immoraes episódios têm offerecido para a condemnação d'esta incuria, que deu em resultado a destruição insensata de tantos e preciosos objectos d'arte sumptuária.

Sabe-se como em Coimbra e no Porto fôram vendidos a pêso e lançados no cadinho pratas lavradas, cuja proveniência era conhecida!

Ha nomes de cavalheiros registados, em antiga e moderna data! . . .

Emfim! o leilão demonstrou claramente até que ponto, em absorções successivas, o convento se achou esvasiado.

Inteiramente exausto! . . .

Uma commuidade opulenta de damas de estirpe illustre. Mais de cem freiras, afóra serviçaes!

Alguns restos de móveis, uns cacos, farrapos, e pouco mais!

De Coimbra acorreram bastantes curiosos, a gozarem as bellézas e o folguedo da excursão.

Os espectadores eram ás centenas; e a licitação correu animada e alegre.

Venderam-se restos de mobiliário por preços exorbitantes, attendendo á inferioridade qualitativa, á depreciação e ao estrago d'esses objectos.

Peças de falsa porcelana, cadeiras de couro, typo corrente, de execução secundária, algumas em deterioração avançada e inaproveitaveis, mexas secundárias, etc., tudo isso attingiu lanços excessivos, que causavam surpresa.

É um bom indicio!

Signal de que a predilecção do *bric-à-brac*, despertando tarde, irrompe com vehemência e com coragem, como sempre acontece, por parte dos que podem cercar-se las coisas que dam conforto ao espirito.

Carta da Figueira

1 de agosto de 97.

Ha tanto tempo já que lhes não dou noticias d'esta praia, que devem ter suppôsto os votei ao ostracismo. Não é assim, porém, porque os não posso esquecer. O meu espirito está com o vosso, e, já agora, porque não ha de ser assim?

Seja como fór, quer licenciado do serviço activo, quer seja por que motivo fór, eu não os abandonaria, a essa phalange de velhos luctadores capazes de todos os sacrificios, tantas vezes provados e em circumstancias bem difficéis, que poderá continuar a contar incondicionalmente commigo em tudo e por tudo.

Acceitem esta declaração lealissima, feita num momento em que que tudo que me rodeia me obrigar a calá-la e a esperar, mas que um ar saturado de não sei que me obriga a fazer. Não gosto de situações dúbias e nem eu ha tantos annos defendendo um ideal com o fim de satisfazer a vaidade d'este ou d'aquelle. Sigo os que a minha consciencia julga mais aptos e capazes de merecerem a minha confiança, e isso me apraz. Que me entenda quem me quizer entender, mas que os seus actos, quer hoje, quer amanhã, sejam de molde a satisfazer todas as aspirações do povo republicano, que é a alma da nação e que da boa vontade de todos espera o remedio para esta crise moral e material que o país atravessa, cheio de apprehensões e receios.

×

Terminou o mês de julho e com elle foi-se a primeira camada de banhistas, que vieram trazer a esta praia a animação e a alegria. Quiseram no socego e quietação de julho, em que a concorrência é menor, desannuiar o espirito, e, mal viram approximar-se o agosto, e com elle as reboadas de banhistas, fugiram estonteados, cheios de pavôr. Nem parecem d'esta época. Temem o bulicio, a animação, parecendo viver em tempos passados, perdidos na bruma dos séculos.

Almas boas afinal, mas que gosam a seu modo. . . .

Nestes primeiros dias tem chegado muita gente d'ahi, do resto do país e de Hespanha. As hespanholas conquistaram esta praia e imprimiram-lhe um tom da cidade hespanhola. Até aqui era a Extremadura que mandava suas *hijas* de saias de baeta curta, de sapatos grossos ou botina de elásticos de um effeito algo cómico. Agora não; sam elegantissimas e formosas mulheres de gosto aprimorado, vestindo com correção, que encantam com suas vozes argentinas e com a verbosidade do seu fallar o ar que respiramos, na praia, nos casinos, nas praças, nas ruas, em toda a parte. . . .

Digo elegantissimas mas nem todos assim dizem. Hontem, por exemplo, um novel bacharel em philosophia se exprimiu, em termos violentos, contra a minha affirmativa. Terá elle razão? Os leitores que aqui têm vindo que o julguem.

×

A inscripção no *Casino Peninsular* continúa com grande interesse e a concorrência augmenta de dia a dia.

A música executada pelo sexteto Rio de Carvalho é um primor. Caggiani, o inspirado violino, esquecido de tudo o que o rodeia, arranca das cordas do seu violino accordes encantadores, que vem fazer vibrar as nossas almas num indizível prazer.

H je no concerto, ás duas horas da tarde, que abriu com a *Simiramis* foi executada esta composição, bem como a *Somnambula* e *Martha* com uma tal correção e sentimento, que ao terminar rompeu em toda a sala uma enorme e espontânea salva de palmas, que se prolongou por largo tempo e que bem mostrava o apreço pelos artistas.

No *Casino Mondego* a concorrência tambem é grande e a animação maior que no *Peninsular* devido á convivência e relação dos annos anteriores. A gravidade que se observa neste casino, é substituida no *Mondego* pela alegria e cordealidade que por ora não existe naquelle.

Ha gente para tudo: para a dança, para os divertimentos na praia, para os passeios a Buarcos e para as batotas que sam a alma de todas estas diversões.

POR PENACOVA

Ao sr. ministro das Obras Públicas

Acontecimento extranho e que bem demonstra o cynismo dos dirigentes da politica de Penacova é a fallada applicação dos fundos aranjados pela última eleição para as obras do concelho.

Vam gastá-los num ramal de somenos importância para gôso especial dos moradores da villa deixando de applicá-los nos poucos kilometros da estrada n.º 48 que é, sem dúvida nenhuma, a construcção mais urgente e mais útil em todo o concelho de Penacova, e mesmo do districto, porque aproveita a uma das mais importantes regiões do país e ao mesmo tempo serve a parte mais populosa e commercial do concelho, perante a qual a politica da situação se vem compromettendo ha dezenas d'annos com promessas de fazer concluir ao menos o lanço até á Raiya.

É de capital importância e superior interesse geral a conclusão d'esta estrada e respectivas pontes, sendo-me gratissimo tomar como minhas as seguintes palavras dum malgrado amigo, publicadas num jornal do Porto:

«Se o país chegar a ser governado por gente séria e que só attenda neste ramo de serviço ao geral interesse, esta estrada, (da Portella de Coimbra a Mangualde) é fatalmente concluida de preferéncia a tudo. Mas hoje só é servida a politica *esperta*, e a de Penacova, essencialmente *barriagueira*, não tem nada d'isso.»

É ainda hoje como entám, (ha dez annos) escrevia o saudoso e infeliz Teixeira de Brito. A de Penacova, *madame* politica, em negligéncia e parcial egoismo ainda têm olhos. Negligentes, os seus mandões de ha meio século quasi nada tem conseguido além dos pilares da ponte (!) sendo este o concelho mais atrazado em melhoramentos; e esse pouco obtido não pretendem que vá além do proveito directo da sua escabrosa terra.

Alguma razão lhes assiste, bem o reconheço, em quererem enfeitar aquelles fraguédos.

Ninguem de boa fé e alguma independéncia deixará de revoltar-se

contra esta torta tentativa de Penacova contra a Casconha. A represália cabe especialmente aos povos de S. Pedro d'Alva que sam os mais ludibriados. Ainda ha pouco foram prometter-lhes este bocado de estrada do seu antigo e justo empenho, cassando-lhes patusca reclamação contra a sua estada em Taboa, e mesmo antes dessa esperada desmembração já fazem categorica prova, por intenções e factos, do seu intuito!

Publicou já este jornal uma carta daquella localidade, cujas iniciaes me fizeram pensar onde se mostra descontentamento. Esqueceu dizer ao auctor dessa carta que os seus conterrâneos preferem pertencer a Taboa enquanto Penacova lhes não offerecer estrada capaz, e que tenham azado ensejo para uma desforra rápida: era dirigirem-se já, já, ao ministério do reino, visto que a reforma concelhia e comarcã ainda está na forja... É claro que eu não posso accompanhá-los por serem e terem sido outros os meus designios, como sabem; mas aproveitem a indicação e saibam ser homens depois de terem sido tanto tempo servos.

Em verdade de nada devia ter cuidado a politica de Penacova de preferéncia ao lanço de estrada de Penacova á Raiya que representa a sua incúria e vergonha de tantos annos.

É por isso que eu, apesar de ter já um pé de fóra do concelho e da sua politica, me apresento revoltado. É como assim chamo por minha parte a attenção do sr. ministro das obras públicas contra esta illegalidade tramada em Penacova, vista a existência duma lei que não permite novas construcções sem o acabamento das já começadas. Esta judiciosa determinação deve ser pelo mesmo ministro respeitada tanto mais que se pretende applicar dinheiro em regalias dum só povo, quando ha serviços estudados e approvados no mesmo concelho que aproveitam a muitos. *Está-se no regimen da lei.*

O digno engenheiro a quem no districto está confiada a direcção de obras públicas diga da veracidade das minhas afirmações, sendo de esperar justiça da sua rectidão e

imparcialidade na parte que lhe toca sobre este assumpto.

Parêdes de Penacova, 4 d'agosto de 1897.

José Madeira Marques.

Noticias diversas

Estám a concurso as igrejas de Nossa Senhora de Serpins, concelho da Louzã, e S. Sebastião de Seccarias, concelho de Arganil, ambas da diocese de Coimbra.

O novo gazómetro, que a companhia comimbricense de illuminação a gaz mandou construir para attender ás necessidades do seu consummo, com capacidade para mil e quinhentos metros cubicos já se acha funcionando desde terça feira passada.

Sam geraes os clamores do público e imprensa d'esta cidade contra o estado de porcaria em que se acham as ruas da cidade, onde não é possível transitar, principalmente á noite, sem a mão no nariz, sob pena de se cair fulminado por tam pestilento perfume.

A Santa Casa da Misericórdia vae abrir concurso para o provimento de um logar do legado do bemfeitor Simão José da Luz Soriano.

PASSEIO A VISEU

A Companhia da Beira Alta, no intuito de proporcionar ao público um agradável passeio á antiga cidade de Viriato, rica de monumentos históricos, estabelece, d'accôrdo com a Companhia Nacional, no próximo domingo 8 do corrente, um comboio rápido, a preços muito reduzidos que, partindo da Figueira ás 5 horas e 15 minutos da manhã, chega a Viseu ás 9^h.53^m.

O comboio de regresso sairá de Viseu no mesmo dia ás 6^h.40^m da tarde, tendo portanto os excursionistas approximadamente 9 horas para poderem visitar a cidade, os seus monumentos e lindíssimos arabaldes.

A viagem, além de nada fatigante, é em todo o trajecto extremamente pittoresca.

Tendo este comboio correspon-

— Está bem.

A rapariga foi prevenir o pae que veiu quasi logo, trazendo numa mão uma faca e na outra uma grande fatia de pão negro, sobre a qual havia um bocado de toucinho branco, como a neve.

— Ah! É o senhor, disse elle indo sentar-se deante do freguez. Como é bom em se lembrar de mim.

— Beba um copo de vinho...

— Não recuso! Á sua saúde! Está melhor esta manhã? Não está fatigado? Para quem é de Paris, foi levantar cedo.

— É verdade! Mas estou bem disposto.

Muito custou hontem a agarrar o seu malandro.

— Felizmente conseguimos...

— Ah! O senhor andava de vontade. O mar não lhe fazia medo.

— Eu vinha exactamente para lhe fallar de tudo isso.

— Ás suas ordens...

— Tinha me dito que elle chegara na véspera a sua casa, que tinha cá dormido... e só tinha partido as duas horas, isto é, meia hora antes de nós.

— Essa é que é a verdade verdadeira...

— D'onde imagina que elle viesse quando nos encontramos nos rochedos?

— Oh! Vinha de fazer um passeio na praia; mas, como não conhecia os atalhos nós tinhamos ganho uma hora sobre elle pelo menos.

— Ah! Elle não esteve na povoação?

— Com certeza que não!

dência com os comboios-correios da Companhia Real, tanto á ida como no regresso, pôde ser aproveitada pelos habitantes de Coimbra, que certamente não deixarão passar esta excellente occasião de dar um magnifico passeio, fazendo uma despesa insignificantisima, pois que os bilhetes de ida e volta da Pampilhosa a Viseu custam 1\$000 réis em 2.^a classe e 700 réis em 3.^a.

O comboio da Companhia Real que liga em Pampilhosa com o rápido de recreio, parte de Coimbra ás 3^h.10^m da manhã e chega de regresso, ás 11^h.35^m da noite.

Sam extraordinários e surprehedentes os effeitos do CALLICIDA Franco, já hoje conhecido e acreditado em toda a Africa.

Loanda — José Marques Diogo.

Alviçaras

Pede-se a fineza, a quem achasse uma quantia de dinheiro e bem assim uma peça de uma máchina photographica, no dia 31, desde o Largo da Feira, Arcos do Jardim até ao Choopal, de entregar os referidos objectos, na Casa Auxiliar de Crédito Industrial, pelo que será gratificado.

João Augusto S. Favas.

FIGUEIRA DA FOZ

HOTEL GOMES

Este magnifico hotel, situado na rua Bella, n.º 37, um ponto quasi central — perto dos dois mercados — abre no dia 1 d'agosto para receber os seus antigos hóspedes e amigos e os que queiram honrá-lo, promettendo tratá-los com todo o esmero e acção por um preço módico, para o que tem pessoal decente e habilitado.

O proprietário,
Antonio Augusto Gomes.

Venda de propriedades em Condeixa

Vende-se a propriedade denominada *Da Guerra* e uma outra confinante, na Eira da Pedrinha, limite de Condeixa. Têm água de rega, uma pequena casa, e confinam com a estrada real.

Para esclarecimentos, nesta redacção.

— Não o viram com ninguem do lado de Sainte Barbe?

— Não, senhor. D'isso estou eu certo. Fallei com o sacristão que tinha fechado a capella meia hora antes e que me disse que o tinha visto só em Point-de-vue.

— Mas na véspera tinha ido a Roscoff?

— Tinha. Antes d'aqui chegar.

— Não fallou a ninguem?

— Contee-lhe já o que disse o pequeno do Pornéon, tinham levado a casa um homem que ia afogar-se... e mais nada.

— Cá não disse nada?

— Não! Pôs-se áquella mesa que o senhor vê e escreveu.

— Escreveu! Não me tinha dito isso...

— Disse sim... mas, disse mais baixo o pescador para não ser ouvido pela filha, affirmei-lhe que não tinha importância; escreveu a uma d'essas raparigas de Paris que vem cá passar quinze dias... gente sem importância, coisa de namoro! Tinha-lhe levado este livro... veja.

O pescador, apresentou o livro de contas da casa. Cardinet abriu machinalmente, e vendo uma folha de papel de seda que servia de mata-borrão, collocou-a contra a luz de modo a lêr pelo avesso o que lá tinham impresso ao servir-se d'elle.

— Ah! O senhor está a vêr a folha de papel com que elle seccou a carta?

(Continúa)

O jogo, esse vicio repellente a sustentiar estas casas, cujas despêsas sam enórmes!...

Sr. Martins de Carvalho! veja o caso que fazem do seu ódio; veja, presadissimo e velho amigo, se esta sociedade egoista merece os seus conselhos! Um cavalheiro, a quem eu com indignação dizia que se o sr. Martins de Carvalho tivesse menos 20 annos, com a sua indomável energia era capaz de pôr cõbro a jogatina, respondeu-me com calma serenidade: ora deixe-se d'essas coisas; porque se o seu velho amigo tivesse menos os 20 annos que diz, nem entám seria capaz de conseguir esse fim. E, rindo-se da minha ingenuidade, apontou-me dois pharoes que passavam.

Os senhores não sabem o que sam os pharoes? É uma proffissão *honrosis* *ama* aquella, que exerceem geralmente pessoas de boa educação e de nenhuns escrúpulos, e que na maior parte vivem de expedientes. O seu mister é induzir pontos para o jogo e jogar por conta da banca para illudir os papalvos. É honroso, não é?

Hoje por aqui me fico. Até breve

R.

Método João de Deus

Recebemos para hontem ás 8 horas e meia da noite um amavel convite do sr. José Trigueiros Martel de Sampaio, delegado da *Associação de Escholares moveis* pelo método de João de Deus, para avaliarmos do aproveitamento dos alumnos daquelle dedicadissimo propugnador do método de leitura do chorado amigo das creancitas.

Não nos foi possível assistir, mas consta-nos, por pessoa que áquelle acto assistiu, que o aproveitamento foi altamente proficuo, vindo mais uma vez confirmar as excellências relevantes do método e a prestimosa e intelligente cooperação do sr. Martel de Sampaio, pelo que sinceramente o felicitamos.

Revistas e jornaes

Associação de Socorros Mútuos — Recebemos o relatório e contas respeitantes á g'rencia de 1896, d'esta benemérita associação dos artistas de Coimbra. Agradecemos.

Folhetim da RESISTENCIA

ALEXIS BOUVIER

O casamento d'um forçado

TERCEIRA PARTE

O passado

VIII

Conselhos d'amigo

— Ella achou-se mal... lá em cima... encontraram-na...

— Sim! Entám? Que diabo tens tu?

— Nada! Nada!, disse Cardinet febrilmente.

— Aimée é muito nervosa... O abalo da tempestade, o medo de que eu estivesse perdido... Quando voltou a si misturou-se tudo no seu cérebro com a história da carta de Jeanne. Não me vendo, perdeu a cabeça... Ella é assim... Pegou nos fillos e partiu! Seria assim?

— Sim! Sim! Deve ser isso!, disse rapidamente Cardinet.

— És da minha opinião?

— Absolutamente.

— Bem! Que devo eu fazer?

— Ouve! Deves ir encontrar tua mulher em Rennes e partir já. Seria ri-

diculo que eu te accompanhasse; eu não vos deixaria á vontade; deveis estar sós... Tu partes já. É o que tens a fazer.

— Entám tu abandonas-me?

— Tu és um carrasco, disse Cardinet, fazendo exforços para gracejar... Eu estou fatigado, quebrado... Não me posso ter nas pernas; e não só seria inútil; mas até vos embarçaria...

— Quando voltas?

— D'aqui a dois dias.

Os dois amigos estugaram o passo; ao chegar ao hotel viram a carruagem que já esperava, ha mais de meia hora. Bérard quis ainda teimar com o amigo; mas, a pedido de Cardinet, partiu só.

— Até á vista, Cardinet! D'aqui a três dias em Paris...

— Pois sim.

— Promettes?

— Juro.

— Tenho necessidade de ver-te para ficar tranquillo, disse elle baixo.

— Não tenhas medo... até á vista!

— Adeus!

A carruagem partiu; quando elle voltou a esquina da rua, Cardinet ficou inquieto, e abanando a cabeça, disse:

— Pobre amigo! tenho medo duma desgraça. Preciso de informar-me. Na *Ancora d'Ouro* devo saber o que quero.

E o bom homem cheio de inquietação, dirigiu-se para a pequena estalagem de louton.

IX

A contra-mina

O poeta Cardinet não vivia só de brisas e do orvalho da manhã, e o romper d'aurora abria-lhe o appetite.

Ao entrar na taberna da *Ancora de Ouro* mandou vir o almoço. Uma garrafa dum vinho branco e rosado, mas feito a martello, duas costelietas num prato branco semeado de floritas azues, tudo isto posto sobre uma toalha muito branca a cheirar a barreira, em frente da lareira em que brilhava o fogo. Na vasta e defumada sala da estalagem da *Ancora d'Ouro*, de tecto cortado de barrotes; illuminada por duas jaelladas de vidros pequenos que o sol da manhã atravessava com suas frechas d'ouro para vir ferir os caldeões de cobre, enchendo d'alegria a casa, os carretiros riam e os cavallos rinchavam á porta; a creada da casa, uma bretá trigueira, vermelha e gorda que servia; deante da lareira o cão mostrava os dentes ao galo cheio de frio que quemava as barbas ao fogo.... Cardinet admirava tudo isto. O quadro fazia-lhe fome e sede, e afugentava-lhe da frente as rugas que os cuidados lhe abriam.

Quando estava á mesa e para comer, chamou a creada que o servia:

— Goulord está cá?

— Está no pátio a estender as redes. Acaba de chegar da pesca.

— Diz-me que tem ca um copo de vinho á espera.

PROBIDADE

Companhia geral de seguros

Sociedade anonyma
de responsabilidade limitada

CAPITAL 2.000:000\$000

Rua Nova d'El-Rei, n.º 99, 1.º

Lisboa

Effectua seguros contra incêndios.

Correspondente em Coimbra,
Cassião A. Martins Ribeiro.—
Rua Ferreira Borges, 165, 1.º.

Vende-se

Uma bomba de grande pressão, com os tubos de cobre própria para tirar água, e vendem-se também dois pares de rodas para carro alemtejoano ou de bois.

Trafá-se com Francisco Nogueira Sácco, Terreiro da Erva, Coimbra.

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfectos do país

Excellentes águas mineraes para doenças de pelle, rheumatismo, estômago, garganta, etc.

Estabelecimento Thermal comprehende 64 banheiras de 1.ª a 5.ª classe; duas salas para duchas, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inhalação, pulverização e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette. É sem dúvida o melhor do reino, e mais barato. — Viagem — Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas (BEIRA ALTA) e d'ahi 5 kilómetros em bons carros. A estação de Cannas na linha férrea da Beira Alta está directamente ligada com todas as linhas férreas hespanholas que entram em Portugal por Badajoz, Cáceres, Villar Formoso, Barca d'Alva e Tuy. — Para esclarecimentos: — Em Lisboa: rua do Alecrim, n.º 125, referente ao estabelecimento balnear, e rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel. — Correspondência para as Caldas da Felgueira, ao gerente da companhia do Grande Hotel. — As águas engarrafadas vendem-se nas pharmácias e drogarias e no depósito geral, PHARMACIA ANDRADE, rua do Alecrim, 125. — A exploração do Hotel fica este anno a cargo da Companhia do Grande Hotel.

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM

(BEIRA ALTA)

Abertura do estabelecimento thermal em 1 de maio e fecha em 30 de novembro

Abertura do Grande Hotel Club em 15 de maio

Grande Hotel Club

Com estação de correio e telegrapho, médico e pharmácia e casa de barbear.

Magnificas accommodações desde 1\$200 réis, comprehendendo serviço, club etc. Bonus para os médicos

ÁGUA DAS LOMBADAS

ILHA DE S. MIGUEL—AÇORES

Água gazosa natural a mais pura para mesa. Não contém micro-organismos.

Coimbra—Pharmácia e Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª.

CALDAS DA AMIEIRA

Abertura do estabelecimento thermal no dia 15 de maio

As ÁGUAS CHLORETADAS DA AMIEIRA usam-se com grande resultado no tratamento da escrophulose, rheumatismo, moléstias de pelle ainda as mais rebeldes, syphilis, padecimentos de estômago, figado e baço, inflamações de quaesquer orgãos, útero, ovário, intestinos, leucorrhœas, anémia e chlorose.

A administração do hotel estará a cargo do sr. José Maria Rodrigues, de Coimbra, havendo nelle, entre outros muitos divertimentos communs a todos os hospedes, uma boa sala de recreio com piano, salão de bilhar, bonitos passeios, lagos com botes, etc. etc.

Preços, incluindo todo o serviço de quarto e mesa, de 1\$000 a 1\$200 réis diários.

Para quaesquer esclarecimentos dirigir-se á sede balnear; depósito em Lisboa—rua de S. Julião, 142, 1.º.

ESTABELECIMENTO

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

João Gomes Moreira

50, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal Hydraulica: Grande depósito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e óptica Agência da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas eléctricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaíades, óleos, agua-raz, crês, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, máquinas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Redes de arame, zinco e chubo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietários e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystóffe, metal branco, cabo d'ébano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglesas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa, lavatório e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

REMEDIOS DE AYER

O Remedio de AYER contra sezões.—Febres intermitentes e blisas

Peltoral de Cereja de Ayer. O remédio mais seguro que ha para curar a Tosse Bronchite, Asthema e Tuberculos pulmonares. Frasco, 1\$000 réis meio frasco, 600 réis.

Todos os remédios que ficam indicados sam altamente concentrados de maneira que sabem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas Catharticas de Ayer.—O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.

Frasco, 1\$000 réis



O Vigor do Cabello DO DR. AYER,

Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Perfeito desinfetante e purificante de Jeyes para desinfectar casas e latrinas, tambem é excellent para tirar gordura ou nodos de roupa, limpar metaes, e curar feridas. — Preço, 240 réis.

Depósito—James Cassels & C.ª, rua do Mousinho da Silveira, n.º 85, 1.º,—Porto.

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fábrica de Corças e Flores

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Único representante em Coimbra

JOÃO RODRÍGUEZ BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

COIMBRA

A cura da Blennorrhagia

ELECTUÁRIO ANTI-BLENORRÁGICO

DO PHARMACÉUTICO

T. GALVÃO

Um até dois boiões d'este maravilhoso medicamento, verdadeiro especifico, bastam na máxima parte dos casos, para curar todas as purgações, ainda as mais antigas e rebeldes.

Preço do boião, 1\$000 réis

Depósito geral em Arganil na pharmacia Galvão—Em Coimbra: drogaria Rodrigues da Silva & C.ª



Salsaparrilha de Ayer.

Para a cura efficaz e prompta das

Molestias provenientes da impureza do Sangue

TONICO ORIENTAL

Marca "Cassels"

Exquisita preparação para aformosear o cabelo—Extirpa todas as affecções do crâneo, limpa e perfuma a cabeça.

Agua Florida (marca Cassels).—Perfume delicioso para o lenço, o toucador e o banho.

Sabonetes de glicerina (marca Cassels).—Muito grandes, qualidade superior.

À venda em todas as drogarias e lojas de perfumarias. Preços baratos.

Vermífugo de B. L. Fahnestock.—É o melhor remedio contra lombrigas. O proprietário está prompto a devolver o dinheiro a qualquer pessoa a quem o remédio não faça o effeito quando o doente tenha lombrigas e seguir exactamente as instruções.

Pintor e dourador do Porto

D. DA SILVA MOUTINHO

Praça do Commercio, n.º 52

Encarrega-se de mandar fazer pinturas e douramentos, forrar casas a papel, tanto nesta cidade como na provincia.

CALECHE E ARREIOS

Vende-se um bom caleche com cobertura solidamente construida, com boas ferragens e eixo inglés de patent e um par d'arreios de metal branco e couro inglés, com emblemas; obra segura e elegante o que ha de melhor em arreios. Para ver e tractar Quinta do Passal. Sepins. Próximo á Mealhada.

VENDE-SE

Uma grande morada de casas com dois andares, lojas, abegoaria, pateo, quintal com árvores de fructo e agua, e uma outra casa contigua que foi antiga Inquisição que se presta a grandes obras, inclusivè para uma fábrica.

Quem pretender dirija proposta em carta a Alipio Leite, Peñacova; mais esclarecimentos, rua Visconde da Luz, n.º 60.—Coimbra.

Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentária

Caldeira da Silva

Cirurgião dentista

Heroulano Carvalho

Medico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174

Consultas todos os dias das nove da manhã ás 3 horas da tarde.

Loja da China

Chegou a este estabelecimento uma variadissima collecção de leques.

Vende-se

A morada de casas sita na rua da Galla, n.º 33, 35 e 37. Compõe-se de loja, 2 andares e um pateo com uma pequena casa em condições de ser habitada.

Para tratar—José da Cunha, rua dos Sapateiros (mercearia).

Carroça

Vende-se uma nova, com boas molas.

Rua Ferreira Borges, 145, 3.º

Arrendamento

João Mathews dos Santos arrenda a grande loja do Carmo que serviu de celeiro ao sr. Arloza.

"RESISTENCIA,"

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR—Joaquim Teixeira de Sá

Condições de assignatura

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno..... 2\$700

Semestre..... 1\$350

Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 2\$400

Semestre..... 1\$200

Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 p. c.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal fór honrado.

Typ. J. França Amado—COIMBRA